Estratégia Concursos

Aula 00

Curso Completo de História para Concursos - Curso Regular (Profª Alessandra Lopes)

Autor:
Alessandra Lopes

07 de Outubro de 2023

Sumário

Apresentação da Professora 3

Metodologia do Curso 4

Cronograma de Aulas 6

Como aprender História: comentários preliminares 8

Como estudar História: MÉTODO T.E .T 11

Antes de tudo: a periodização histórica 13

1. Antiguidade: Introdução e oriente próximo 15

1.1. Cultura e Estado no Oriente Próximo (Oriente Médio) 16

1.2. Mesopotâmia, a terra entre rios 20

1.3 A escrita 21

1.4 Egito Antigo 26

1.4.1. Estratificação Social, Política e Econômica 28

1.4.2. Religião Cultura e Ciência 29

1.4.3 Reino Cuxe 31

1.5 Hebreus, Persas e Fenícios 33

1.5.1 – Hebreus 34

1.5.2 – Fenícios 37

1.5.3 – Persas 40

2. Mundo Grego 42

2.1. Introdução 42

2.1.1. Periodização histórica I: Pré-homérico, Homérico e Arcaico 43

2.1.2. Formação da Polis 43

2.1.3. – Os modelos espartano e ateniense 46

2.1.4. Polis e Política 52

2.1.5. Periodização II: Clássico 56

2.1.6 Período Helenístico 61

3. Roma 62

3.1 – Monarquia: 753 a.C. – 509 a.C. 63

3.2 – República 509 a.C.– 27 a.C. 66

3.2.1 – Estrutura política na República Romana 67

3.2.2 – Lutas sociais e conquistas da plebe 69

3.2.3 – Expansão Territorial 71

3.2.4 – Consequências da expansão romana 73

3.2.5 – Crise da República 78

3.3 – Império Romano: 27 a.C. – 476 d.C. 83

3.3.1- Alto Império 84

3.3.2 - Crise do século III e Baixo Império 89

3.4. - Cristianismo: das catacumbas ao apogeu 90

3.5.– Invasões bárbaras e a desorganização final do Império Romano do Ocidente 95

4. Lista de Questões 102

Questões para treinamento.....114

5. Gabarito.....130

6. Questões comentadas.....130

Questões para treinamento com resolução.....158

Considerações finais.....189

APRESENTAÇÃO DA PROFESSORA

Olá, queridas e queridos alunos, tudo bem?

Estou muito feliz por você iniciar nosso **curso de História para Concursos**.

Antes de tudo peço licença para me apresentar para que você conheça melhor a sua professora. Sou Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Licenciada em Sociologia pela mesma universidade, Mestra em Ciência Política também pela UNICAMP e é a universidade onde iniciei meus estudos de doutorado. Nesse momento, estou fazendo complementação em Bacharelado no curso de História na Universidade de São Paulo - USP. Sou especialista em Políticas de Memória e Direitos Humanos.

Desde 2004, dou aulas de História, Sociologia, Ciência Política e Humanidades em cursos preparatórios para diferentes provas vestibulares, ENEM e concursos. Entre 2018 e 2019, iniciei minha jornada aqui no Estratégia, dou aula no Estratégia Concurso, Vestibulares e Militares (para as Carreiras Militares). Conheço praticamente todos os sistemas de ensino, materiais e abordagens que existem nesse "mundo de provas". Já escrevi muitos materiais preparatórios, meus amigos. Posso afirmar, com segurança, que já contribui para a aprovação de muitos alunos pelo Brasil. Seja bem-vinda e bem-vindo ao time.

Dito isso, quero que você aproveite esta aula de apresentação e de introdução do curso de História e já estude um assunto que certamente cairá na prova. Meu objetivo é ajudar você a Gabaritar História e somar pontos valiosos para sua aprovação!!

Bons estudos!

Um abraço,

Profe Alê Lopes 😊

@profe.ale.lopes

Profe Ale Lopes

https://t.me/profealopes

METODOLOGIA DO CURSO

Vamos conhecer a proposta do curso?

Nossa metodologia parte da análise estatística da incidência dos conteúdos para desenvolver a teoria com foco nos assuntos mais cobrados na disciplina de História.

Esse curso vai no alvo e prioriza o que realmente cai. Foi pensado para você estudar até o dia da prova.

Na disciplina de História, temos que fazer sempre o controle da temporalidade. Isso significa que organizamos a disponibilização do conteúdo cronologicamente Além disso, tomamos como base a História Mundial e inserimos a História do Brasil a partir do momento histórico em que Portugueses chegam aqui.

Duas sugestões:

1- Monte sua linha do tempo: durante a leitura da aula, cada data que aparecer você anota e completa sua linha do tempo.

2- Siga a ordem das aulas. Não pule.

Você faz o controle dessa linha por meio da marcação do exato momento histórico que você está estudando. Assim, você nunca mais vai ficar "perdido no tempo" (acreditem: essa é a principal dificuldade dos estudantes – mas não será para você!).

Veja uma dica minha de como usar Post-Its:
https://www.youtube.com/watch?v=CGWFFx8x2m0

Além disso, faremos muitas questões divididas em dois momentos:

- 1º Ao longo da teoria (sínteses e memorização);

- 2º Ao final do material na Lista de exercícios. Nesse momento há questões de concursos anteriores, questões inéditas e questões de fixação.

> Quero enfatizar que todas as questões da lista são comentadas item a item. No comentário, eu explico o conteúdo, mas também mostro os macetes e os caminhos que você precisa fazer para chegar na resposta certa. Ou seja, eu faço uma análise comentada e com estratégias de respostas para cada questão.

⇒ **Esse é o caminho para gabaritar o conteúdo e sair para o abraço 😊.**

Na composição do nosso curso, também temos as videoaulas. Dinâmicas e interativas, elas têm o conteúdo completo que também consta nos Livros Digitais, especialmente, naqueles assuntos mais espinhosos que quase todo mundo esquece na hora H. Nas videoaulas dou dicas e macetes preciosos para você resolver as questões objetivas.

Os slides de aula também ficam disponíveis na plataforma e servem como verdadeiros resumos de conteúdo. E são lindos S2 !!!

Há também o Fórum de Dúvidas, que será nosso mecanismo de contato permanente. Estaremos sempre perto! Além de o Fórum permitir que você tire dúvidas rapidamente, o curso EAD permite que você estude conforme suas necessidades e potencialidades. Aliás, essa é uma das principais vantagens do ensino EAD, pois quem monta o horário de estudos é você. Tem quem mande bem pela manhã, outros à tarde, e tem o estudante "super noturno".

Além disso tudo, para você avaliar como está seu desenvolvimento e, replanejar a rota de estudos, se for o caso, teremos Simulados.

> Esse é o diferencial da nossa proposta: fazer do seu jeito, conforme as suas necessidades e com nossa orientação por meio dos nossos materiais e videoaulas! O que importa é sua APROVAÇÃO! 😊

Então, assim que você terminar de estudar uma aula do Livro Digital e, eventualmente, apareçam dúvidas, você poderá mandá-las lá no Fórum.

CRONOGRAMA DE AULAS

Vejamos a distribuição das aulas!

Essa é a distribuição dos assuntos ao longo do curso. Eventuais ajustes poderão ocorrer, especialmente por questões didáticas. De todo modo, sempre que houver alterações no cronograma, vocês serão informados e com a devida justificação, combinado?!

AULAS	TÓPICOS ABORDADOS
Aula 00	**ANTIGUIDADE**
	Antiguidade Oriental
	Grécia
	Roma
Aula 01	**MUNDO MEDIEVAL**
	Ocidente Europeu
	Império Bizantino
	Reinos Africanos
Aula 02	**MUNDO MODERNO I**
	Formação das Monarquias Europeias
	Renascimento Cultural
	Reforma Protestante
	Mercantilismo
	Expansão: Grandes Navegações e Conquista
Aula 03	**História da América Colonial**
	Colonização Espanhola
	Colonização Inglesa
Aula 04	**BRASIL COLÔNIA I**
	Brasil até século XVII
	Brasil Séculos XVII e XVIII
Aula 05	**MUNDO MODERNO II**
	Revoluções Inglesas
	Iluminismo
	Independência dos Estados Unidos da América
Aula 06	**MUNDO CONTEMPORÂNEO I**

	Revolução Industrial
	Revolução Francesa
	Era Napoleônica e Congresso de Viena
Aula 07	**BRASIL COLÔNIA II**
	Era Joanina
	Independência do Brasil
Aula 08	**Independência da América Latina**
Aula 09	**MUNDO CONTEMPORÂNEO II**
	Europa até 1850
	Europa de 1850 até 1914
	Estados Unidos no Século XIX
Aula 10	**BRASIL IMPÉRIO I**
	Primeiro reinado
	Regência
Aula11	**BRASIL IMPÉRIO II**
	Segundo Reinado
	Proclamação da República
Aula 12	**MUNDO CONTEMPORÂNEO III**
	Primeira Guerra Mundial
	Revolução Russa e o socialismo soviético
Aula 13	**MUNDO CONTEMPORÂNEO IV**
	Entreguerras
	Segunda Guerra Mundial
Aula 14	**BRASIL REPÚBLICA I**
	República da Espada
	República Oligárquica
Aula 15	**MUNDO CONTEMPORÂNEO V**
	Guerra Fria
	Desagregação do mundo bipolar
	Descolonização Afro-Asiática
	Guerra Fria no Oriente Médio Oriente Médio
AULA 16	**MUNDO CONTEMPORÂNEO VI**
	Construção Socialismo (China e Iugoslavia)

	Guerra Fria na América Latina
	BRASIL REPÚBLICA II
	Era Vargas
	República de 1945-1964
Aula 17	**BRASIL REPÚBLICA III**
	Regime Militar
	Redemocratização (ATÉ 1985)
	BRASIL REPÚBLICA IV
	Governo Sarney
	Nova República
Aula 18	**MUNDO CONTEMPORÂNEO VII**
	Globalização
	Neoliberalismo
	Cultura Contemporânea

Não pule aulas! Siga o cronograma pois ele garante seu conhecimento em ordem cronológica. Isso ajuda muito na memorização e compreensão do processo histórico 😉

COMO APRENDER HISTÓRIA: COMENTÁRIOS PRELIMINARES

Há algo que eu gostaria de comentar com você antes de iniciarmos nossos estudos**: como se aprende História?**

Você deve estar achando perda de tempo esse tópico, afinal já passou 12 anos na escola e estudou História "pra caramba". Então eu pergunto: você se lembra de tudo?

Talvez os mais fissurados na disciplina mandem muito bem. No entanto, a grande maioria só vai lembrar daquele cara chamado Napoleão – e seu cavalo branco -, o Dom Pedro – que também tinha aquele cavalo branco -, Júlio César - o imperador romano -, a Joana d'Arc – que se vestiu de homem para lutar contra... (não se lembra, né?).

E se eu te perguntar coisas como:

- qual o significado histórico da revolução cultural chinesa?
- quais as diferenças entre a independência da América espanhola e a portuguesa?
- quais as reformas de Dom João VI, no Brasil?

- qual mesmo era a proposta do Hypólito da Costa para a imprensa brasileira?
- quando essas coisas aconteceram? O que você diria?

Veja, há dois mitos que precisamos derrubar:

✓ Mito 1: datas não são importantes
✓ Mito 2: desnecessidade de decorar fatos.

Em se tratando de prova de concurso tudo é importante e deve ser bem articulado, meu bem!

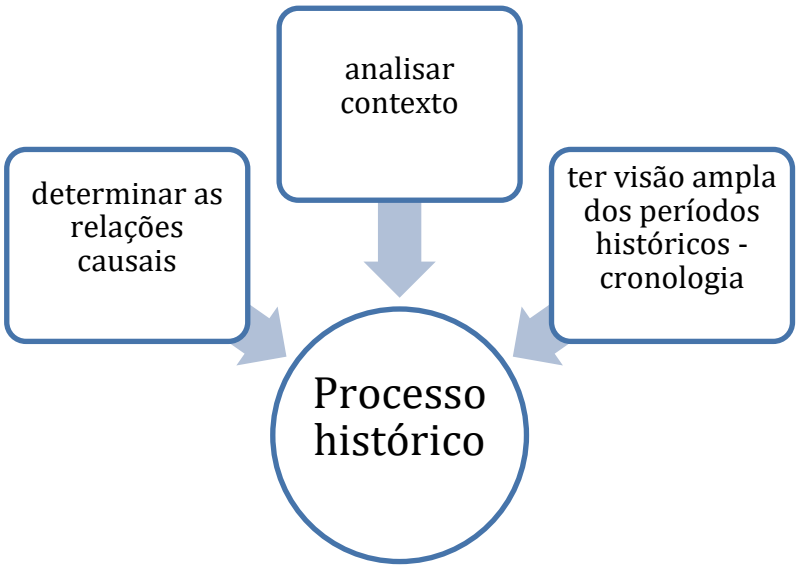
Há muito tempo a história não é mais contada como os grandes feitos de inesquecíveis heróis. Também, não é mais contada apenas por temas, de maneira descontextualizada. A historiografia mais contemporânea **adota a perspectiva dos processos históricos coletivos e da história como experiência social**.

Os historiadores Perry Anderson, Jacques Le Goff, Jean-Pierre Vernant, Jérôme Baschet, Eric Hobsbawn e Edward Palmer Thompson, entre outros, são os queridinhos dessa corrente adotada hoje em dia. Todos entendem a história como "processo histórico" impulsionado por grupos, pessoas, ideias e interesses, segundo as condições de cada época. Não por menos, diversos textos das questões usam trechos de Hobsbawn e de Thompson, além de outros autores.

Historiografia é uma palavra que significa não apenas o registro escrito da História, a memória estabelecida pela própria humanidade por meio da escrita do seu próprio passado, mas também a ciência da História. Por exemplo, o historiador grego Heródoto, que viveu na Grécia Antiga, escreveu sobre o período antigo e produziu um trabalho historiográfico.

Essa forma de compreender e escrever a história dos homens, das suas ideias e dos seus feitos é a forma como as provas costumam elaborar suas questões de História.

Isso nos obriga a ter outra postura diante do conhecimento sobre o que se passou. Veja alguns cuidados que você deve ter ao estudar essa disciplina:



Primeiro: é preciso analisar o contexto no qual um acontecimento ou fato ocorreu. Todo acontecimento esteve dentro de um contexto geral – como se fosse um quadro de parede mesmo. É aquilo que é comum para o espaço que está sendo observado. Em geral, o contexto influencia os processos.

Segundo: é necessário ter uma visão ampla sobre os períodos históricos. Isso significa que tem que saber data sim!!! **Maior mentira do mundo esse negócio de que data não importa.** Então, a tradicional linha do tempo é um exercício fundamental para quem quer gabaritar história. Em estatística, chamamos isso de série histórica. Para entender tendências mais gerais do mercado de trabalho, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pega os dados de períodos grandes de tempo. Assim, consegue-se perceber o movimento, as transformações, as tendências e as variáveis constantes. É isso que fazemos com a História, como qualquer outra ciência.

Terceiro: é fundamental desvendar as relações causais dos processos – causas e consequências. São elas que ligam os fios e fatos da História. Quando estamos diante de um acontecimento precisamos fazer as perguntas: quando, onde, por que, por quem, resultou em que, para quem? Vamos diagramar essa ideia?

Ou seja, querida/querido aluno, ao encontrarmos as causas e as consequências de fatos e fenômenos, dentro de contextos amplos, conseguimos explicar os processos históricos.

Consegue entender? Não é fácil fazer isso, eu sei, pois você, provavelmente, passou a vida tentando **APENAS** decorar as coisas. Fez suas provas e depois esqueceu o conteúdo. Normal!! Contudo, isso não vale mais

quando o que você quer entrar em uma das melhores Universidade do País. Mesmo você, que já fez cursinho antes, que já leu e releu as apostilas e, mesmo assim, não conseguiu gabaritar, devo dizer: estava com o método errado.

É preciso mudar a perspectiva, e é isso que nós propomos com nosso material. **A COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DEPENDE DA MEMORIZAÇÃO e NÃO EXISTE MEMORIZAÇÃO SEM COMPREENSÃO**. Essas coisas são complementares, sacaram?

Ou seja, a decoreba e a compreensão dos porquês são complementares e não excludentes. Sobre isso, por sinal, quero deixar uma dica: lá no meu Insta eu tenho os famosos **Flash Cards** de memorização, são ótimas ferramentas para você treinar habilidades complementares ao estudo de História. Dá uma conferida em um exemplo:

COMO ESTUDAR HISTÓRIA: MÉTODO T.E .T

Queridos, o método T.E.T da Profe Ale Lopes é uma estratégia para os estudos por meio de resolução de questões que elaborei nestes anos de ensino. Pode ser usado para estudar, bem como para a hora da prova.

O método TET ajuda você a ser mais eficiente, ou seja, a acertar muito mais questões.

Vamos lá, siga os passos:

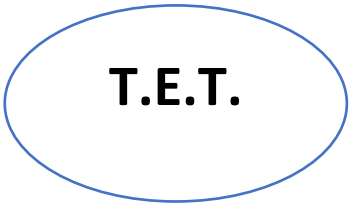
✓ **Passo 1:** Ao fazer a questão encontre, no enunciado e no comando, os 3 mandamentos da História:

1- Ao fazer a questão encontre os **3 mandamentos da história**:

a- O tempo T

b- O espaço (local) E

c- O tema T



⇒ Identifique tudo isso no comando da questão e no texto do enunciado. Com isso você já vai localizar do que se trata cada questão.

✓ **Passo 2:** A **lei da prova é o comando da questão**: faça exatamente o que se pede. Não procure pelo em ovo.

✓ **Passo 3:** Sempre **relacione cada alternativa com os 3 mandamentos da questão (espaço, tempo e tema)**. Muitas vezes podem ter alternativas certas, mas que não condizem com o tempo, espaço e tema que estão sendo cobrados na questão. Atenção a isso, pois falta de atenção nesse aspecto costuma ser uma das principais causas de erros nas questões de história.

Os dois últimos passos você pode explorar nos simulados e no dia da prova mesmo. Eles servem para aumentar seu número de acertos.

✓ **Passo 4: Interprete** o texto, a imagem, a frase, olhe para todas as informações trazidas na questão, sobretudo se você estiver em dúvida entre alternativas distintas e que parecem muito parecidas. Algumas vezes, a fonte do texto pode ajudar.

✓ **Passo 5: Essa dica vai para quando você não souber mesmo o assunto específico**. Nesse caso, **encontre os 3 mandamentos (espaço, tempo, tema) e faça uma contextualização geral. Você precisa lembrar dos aspectos mais gerais**. Elimine todas as alternativas que não estiverem ligadas ao contexto.

Por exemplo, todas as revoltas coloniais nativistas ocorreram contra o abuso de poder da Metrópole e sua tentativa de aumentar a explorar por meio de cobranças de impostos excessivas, fiscalização rígida; todas ocorreram pós União Ibérica e, por isso, no contexto da crise do sistema colonial. Isso vai ajudar a acertar mesmo que não tenha certeza.

ANTES DE TUDO: A PERIODIZAÇÃO HISTÓRICA

O estudo da história está dividido por periodização. Se você observar o **cronograma do nosso curso, verá que ele está organizado segundo uma lógica cronológica**. Às vezes, alguns alunos se confundem nessas marcações. Vamos pensar um pouco sobre isso?

O calendário que rege a organização da vida social é como um **plano cartesiano: o ano ZERO é o nascimento de Cristo.**

Assim, antes desse evento, os anos são contados em ordem decrescente, depois, em ordem crescente.

Veja a seguir:

Decrescente: a.C **Crescente: d.C**

.....4000..... 1200..... 3 2 1 **0** 1 2 ...**476** .....**1453**....**1789**.....2020

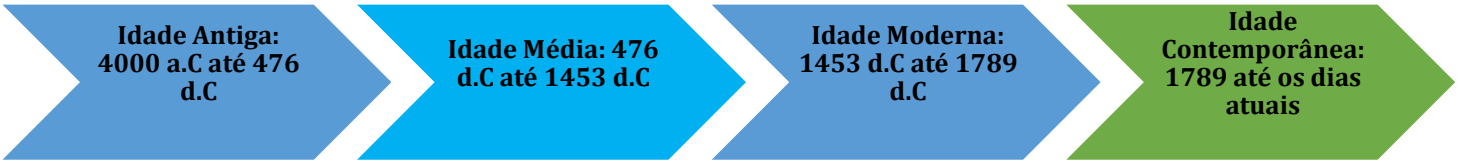
_____|_____

0

Nascimento de Cristo

E essa cronologia toda foi subdividida pela historiografia com objetivos didáticos para podermos comparar períodos, processos e fenômenos, uma vez que a história é o estudo da vida dos homens no seu devido tempo. Sacou? **A subdivisão é a seguinte:**

Idade Antiga: 4000 a.C até 476 d.C (da invenção da escrita até queda do Império Romano)
Idade Média: 476 d.C até 1453 d.C (até a queda de Constantinopla, capital do Império Bizantino)
Idade Moderna: 1453 d.C até 1789 d.C (até a Revolução Francesa)
Idade Contemporânea: 1789 até os dias atuais



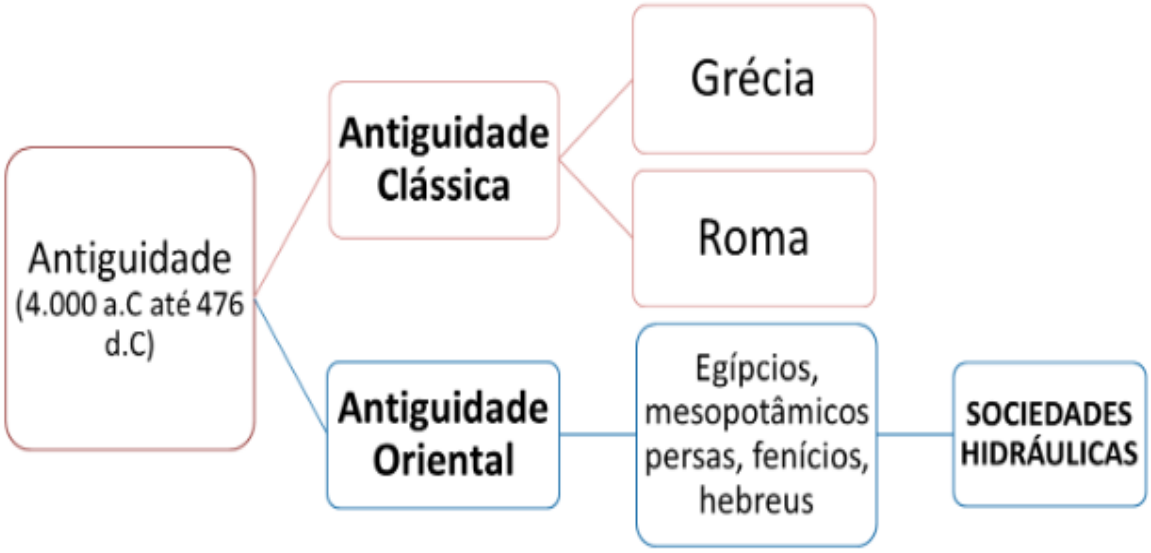
Mas lembre-se: o fluxo histórico é CONTÍNUO. Não tem um dia no qual os homens acordaram e se deram conta de que "tinha acabado a Idade Média e começado a Moderna..." e disseram: "Aí, querido, agora somos Modernos!!! :P.....

Por isso, a divisão é um recurso pedagógico e de pesquisa, feito por diversos historiadores ao longo dos últimos séculos e a mais aceita. Outras existem e em momentos oportunos, comento com você, ok?

Se tiver dúvida, já sabe, é só mandar no **Fórum de Dúvidas**!

1. ANTIGUIDADE: INTRODUÇÃO E ORIENTE PRÓXIMO

Nesta aula, vamos estudar a primeira parte da **História Antiga**. Como vimos anteriormente, ela começa em 4.000 a.C, com a invenção da escrita, e termina em 476 d.C, com a queda de Roma – Capital do Império Romano do Ocidente.



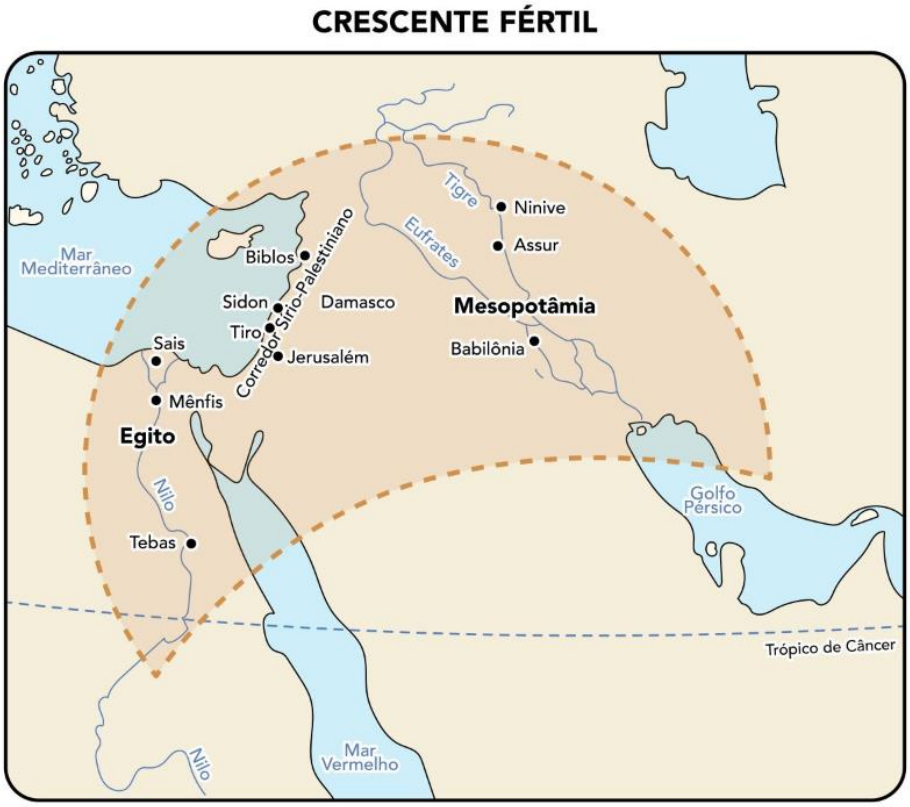
Divisão da Antiguidade

Esse período é marcado pelo processo de transição nomadismo-sedentarismo (processo de fixação à terra), de aprimoramento de instrumentos e armas, de manipulação dos metais, de experiência humana com a descoberta da agricultura, da domesticação de animais, da criação das cidades-Estados e dos Impérios. Também é o momento do surgimento de diferentes religiões e formas de expressão cultural.

Para entender esse período, **devemos ter em mente como foram formadas grandes aglomerações humanas e urbanas, bem como o processo de intensificação entre os diversos povos.**

As provas adotam a abordagem tradicional sobre a divisão da Antiguidade: Antiguidade Oriental e Antiguidade Clássica ou Ocidental.

1.1. Cultura e Estado no Oriente Próximo (Oriente Médio)



[1]

Oriente Próximo, também denominado Oriente Médio, é a região do chamado Crescente Fértil, formado pelos rios Tigre, Eufrates e Nilo.

Foram às margens desses rios que se desenvolveram as **primeiras civilizações** com formações sociais e econômicas mais complexas. A historiografia denomina o sistema de vida que se desenvolveu nessa região de **"modo de produção asiático"**, ou **sociedades hidráulicas** ou **de regadio**, devido à necessidade de controlar os recursos hídricos e suas tecnologias – com obras de irrigação, diques, barragens e drenagens – para consolidar e expandir a produção agrícola.

[1] ARRUDA, José Jobson de A. Atlas Histórico Básico. São Paulo, Editora Ática, p. 06

Esse contexto gerou Estados centralizados com grande controle sobre a população. Assim, nessa região se desenvolveu um **sistema de servidão coletiva** para o Estado, ou seja, trabalho compulsório nas grandes obras hidráulicas ou estruturais do espaço público.

É importante ressaltar que os Estados eram teocráticos. Estado teocrático é aquele em que não há separação entre as esferas política e religiosa e os líderes políticos eram líderes religiosos. O trabalho compulsório também era considerado uma oferenda aos deuses.

Os povos que se estabeleceram nessa região foram os **egípcios**, ligados ao Nilo, e os **mesopotâmicos**, ligados aos rios Tigre e Eufrates. É verdade que o mesmo ocorreu no extremo oriente da Ásia: os povos da Índia estavam vinculados ao rio Indo e os chineses ligados ao rio Amarelo. No Oriente Próximo, ou Oriente Médio, outras civilizações foram beneficiadas com o poder fertilizante (e econômico) dos rios, como a sociedade pastoril dos hebreus e persas, ou ainda, a mercantil dos fenícios.

A origem dos povos do Oriente Próximo esteve ligada à chamada **Revolução Neolítica ou Revolução Agrícola**. Nesse processo, há uma alteração na relação homem-natureza, de modo que se inverteu a situação de completa dependência que o ser humano tinha com a natureza.

Lembra que o homem era um ser coletor, caçador e pescador e, sempre que os recursos de uma área se esgotavam, ele tinha de ir em busca de outro?

Por isso, ele era nômade. Contudo, por volta de 12.000 e 4.000 anos a.C, iniciou-se um processo de domesticação de animais e de cultivo de plantas. Alguns historiadores afirmam que as mulheres tiveram um papel fundamental, pois tratavam diretamente do cuidado dos alimentos coletados.

Assim, elas realizavam uma seleção artificial das sementes que melhor se adaptavam ao clima das áreas onde o grupo humano se fixava.

Como consequência, o ser humano adquiriu a capacidade de ocupar espaços por um tempo muito maior e, até mesmo, fixar-se à terra. Por isso, falamos do **processo de sedentarização do homem**.

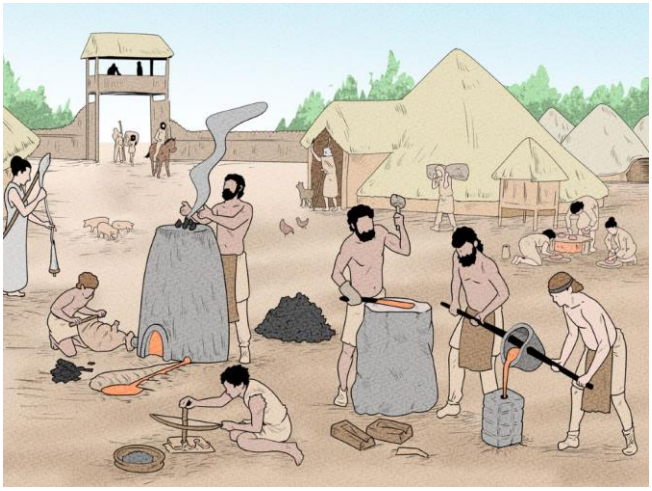
Nesse sentido, os vales férteis dos rios tiveram uma importância fundamental e, consequentemente, o controle e organização sobre a irrigação das terras e mesmo

das vazantes dos rios estiveram relacionados com a concentração de poder e a formação dos Estados.

É importante compreendermos que os homens não deixaram de ser coletores e pescadores para se tornarem agricultores. Ao contrário, esses meios de sobrevivência se complementaram. A diferença se encontra justamente nas formas como os homens e mulheres daquele tempo passaram a se organizar socialmente.

Assim, falamos da **desintegração coletivista da pré-história** e da **formação de sociedades mais complexas**, com propriedade privada dos meios de trabalho e de sobrevivência – no caso, a terra, os animais e as armas.

É nesse processo que se formam as cidades ou *polis*, os Estados e os Impérios.



(VUNESP – 2017)

Às vezes se denomina “Crescente Fértil” a importante região que forma um arco de território desde o Delta do Nilo através da Palestina e do Levante, estende-se a leste ao longo das colinas da Anatólia e termina nas montanhas situadas entre o Irã e o Mar Cáspio, incluindo os vales fluviais da Mesopotâmia. (J. M. Roberts. O livro de ouro da história do mundo, 2001.)

O excerto descreve um espaço geográfico e histórico em que

(A) constituíram-se os padrões culturais europeus, como o teatro trágico, e as organizações políticas populares, como a democracia.

(B) predominaram a uniformidade cultural, com o emprego de um só idioma, e longo período de paz social, com a ausência de guerras.

(C) ocorreram mudanças culturais significativas, como a invenção da escrita, e políticas, como a formação de Estados.

(D) permaneceram precários os contatos entre as comunidades, como nas do centro da África, e as atividades econômicas, com a coleta.

(E) desapareceram as fontes históricas escritas, como os códigos de leis, e registros arqueológicos, como as peças de cerâmica.

Comentários:

A região do Crescente Fértil também é chamada de Oriente Próximo. Ela é uma terra muito rica para a produção da agricultura, devido ser localizada entre três rios muito famosos, o Rio Nilo, Tigre e Eufrates. Pode se dizer o berço da civilização por ter sido onde se constituiu algumas das primeiras civilizações do planeta, como os egípcios, sumérios, acádios, babilônicos entre outros. Outro ponto é que o território era plano e de fácil acesso, portanto era um local de enorme interação entre povos, onde surgiram muitas coisas, como a escrita, a política e os Estados organizados. Por último, foram espaços de disseminações culturais, e que possuem registros arqueológicos até hoje.

Com isso, analisando as questões:

A) Incorreto. Essa descrição está atrelada a civilização grega, e não aos povos do Crescente Fértil.

B) Incorreto. Devido a dominação de diversos povos na região, não predominou nenhuma cultura em específica no Crescente.

C) Correto. A dinamicidade do espaço fez com que florescesse na região diversas relações sociais entre os povos que lá viveram.

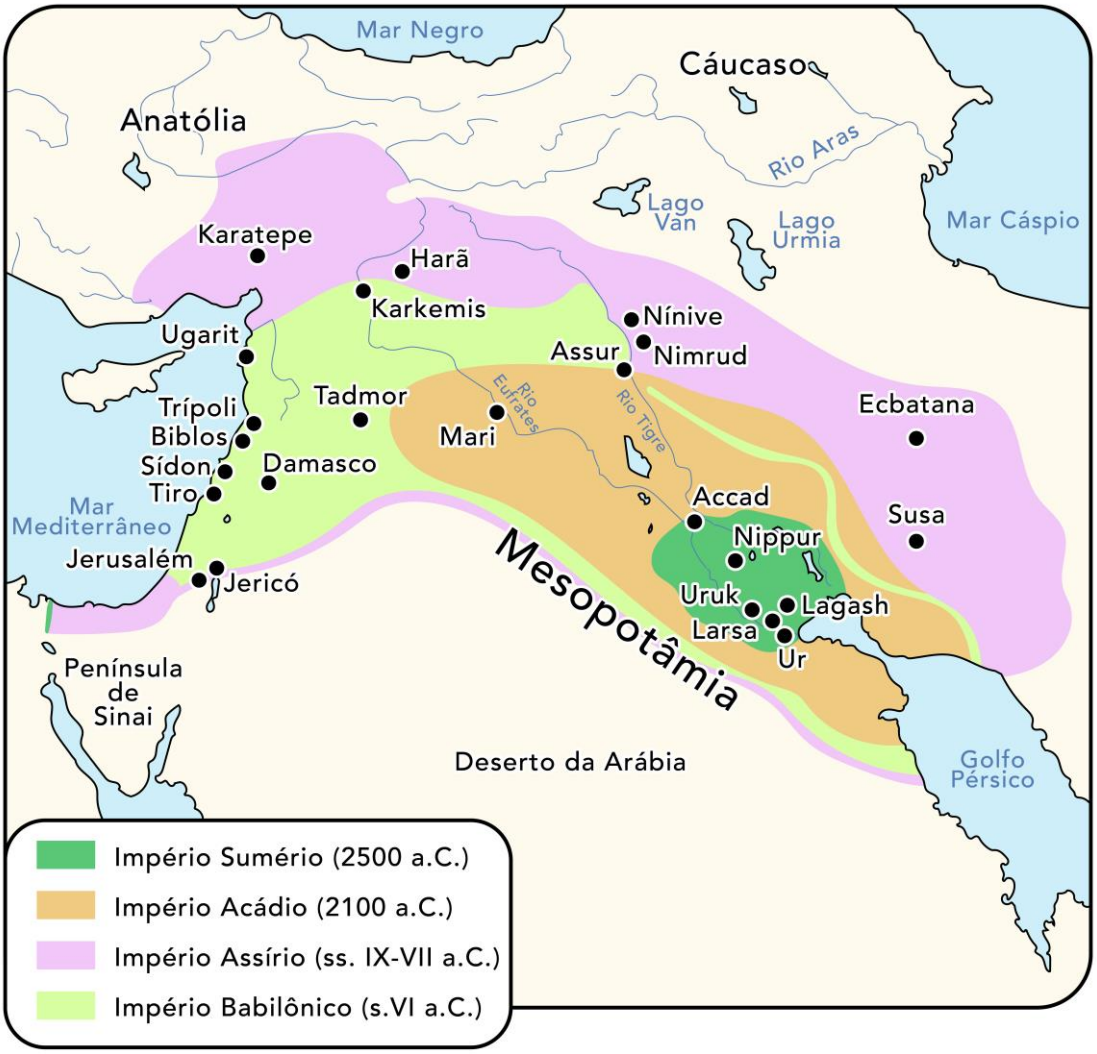
D) Incorreto. O contato entre os grupos sociais que lá habitaram não era precário, pelo contrário, era ativo e vivo.

E) Incorreto. Muitos dos objetos dessas populações permaneceram intactas até hoje, e conservadas em grandes Museus pelo mundo, ou no seu local de origem.

Gabarito: C

1.2. Mesopotâmia, a terra entre rios

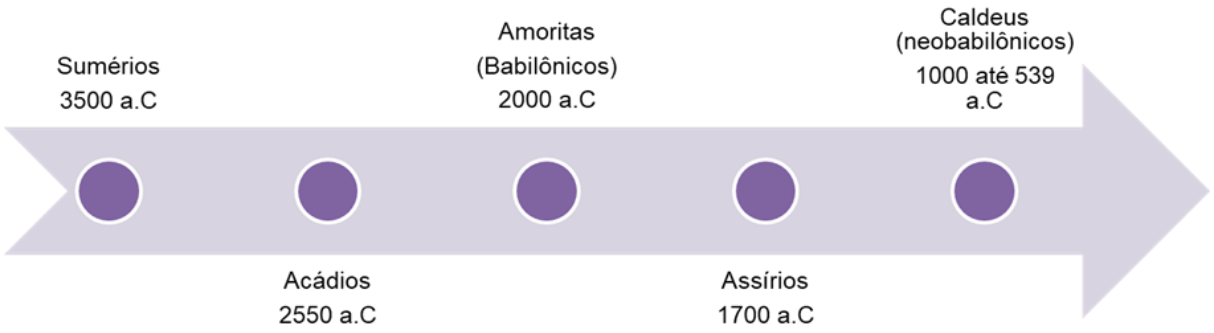
Mesopotâmia, em grego, significa terra entre Rios. A região é geograficamente uma planície, o clima é árido e com chuvas escassas. Por isso, as áreas próximas aos rios se tornaram muito importantes para os povos da região. Ainda assim, o regime de cheias do rio Tigre e Eufrates não é regular como acontece com o Nilo. Por isso, este lugar foi palco de diversos conflitos entre diferentes povos que habitaram ou invadiram a região. Povos nômades e seminômades, das montanhas e do deserto invadiam terras dos povos sedentários e agricultores que viviam às margens dos rios.



Essa agitada vida político-militar é a singularidade que caracteriza a região e a história dos povos mesopotâmicos e, assim, marca sua diferença em relação ao Egito.

De um modo geral, o controle sobre a irrigação, sobre a produção agrícola, sobre a guerra e sobre a população são questões que estruturam o desenvolvimento dos Estados e dos povos mesopotâmicos. Um dos reflexos dessa estrutura político-econômico-social foi a existência da **escravidão em larga escala**. Os povos derrotados em guerras eram transformados em escravos do Estado vencedor. Estes eram utilizados nas obras hídricas ou na agricultura, entre outras, como monumentos (pirâmides, por exemplo).

Vejamos um pouco da história desses povos e das lutas pela conquista da hegemonia na região:



Baseado nas investigações arqueológicas, a historiografia sugere que os **Sumérios** foram os primeiros povos a desenvolverem as cidades mesopotâmicas, por volta de 3.500 a.C. Dê uma olhada no mapa anterior e você verá Ur e Uruk, duas das principais cidades mesopotâmicas. **Algumas delas tinham um complexo sistema hidráulico que possibilitou a construção de diques, barragens e drenagem de pântanos.** Essas tecnologias geraram certo sucesso econômico e, com isso, crescimento populacional e urbano. Logo, houve a necessidade de proteção militar das cidades. O chefe político era o rei, conhecido como *patesí.*

1.3 A escrita

O que teria levado os sumérios a desenvolver a escrita?

Segundo os principais historiadores do período, a escrita está relacionada essencialmente com o fato da organização social e econômica ter se tornado cada vez mais complexa. A memória não era suficiente para dar conta das atividades burocrático-administrativas. Estas eram realizadas pelos sacerdotes, nos TEMPLOS (veja, querido aluno e aluna, que o TEMPLO é uma instituição que abrange múltiplas funções: econômicas, políticas e religiosas, afinal, essas esferas eram imbricadas na realidade da vida das pessoas daquela época). Mas as funções da escrita se expandiram e ganharam relevância para registrar outras atividades, como: ensinamentos religiosos, códigos normativos e civis (como veremos daqui a pouco com o Código de Hamurabi), textos literários e poesias. Ou seja, a escrita vai se tornando um "sistema socialmente reconhecido de registro"[2].

O desenvolvimento da escrita passou por algumas fases:

i. Pictórica: Um sinal representa uma coisa ou um ser;
ii. Ideográfica: Um sinal representa uma ideia;
iii. Fonográfica: Um sinal representa um som da fala humana.

Por fim, chama-se escrita cuneiforme porque era impressa em argila ou barro, com um estilete em forma de cunha.

Dizem que os **Sumérios** eram os caras mais criativos do rolê. Verdade! Eles "criaram a roda", a escrita cuneiforme, aqueles canais hidráulicos muito loucos. Com isso, com seus trenós puxados por bois e outros animais, puderam andar mais rápido transportando mais mercadorias, acelerar as comunicações entre cidades diferentes. Você vê que essas coisas estão relacionadas, né! Irrigaram mais, produziram mais, transportaram mais, comunicaram-se mais e, ainda por cima, inventaram a escrita para registrar todas essas coisas. Fala sério, gente. Por isso tudo, dominaram a área por uns mil anos. Muito interessante, né!!!!! 😊

Na sequência, por volta de **2300 a.C,** do deserto da atual Síria, vieram os **Acádios** que, sob a liderança do Rei Sargão, conquistaram as cidades sumerianas, unificaram-nas e fundaram o primeiro Império Mesopotâmico. Apesar de dominarem os sumérios, os acádios incorporaram sua cultura, seu modo de vida e todo seu conhecimento matemático, agronômico, astronômico, entre outros. Sua hegemonia durou cerca de 400 anos. Foi um período marcado por muitas guerras de expansão territorial e tentativas de invasão por parte de outros povos. O domínio dos acádios foi, finalmente, superado pelos **amoritas** por volta de **2.100 a.C.**

[2] CHILDE, V. Gordon. A evolução cultural do homem. RJ, 1971.

Os **amoritas**, vindos do deserto da Arábia, estabeleceram-se na cidade da Babilônia e, por isso, também são conhecidos como babilônicos. Dominaram toda a região, do Golfo Pérsico até o norte da Mesopotâmia. Sob a liderança do lendário Rei Hamurabi, fundaram **o 1º Império Babilônico**. Veja o mapa abaixo:

O Império Babilônico, comandado por Hamurabi (1763 a.C), é reconhecido como aquele que desenvolveu mudanças nos aspectos sociais e políticos e impôs o deus babilônico Marduk a todos os povos da região. Criou uma administração centralizada e uma estratificação social hierarquizada.

O CÓDIGO DE HAMURABI

Um dos primeiros "códigos jurídicos" escritos de que temos conhecimento é o Código de Hamurabi. Ele está inscrito em um monólito. São 281 artigos escritos em cuneiforme (a escrita desenvolvida pelos sumérios, lembram?) que tratam sobre diversas áreas da vida social: trabalho, família, comércio, propriedade. Ele é muito conhecido pelo seu sistema de penalidades baseado no princípio da retaliação, ou em latim *lex talionis*. Você já deve ter ouvido falar em "olho por olho e dente por dente", não ouviu? É isso!

Contudo, este "princípio de igualdade", ou da proporcionalidade entre crime e pena dependia do grupo social ao qual o suposto criminoso cometeu o crime. Por exemplo, o artigo 200 diz: "Se um homem livre arrancou um dente de um outro homem livre igual a ele, arrancarão seu dente." Agora compare com o que diz o artigo 201: "Se ele arrancou um dente de um homem vulgar, pagará 500g de prata". Outro exemplo, art. 230: "Se um pedreiro causou a morte do filho do dono da casa, matarão o filho deste pedreiro". Mas, segundo art. 231, "Se causou a morte do escravo ele dará ao dono da casa um escravo equivalente". Conseguem perceber que a pena é semelhante ao delito cometido, embora pudesse variar conforme a posição social e econômica da vítima?

O **Império Babilônico** sofreu uma série de invasões até que a região foi dominada pelos **assírios,** por volta de 630 a.C. Eram conhecidos pelo seu forte caráter militar e pelo tratamento cruel e violento que tinham com seus prisioneiros. Este povo é originário da região situada entre a Ásia e a Europa e, na Mesopotâmia, fixou-se no Alto do Tigre, ao Norte. De lá os assírios **organizaram o primeiro exército permanente** de que temos notícia e alcançaram seu maior esplendor.

O principal governo assírio foi o de Sargão II. Próximo a **612 a. C,** foram derrotados por uma aliança militar entre os **caldeus** – povos do Sul da Mesopotâmia – e os **medos** (calma gente, não é medo de medinho, é medo de "Terras Médias", onde hoje é o Irã). Com essa força, os caldeus conquistaram toda a Mesopotâmia, inclusive, a Babilônia.

Por isso, ficaram conhecidos como **neobabilônicos**. Seu grande líder foi o grande Nabucodonosor (604-562 a.C.), responsável por grandes obras urbanas, templos, jardins (o famoso e místico Jardins Suspensos) e rigor administrativo.

Mesmo assim, os caldeus não resistiram à expansão de um outro grandioso Imperador: Ciro I, rei da Pérsia!!! **Em 539 a.C a Mesopotâmia foi conquistada pelos persas**.

Em decorrência, inicia-se um longuíssimo período de dominação do Oriente Próximo: primeiro os persas; depois Alexandre, o Grande; e, por fim, os Romanos.

(Professora Ale Lopes/Autoral/2023)

"Um dia, os grandes deuses decidiram provocar o Dilúvio. Ea [Enki, deus da sabedoria] estava junto a eles e me repetiu suas palavras: 'Derruba tua casa e constrói um barco, abandona suas riquezas, preocupa-te apenas em sobreviver e embarca em teu navio todas as espécies vivas'. Quando com a manhã se fez um pouco de luz, apareceu no horizonte uma nuvem negra e um assustador silêncio de tempestade cruzou o céu e converteu em trevas o que era luminoso. A terra se quebrou como um vaso. Por seis dias e sete noites soprou um vento diluviano. Quando chegou o sétimo dia, a calma voltou ao mar, se calou o vento nefasto e o dilúvio cessou. Abriu uma escotilha e não se escutava um só ruído: todos os povos haviam se convertido em barro. [...]. Quando chegou ao sétimo dia, soltei um corvo e ele não regressou. Então, dirigi-me aos quatro pontos cardeais e fiz um sacrifício aos deuses".

MARCHAND, Pierre. Historia de la humanidad: las primeras civilizaciones. Barcelona: Larousse, 1998. p. 62.

Apesar dos mitos serem narrativas fantásticas, que podem misturar fatos, lendas e religião, eles podem ser tomados como documento histórico a respeito da mentalidade de uma civilização e para identificar grandes eventos mencionados por diferentes povos. No caso do trecho acima, retirado da epopeia de Gilgamesh, é correto afirmar que esse mito pode ser considerado a forma como

a) os tsunamis que atingem a costa da Indonésia sazonalmente eram entendidos pelos javaneses.

b) as cheias dos rios Tigre e Eufrates eram interpretadas e registradas pelos sumérios.

c) as inundações causadas pelas chuvas torrenciais eram percebidas pelos povos tukano.

d) as cheias do rio Nilo eram explicadas pelos antigos egípcios.

e) a descrição dos dilúvios gerados pelas cheias dos grandes lagos, feita pelos povos cree.

Comentários:

Em primeiro lugar, note que o trecho apresentado faz parte da Epopeia de Gilgamesh, um conjunto de mitos sumérios sobre as viagens do rei Gilgamesh, senhor da cidade de Uruk, na Mesopotâmia. Essas narrativas

foram preservadas em argila, registradas em escrita cuneiforme, e são consideradas a peça literária mais antiga do mundo. O auge da civilização suméria se deu entre 3500 a. C. e 2330 a.C., quando os acadianos conquistaram a região. Antes de responder a pergunta, também é preciso lembrar a definição de mito. Os mitos são narrativas que podem misturar fatos históricos, ficções completamente fantasiosas e valores religiosos. Em geral, os mitos têm uma função pedagógica, procurando ensinar uma lição ou transmitir uma memória por meio de narrativas fantásticas. Sabendo disso, vejamos o que esse mito pode ser considerado:

a) Incorreta. Como eu disso, esse mito foi criado pelo povo Sumério, que viveu na Mesopotâmia, no Oriente Médio. Portanto, não poderia ser sobre tsunamis na Indonésia.

b) Correta! Chamamos de Mesopotâmia a região entre os rios Tigre e Eufrates, no Oriente Médio, exatamente onde a civilização suméria surgiu e se desenvolveu. Esses rios provocavam enchentes violentas em seus períodos de cheia.

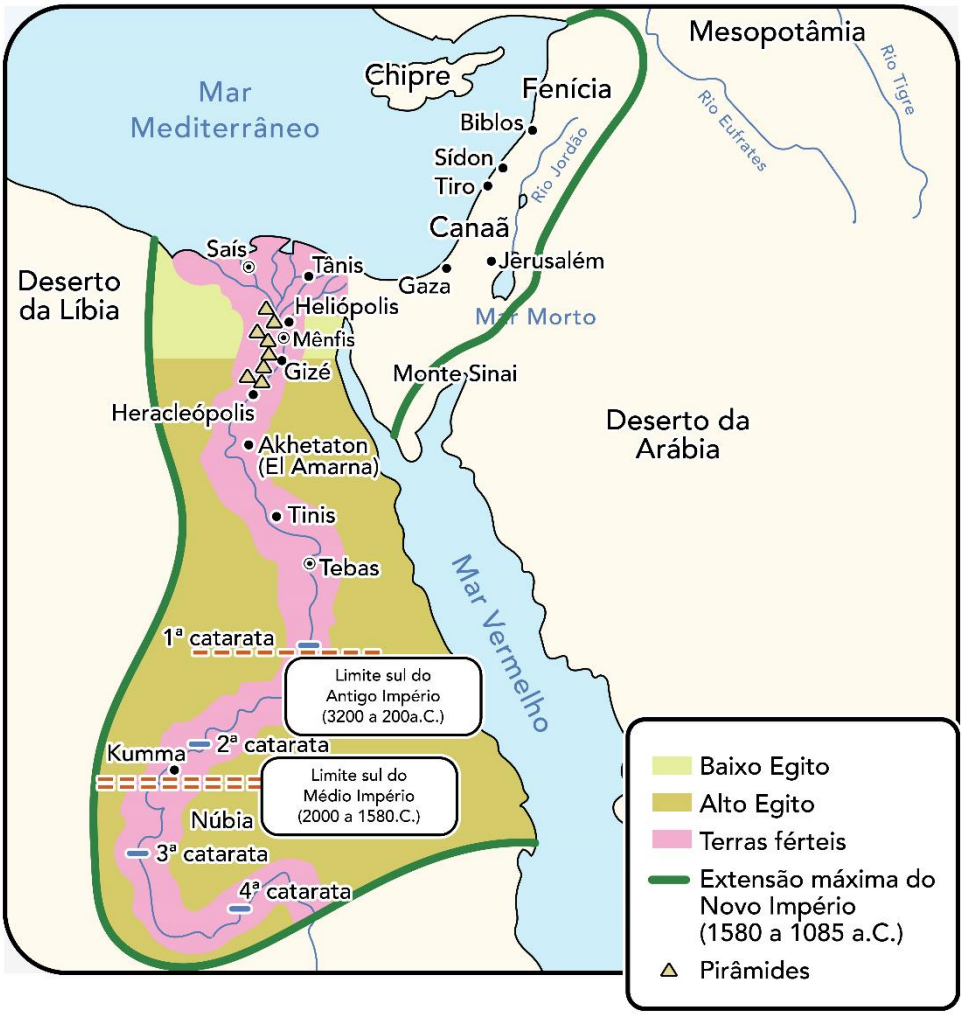
c) Incorreta. Os povos tukanos são indígenas da região amazônica, na América do Sul. Logo, essa alternativa está eliminada pelas mesmas razões que a letra “a”.

d) Incorreta. O rio Nilo e a civilização egípcia são do Nordeste da África.

e) Incorreta. Os cree são povos nativos da América do Norte.

Gabarito: “B”

1.4 Egito Antigo



O Egito, assim como a Mesopotâmia, desenvolveu-se como uma sociedade hidráulica. A estrutura política, econômica, social e religiosa dessa região esteve ligada à dinâmica do próprio Rio Nilo – suas cheias e vazantes.

Contudo, diferentemente da Mesopotâmia, o Egito se beneficiou de um certo isolamento geográfico que lhe proporcionou maior estabilidade política e prolongados períodos de paz. Isso se refletiu na inexistência de uma grande casta de guerreiros. Também não havia grandes comerciantes, embora tenha existido comércio com outros povos.

Nesse sentido, foi a religiosidade o aspecto que ocupou grande parte dos interesses dos grupos sociais e dos assuntos públicos.

Você já deve ter ouvido dizer que o Egito era uma dádiva do Nilo, não ouviu? Essa frase é atribuída ao historiador grego Heródoto que visitou o Egito no século V a.C. Ele teria observado como era fértil a terra nas margens do Nilo e como isso possibilitou a formação de uma próspera sociedade.

Heródoto estava certo ou errado, Aluna e Aluno?

> - Ai, Profe, ele deve estar certo. Imagina o Egito sem o Nilo? Seria um deserto, né?

Verdade, aluna e aluno!!! No entanto, imagina o Egito com o Nilo e sem o povo. Que prosperidade ocorreria???

O que quero dizer para você é que foi necessário muito **trabalho**, **conhecimento** e **organização** para que a sociedade egípcia não ficasse submetida aos fatores naturais do meio ambiente. Assim, criaram canais de irrigação, barragens e diques, pois as inundações do Nilo poderiam ter um potencial destrutivo, ou ainda, não serem suficientes para irrigar e fertilizar as terras de sua margem, caso fossem muito pequenas.

Por isso, o **desenvolvimento do Egito,** tão bem observado por Heródoto, **é fruto da interação do ambiente natural com o trabalho criativo humano.** Sacou?

Em relação a organização política, por volta de **5000 a.C**., havia o chamado Baixo Egito, perto do Mediterrâneo, e o chamado Alto Egito, situado ao Sul do Nilo. Os povos praticavam a agricultura e viviam em aldeias chamadas **nomos.** Então, aproximadamente pelo **ano 3200 a. C**. os governantes do Alto Egito conquistaram o Baixo Egito e unificaram os dois reinos sob um único governo: **o Império dos Faraós.** O primeiro Faraó, só para constar, foi Menés. Aliás, **faraó, significa grande casa** – ou palácio. Os egiptólogos costumam dividir a história do Egito em 3 fases.

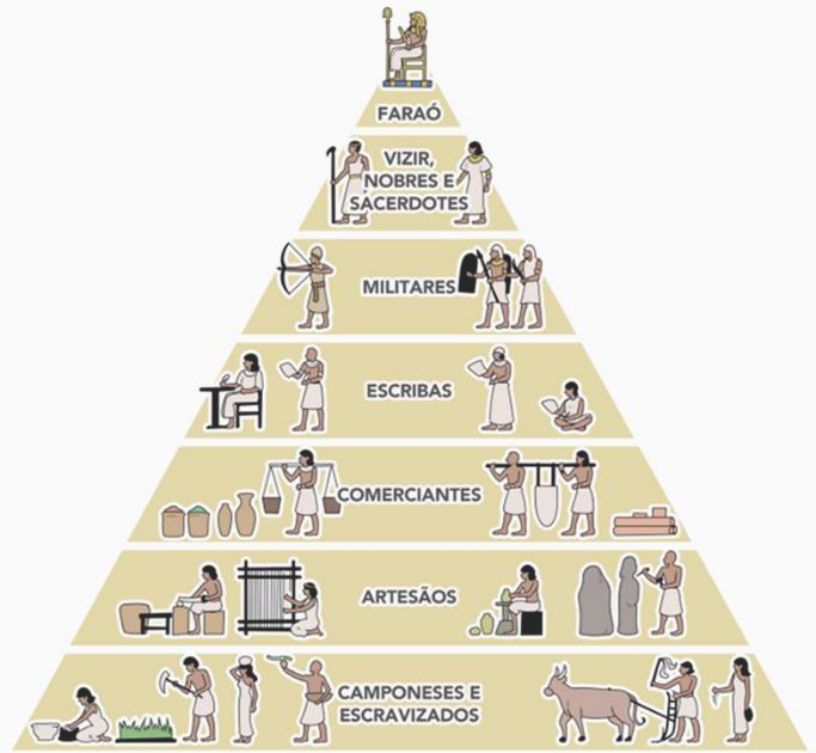
Tome nota:

ALTO IMPÉRIO, 3200 a.C - 2300 a.C:	Período marcado por forte religiosidade e momento estável e pacífico. Foram construídas as pirâmides de Queóps, Quefren e Miquerinos. No final desse período, o poder dos chefes locais (nomarcas) cresceu a ponto de superar o poder do faraó. Como consequência, houve a descentralização política do Egito;
MÉDIO IMPÉRIO, 2000 a.C - 1580 a.C:	Período em que houve uma luta entre Faraó e os nomarcas e a tentativa de recentralização do poder e reunificação do Império. Foi um processo vitorioso para o Faraó, mas o Egito foi invadido por outros povos, como os hicsos. A dominação estrangeira despertou um sentimento de unidade e militarismo nos egípcios. Por fim, conseguiram expulsar os estrangeiros e unificar o Império;
NOVO IMPÉRIO, 1580 A.C - 525 a.C:	Período de conflitos entre alguns Faraós e os Sacerdotes. Entre 1377 e 1358 houve uma Reforma Monoteísta imposta pelo Faraó Amenófis. O Faraó foi derrotado pelos sacerdotes e estes coroaram um novo Faraó: Tutenkhamon. Há uma sucessão de faraós, um período longo de conquistas militares e muito esplendor. <as no final desse período o Egito foi invadido pelos Assírios em 662 e em 525 pelos Persas.

*mais tarde o Egito foi invadido pelos gregos, macedônios, romanos e muçulmanos.

1.4.1. Estratificação Social, Política e Econômica

A sociedade egípcia era **rigidamente estratificada – ou seja, não havia mobilidade social**. Algumas posições sociais mais privilegiadas eram hereditárias, como reis e sacerdotes. Vejamos como se caracterizava cada estrato social. Repare que, em geral, cada estrato estava relacionado com uma atividade econômica ou política:



I- **Faraó**: Rei Supremo, responsável pela proteção e prosperidade do povo. Ele tinha autoridade religiosa, administrativa, militar e judicial. Havia a crença na condição divina de sua pessoa. Era o maior proprietário de terras do Império. Era auxiliado pela Elite Dirigente.

II- **Elite Dirigente**:

- Nobres: cargos hereditários da de administradores das províncias e de comando militar
- Sacerdotes: eram os senhores da cultura egípcia. Ligados às cerimônias religiosas e à administração dos bens dos templos

- Escribas: dominavam a técnica da escrita, por isso tinham prestígio e poder. Na prática, exerciam a função de fiscais de tributos e obras.

III- **Artesãos**: se subdividiam em qualificados e com pouca qualificação. Os primeiros produziam os artigos de luxo e poderiam trabalhar nos templos e palácios. Os de pouca qualificação, em geral, trabalhavam em oficinas rurais.

IV- **Camponeses**: a maioria da população era campesina. Viviam em aldeias e deveriam, obrigatoriamente, entregar parte da colheita, do rebanho ou da pesca como tributo aos moradores dos palácios, ou seja, aos membros do grupo da elite dirigente. Na época de cheia do rio Nilo, os camponeses eram obrigados a trabalharem nas grandes obras de irrigação ou na construção dos monumentos, como as pirâmides. A esse trabalho compulsório, os historiadores atribuem o nome de **servidão coletiva. Perceba que era uma servidão temporária e para o Estado.**

V- **Escravos**: diferentemente da Mesopotâmia, não existia escravidão por dívida. Esse grupo foi numericamente pequeno e realizavam as mais diferentes funções, a depender de suas qualificações. Eram prisioneiros de guerra. Não poderiam ser vendidos, pois não eram considerados mercadoria. Além disso, tinham alguns direitos como testemunha em tribunais, casar-se com pessoas livres. Por isso, alguns egiptólogos questionam a categoria escravidão para esse grupo.

1.4.2. Religião Cultura e Ciência

Como falamos antes, no Antigo Egito, a religião ocupava um lugar fundamental na vida social e dela decorreu desenvolvimento em diferentes áreas do conhecimento humano. **A religião era politeísta (crença em muitos deuses) e havia a crença na vida após a morte**. Acreditava-se que a alma se consubstanciaria no mesmo corpo e, por isso, desenvolveu-se a **técnica de mumificação**.

Além disso, nos túmulos eram depositados vários objetos, pois a

crença era de que a alma retornaria ao corpo e isso não poderia ocorrer sem os bens materiais. Para tanto, os egípcios precisaram desenvolver estudos na área da química, da anatomia e medicina.

Os Faraós, por exemplo, por estarem no topo da pirâmide social, tinham seus corpos e seus pertences guardados nas pirâmides. Pirâmides de verdade!!!! Por isso, desenvolveram-se **técnicas de arquitetura e engenharia** que foram capazes de mantê-las inteirinhas até hoje!!

Outro desdobramento da importância da religião era o **controle social** exercido por meio dela. Lembram-se de que os Sacerdotes compunham o grupo da elite dirigente, por isso, tinham privilégios? O Faraó era a personificação dos deuses e isso justificava os tributos que os camponeses deveriam entregar ao Estado, bem como o trabalho servil que deveriam realizar durante as cheias.

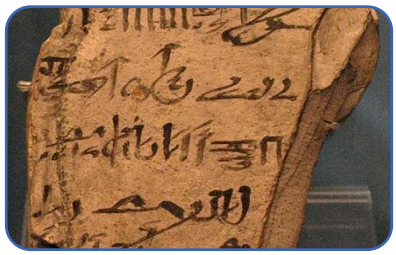
A arte se desenvolveu relacionada a representação religiosa de deuses, dos sacerdotes, dos faraós. A própria escrita também estava no campo das artes, uma vez que os escribas tinham a função específica de desenvolvê-la. Evidentemente, com o passar do tempo e com as especializações das atividades, a escrita se modificou e, em algumas situações tornou-se menos ornamentada para atender objetivos ligados à economia e atividades administrativas.

Veja as três formas de escrita:

HIEROGLÍFICA:

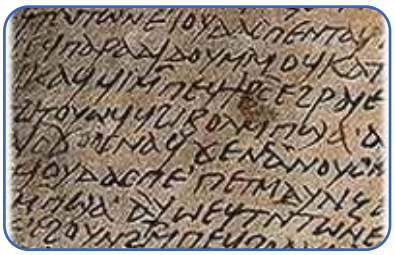
complexo sistema de escrita pictográfica, ideográfica e fonética. Considerada sagrada.

Possui + de 600 caracteres.



HIERÁTICA:

simplificação da escrita hieroglífica



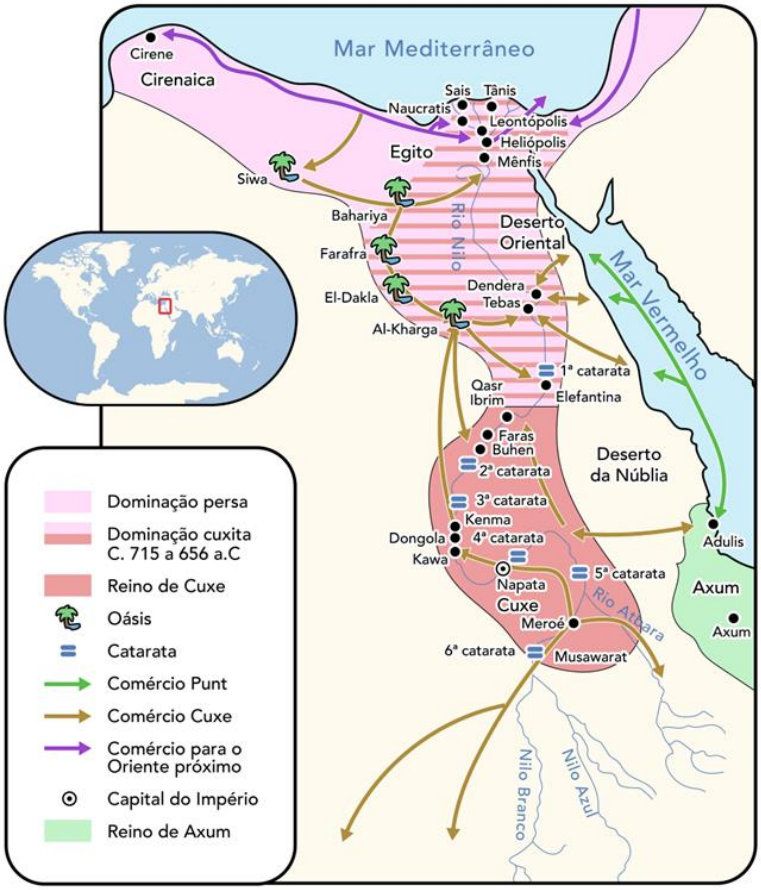
DEMÓTICA

Mais recente e popular. Utilizada para contabilidade. Possui cerca de 350 sinais.

As provas adoram inserir imagens de todo tipo, textos históricos, discursos, como parte das questões. Toda vez que você se deparar com questões dessas, repare nas datas e demais informações nas descrições, pois são informações valiosíssimas para ajudar a resolvê-las.

Leva essa dica com você! 😊

1.4.3 Reino Cuxe



O Reino de Kush, também conhecido como Reino de Cuxe, foi uma antiga civilização africana que floresceu na região do Alto Nilo, no que é hoje o Sudão e o sul do Egito, durante a Antiguidade. Este reino desempenhou um papel significativo na história do nordeste da África e interagiu de perto com o Egito ao longo de sua existência.

O Reino de Kush estava localizado ao longo do Alto Nilo, ao sul do Egito, na região que compreende parte do atual Sudão. A capital do reino variou ao longo de sua história, mas uma de suas cidades mais famosas foi Meroé, localizada perto da confluência dos rios Nilo Azul e Nilo Branco.

A história de Kush abrange vários períodos, com diferentes dinastias e governantes. A civilização Kushita começou a ganhar força por volta de 1070 a.C., quando os governantes do Reino de Kush assumiram o controle da cidade de Napata, no Alto Nilo. Durante seu apogeu, o Reino de Kush teve relações complexas com o Egito e rivalizou com ele em várias ocasiões.

Dá uma olhada na cronologia geral que os historiadores estabelecem para entendermos a história do reino Cuxe:

Período Napata (1070 a.C. - 350 a.C.): Durante este período, os reis de Kush governaram a cidade de Napata, no Alto Nilo, e estabeleceram o controle sobre uma vasta região ao sul do Egito. Os kushitas adotaram muitos aspectos da cultura egípcia, incluindo a língua e a religião, e sua dinastia era conhecida como a "Dinastia dos Faraós Negros". Durante essa época, os reis de Kush frequentemente interferiam nos assuntos egípcios e, em alguns casos, assumiam o controle de partes do Egito.

Período Meroítico (350 a.C. - 350 d.C.): A capital de Kush foi transferida de Napata para Meroé, e este período é conhecido como a "Era Meroítica". Durante esse tempo, a influência egípcia diminuiu gradualmente, e a cultura e a língua kushitas se tornaram mais distintas. A escrita Meroítica, uma forma de escrita hieroglífica, foi desenvolvida, embora ainda não tenha sido totalmente decifrada.

Declínio e Assimilação: Por volta do século IV d.C., o Reino de Kush começou a entrar em declínio devido a uma série de fatores, incluindo invasões de grupos vizinhos, mudanças nas rotas comerciais e pressões externas, como a ascensão do Reino de Axum. Gradualmente, os kushitas perderam o controle de suas terras e foram assimilados por outras culturas e povos, incluindo os cristãos axumitas.

Em algumas fases, os reis de Kush governaram partes do Egito como faraós da Dinastia XXV, e houve casamentos reais entre as famílias egípcia e kushita. Em outros momentos, o Egito tentou controlar o sul do território de Kush, levando a conflitos entre os dois reinos.

Essa interação foi influenciada por mudanças políticas, dinastias egípcias em ascensão ou declínio e, em alguns casos, por laços familiares. Aqui estão mais detalhes sobre esses aspectos das relações entre Kush e Egito:

⇒ Dinastia dos Faraós Negros: Durante o Período Napata, especificamente durante a 25ª Dinastia do Egito (século VIII a.C.), os reis de Kush assumiram o controle do Egito, estabelecendo-se como faraós. Esta dinastia é conhecida como a "Dinastia dos Faraós Negros" devido à origem kushita de seus governantes. Os faraós kushitas, como Piye e Taharqa, governaram o Egito com sucesso e restauraram o domínio egípcio sobre o Baixo Egito (o norte do Egito).

⇒ Casamentos Reais: Para fortalecer os laços entre as duas nações, houve casamentos reais entre as famílias egípcia e kushita. Por exemplo, a rainha Shepenwepet II, filha de Piye, casou-se com o faraó Osorkon III. Esses casamentos não apenas cimentaram alianças políticas, mas também influenciaram a cultura kushita com elementos egípcios, como a religião e a arte.

⇒ Conflitos e Rivalidades: Apesar de períodos de cooperação e aliança, também houve momentos de tensão e conflito. O Egito muitas vezes tentou controlar o sul do território de Kush, especialmente durante as Dinastias XXII e XXIII. Isso levou a conflitos armados e rivalidades territoriais entre os dois reinos. A cidade de Tebas, no Alto Egito, foi frequentemente um ponto de tensão.

⇒ Declínio das Relações: À medida que o poder do Egito enfraqueceu e os kushitas perderam o controle sobre o Egito, as relações entre os dois reinos se tornaram menos significativas. A ascensão de outras potências na região, como o Império Aquemênida e mais tarde o Império Romano, também afetou a dinâmica regional e a influência de Kush.

Cultura e Influências:

A cultura de Kush foi influenciada pelo Egito, mas também desenvolveu suas próprias características. A civilização kushita é conhecida por seus monumentos e templos, muitos dos quais eram dedicados a divindades locais. O Reino de Kush também tinha uma escrita própria, conhecida como Meroítica, embora esta ainda não tenha sido completamente decifrada.

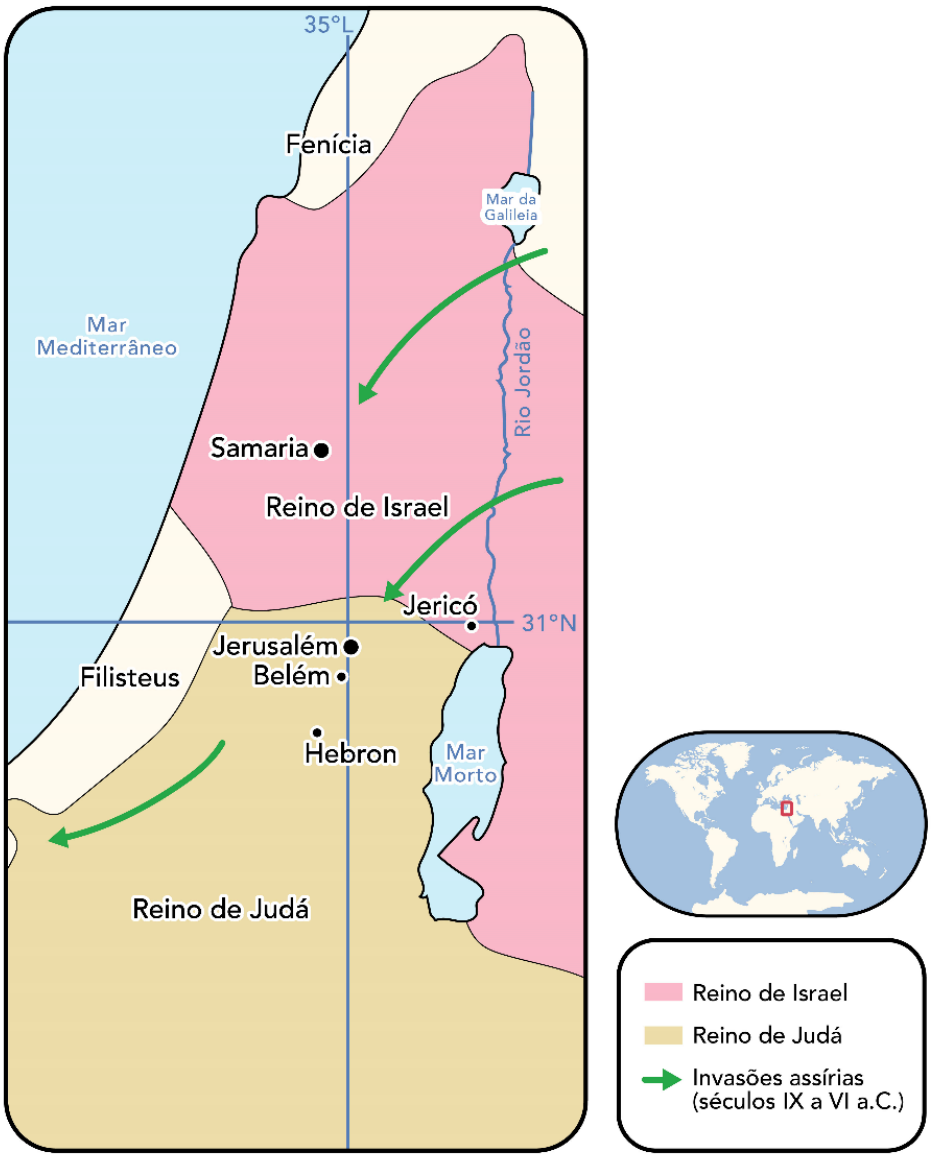
Declínio: O Reino de Kush passou por altos e baixos em sua história, enfrentando desafios de invasões estrangeiras, mudanças no comércio e pressões de outros povos da região, como os axumitas e os romanos. Por volta do século IV d.C., o reino entrou em um período de declínio e foi gradualmente absorvido pelo Reino de Axum e, posteriormente, pelo Islã.

Legado: O legado do Reino de Kush continua a ser uma parte importante da história da África e do Egito. A influência cultural e política que exerceu na região do Alto Nilo é evidente em seus monumentos e na história registrada. Além disso, a herança kushita é um exemplo da riqueza e diversidade das civilizações africanas antigas.

1.5 Hebreus, Persas e Fenícios

Outro assunto que você precisa dominar para não ser surpreendido na prova é a história dos povos hebreus, persas e fenícios. Estes povos **não** desenvolveram as chamadas “sociedades hidráulicas”, mas mantém relação direta entre seu desenvolvimento e o dos povos do Crescente Fértil, por isso, às vezes aparece algo sobre eles nas provas. Ninguém precisa ser um *expert* no assunto, uma boa noção geral é suficiente para resolver qualquer questão. Vejamos:

1.5.1 – Hebreus



A história dos hebreus mescla informações e registros históricos propriamente dito e textos religiosos, que não deixam de ser históricos. Sobre as informações religiosas, basta lembrar do Antigo Testamento Bíblico – texto que, além de religioso, possui denso conteúdo historiográfico.

A civilização hebraica se desenvolveu **por volta de 2000 a.C.**, na região conhecida como Palestina, juntamente com outros povos, como os cananeus, filisteus e assírios. **Aqui também tem importância um rio, o Jordão, de modo que as terras em torno dele faziam parte da região do Crescente Fértil**. Assim como vimos nas demais áreas do Crescente Fértil, as terras eram motivo de disputas e batalhas. Mesmo assim, **a historiografia classifica os hebreus de povos de pastoreio.**

Voltando aos registros bíblicos, Abraão foi o primeiro líder hebreu. O filho de Abraão, Isaque, teve outros dois, Isaac e Jacó, os quais formavam a liderança denominada de "**os patriarcas"**. Essas lideranças pregaram uma nova religião, monoteísta, a qual teria a função de unificar o povo hebreu. Isso porque, segundo documentos religiosos, Deus teria escolhido Abraão, e sua esposa Sara, para o projeto de união dos povos, e teria orientado Abraão para abandonar suas terras na região de Harã e partir em direção às terras que ele – Deus -indicaria, em Canaã (referente aos primeiros habitantes, os cananeus), região da Palestina.

As terras da Palestina, onde se encontrava Canaã, já eram habitadas por outros povos – os cananeus e filisteus – antes da chegada dos israelitas. **Por isso, houve muitas batalhas em torno das terras,**

principalmente as férteis. As constantes guerras teriam motivado muitos hebreus a se deslocarem na direção do Egito.

No Egito, em um momento em que os israelitas formavam quase metade da população, eles foram submetidos ao trabalho forçado. Oprimidos e escravizados, os hebreus, sob a liderança de Moisés, iniciaram o **Êxodo, isto é, a fuga do Egito para Canaã.**

Novamente, novas guerras com os filisteus. Para enfrentá-los, as 12 tribos israelitas nomearam os **Juízes**, como Gideão, Sansão e Samuel. Esses chefes eram lideranças políticas, militares e religiosas. Após muitos confrontos, **em 1010 a. C**., Saul foi proclamado o primeiro **Rei** de todos os hebreus. Mas, foi o Rei David, sucessor de Saul, quem derrotou os filisteus e decretou Jerusalém como a capital do Estado Hebraico.

Na sequência dos reis hebreus, um de grande destaque foi o Rei Salomão, que assumiu o trono em **966 a. C**. Com Salomão, o comércio prosperou e o Estado israelense se fortificou. Entretanto, os pesados impostos estabelecidos por Salomão e a disputa pela sucessão do trono provocaram uma divergência entre os hebreus e houve o fim da união das tribos hebraicas, o **Cisma Hebraica**. O Cisma enfraqueceu os hebreus e os tornou vulneráveis a outros povos expansionistas. O próprio território foi dividido, sendo que as duas grandes regiões foram o Reino de Judá (com capital em Jerusalém) e Israel (com capital em Samaria), mais ao norte. Assim, **em 721 a. C., Israel foi conquistado pelos assírios e em 586 a. C**. o Reino de Judá foi conquistado por Nabucodonosor.

Já no século I d. C., o domínio grego-macedônio, seguido do domínio romano, impôs uma condição de opressão e submissão aos hebreus. Com isso, ocorreu a **Diáspora Hebraica**. Os hebreus se espalharam em diversas regiões.

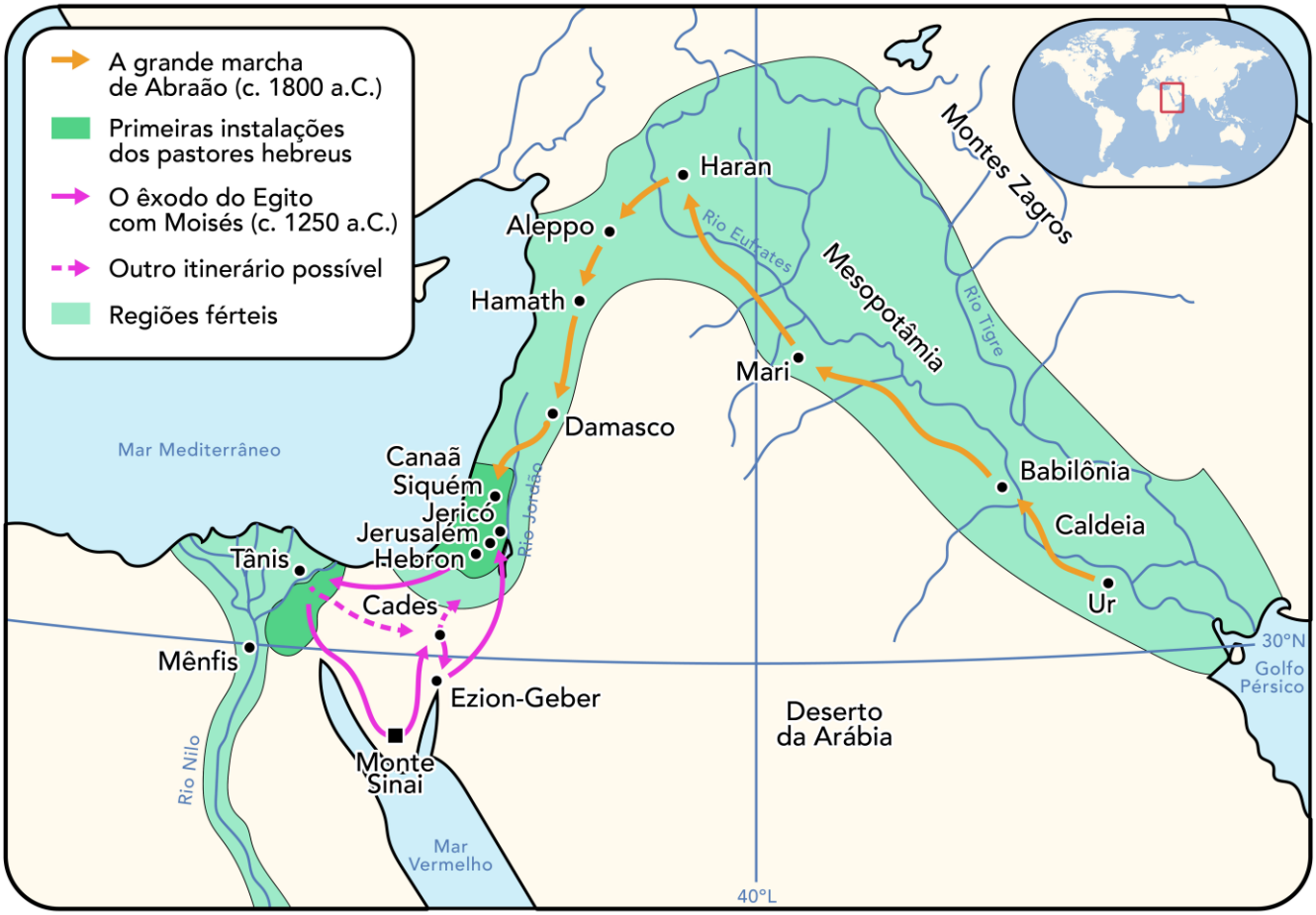
Após todos esses conflitos em torno da terra das regiões férteis, também movidos por convicções religiosas e políticas, os israelenses somente constituíram um Estado na região da Palestina em 1948, por determinação da Organização das Nações Unidas (ONU).

Embora esse período da história antiga do povo hebreu esteja marcado por guerras e conflitos, é importante destacar – brevemente – aspectos conclusivos.

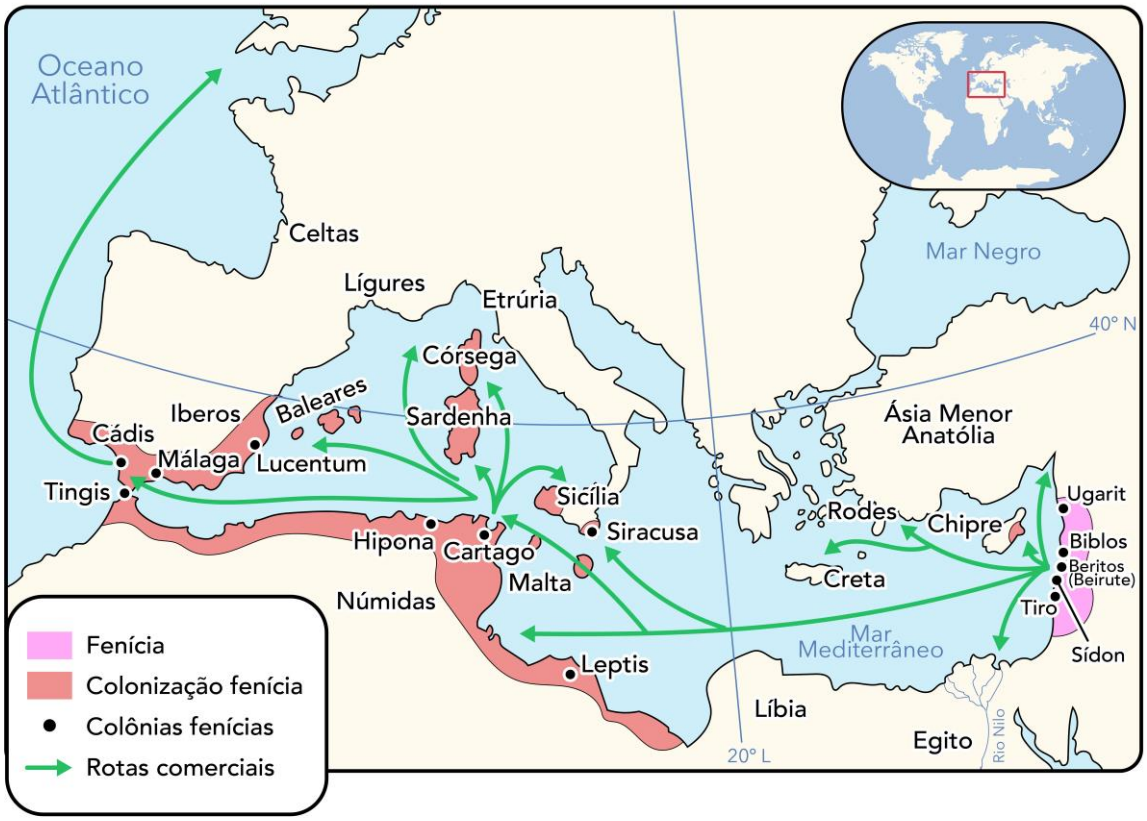
Do ponto de vista político, a organização do governo estava estruturada, progressivamente, primeiro nos Patriarcas, depois nos Juízes e, por fim, nos Reis. A religião e a cultura hebraica foram importantes para construir a unidade e identidade do povo (unidade das 12 tribos), sendo elemento importante para a identidade nacional.

Sobre a economia, em um primeiro momento, antes dos Reis hebreus, predominava o pastoreio e a agricultura (cereais, oliva, figo e uva) para, no apogeu do reinado de Salomão, atingir o desenvolvimento do comercio via rotas terrestres.

Além disso, **a religião monoteísta hebraica foi base para as religiões seguintes do Cristianismo e do Islamismo**.



1.5.2 – Fenícios



Com relação aos **fenícios, guarde essas informações importantes:** diferentemente dos hebreus, eles eram **adeptos ao politeísmo** (culto a vários deuses). Culturalmente, também foram os **criadores do alfabeto fonético de 22 letras**, a matriz do nosso alfabeto. Posteriormente, os gregos e romanos aprimoraram esse alfabeto.

Há 3000 a. C. a Fenícia ficava na área que hoje é conhecida como Líbano, isto é, acima e ao norte da Palestina. Os fenícios se destacaram pela atividade de navegação e comércio, via marítima. Veja na representação gráfica abaixo o ponto de partida dos navios dos fenícios e as rotas comerciais.

Do ponto de vista político, esse povo vivia em **cidades-estados autônomas** (bolinhas no mapa acima), sem uma unidade plena do povo. Nessas cidades, os comerciantes centralizavam o poder político em suas mãos e exerciam domínio sobre a maior parcela da população, os trabalhadores livres e os escravos. Assim, o **sistema de governo era conhecido como Talassocracia.**

Em relação à ciência, os fenícios deram contribuições significativas na astronomia e na matemática, pois o culto aos deuses ligados aos astros (Baal, deus Sol, e Astartéia, deusa Lua) levou-os a desenvolver formas de cálculos. Memorize, a partir da observação do mapa, a localização da cidade de Cartago, pois, voltaremos a falar dela quando estudarmos Roma.

QUESTÃO DE PROVA

(Profe Ale Lopes/Autoral/2023)

"No início, a maioria das embarcações fenícias permaneceu nas águas familiares do Mediterrâneo oriental. Os navios iam até Chipre, distante menos de 250 quilômetros, para negociar o cobre, abundante naquela ilha. A oeste de Chipre, na ilha grega de Rodes, faziam trocas por lã, trazida da Anatólia. No porto egípcio de Mênfis, os fenícios continuavam a permutar com papiro, linho e marfim. Os navegadores começaram a se aventurar cada vez mais para o oeste, ao longo da costa egípcia, e chegaram até as ilhas de Malta, Sicília e Sardenha. As viagens mais arriscadas em alto-mar forçaram os marujos a refinar suas habilidades de navegação. Diz-se que foram eles os primeiros a fazer viagens regulares sem avistar terra e a navegar à noite, guiando-se pelas estrelas. Por volta do século VIII a.C., atravessaram o Estreito de Gibraltar, a 4 mil quilômetros da terra natal, e rumaram para a costa do Marrocos".

TIME-LIFE. Marés bárbaras – 1500-600 a.C. Rio de Janeiro: Cidade Cultural, 1989. p. 101-104. (História em revista). (Texto adaptado.)

De acordo com o texto, é correto afirmar que a expansão da civilização fenícia foi um impulsionada por

a) batalhas navais em meio a guerras de conquista.

b) busca por novos territórios para introduzir a plantation.

c) atividades relacionadas ao comércio marítimo.

d) ataques às cidades mediterrâneas para obtenção de escravos.

e) expedições de exploração para encontrar ouro e pedras preciosas.

Comentários:

Em primeiro lugar, repare que é mencionado o século VIII a. C. Portanto, estamos falando aqui da Idade Antiga (4 mil a. C. - 476 d. C.). Em segundo, note que o tema do texto é a civilização fenícia. Os fenícios eram um povo que habitava a região que hoje é o Líbano, no Oriente Médio. Apesar de não termos como apontar precisamente quando os fenícios surgiram ou passaram a se entender como um povo diferente de seus vizinhos, sabemos que a cidade fenícia de Biblos já era poderosa por volta de 2500 a. C. Os fenícios eram exímios navegadores e fundaram cidades ao longo de toda costa mediterrânea, como o próprio texto

destaca. Um de seus feitos marítimos mais lembrados é ter chegado na Península Ibérica por volta do século VIII, sendo um dos povos que compõem os distantes ancestrais dos portugueses e espanhóis. Com essas considerações em mente, vejamos pelo que a expansão da civilização fenícia foi impulsionada:

a) Incorreta. Os fenícios não eram exatamente um povo conquistador, nem guerreiro. Eles eram navegadores e comerciantes.

b) Incorreta. O sistema de plantation consiste na grande propriedade agrícola, monocultora e sustentada pelo trabalho escravo para produzir determinado gênero em larga escala. Esse sistema só foi concebido entre os séculos XV e XVI, pelos europeus modernos. Portanto, seria anacrônico afirmar que os fenícios estavam disseminando esse modelo econômico no Mediterrâneo.

c) Correta! Como afirmei antes, os fenícios eram navegadores e comerciantes. Sua terra natal, atual Líbano, já era extremamente árida em sua época. Havia poucas terras férteis para o plantio, assim como a disponibilidade de água potável era mínima. Ao leste da Fenícia, havia o deserto. À oeste, o mar Mediterrâneo. Assim, os fenícios desde muito cedo se dedicaram às atividades marítimas e comerciais para conseguir seu sustento. Eles navegavam pela costa europeia e africana do Mediterrâneo, fazendo contatos e negócios com os diferentes povos, ocasionalmente fundando colônias e cidades fenícias em pontos estratégicos que funcionavam como entrepostos.

d) Incorreta. Alguns fenícios atuavam no comércio de escravos, uma vez que boa parte das civilizações antigas com as quais estabeleciam negócios eram estruturadas em formas de trabalho forçado, como o Egito, a Grécia, entre outras. No entanto, eles não eram especializados nisso, nem costumavam organizar ataques para capturar escravos. Eles paravam em portos e se tivessem levas de escravos para serem negociadas, eles negociavam. Caso não, eles negociavam o que estivesse valendo a pena.

e) Incorreta. Eles não buscavam por jazidas de ouro e pedras preciosas, pois não eram um povo minerador. Eles conseguiam essas riquezas por meio do comércio.

Gabarito: “C”

_____

O Reino de Kush foi o berço onde se desenvolveram importantes civilizações e culturas. Teve um papel determinante como elo cultural entre diferentes povos do Mediterrâneo e aqueles da África subsaariana. Dentre suas características destaca-se o modo como o rei era eleito e o papel da mulher na política. Assinale a afirmação verdadeira.

Alternativas

A)O Reino de Kush foi o lendário rival da antiga Núbia africana.

B)A história de Kush está estreitamente ligada à história do Egito.

C)O Reino de Kush não consta nos relatos de Heródoto sobre a África.

D)A economia cuxita foi precária devido à pobreza do solo e à escassez de água.

A) Esta afirmação está incorreta. Kush e Núbia são, em grande parte, termos intercambiáveis para se referir à mesma região e civilização. O Reino de Kush estava localizado na Núbia, não era seu rival.

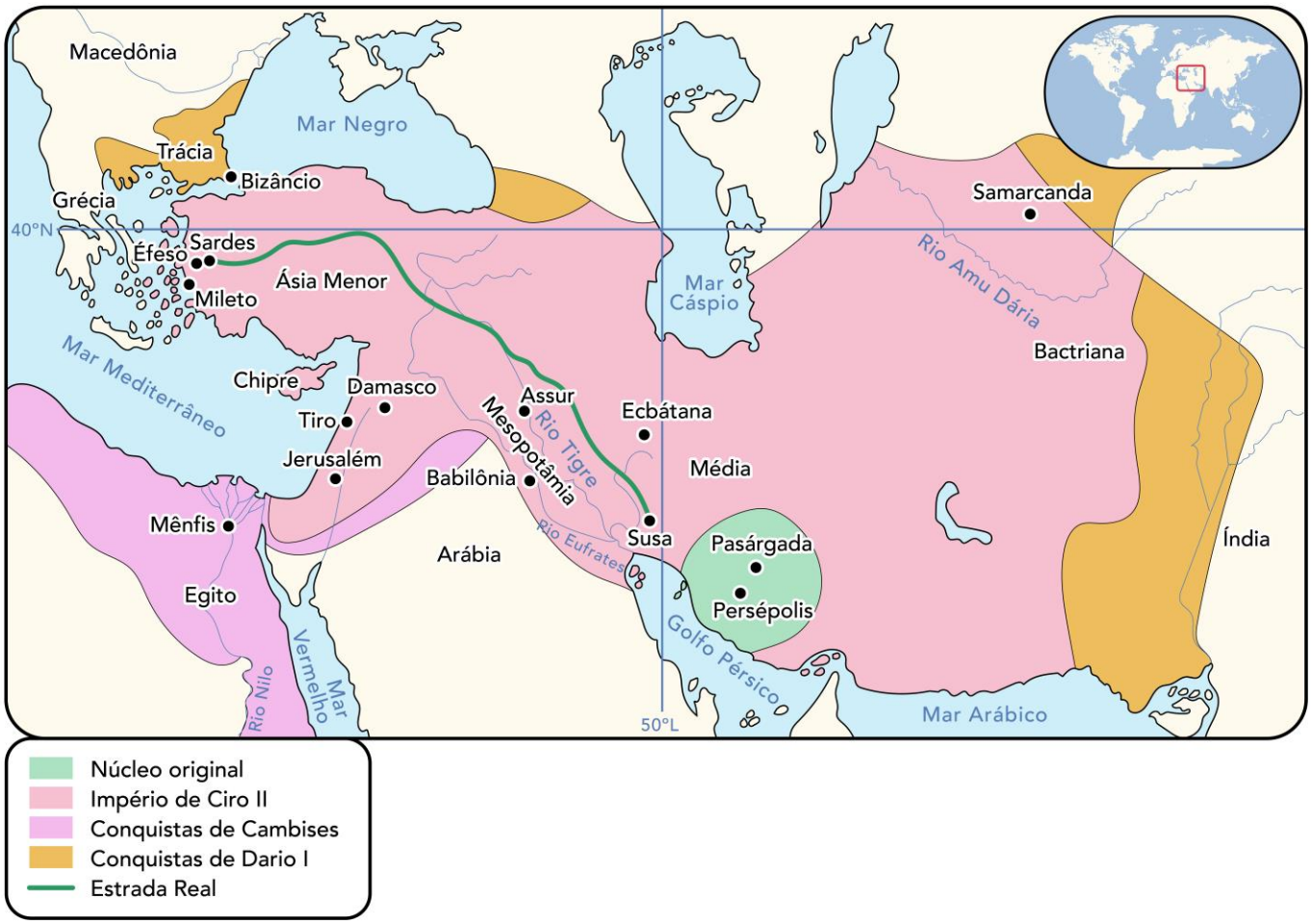
B) Correto. O Reino de Kush teve uma relação complexa com o Egito ao longo de sua história, com períodos de cooperação e conflito. O Egito desempenhou um papel significativo na influência e nas dinâmicas políticas de Kush,

C) Esta afirmação está incorreta. Heródoto, o antigo historiador grego, mencionou o Reino de Kush em seus escritos sobre a África.

D) Esta afirmação está incorreta. Embora a região do Reino de Kush tenha desafios geográficos, como a falta de água em algumas áreas, a civilização de Kush conseguiu desenvolver uma economia sustentável e próspera. Eles aproveitaram o Rio Nilo e sua agricultura, bem como participaram do comércio de materiais valiosos, como ouro, incenso e ébano, contribuindo para sua prosperidade econômica. Portanto, a economia de Kush não pode ser considerada "precária".

Gabarito: B

1.5.3 – Persas



Os **persas**, **cerca de 2000 anos a. C**., chegaram à **região conhecida hoje como Irã**. Ali estabelecidos, desenvolveram atividades primárias da agricultura, como pastoreio e plantio de cereais e frutas.

Possuíam uma **religião dualista**, um deus do bem e outro do mal, conhecida como masdeísmo. A religião persa foi aprimorada com a confecção do livro sagrado, o Zend-Avesta, e passou a ser conhecida como zoroastrismo. Os ensinamentos do masdeísmo foram compilados pelo profeta Zoroastro (ou Zaratustra) que viveu por volta de 628 a.C. e 551 a.C, por isso, o nome da religião - **zoroastrismo**.

Segundo escritos religiosos, Zoroastro teria compilado a religião a partir da fusão das crenças populares das diversas localidades do Império Persa. Essa ligação entre as diversas religiões à essência dualista do masdeísmo foi uma forma de garantir a unidade dos povos.

Mais adiante na linha histórica, entre VI e V a. C., e já como Império liderado por Ciro – o unificador dos povos do planalto do Irã –, a característica expansionista desse povo levou-o a conquistar outras terras. **Sob Ciro, o Império Persa se estendeu até a Mesopotâmia** (lembre-se, entre os rios Tigres e Eufrates) e até a Palestina**. Sob o comando de Cambises, em 525 a. C., os persas conquistaram o Egito.**

O governo persa era do tipo **Teocrático** e o Império possuía uma administração altamente eficiente. Uma das formas de organização territorial desenvolvidas pelos persas foram as províncias, denominadas de **satrapias**. Nas satrapias atuavam os fiscais do rei. Para agilizar a execução de ordens e otimizar a administração do Império Persa foram construídas diversas estradas entre as províncias para ligar as principais cidades, como Susa, Persépolis e Babilônia. Não por menos, Dário I, além de criar uma moeda, o dárico, também instituiu uma espécie de sistema de correios. Economicamente, destacava-se o comércio de sedas, tapetes e joias.

A saga expansionista dos persas, sob o comando de Dário I, sofreu revés nas conhecidas **Guerras Médicas** (como veremos na parte sobre o mundo grego). Dário I tentou conquistar a Grécia, mas o poderoso exército Persa foi derrotado. Em uma segunda tentativa, sob o comando de Xerxes (todo mundo assistiu ao filme ***300***, não?), filho de Dário I, também foi derrotado por Atenas. As derrotas expansionistas e as rebeliões internas nas colônias enfraqueceram o Império Persa até que o declínio completo chegou com a derrota dos persas para o macedônio Alexandre - o Grande**. Em 331 a. C., Alexandre derrotou Dario III** na batalha de Arbelas.

Posteriormente, os persas foram conquistados pelos romanos e, no século VII d. C, os árabes conquistam as terras da região do Irã e fundiram a religião islâmica com a cultura persa.

2. MUNDO GREGO

O estudo do mundo grego é ENORME. Como temos um objetivo - sua aprovação! - vamos FOCAR nos assuntos com maior potencial de cobrança. Combinado? A primeira coisa para estudar Grécia é localizá-la no espaço.

2.1. Introdução

O estudo do mundo grego é um assunto ENORME. Como temos um objetivo - sua aprovação! - vamos FOCAR nos assuntos com maior potencial de cobrança. Combinado?

A primeira coisa para estudar Grécia é localizá-la no espaço. Olhe o mapa acima e faça as anotações que pedi ao lado. É importante você memorizar esse espaço geográfico. PELOPONESO, inclusive é uma região que falaremos em diferentes momentos da história, até o final do nosso curso. MAR EGEU e MAR MEDITERRÂNEO. Alguns falavam que esses mares eram os lagos gregos. Verdade!

Além disso, o relevo dessa região é acidentado e montanhoso, tem um litoral recortado, muitas ilhas e, portanto, não muito favorável à pecuária e agricultura extensiva. Assim, vemos que a formação e desenvolvimento da Grécia esteve relacionado por um lado com as dificuldades para produção agrícola e por outro com as potencialidades desses mares. Portanto, assim como foi com a Mesopotâmia e o Egito, com a

Grécia – e mesmo com Roma – os aspectos geográficos foram determinantes para os homens e mulheres daquele tempo. Dessa forma, os povos gregos desenvolveram a navegação e o comércio marítimo. Esse é o motivo e o sentido da expansão do mundo grego! Perry Anderson, historiador inglês e estudioso do tema, nos ensina em seu livro *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*:

> A água era o meio insubstituível da comunicação e do comércio que tornava possível o crescimento urbano de uma sofisticação e uma concentração bem distantes do interior rural que havia por trás. O mar era o condutor do brilho da Antiguidade. (ANDERSON, P. 1974, p. 21)

Além disso, estudar Grécia, significa compreender a formação das chamadas cidades-estados, ou **polis**. Então, falamos do mundo urbano, propriamente dito. Contudo, não é um urbano que se sustenta política e economicamente, como hoje em dia. Havia uma cidade pública, política, do bem-comum. Os estudiosos relacionam a polis às experiências com a democracia e cidadania. A Ágora e a Acrópole são arquiteturas que representam o fundamento da *res-pública*, república.

Agora que você se apropriou de uma visão panorâmica da Grécia, vamos dar um zoom em alguns aspectos. Preparados?

2.1.1. Periodização histórica I: Pré-homérico, Homérico e Arcaico

Os historiadores convencionaram dividir a história grega em 5 fases as quais veremos ao longo desse capítulo. Por enquanto, tome nota:

I – Pré-Homérico ou Creto-Micênico (1650-1150 a.C.);

II- Homérico (1150-800 a.C.);

III- Arcaico (800-500 a.C.);

IV- Clássico (500 a 338 a.C.);

V- Helenístico (338-146 a.C.).

2.1.2. Formação da Polis

O **período creto-micênico** é o momento originário do mundo grego. Os cretenses viviam na Ilha de Creta e por serem navegadores entraram em contato com aqueus, no litoral sul do Peloponeso (PÁRA, VAI NO MAPA E OLHA DE NOVO SE VC NÃO CONSEGUIU MEMORIZAR ESSAS INFORMAÇÕES, OK 😊). Então, formaram a civilização creto-micênica. Durante muito tempo foram uma grande civilização, inclusive, como ponto de fusão do Crescente Fértil (lembra?).

No entanto, a partir de 2000 a.C., outros povos foram chegando nessa região - como os eólios, os jônios (que se estabeleceram onde é Atenas) e os dórios (que formaram Esparta). A inúmeras invasões foram desintegrando a sociedade creto-micênica. Com a chegada dos dórios, povos com características mais belicistas (espartanos), houve uma dispersão dos povos originários para outras ilhas e regiões do mar Egeu. A esse processo chamamos de **Primeira Diáspora Grega.**

O período **Homérico** que se seguiu foi de retrocesso em relação à complexidade da organização da sociedade. O próprio uso da escrita desapareceu. Os povos se organizaram por famílias ampliadas conhecidas como ***genos*** ou **comunidade gentílica**. A vida se organizava por **laços de cooperação**, a propriedade da terra e a produção eram coletivas e a divisão de tarefas era baseada na idade e no sexo.

Entendeu isso? Agora coloca numa escala temporal de pouco mais de 300 anos. Imagina a roda da história girando. Isso mesmo!! O que vai dar?

- ✓ Haverá aumento populacional porque as famílias vão crescer muito, alguns vão acabar ocupando posições mais importantes - de liderança, fiscalização, controle.
- ✓ Haverá escassez de terras boas e férteis para todo mundo...

Os historiadores conseguiram descobrir que os mais poderosos receberam o nome de *aristoi – os melhores* – e as pessoas comuns eram os *kakoi.* Vocês percebem que aquela velha organização social baseada na família não servirá mais para dar conta de novas necessidades e outras expectativas?

Assim, **ocorreu uma desagregação da vida coletivista das *genos*** e passou-se a uma disputa por terras e status sociais. O chefe máximo, geralmente o mais velho, o pai de todos na árvore genealógica, era o ***pater famílias***. Ele dividiu as melhores e maiores terras com as pessoas mais próximas dele. Estes ficaram conhecidos como ***eupátridas***. Mas, alguns parentes distantes receberam pequenas propriedades. Estes pequenos proprietários receberam o nome de ***georgoi***. Os que ficaram a ver navios foram os ***thetas***, pois foram excluídos da partilha. Especialmente esses foram em busca de outras áreas, por isso, falamos em uma **Segunda Diáspora Grega**. Essa nova realidade social dá origem à formação da **polis,** palavra grega para designar cidade. Nesse momento, começa o **período Arcaico.**

As palavras eupátridas, georgoi, thetas representam as novas classes sociais na polis. Percebam que elas estão relacionadas com a propriedade da terra. Mas, também há os escravos e estrangeiros. 😊

O **período Arcaico**, **que se estende de 800 a 500 a.C**., é conhecido por ter sido o momento da **formação e consolidação da polis**. Agora querido aluno e aluno, pega um café e presta muita atenção porque chegamos no coração do mundo antigo!

Além disso, quero que tatue na mente as funções da cidade estado grega, pois depois faremos a comparação com a cidade medieval, combinado?

Polis - Acrópole

A polis é o centro da vida social e política do mundo grego. Existiam várias polis, ou cidades-estados, por isso, a Grécia não constituiu um Estado centralizado como o Egito ou a Mesopotâmia. **Então não falamos em "estado grego", mas em cidades-estados gregas.** Todas elas eram autônomas, independentes, com características econômicas e sociais específicas, seu próprio governo, leis, calendários, moedas. Tebas, Corinto, Messênia, Mileto, Rodes, Erétria, Mégara são algumas das centenas de cidades-estados gregas. Agora, com certeza, você vai lembrar das mais famosinhas: **ESPARTA E ATENAS.**

Essas duas cidades-estados são dois "tipos-ideais" (modelos) usadas como "estudo de caso" para tentarmos compreender o mundo grego. Além disso, elas tiveram importância porque exerceram certa liderança entre as demais cidades-estados, especialmente, no período clássico (500 a 338 a.C.).

Na polis, existia a **distinção entre o espaço urbano e o espaço rural**. O rural não quer dizer onde se planta, mas aquele espaço que está fora do centro das relações públicas e políticas que ocorrem no urbano – na Ágora. Assim, o rural é o espaço da propriedade privada, da atividade artesanal, da atividade mercantil, da construção dos instrumentos de navegação e de outras produções, enfim, dos interesses econômicos e privados. É o rural que alimenta a cidade, cercados por água. É a economia que possibilita o esplendor econômico da cidade-estado e até mesmo o tempo da atividade política no espaço urbano. Há, portanto, uma relação entre campo-cidade-mar ou, como diria professor Anderson:

> *A combinação específica de cidade e campo que definia o mundo clássico, em última instância, só era operacional porque havia um lago no seu centro...A excepcional posição da Antiguidade clássica entro da História universal não pode ser isolada deste privilégio físico.*

2.1.3. – Os modelos espartano e ateniense

Esparta:

Esparta era uma cidade localizada na Península do Peloponeso, cercada de montanhas e com solo apropriado para o cultivo de uvas e oliveira (vinho e azeite). O povo que deu origem a esta cidade-estado foram os dórios – de tradição militarista. Essa foi sua principal característica.

De fato, ela nunca teve a cidade e, portanto, a política como espaço/atividade mais importantes do seu desenvolvimento. O rural teve maior importância. Por isso, o governo que se desenvolveu foi uma **oligarquia de proprietários de terra** com forma de **DIARQUIA** – dois reis. Apesar disso, havia uma "estrutura parlamentarista" formada por 3 órgãos:

ÁPELA: assembleia formada por cidadãos espartanos maiores de 30 anos. Elegiam os membros da GERUSIA e da ÉFORA;

GERÚSIA: conselho de anciãos, formada pelos 2 reis mais 28 esparciatas com mais de 60 anos. Os cargos eram vitalícios;

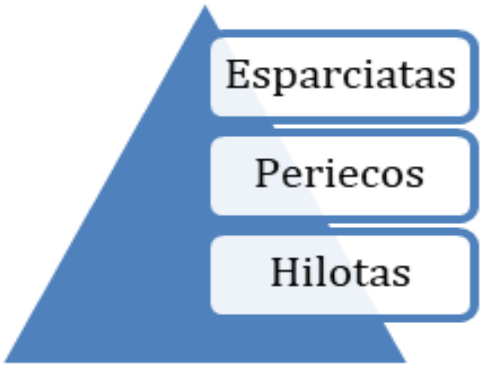
ÉFOROS: conselho executivo, formado por 5 membros com cargo de 1 ano.

Os proprietários de terras eram conhecidos como **esparciatas**. Cuidado com essa noção de propriedade!!! Não se tratava de propriedade individual, mas familiar. Além disso, era inalienável. Os esparciatas tinham a obrigação de permanecer à disposição do exército e das funções públicas. Mas, não poderiam exercer o comércio. Nas suas terras quem trabalhava eram os **hilotas.** Estes viviam presos à terra.

Por isso, eram: responde aí, Galera!!!_____

Servos, profe!!!

Isso mesmo querido e querida! Não eram escravos porque não eram considerados mercadorias, nem se tornavam escravos por dívidas. Como servos, eram desprezados socialmente e viviam fazendo revoltas. Apesar disso, também existiam homens livre e não proprietários, eram os **periecos**. Muitas vezes eram nascidos em Esparta de pais estrangeiros. Não eram cidadãos porque não tinham direitos políticos, contudo, poderiam realizar o comércio e o artesanato. E, claro, pagavam tributos ao governo espartano!



Essa estrutura social apresentada acima demonstra que a sociedade espartana era fechada, ou seja, rigidamente hierarquizada e sem possibilidade de mobilidade social.

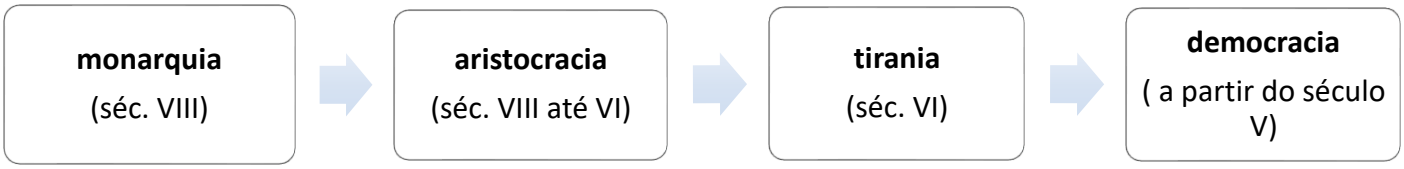
Educação Espartana

A educação espartana era estatal, dividida por sexo e preparava homens para as funções militares e públicas. Os princípios eram: preparação física e obediência. Os meninos a partir dos 7 anos eram separados de suas famílias e colocados sob a responsabilidade do Estado para receber a formação militar. Aos 18 anos tornavam-se hoplitas – soldados de infantaria que já andavam armados de lança, escudo e armadura. Entre os 18 e 30 anos, ele deveria se dedicar exclusivamente às atividades militares. Chegado seu 30°. aniversário poderia se casar e, finalmente, dedicar-se às atividades políticas – que eram indissociáveis das atividades militares. Ao tornar-se idoso aos 60 anos estava dispensado das obrigações militares e poderia compor a Gerúsia. Fique atento a essa relação entre Estado e Exército. Na verdade, as duas instituições compõem um único órgão diretivo da sociedade espartana. Já às mulheres cabia apenas a educação física, também de responsabilidade estatal, para fortalecimento do corpo e demais necessidades do meio social, como garantir o nascimento de crianças sadias e robustas.

Atenas:

Atenas foi fundada pelos jônios na Planície da Ática (olha lá no mapinha do começo do ponto 3.5.). O solo dessa região era pouco fértil e essa condição acabou por estimular os atenienses nas atividades marítimo-mercantil. Tornaram-se excelentes marinheiros e, em alguns momentos, dominaram o comércio pelo Mediterrâneo.

Diferentemente de Esparta, em Atenas, o centro da vida social é o urbano, a **Acrópole**. Contudo, nem sempre foi assim. A história de Atenas é mais complexa e diversificada – e tem mais coisas para estudar. Geralmente, adotamos a perspectiva política para explicar a evolução no seguinte sentido:



Esse enfoque é em razão da contribuição dos pensadores, como Aristóteles. Vamos ver um pouquinho de cada período:

Até meados do século VIII a.C. Atenas era governada por um rei, por isso, era uma **Monarquia**. Essa forma de governo ainda guardava relação com o *pater-famílias,* pois este concentrava as funções de sacerdote, juiz e chefe militar. Com o passar dos tempos, o poder foi se desconcentrando e sendo transferido para os maiores proprietários de terras: **os eupátridas** (lembram?). Assim, chegamos ao Governo da **Aristocracia.**

Os poderes que antes ficavam nas mãos do rei passaram a ser exercidos por meio de um órgão chamado **Arcondato.** Os mandatos eram anuais e fiscalizados por um outro órgão conhecido como **Areópago.** Como esses órgãos só poderiam ser ocupados por eupátridas, podemos afirmar que eles constituíam o grupo social privilegiado, já que detinham o poder econômico e político. Além disso, esse privilégio se refletia em outras áreas. Por exemplo, os eupátridas emprestavam dinheiro aos pequenos proprietários rurais que, em caso de não pagamento das dívidas, viravam escravo dos eupátridas.

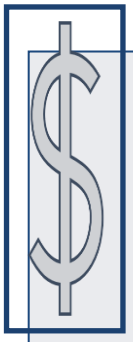
Contudo, como falamos acima, as atividades econômicas em Atenas eram dinâmicas, com forte presença do comércio marítimo. Pensa comigo: este tipo de economia estimulava uma "cadeia produtiva" diversificada. Era preciso fazer barcos, construir portos, contratar carregadores, contabilizar as exportações, entre outros. **Assim, em terras atenienses, a estratificação social tornou-se mais complexa que em Esparta**. Muitos comerciantes, marinheiros, trabalhadores livres se enriqueceram. Entre estes, surgiu um forte grupo de comerciantes que tinham negócios em todo Mar Mediterrâneo. Eram conhecidos como **demiurgos**.

Diante dos abusos e da concentração de poder e privilégios da aristocracia, começou uma série de revoltas. As exigências eram por reformas políticas e sociais: **fim da escravidão por dívida e participação política no governo da cidade.**

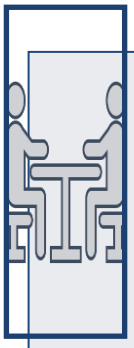
Essa instabilidade gerou riscos para o sistema aristocrático. Nesse contexto de tensão social, alguns legisladores (arcontes) propuseram reformas a fim de amenizar o quadro político crítico. **São as conhecidas Reformas de Dracon, Sólon e Clístenes**

- **Dracon (621 a.C)** sugeriu a instituição de **leis escritas** para garantir igualdade nos procedimentos judiciais e na organização da sociedade a fim de minimizar os abusos cometidos pelos aristocratas que eram os únicos que conheciam as leis e que, por serem orais e baseadas em costumes, poderiam sofrer diferentes interpretações e usos a depender dos interesses envolvidos nos conflitos entre as partes.
- No mesmo contexto, o arconte **Sólon (594 a.C)** propôs uma Reforma Política mais ampla. Vamos sistematizar:

I- **Acabou com a escravidão por dívida**. Isso atendeu às exigências dos pequenos proprietários que ganharam liberdade;



II- **Dividiu a sociedade por renda**, ou, de forma censitária. Essa medida possibilitou a ascensão dos ricos comerciantes – os demiurgos;



III- **Criou novos órgãos de poder**: a BULÉ – 400 membros com função legislativa e administrativa; a ECLÉSIA: assembleia popular formada aberta a TODOS os cidadãos atenienses com função de sancionar ou vetar uma lei.

Como era de se esperar, essas reformas contrariaram os interesses de alguns eupátridas que não queriam mudanças no *status quo* (ordem vigente) e, por isso, resistiram a aprovar e implementar as mudanças propostas. **Portanto, o quadro de tensão político-social continuou.**

- Nesse cenário, ascende ao poder **Clístenes (510 – 507 a.C)** que, diferentemente dos seus antecessores, propôs um conjunto amplo de reformas baseadas nas medidas de Sólon. É assim que foi se constituindo o estabelecimento das instituições e dos princípios democráticos. Vamos ver?

Divide Atenas em 10 tribos, por região – ou seja, acabou com o critério censitário;

↓

BULÉ com 500 membros com função de legislativo e deliberativo, sendo 50 de cada região de modo a garantir a representação de todo o povo;

↓

ECLÉSIA formada por **todos os cidadãos** com o poder propor lei. Uma forma de assembleia popular.

Todas as pessoas que moravam em Atenas eram cidadãs atenienses?

Você já deve estar careca de saber que não, né! Então, quero mesmo lembrar você de que a democracia ateniense era restrita. **Apenas eram cidadãos filhos de pais e mães atenienses, homens maiores e 18 anos que vivessem em Atenas**. Veja que Atenas se fechava para o mundo exterior ao mesmo tempo em que guardava com zelo o status de pertencimento à cidade. Afirma o professor Norberto Luiz Guarinello:

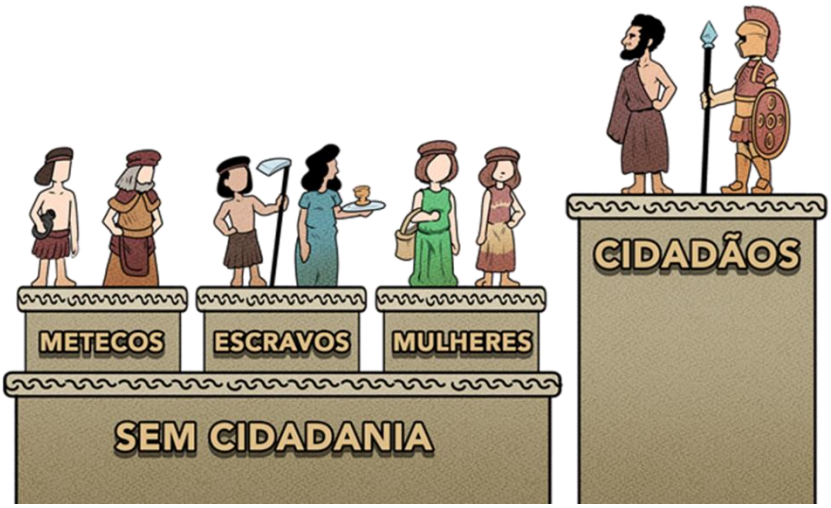
"Pertencer à comunidade era participar de todo um ciclo próprio da vida cotidiana, com seus ritos, costumes, regras, festividades, crenças e relações pessoais."[3] *. No entanto, esse processo implicava necessariamente a definição do" outro" e sua exclusão.*

Quando falamos em **participação política na Grécia**, alguns excluídos eram atenienses, nascidos em Atenas.... melhor dizendo: nascidas! As mulheres eram consideradas indivíduos incapazes de exercer a racionalidade necessária para a política. Aristóteles, por exemplo, parte de um pressuposto sobre uma

[3] GUARINELLO, Norberto Luiz. Cidades-estado na Antiguidade Clássica.in. História da Cidadania. Ed. Contexto, 2010. p. 35.

possível condição de subalternidade da mulher ligada à sua função maternal e seu papel na organização da família.

Portanto, embora considerada diferente dos escravos e dos estrangeiros, à mulher estava reservado o espaço privado da vida familiar, fora da cidade e, também, da política.



ESCRAVIDÃO e ÓCIO EM ATENAS

Existiam muitos escravos em Atenas. Diferentemente de Esparta, onde os inimigos de guerra eram mantidos como servos coletivos do Estado, os escravos eram negociados em pontos de comércio. Poderiam ocupar diferentes posições na sociedade ateniense, a depender das suas habilidades. Havia escravos professores, cozinheiros, pedreiros, agricultores, mineiros, artesãos entre outros. Mas, havia casos em que o escravo conseguia ter alguma fonte de renda própria e comprar sua liberdade. Além disso, é importante ressaltar o binômio escravidão/ócio. Na Atenas Clássica, especialmente, o trabalho escravo tinha importância social ao conceder tempo livre aos homens livres. Assim, os atenienses poderiam realizar atividades políticas na Assembleia, dedicar-se à contemplação do mundo e dos homens e, com isso, escrever sobre filosofia, literatura e artes. Muitos filósofos viam como uma virtude a origem econômica abastada dos atenienses em oposição ao trabalho realizado para sobrevivência, pois os primeiros teriam tempo para cultivar sua excelência moral e intelectual (areté), enquanto os outros seriam "escravos" da sua condição econômica e, por isso, nunca alcançariam o grau de excelência necessário à pratica da cidadania e da vida pública.

Agora quero que você preste atenção no próximo tópico sobre a relação entre polis e política e reflita sobre a seguinte afirmação:

Uma cultura democrática, com instituições democráticas, possibilitou que houvesse em Atenas a pacificação política, o crescimento econômico e o alvorecer de um tempo de esplendor.

✓ Essa afirmação faz sentido para você?

Vamos para o próximo tópica para articular essa ideia.

2.1.4. Polis e Política

A cultura grega, considerada o berço da cultura Ocidental, desenvolveu-se na polis. Observando o sistema político em Atenas, o estudioso francês Jean-Pierre Vernant afirma que o aparecimento da polis foi um acontecimento decisivo no desenvolvimento da política como técnica do debate público e da palavra como instrumento de poder. **É o processo de invenção da noção filosófica de política**, meus caros e minhas caras!!

Portanto, quando falamos em polis estamos tratando não apenas de um lugar, mas de um **"modo de vida"**. **Péricles**, grande líder político e militar da época, no APOGEU da hegemonia ateniense sobre a região, discursou:

"...olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas dos seus interesses, mas como um inútil...decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos para compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, mas sim o fato de não estar devidamente esclarecido sobre o debate antes de chegar a hora da ação. "

Percebe **a noção de bem comum e público que se atribuía a forma de organizar a vida na cidade?** Daí a noção de **políticas públicas**, por exemplo, e também de **democracia** e **cidadania** – um governo de todos no qual todos decidem e, para isso, precisam estar preparados.

Na Atenas de Péricles, os "alienados" (homem alheio às atividades públicas, segundo Péricles) eram banidos da cidade – era a chamada **pena de ostracismo**. Podemos afirmar que os gregos "inventaram" um ideal de comunidade, de indivíduos responsáveis uns com os outros e com o espaço em que vivem.

Os gregos tinham como pressuposto a ideia de um homem racional e político capaz de fazer uma escolha baseada na força da persuasão de distintos argumentos. Percebemos, então, nesse espaço comum, **o princípio da publicidade da política**. A Ágora – uma espécie de praça – era o lugar do debate. Assim, os assuntos só poderiam ser resolvidos se as pessoas – chamadas de cidadãos – tivessem o conhecimento das informações necessárias à tomada de decisão. Essa exigência de publicidade de informações coloca sob o olhar público não apenas as informações, mas as condutas das pessoas e seus interesses. Era a possibilidade do **controle público sobre os líderes políticos** – estes estavam, portanto, sujeitos à crítica e controvérsia.

Diz o professor Vernant: *"A lei da polis, por oposição ao poder absoluto de qualquer monarca, exige que umas e outras sejam igualmente submetidas à "prestação de contas".*

Polis: a palavra e a política

"O aparecimento da polis constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. (...) por ela, a vida social e as relações entre os homens tomam uma nova forma, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos. O que implica o sistema da polis é primeiramente uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder. A arte da política é essencialmente um exercício de linguagem. Uma segunda característica da polis é o cunho de plena publicidade dada às manifestações mais importantes da vida social. (...) A cultura grega constitui-se, dando a um círculo sempre mais amplo – finalmente ao demos todos – o acesso ao mundo espiritual, reservado, no início a uma aristocracia (...). Doravante, a discussão, a argumentação, as polêmicas tornam-se as regras do jogo intelectual, assim, como do jogo político. "(VERNANT, Jean-Pierre. As origens do pensamento grego, Difel. 1984)

O PAPEL DAS MULHERES EM ATENAS E ESPARTA

Quando estudamos o papel das mulheres em Atenas e em Esparta nos deparamos com algumas aparentes contradições em relação àqueles modelos políticos estudados. Afinal, poderíamos pensar: estado democrático igual mais liberdade para todos, inclusive para as mulheres; estado militarizado mais opressão e violência, inclusive para as mulheres. Pois é, mas a história da Grécia não cabe em quadradinhos pré-estabelecidos. Atente-se a isso, pois as provas adoram trabalhar com estas aparentes contradições. Leia e reflita!!

Partindo do senso comum, Atenas era um bom lugar para a mulher viver já que foi o berço de uma sociedade democrática. Infelizmente, essa afirmação é uma "fake news", pois desde aquele contexto histórico a construção do Estado e as relações sociais baseavam-se no patriarcado. Ou seja, a mulher não tinha vez. Não tinham espaço nas decisões político-sociais porque sua cidadania era negada. Quando criança, ela era mantida em um quarto isolado do resto da casa chamado "gynakeion" de onde praticamente não saia. Quando saia desse quarto, era necessário estar acompanhada por algum homem. Assim, era educada a contemplar sua obrigatória aptidão ao mundo doméstico. Quando jovem, era destinada ao seu único dever cívico-religioso de se casar e gerar filhos. Havia tradições nesse tipo de vida: a traição - e até mesmo as relações extraconjugais -, por exemplo, eram comuns ao homem. Já para mulher, era considerada um absurdo. O marido poderia pedir o divórcio ou matá-la em praça pública, simples assim.

Em Esparta, por outro lado, mesmo que existisse o patriarcado a vida das mulheres se diferenciavam do resto das cidades-estados. A sociedade era militarizada. Dessa forma, enquanto o homem se encarregava de assuntos ligados a guerra, a

mulher era quem organizava a cidade e gerava filhos para o exército. Assim, ela tinha o papel de planejar a economia e a agricultura. Elementos muito importantes para qualquer sociedade. Em decorrência desse papel, as mulheres tinham o direito de propriedade, chegando a possuir mais de um terço das terras espartanas. O Estado, portanto, valorizava uma boa educação ao sexo feminino: aprendiam artes, como dança e música, e eram ensinadas a ler e escrever desde pequenas. Além disso, o corpo era ultra valorizado pelos espartanos! Então, as mulheres praticavam esportes, competiam em torneios e recebiam o devido preparo físico. Outro ponto importante era o casamento: ele não era opressivo como era para a mulher ateniense. Isso porque não eram vistas como propriedade do homem, por isso, tinham a liberdade de se separar sem perder seus filhos e bens materiais.

(Professora Alê Lopes/Autoral/2023)

O estudo da história grega nas últimas décadas tem sido dominado pelo conceito da Polis. Esta tendência tomou duas formas distintas, mas intimamente ligadas. No nível micro, a visão da Polis como um "clube" de cidadãos homens e adultos que tende a enfatizar uma série de polaridades insuperáveis como características fundamentais da história social, econômica, política e cultural grega: cidadão vs. estrangeiro, macho vs. fêmea, livre vs. escravo, grego vs. bárbaro. No nível macro, o próprio conceito da polis grega acabou por desempenhar o papel de sujeito da história grega.

(VLASSOPOULOS, Kostas. Beyond and Below the Polis: Networks, Associations, and the Writing of Greek History. Tradução e adaptação: SILVA, Barbara C.L. da. Mare Nostrum.)

Baseado no enunciado acima e em seus conhecimentos, é correto afirmar:

a) Para os gregos, a Pólis era o espaço de liberdade e política de todos os que integravam o território.

b) a Pólis se tornou sinônimo de história política da Grécia, pois foi lá que os gregos inventaram o modelo de democracia vigente até os dias atuais, na maioria das sociedades contemporâneas.

c) a visão da Pólis como um “clube” de cidadãos homens e adultos, reforça o modelo excludente de democracia representativa criada na Grécia, onde apenas os atenienses ricos podiam se candidatar.

d) A pólis era mais do que apenas um centro urbano, pois incluía também áreas rurais, vilas e até mesmo colônias estabelecidas por uma cidade-Estado.

Comentários:

a) Errado, conforme destacado no texto, a Pólis era palco de grandes polaridades. E apenas os considerados cidadãos (homens adultos atenienses e filhos de pais atenienses) faziam política na cidade. Os demais habitantes do território (mulheres, escravos e metecos) não tinham direitos políticos.

b) Errado, embora tenha sido realmente os gregos que inventaram a democracia, não foi o mesmo modelo vigente até os dias de hoje. Na Grécia a democracia era direta, ou seja, cada cidadão que tinha direitos políticos podia votar diretamente sobre os temas da cidade na Ágora.

c) Errado, a democracia era realmente excludente, pois conforme mencionado acima, excluía mulheres, metecos e escravos. Mas não se tratava de uma democracia representativa e sim direta, como vimos acima.

d) Correto, a Pólis não se resumia a um pequeno centro urbano, era a unidade política fundamental da sociedade grega e representava uma comunidade autossuficiente, incluindo a cidade central e seu território circundante.

Gabarito: D

2.1.5. Periodização II: Clássico

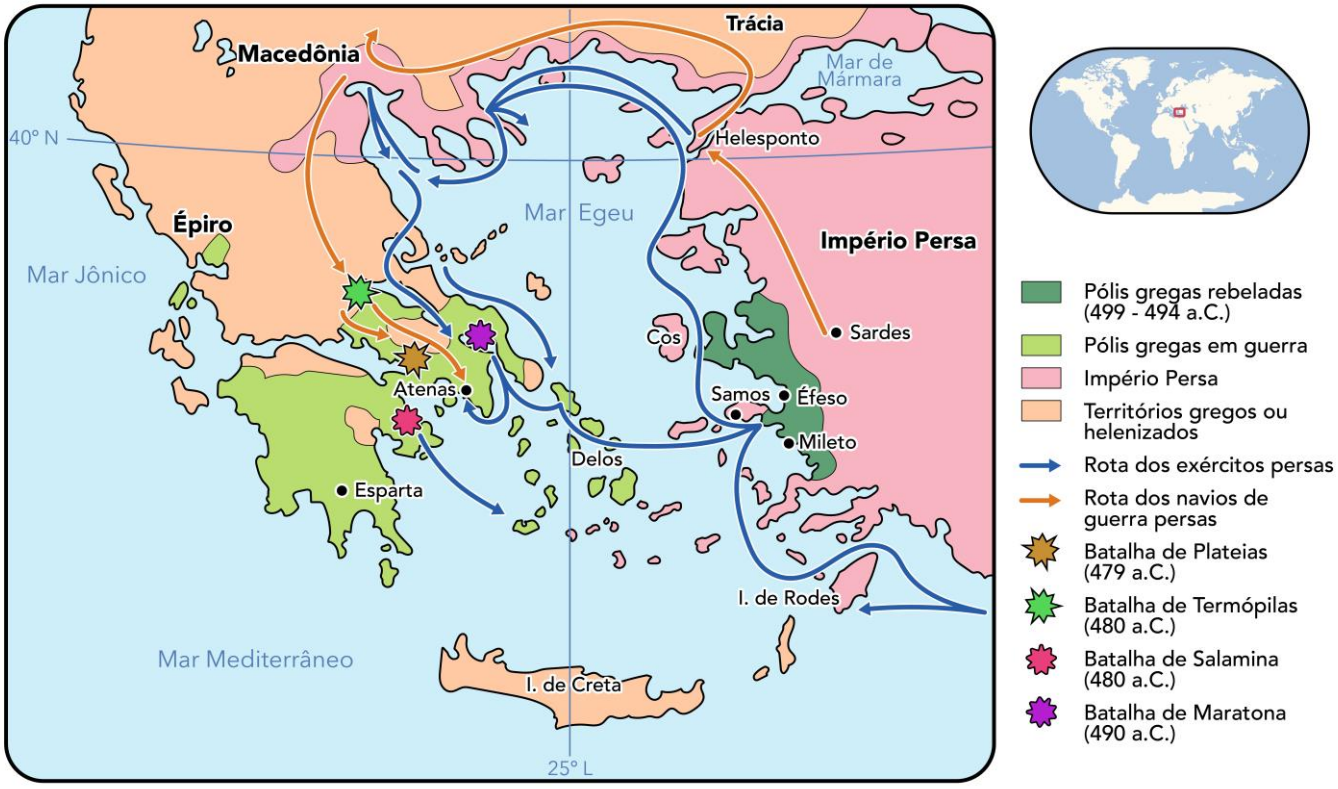
O **período clássico (V e IV a.C)** é palco do apogeu e da decadência do mundo grego. Foi marcado por guerras entre gregos e persas (**Guerras Médicas**) e dos gregos contra si mesmos (**Guerra do Peloponeso**).

Como falamos no capítulo sobre Antiguidade Oriental, **os Persas conquistaram a Mesopotâmia, em 539 a.C., e depois o Egito, em 525 a.C**. Dessas incursões, eles se estabeleceram na costa leste do Mar Egeu – na Ásia Menor. Evidente que o próximo passo era conquistar a Grécia, concorda? Você consegue visualizar? A questão para as cidades-estados gregas era que os persas, na verdade, formavam um Império centralizado, com muitas conquistas e um exército com recursos muito superiores. Essa situação impôs aos gregos a necessidade de se unirem a fim de derrotar o inimigo comum. Como consequência, **reforçou-se a ideia da identidade cultural grega** e **sua superioridade em relação aos povos da Pérsia**. Memorize essa interpretação! Agora vamos fazer uma panorâmica desse conflito.

A **Guerra Greco-Pérsica - ou Guerras Médicas - ocorreu entre 499 e 475 a.C.** Os motivos desse conflito entre gregos e persas estão relacionados com a disputa pelo controle comercial sobre a Ásia Menor e a Península Balcânica.

Primeiro, o Imperador Dário I atacou Atenas. Detentores de grande conhecimento marítimo e estratégias militares superiores, os atenienses venceram Dário na famosa **Batalha de Maratona**. Atenas ganhou muita importância e prestígio no mundo grego e isso possibilitou certa liderança em relação às outras cidades.

Em 480 a.C, o herdeiro do Império Persa – o lendário Xerxes – atacou novamente a Grécia. Como estratégia, tentaram bloquear as rotas marítimas – tão bem conhecidas por Atenas. Assim, nesse episódio, Esparta foi fundamental para defender a Grécia, na conhecida Batalha de Termópilas (essa história é contada no filme **300**). O Rei-General espartano Leônidas, e seus 300 bravos guerreiros, retardaram o avanço persa sobre a Ática. Apesar disso, Xerxes invadiu Atenas, mas perdeu na **Batalha Naval de Salaminas**. Estava selado o destino dos persas e **em 475 a.C. foram definitivamente derrotados.**



NÃO FICA PERDIDO:

546 a.C.: os persas conquistaram as colônias gregas no litoral da atual Turquia.

– I Guerra Médica:

496 a.C.: rebelião dos gregos contra o domínio persa com o apoio de Atenas – os persas decidem invadir a Grécia

490 a.C.: Batalha de Maratona – vitória grega

– II Guerra Médica:

480 a.C.: Batalha de Termópilas – vitória persa

480 a.C.: Batalha de Salamina – vitória grega

479 a.C.: Batalha de Platéia – vitória grega

No final desse processo, a aliança estratégica entre os gregos se ampliou e eles formalizaram a **Liga de Delos.** Tratava-se de uma união militar financiada pelas cidades-estados participantes. Como Atenas havia se tornado uma liderança entre suas parceiras, ela passou a administrar os recursos da Liga. Ao final da Guerra Greco-Pérsica, os atenienses insistiram na manutenção da Liga como forma de fortalecer a proteção à Grécia contra outras tentativas de invasão. Mesmo não muito satisfeitas, as cidades-estados aderiram à proposta.

O desenrolar dessa história está justamente no modo como Atenas conduziu a Liga. Ela passou a transferir recursos da Liga diretamente para Atenas o que permitiu a reforma urbana da cidade e a construção de grande parte dos monumentos arquitetônicos que existem até hoje, na Grécia. **Foi a época de ouro de Atenas, momento em que era governada pelo famoso Péricles, entre 461 e 429 a.C**. Houve um esplendor cultural, artístico, filosófico e econômico naquela cidade-estado. Os membros da Liga questionaram essa situação e foram reprimidos militarmente.

Assim, surgiu uma outra Liga formada por cidades-estados que se opuseram ao que alguns historiadores chamam de **"imperialismo ateniense"**: a **Liga do Peloponeso**, liderada por Esparta.

Entre 431 e 404 a.C., Esparta e Atenas arrastaram praticamente todas as cidades-estados para um conflito que ficou conhecido como **Guerra do Peloponeso.** Esparta sai vitoriosa dessa guerra. Anos depois, em nova disputa por hegemonia na região, Tebas supera Esparta. Uma série de outros conflitos internos marcaram a continuidade dessa história.

Essa experiência histórica de conflitos internos marca a **fragmentação e decadência do Mundo Grego**. O final desse processo se dá com a conquista da Grécia pelos Macedônios, **em 338 a.C., na Batalha de Queroneia.**

Entre as causas do declínio das cidades-estado (polis) da Grécia, é possível destacar o(a):

a) invasão e dominação persa;

b) rivalidade entre as cidades e a disputa pela hegemonia grega;

c) expansão cartaginesa pelo Mediterrâneo;

d) expansão do Império Romano;

e) desaparecimento e morte dos principais reis gregos, quando retornavam da Guerra de Tróia.

Comentário : Queridas e queridos, questão fácil. Qual a causa do declínio da Grécia? O conflito entre elas mesmas. Memorize isso!

Gabarito: B

Cultura na Grécia

Quando falamos em cultura grega, temos que ter em mente **o antropocentrismo e o racionalismo** como primados do pensamento clássico. O homem grego era a medida de todas as coisas, como diria o sofista Protágoras. Mesmo antes desse momento, por meio de lógicas racionais de pensamento, os primeiros filósofos – como Tales de Mileto e Anaximandro – defendiam que os elementos básicos da natureza (como fogo, água, terra, ar) eram geradores de todas as demais coisas. Foi Sócrates que criou a maiêutica – método (racional) de perguntas e respostas para alcançar a sabedoria, enquanto Platão e Aristóteles "discutiam" se o mundo real e o mundo das ideias eram ou não independentes um do outro.

Mesmo a religião grega politeísta já trazia a visão do homem como centro de tudo. Os Deuses gregos estavam a serviço do homem e com eles compartilhavam virtudes e vícios, vingavam-se e traiam, arrependiam-se e se corrigiam. Havia um caráter cívico na religião.

Segundo os especialistas nesse assunto, o desenvolvimento e as características da cultura, da filosofia e da literatura acompanham o próprio desenvolvimento da história de Atenas. Foi no período de ouro de Péricles - a democracia ateniense – que ocorreu o esplendor cultural da Grécia, pois a riqueza criada em Atenas resplandecia e influenciava toda a Heladé[4].

Assim, a literatura e o teatro grego (quer seja **drama ou tragédia**) têm forte cunho histórico e político. Lembram que a divisão da história do mundo grego tem como nomes Pré-Homérico e Homérico? Então!! Homero teria sido um literato grego que escreveu as **epopeias** Ilíada e Odisseia contando a saga de personagens míticos e heróis gregos nos processos históricos de formação daquele mundo. No teatro, Esquilo foi "o pai da tragédia", e escreveu sobre os conflitos com os persas. Sófocles escreveu Antígona que é uma das peças gregas mais reproduzidas no mundo até hoje e fala sobre valores e virtudes daquela

[4] Heladé é como os gregos se referiam a própria região da Grécia.

sociedade. Os gregos ainda criaram a comédia para criticar as questões sociais. Vale lembrar a peça *Lisístrata*, de Aristófones, a qual se passa em 411 a. C. e discute o papel da mulher na Grécia, o conflito entre Atenas e Esparta, entre outros assuntos. O fio da narrativa é uma greve de sexo das mulheres.

Assim, não podemos separar os elementos culturais dos elementos religiosos, políticos e sociais vividos pelos atenienses naquele momento. Pegou? Estude!

Jogos Olímpicos: identidade e cultura

Os Jogos Olímpicos, na Grécia, eram realizados em Olímpia (veja no seu mapa) e oferecidos aos deuses, especialmente a Zeus. Data do século VIII a.C a primeira Olímpiada. Eram muitas modalidades. Algumas conhecemos até hoje: corrida, arremesso, lutas corporais, salto à distância. Mas, também havia competição de música e poesia. Tratava-se, em realidade, de uma competição de excelência e superação de limites. E, na cultura grega, o corpo e a alma são partes de um ser todo e indivisível, por isso, devem estar em harmonia. A expressão grega para isso é *kalós kagathós*: a busca do Belo e do Bem.

Por isso, quando pensamos em jogos olímpicos, na Grécia antiga, pensamos na formação ampla do homem grego, na noção de areté – a excelência física e moral. De certa forma, a vitória nos jogos era a demonstração da superação de todos os limites da excelência. Um herói! A especialista em literatura grega antiga, Cristina Rodrigues Franciscato, escreve uma curiosidade que compartilho com vocês:

"Conta Heródoto (História, VIII, 26) que, durante a guerra entre gregos e persas, alguns desertores gregos foram levados à presença de Xerxes, o grande rei. Ele desejou saber o que faziam seus inimigos naquele momento. Eles contaram que os gregos realizavam competições atléticas e hípicas em Olímpia. Alguém perguntou qual era o prêmio disputado pelos concorrentes e eles responderam que era a coroa de folhas da oliveira sagrada, conferida ao vencedor. Então, um dos oficiais exclamou, dirigindo-se ao general: "Ah! Mardônio, contra que espécie de homens nos faz guerrear, que não competem por dinheiro, mas pela excelência"[5].

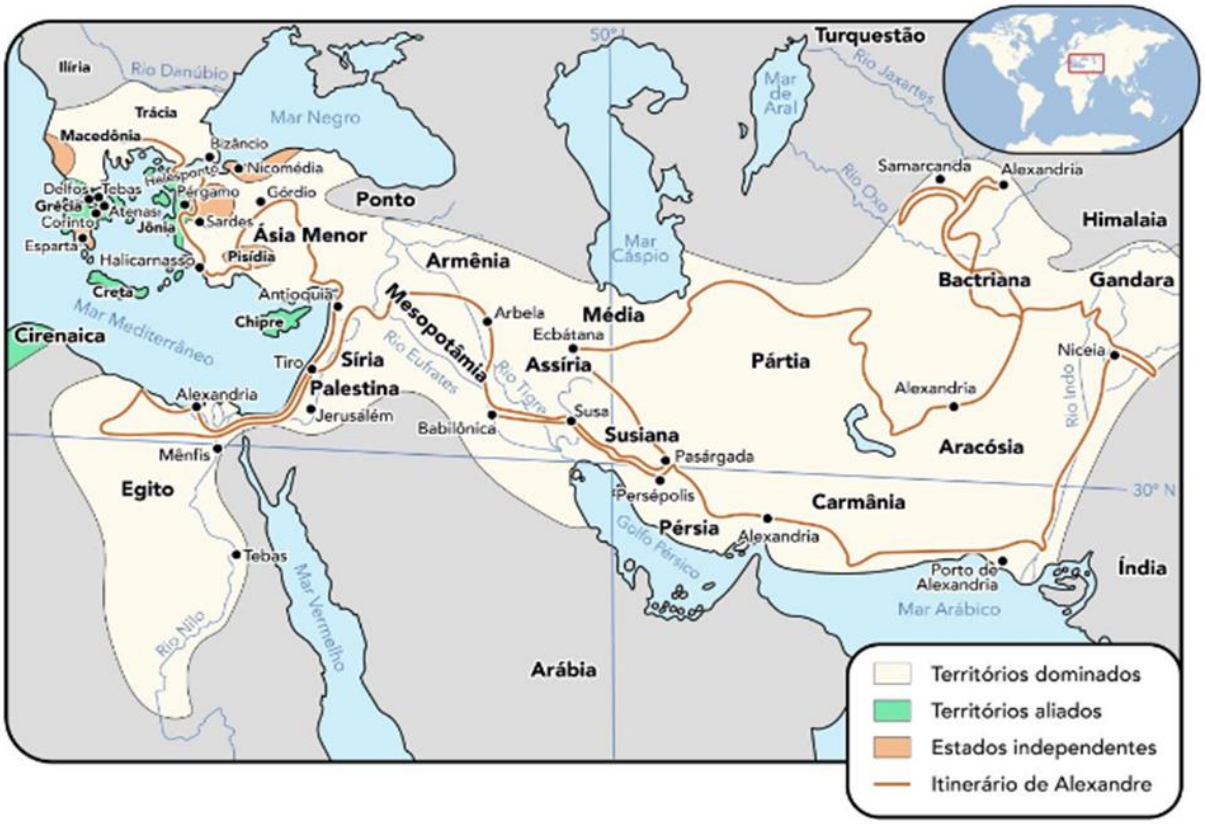
[5] Disponível em: http://www.arete.org.br/artigos/nucleo/jogos-olimpicos. Acesso em *acesso: 31/01/2019.*

2.1.6 Período Helenístico

O **período Helenístico (IV a II a.C)** é marcado pelo domínio dos macedônios sobre os gregos. O rei da Macedônia, Felipe II, e depois seu filho - Alexandre, o Grande -, conquistaram e ampliaram sua dominação sobre a região. Contudo, os macedônios deram muitas demonstrações de sua admiração e respeito pelo legado cultural, artístico e filosófico da Grécia. Aristóteles chegou a ser professor de Alexandre. Por isso, incorporaram diversos elementos da cultura grega e tiveram como política disseminá-la pelas regiões que foram conquistadas por Alexandre. **Assim, do contato entre a cultura grega e a cultura oriental nasceu a cultura helenística.**

O império alexandrino se fragmentou territorialmente com sua morte. Entretanto, o legado que ele deixou foi muito importante, pois, fundou diversos centros de difusão da cultura helenística, como Alexandria no Egito, Pérgamo na Turquia e a Ilha de Rodes no Mar Egeu.

Diante desses processos históricos, querido aluno/aluna, chegamos ao final da primeira parte sobre a História Antiga. Falamos de **mesopotâmicos**, **egípcios**, **hebreus**, **fenícios**, **persas**, **gregos**. Vimos que eles se cruzaram, conviveram, guerrearam, disseminaram conhecimento e cultura. Nossa! **Começamos por volta de 4.000 a.C. e terminamos por volta de 300 a.C.** Demos uma grande volta pela história!



3. ROMA

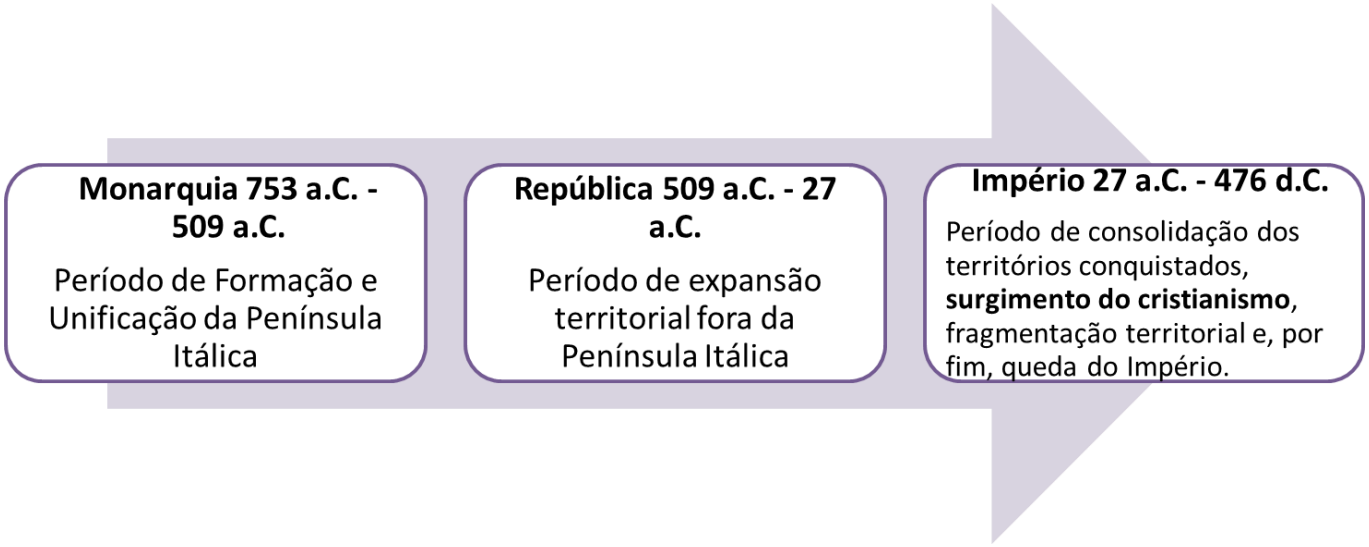
Para começar o assunto vou te fazer uma pergunta: você acha que Roma é importante para o mundo Ocidental atual?

- Aí, não sei profe!!!!

Então, querida e querido aluno, pense sua vida sem a língua portuguesa, sem o sistema jurídico e sem o cristianismo? Imaginou? Pois é... essas coisas todas são legados do Mundo Romano.

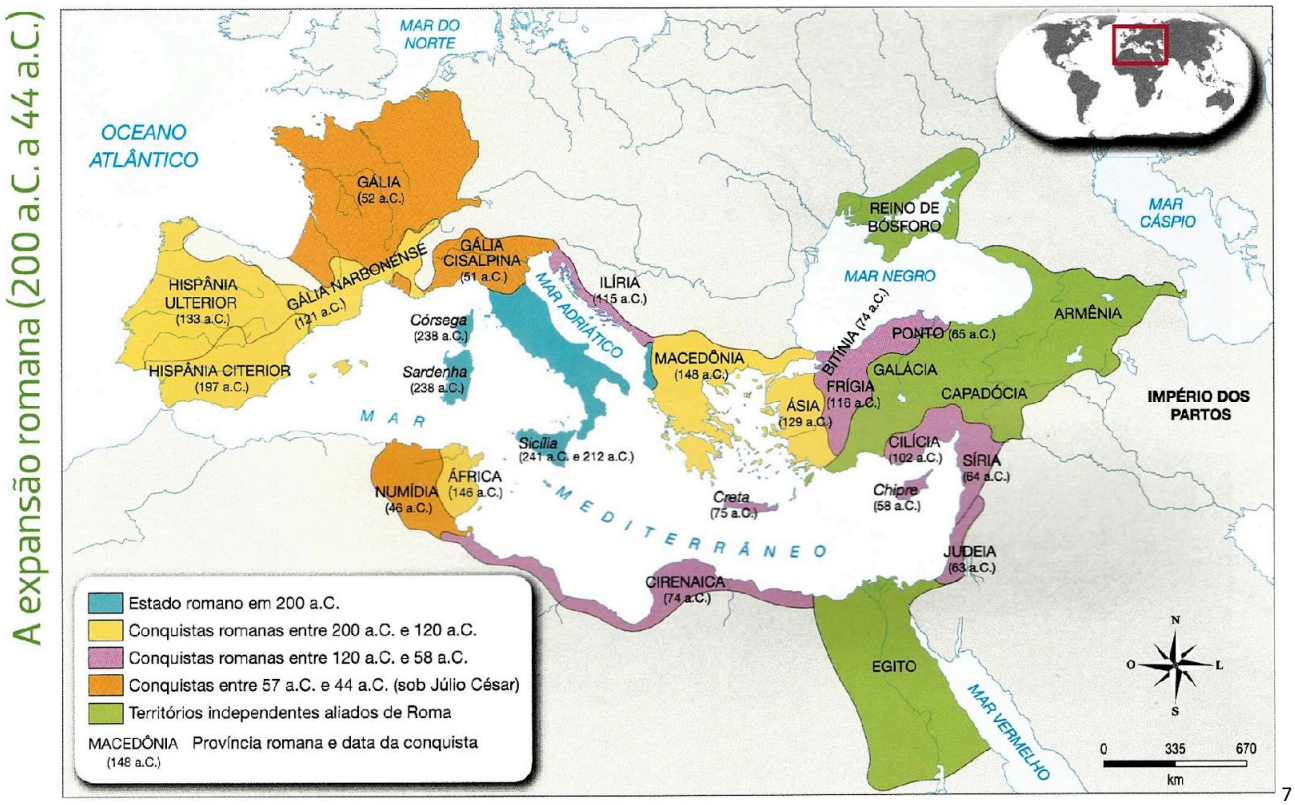
Por isso, estudar os caras daquele tempo tem a ver com entender grande parte do mundo em que vivemos hoje. O professor Pedro Paulo Funari, no livro *A Vida Quotidiana na Roma Antiga*, afirma que nosso mundo moderno deve muito à civilização romana e por isso é importante estudar essa sociedade[6]. Sem contar que esse conhecimento vai garantir pontos essenciais na prova. **Então, vamos localizar o Mundo Romano no tempo e no espaço**.

- Em relação <u>ao tempo</u>, a historiografia divide os estudos sobre Roma <u>em 3 períodos</u>, segundo o modo de <u>organização política</u>:



[6] FUNARI, Pedro Paulo. A Vida Cotidiana em Roma. São Paulo: Ed. AnnaBlume. 2003.

- Quanto à **<u>questão o espaço territorial</u>**, observe o mapa a seguir. Ele representa a dimensão mais extensa a que chegou o Império Romano. Tudo começou na Península Itálica, é verdade, mas não parou por lá! Veremos essa história toda ao longo da aula de hoje. Estude esse mapa, veja e repare nos detalhes. Faça relações com os gregos, os persas, os mesopotâmicos, os egípcios – povos que já estudamos!



[7]

3.1 – Monarquia: 753 a.C. – 509 a.C.

A **Monarquia Romana foi o regime político que se desenvolveu a partir do processo de ocupação da Península Itálica.** Inicialmente, por volta dos anos **2000 a.C.**, a região estava ocupada por diferentes povos:

- no Centro-Norte, fixaram-se os <u>italiotas (sabinos e latinos);</u>

[7] VICENTINO, Claudio. Atlas Histórico: Geral e Brasil. São Paulo: Editora Scipione, 2011, p. 47

- no Sul, foram os gregos que ali permaneceram (na chamada Magna Grécia).

Nesse momento, a organização social era gentílica (trabalhamos esse conceito na aula passada, volta lá se você esqueceu, ok?) ou, no máximo, pequenas cidades-estados no sul.

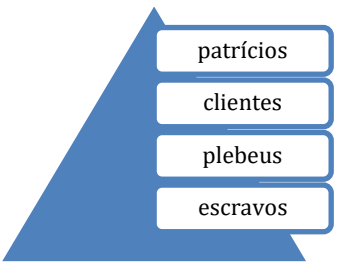
Pesquisas arqueológicas apontam que, aproximadamente por volta de **900 a.C**., os **povos etruscos** ocuparam a região central da Península e, em seguida, expandiram seus domínios até o Norte. Entre os séculos **VIII e VII a.C**., os Etruscos fundaram, às margens do Rio Tibre, uma cidade chamada **ROMA,** baseada na atividade agrícola.

O processo de organização política e social dos etruscos, a partir da unificação de alguns desses povos, deu origem à MONARQUIA ARISTOCRÁTICA. Isso porque, no início da formação de Roma, os patriarcas das famílias (os chefes dos clãs), que se reuniam em um Conselho de Anciãos para governarem o território, optaram por eleger um rei com funções **religiosas, militares e judiciais.** Esses patriarcas eram conhecidos como **PATRÍCIOS** e eram os membros do Conselho de Anciãos. **Proprietários de terras, os patrícios formavam uma verdadeira aristocracia**. Eles foram personagens importantes na história romana porque existiram praticamente em todos os três períodos: **durante a Monarquia; na República; e no Império.**

Posteriormente, ainda sob a Monarquia, o Conselho de Anciãos se transformou em uma organização política mais complexa, o **SENADO**. **Por sinal, Senado significa, literalmente (do latim), Conselho de Anciãos.** Com efeito, durante a Monarquia, as atividades mais importantes do Senado eram a de escolher os reis e a de aconselhar o monarca.

Importante frisar que, ainda neste período inicial do que viria a ser a República e o Império Romano, o Senado não possuía plenos poderes para limitar a atuação dos reis. Em muitas ocasiões, o Senado se encontrava subordinado aos ditames do detentor do poder central. No geral, as leis eram apresentadas pelos reis e podiam, ou não, sofrer limitações pelo Senado. Os senadores podiam vetar uma proposta de lei apesentada pelo rei. Além disso, havia um outro órgão na organização do poder político, a Assembleia das Cúrias (eram 30 cúrias). Esta era composta pelos cidadãos em idade militar e era responsável pela ratificação de alguns decretos dos reis.

Com relação à **divisão social durante a monarquia romana**, havia uma estratificação hierárquica formada por 4 grupos sociais: os **PATRÍCIOS,** os **PLEBEUS,** os **CLIENTES** e os **ESCRAVOS.**



- Os **plebeus** eram pequenos camponeses, proprietários de pequenas terras que produziam, praticamente, para sua subsistência. Era comum os plebeus contraírem grandes dívidas com os patrícios, especialmente nos períodos em que eram convocados para guerras de conquista ou para defender a cidade de alguma ameaça exterior. Por terem que deixar suas pequenas propriedades para atuarem nessas guerras, estas perdiam sua capacidade produtiva. Assim, ao voltarem para sua terra, após o conflito, os plebeus faziam altos empréstimos para poderem recuperar a terra e a produção. Se, por qualquer motivo, os plebeus não pagassem as dívidas viravam escravos.
- Já os **clientes** eram plebeus agregados aos patrícios. Em geral, moravam na propriedade dos patrícios e lhes serviam em funções de altíssima confiança. Por isso, detinham alguns privilégios e oportunidades de negócios que os plebeus não-agregados não possuíam. Por exemplo, nunca viravam escravos por dívidas. Por isso, ao longo do tempo, os clientes enriqueceram!
- Por último, os **escravos** eram plebeus endividados- como falamos antes. Os povos derrotados em guerras também poderiam virar escravos, mas, neste momento, encontravam-se em número reduzido em Roma. Foi no período republicano que a expansão territorial e as guerras de conquistas tiveram maior importância e, por isso, o número de escravos aumentou. Veremos melhor esse processo na próxima seção.

A Monarquia entrou em decadência porque alguns reis etruscos se sobrepuseram política e militarmente ao Senado e aos patrícios. O último rei foi Tarquínio, o Soberbo. **Ele foi deposto em 509 a.C.** por uma insurreição de patrícios que o acusaram, dentre outros, de desrespeitar a aristocracia patrícia. **Nesse processo, a Monarquia foi abolida e o SENADO passou a ser o Poder Supremo em Roma.** Fruto dessa disputa entre poder e interesses do rei e poder e interesses dos Senadores, venceram os últimos, meus caros!!

Assim, inicia-se a instalação da República Romana – assunto que veremos na próxima seção.

"Em verdade é maravilhoso refletir sobre a grandeza que Atenas alcançou no espaço de cem anos depois de se livrar da tirania... Mas acima de tudo é ainda mais maravilhoso observar a grandeza a que Roma chegou depois de se livrar de seus reis." (Maquiavel, Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio). Nessa afirmação, o autor

a) critica a liberdade política e a participação dos cidadãos no governo.

b) celebra a democracia ateniense e a República romana.

c) condena as aristocracias ateniense e romana.

d) expressa uma concepção populista sobre a antiguidade clássica.

e) defende a polis grega e o Império romano.

Comentário

Essa passagem de Nicolau Maquiavel aborda com precisam cirúrgica a tensão da disputa entre reis romanos do período monárquico e o Senado. Como vimos, o Senado saiu vitorioso da disputa de poder e constituiu a República. Uma forma de você pensar rápido e responder essa questão, sem entrar muito na história é: em Roma, o que veio depois dos reis? Pronto, não poderia ser o Império, pois este se formou após a República.

Gabarito: B

3.2 – República 509 a.C.– 27 a.C.

Querida e querido aluno, vem aqui comigo articular uma coisa: quando os patrícios se sublevaram e derrubaram o rei Tarquínio o poder não ficou vazio, certo? Corretíssimo!

Os patrícios elevaram o **SENADO ao posto de Poder Supremo de Roma**. Além disso, criaram outras instituições políticas: a **MAGISTRATURA;** e quatro diferentes tipos de **ASSEMBLEIA** (a Curial, a Centurial, a Tribal e a Plebeia).

Quero que você saiba que esse **novo arranjo político-institucional** conformou a República – uma nova maneira de organizar o poder na qual este era exercido por meio de instituições com o objetivo de organizar a coisa pública – *res-publica*, em latim. **Assim, o Senado, a Magistratura e as Assembleias compunham essa nova estrutura de organização política-administrativa**. Nesse modelo não havia concentração de poder nas mãos de uma única pessoa. Mas fica esperto com as mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo, porque são elas que nos ajudam a entender o porquê a República se desintegrou e deu lugar ao Império. Beleza? 😊

Dito isso, vejamos como eram, na prática, as instituições da República Romana?

3.2.1 – Estrutura política na República Romana

É importante saber como estava dividido o poder na Roma Republicana. O **SENADO** era composto por 300 patrícios. - Só patricinhos, profe? 😊!!! -Sim, queridos!! E os cargos eram vitalícios, ou seja, duravam até a pessoa morrer! **A função do Senado foi aprimorada para criarem leis, organizarem as finanças e, também, as estratégias de guerra,** se necessário.

Já a **MAGISTRATURA, cuidava das questões executivas**, ou seja, administrar e executar o que era decidido pelo SENADO, reunia cargos práticos como:

- *cônsules*: esse cargo era superimportante e quero que vocês memorizem o cargo de **Cônsul**. Duas pessoas ocupavam o cargo, logo, dois cônsules. Um presidia o SENADO e, outro, a Assembleia Centurial. Ambos podiam propor leis. Portanto, eles faziam uma ponte entre as 3 principais instituições republicanas. Sacaram?
- *pretores*: eram responsáveis por administrar a justiça.

- *censores*: os censores organizavam o censo da população. O censo era importante, pois era feito com base na renda e a renda era elemento decisivo para a localização das pessoas na estrutura institucional da República Romana. Ademais, a título de curiosidade, *o censor também garantia a "moralidade pública" e supervisionava certos aspectos das finanças governamentais. Dessa condição surgiu a origem do sentido moderno das palavras "censor" e "censura".*
- *ditadores*: eram nomeados pelo SENADO, mas apenas no caso de guerra civil e convulsão social grave. Tinham um prazo de 6 meses para resolverem as situações críticas.

- Mas Profe Alê, magistratura não tem a ver com juiz, como assim, função executiva?

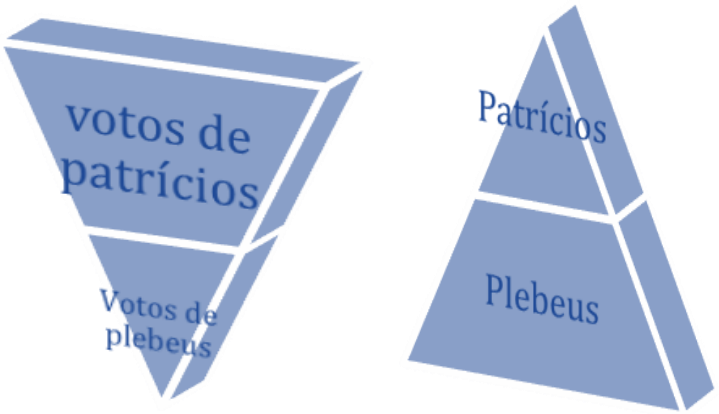
– Pois é, gente, na Roma Antiga, magistratura não tinha a ver com poder judiciário. A palavra *magistratus*, em latim, quer dizer "o cargo de governar". Ou seja, aqueles que ocupam cargos políticos. Os magistrados eram eleitos para mandatos de 1 ano para executar diferentes atividades, como afirmei acima.

Outro elemento importante: embora não fosse proibido aos plebeus ocupar cargos na magistratura, na maioria das vezes, eles não participavam, pois precisavam trabalhar em outras ocupações uma vez que as funções públicas não eram remuneradas. Ao longo da aula você vai notar que, diferentemente da Roma monárquica, durante a República alguns cargos de poder passaram a ser gradualmente acessíveis aos plebeus. Fica ligado!

Sobre as **ASSEMBLEIAS**, anote o seguinte: a **Assembleia Curial**, era responsável por assuntos religiosos; a **Assembleia Centurial reunia a organização militar de Roma**, sendo dividida em centúrias (98 centúrias patrícias e 95 centúrias plebeias); a **Assembleia Tribal** era responsável por assuntos civis e dividida por região (35 Assembleias Tribal); por fim, as **Assembleias da Plebe**, ou Conselhos da Plebe, eram o espaço em que os plebeus votavam leis. No início, as Assembleias da Plebe apenas deliberavam sobre questões que afetassem os plebeus, depois, por volta de 287 a.C., projetos de leis gerais – sobre todas as questões de Roma – também podiam ser discutidos e votados nesse espaço político dos plebeus.

Dessas ASSEMBLEIAS, com certeza, a CENTURIATA era a mais importante politicamente. **O critério para esta divisão era censitário**, ou seja, em cada camada podia participar pessoas com determinada renda. **Logo, não havia uma distribuição harmônica do número de pessoas em cada camada já que o número de plebeus era muito maior que o número de patrícios.** Além da característica de organização militar, ela possuía as seguintes competências: eleger os cargos da MAGISTRATURA; votar leis referentes à declaração de guerra e de paz; decretar a pena capital (de morte) aos cidadãos romanos.

Observe a seguir o **Sistema censitário de distribuição de votos na Assembleia:**



A distribuição dos votos em cada camada era proporcional à riqueza (era um critério censitário, não se esqueça disso), e não à quantidade de pessoas de cada grupo social. Por isso, muitos historiadores afirmam que mesmo com o fim da Monarquia não houve alteração substancial na distribuição de poder em Roma. Assim, o poder foi exercido majoritariamente na aristocracia patrícia e nas camadas mais ricas da sociedade devido ao fato de ocuparem os cargos do SENADO e a maioria dos cargos mais importantes. Dessa forma, os estudiosos desse assunto classificam a República romana como uma **"República Aristocrática"**.

Veja que havia grande desigualdade em Roma e, por vezes, os plebeus se sentiam marginalizados das principais decisões da República. Essa situação era uma fonte de tensão social permanente. Roma era uma "panela de pressão". Os plebeus estavam prontos para a insurgência!

O resultado desses conflitos, ao longo da história romana, alterou **a participação política e o sistema de votação** nessas instituições. Os plebeus, especialmente os mais enriquecidos, lograram êxito e ampliaram sua participação nos processos decisórios em Roma.

As mudanças no contexto, decorrentes da expansão territorial romana, também foram responsáveis por alterar as relações sociais e políticas vigentes no início da República. Vamos lá, muita atenção na próxima seção da aula, pois vou explicar as implicações da expansão territorial.

3.2.2 – Lutas sociais e conquistas da plebe

As desigualdades econômicas e políticas entre patrícios e plebeus causavam uma situação tensa em Roma. Apesar de o poder não estar completamente concentrado no grupo dos patrícios, como vimos acima, estes detinham diversos privilégios não acessíveis aos plebeus.

Perry Anderson afirma que a estrutura de poder não era exatamente oligárquica na forma - em relação às instituições - e sim **profundamente aristocrática no conteúdo das leis** e da política, "pois atrás dela configura-se uma estratificação econômica da sociedade romana de ordem bastante diversa" (1989, p. 56).

Portanto, por mais que houvesse previsão para participação política de diferentes grupos sociais, a questão da desigualdade social impactava a disputa equilibrada de interesses. Assim, patrícios conseguiam continuar aprovando leis que os beneficiavam. Um exemplo disso é a existência da **escravidão por dívidas, até 326 a.C.,** que assolava o plebeu mais empobrecido. Na ampla maioria das vezes essas dívidas eram contraídas com os patrícios.

Contudo, **o funcionamento e a proteção militar da cidade dependiam dos plebeus, já que eles garantiam a superioridade numérica das forças militares em Roma**. Por isso, nas primeiras décadas republicanas, nesse contexto conflituoso, os plebeus foram percebendo sua importância para a cidade e iniciaram uma série de **lutas sociais e políticas** que durariam mais de cem anos. Vejamos como começou:

Em 494 a.C., portanto 15 anos após a queda da monarquia, os plebeus fizeram uma espécie de greve (paralisação coletiva de atividade profissional). Essa mobilização ficou conhecida como **Revolta do Monte Sagrado**. Todos os plebeus saíram da cidade deixando-a desprotegida e desabastecida. Subiram uma montanha chamada Monte Sagrado. De lá, emitiram exigências pedindo ampliação na participação política dos plebeus nas instituições políticas da República. Caso não fossem atendidos, construiriam uma nova cidade.

O desfecho desse conflito foi a criação do cargo **TRIBUNO DA PLEBE.** Era um cargo no SENADO a ser ocupado por um Plebeu, eleito entre os mesmos. Lembra-se de que, até antes da Revolta, no Senado, só podiam participar os patrícios? Então, agora, os plebeus também podiam! Eram 2 vagas de Tribuno da Plebe. Eles tinham a **função de vetar leis** que fossem inapropriadas para a classe que representavam.

Em diversos outros momentos, alguns mais tensos e outros menos, houve **Revoltas Plebeias**. Acompanhe abaixo a cronologia e o significado de cada uma dessas conquistas, **cujo sentido histórico foi aumentar a participação política dos plebeus, bem como garantir mais direitos de cidadania a esse grupo**. Se liga aí!!

⇒ 450 a.C.: Lei das 12 Tábuas – até então, o direito era oral e baseado nas tradições populares. Assim, havia situações em que a aplicação do direito dependia dos interesses e dos poderes das pessoas envolvidas. Com a Lei das 12 Tábuas, as leis passaram a ser escritas. Foi feita a compilação e harmonização das leis ao princípio da igualdade. Essa situação possibilitou que as leis se tornassem mais acessíveis a parcelas mais amplas da população.

⇒ 445 a.C.: Lei da Canuleia – essa norma tornava legal o casamento entre grupos sociais distintos, ou seja, patrícios e plebeus podiam se casar. Isso potencializou a ascensão social

dos plebeus enriquecidos. Com o tempo, essa relação matrimonial entre esses dois grupos sociais deu origem a um terceiro grupo conhecido como *nobilitas*.

⇒ 367 a.C.: Lei de Licínia – essa lei marcou outro momento importante da história política das lutas dos plebeus por maior participação nas instituições da República. A partir dela, os Plebeus puderam ocupar o maior cargo da Magistratura, o de Cônsul. Em 366 a.C. foi eleito o primeiro Consul Plebeu. Além disso, a mesma lei definiu que as terras conquistadas em guerra deveriam ser distribuídas.

⇒ 326 a.C.: Lei de Poetélia – garantiu direitos civis aos plebeus, pois aboliu a possibilidade de escravidão por dívida. Com isso, os plebeus não ficavam completamente submetidos aos grupos mais ricos.

⇒ 300 a.C.: Lei de Ogúlnia – essa norma dizia respeito a outro elemento fundamental da vida social e dos direitos civis dos cidadãos: o direito à igualdade religiosa. Na Roma Antiga, os plebeus não podiam adorar diretamente os deuses mais importantes. O historiador Fustel de Coulanges afirma sobre as religiões politeístas da antiguidade que: "*Não somente não oferecia à adoração dos homens a um único deus, mas ainda seus deuses não aceitavam a adoração de todos os homens*"[8]. Na prática, isso significava que plebeus não podiam ocupar postos religiosos mais relevantes. Essa Lei concedeu igualdade religiosa a todos, permitindo que os plebeus, enfim, alcançassem altos cargos sacerdotais.

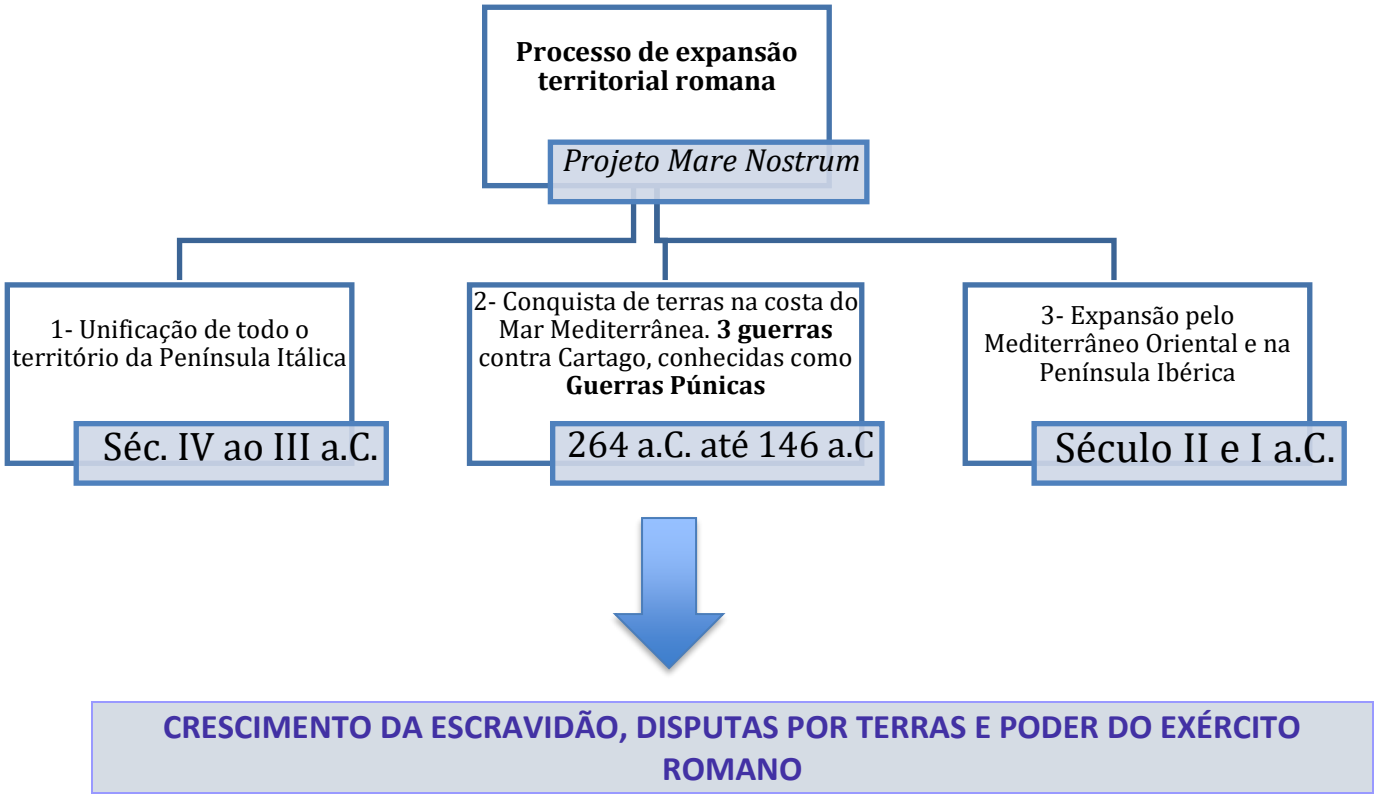
⇒ 287 a.C.: Lei de Hortênsia – estabeleceu que as decisões da Assembleia tinham força de lei. Assim, as decisões dos plebeus eram válidas não somente para eles, mas também para todo o povo de Roma, sem obrigatoriedade do sufrágio dos senadores. *Plebis scitum* era como se chamava o novo princípio legal que os plebeus acrescentaram ao Direito Romano a partir da Lei de Hortênsia. Essa "lei imposta pelo povo" é o modelo de todos os "plebiscitos". Com a imposição do *plebis scitum* em 287 a.C., terminaram as lutas sociais em Roma e iniciou-se uma época áurea para a cidade.

3.2.3 – Expansão Territorial

Nesse tempo todo, enquanto as instituições romanas eram aperfeiçoadas e as crises políticas internas entre patrícios e plebeus se aprofundavam, o Senado e os Cônsules organizaram um **processo de expansão**

[8] Fustel de Coulanges. A cidade antiga. http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/cidadeantiga.html.Acesso em 4-02-2019.

territorial de Roma. Veja no mapa acima a legenda com os períodos de conquista. Sim, caro aluno e aluna, tratou-se das famosas conquistas territoriais romanas, as quais mudaram completamente a estrutura política, econômica e social de Roma. Essa é a principal característica do período Republicano, que durou quase 300 anos. Esse processo pode ser dividido em **3 momentos**:



Depois de passar o 1º Momento de unificação dos povos da Península Itálica, motivado pela necessidade de organizar o abastecimento de produtos e por eliminar as ameaças regionais, ocorreram as Guerras Púnicas. Esse assunto, embora não seja tão cobrado, é importante ser lembrado porque evidencia o momento em que povos da Antiguidade Oriental e Ocidental se cruzaram.

Cartago era uma cidade de origem fenícia que ficava no Norte da África. Portanto, podemos afirmar que ela tinha um papel importante no comércio marítimo no Mar Mediterrâneo. Para que Roma concretizasse seu ***Projeto Mare Nostrum*** **(dominar territórios banhados pelo mediterrâneo para controlar todo o comércio marítimo dessa região)** era necessário conquistar o lugar ocupado por Cartago, até então.

Cartago ficava muito próxima à Ilha de Sicília – aliás, Cartago dominava esta Ilha Italiana. Por isso, a cidade fenícia conseguia monopolizar a movimentação marítima entre os povos do mediterrâneo Ocidental e Oriental.

Agora, articula comigo:

i- Essa posição não é bem estratégica?
ii- Não é útil tanto para Cartago quanto para os romanos?
iii- Vocês acham que os cartagineses iriam abrir mão de controlar o comércio marítimo no mediterrâneo?

Se suas respostas para as perguntas acima foram SIM, SIM e NÃO, você está ligado que isso só podia dar em guerra, certo? **Pois bem, a causa das Guerras Púnicas (Roma *versus* Cartago) foi essa disputa pela hegemonia comercial na região do Mediterrâneo.**

O primeiro *round* começou em torno da posse da Sicília. E demorou muito para essa "treta" acabar (ei, não vá escrever treta na prova, hein?). Entre **246-146 a.C. Roma e Cartago travaram batalhas** que dariam muitos capítulos de alguma série da Netflix.

O último capítulo dessa história real foi Roma, em **146 a.C**., atacando definitivamente Cartago que, durante 3 anos, defendeu-se até ser completamente destruída. Diz a lenda (lenda mesmo porque trabalhos arqueológicos na região não conseguem encontrar o local exato dessa batalha) que o General Romano, Cipião Emiliano, deu ordem para matar todos os soldados e toda a população. Os sobreviventes teriam sido escravizados e a terra salgada para que nela nada mais germinasse (meio lenda mesmo, porque o sal era mega caro naquela época, mas vai que...).

Depois de ter eliminada sua principal rival, segue o terceiro momento do processo de expansão territorial romana. Roma partiu para dominar regiões na Península Ibérica e no Mediterrâneo Oriental - nas terras do Império Macedônio. Também chegou a conquistar o Egito (em 30 a.C.).

De qualquer maneira, o objetivo de tornar Roma hegemônica no Mar Mediterrâneo passou a ser uma realidade, tanto que foi implementado uma moeda romana com a inscrição *"mare nostrum"* para a realização do comércio marítimo nessa região. **Há alguns historiadores que afirmam ter se consolidado uma política imperialista** (política de dominação – veja a explicação do conceito no final da aula, na seção Dicionário Conceitual) **por parte de Roma**.

Essa longa experiência de expansão territorial acarretou várias consequências. Vamos começar a discuti-las?

3.2.4 – Consequências da expansão romana

Pensa comigo: expandir território por meio de guerras significava, na prática, conquistar terras e pessoas, certo? Essas foram as duas medidas de riqueza na República Romana. Assim, a expansão do território romano, por meio das conquistas que comentamos anteriormente, deu origem a uma **nova sociedade com nova estrutura econômica e social**.

Leia o que escreve o professor Perry Anderson:

"O crescimento prematuro da República Romana seguiu o curso normal de qualquer Cidade-Estado clássica ascendente: guerras locais com cidades rivais, anexação de terras, sujeição de "aliados", fundação de colônias. Em aspecto crítico, no entanto, o expansionismo romano se distinguia em princípio da experiência grega"[9]

Perry Anderson afirma, na citação acima, que o expansionismo romano se distinguia da experiência grega. Em quais aspectos? Você é capaz de dizer?

Veja bem, a expansão grega, especialmente a ateniense, teve um sentido ligado à fundação de colônias para a consolidação do comércio marítimo. Além disso, a escala de conquistas era infinitamente menor, uma vez que, na Grécia não havia Estado centralizado. Já em Roma, os objetivos eram: **conquistar terras para a agricultura**, **mão de obra escrava** e, por consequência, **controlar o comércio do Mar Mediterrâneo**. Tudo isso em grande escala!! Por fim, Roma era uma República com uma estrutura centralizada de poder – como vimos. Fica MUITO ligado nessas comparações. 😊

Economicamente, a agricultura de subsistência ganhou escala mercantil e o máximo controle da terra pelos grandes proprietários. Os novos territórios conquistados foram incorporados como propriedade privada dos já enriquecidos *nobilitas*. Assim, os historiadores afirmam que houve aumento da concentração fundiária, ou seja, poucas pessoas detinham grande parte dos latifúndios que se formavam nesse processo. As riquezas advindas das conquistas não eram distribuídas de maneira igualitária, harmônica ou proporcional à participação da população nas guerras. Tal situação levou os pequenos lavradores à falência, pois não podiam concorrer com os latifundiários que mantinham sua produção em larga escala por meio do trabalho escravo.

> - Mas, Profe Alê, porque os plebeus também não podiam ficar com as terras, eles não foram para as guerras?

Querida e querido aluno, para entender isso devemos nos atentar para o modo como estava organizado esse processo de expansão territorial. Preste atenção:

Não havia apenas um único exército romano, centralizado a partir do SENADO ou da MAGISTRATURA. **As conquistas territoriais eram parte de empreendimentos privados organizados por pessoas muito**

[9] ANDERSON, P. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989, p. 51

enriquecidas. No entanto, cada guerreiro arcava individualmente com seus instrumentos de guerra - como escudos, capacetes e espadas. A maioria da população era formada por plebeus, então, eram estes que garantiam a força numérica de Roma sobre seus conquistados. Sacou? Aliás, uma prática que vinha desde o período da Monarquia.

> E quem era o plebeu, meus caros? Só para lembrar porque já falamos dele, lá na seção sobre Monarquia, ele era o pequeno proprietário que, na maioria das vezes, hipotecava suas poucas terras para conseguir financiar as investidas militares de conquista e, com isso, tentar acompanhar a expansão romana. Tratava-se de um investimento. Ou seja, o plebeu era um pequeno empreendedor que assumia sozinho todos os riscos pela empreitada.

Acontece que as "campanhas militares" (incursões de tentativa de conquista sobre territórios fora de Roma), geralmente, eram organizadas pelos grandes proprietários – patrícios e *nobilitas,* não era isso? Então, ao final da conquista - quando bem-sucedida - eram estes que ficavam com a amplíssima maioria das riquezas conquistadas – quer fossem terras, quer fossem pessoas (os escravizados). Ao plebeu endividado, na maioria das vezes, caberia entregar suas terras como parte do pagamento de suas dívidas e ir para a cidade em busca de alguma colocação profissional. ☹

Sob esse cenário de concentração fundiária, muitos plebeus passaram a ficar ociosos nas cidades, sem oportunidades! Em outras palavras, ocorreu o êxodo rural em direção às cidades.

Mas Profe, aff Alê, por que a cidade não oferecia oportunidade? Não "tô" entendendo!

Mas, calma, querida e querido aluno!!! Para entender essa questão vamos acrescentar uma nova informação. Vamos comigo!!

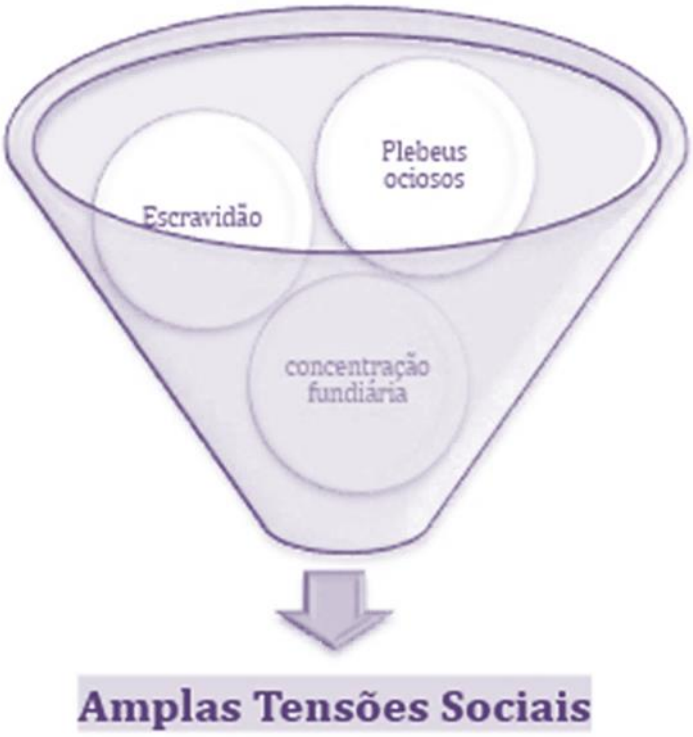
No contexto das conquistas militares, consolidou-se o **modo de produção escravista**, ou seja, **a estrutura econômica/produtiva passou a utilizar a mão de obra escrava em larga escala**. Tudo em Roma era operacionalizado com escravos. Eles atuavam na agricultura, como artesãos, em atividades domésticas, no comércio, como gladiadores e, até mesmo, como professores! UAU!

Diferentemente da escravidão entre os povos do Oriente Próximo, **na Roma Antiga o escravo era uma riqueza privada ou uma mercadoria comercializável nos mercados especializados**. Há documentos estatísticos da época que dão conta da entrada de milhares de escravos por dia em Roma. Um estudo

demográfico sobre a Itália, de P.A Brunt, *Italian Manpower,* estima que em **225 a.C**. havia 600 mil escravos; já em **43 a.C.** esse número chegou a 3 milhões para uma população em torno de 7 milhões!!!!

É por isso que ao plebeu não restava oportunidade, afinal, todas as atividades antes exercidas por plebeus livres passaram a ser realizadas por escravos conquistados nas guerras pela expansão territorial. Percebe o problema e a bola de neve que se formava?

Então, agora, vamos pensar juntos: imagine as duas condições, a dos plebeus e a dos escravos, como uma engrenagem que produzia uma determinada situação social. **Qual seria o produto dessa interação entre plebeus, escravos, patrício e *nobilitas* no contexto das conquistas territoriais? Amplas tensões sociais, cadete!!**



O produto desse contexto e dessas interações foi uma cidade abrigando uma massa de ociosos miseráveis, os plebeus, que não encontravam empregos. E os escravos, igualmente miseráveis!

Assim, em **133 a.C.**, os plebeus elegeram um **Tribuno da Plebe** que tinha como plataforma política a **reorganização da distribuição das terras públicas** – reforma agrária. Essa figura era o famoso **Tibério Graco**. Leia um trecho do discurso de Tibério sobre os plebeus:

"Os homens que combatem e morrem pela Itália têm o ar, a luz e mais nada (...). Lutam e perecem para sustentar a riqueza e o luxo de outro, mas embora sejam chamados senhores do mundo, não têm um único torrão de terra que seja seu."[10]

[10] Tibério Graco apud ANDERSON, Passagem da antiguidade ao feudalismo, 1989, p.60.

1Irmãos Graco

Quero chamar sua atenção para o fato de que a proposta de Tibério tratava sobre terras públicas e não sobre as privadas. A proposta da ***Lex Sempronia Agraria*** estabelecia que nenhum cidadão podia possuir mais do que 125 hectares de terras públicas e que todas as terras além deste limite seriam confiscadas. Os patrícios ocupantes dos cargos do SENADO se opuseram à ideia.

A proposta de Tibério foi a distribuição de pequenos lotes para os pobres para que plantassem e comessem. Sem apoio no SENADO, Tibério contou com a aprovação das leis na Assembleia, apesar da resistência de patrícios e *nobilitas.* No entanto, não foi colocada em prática porque os patrícios sabotaram a destinação de recursos para viabilizar a reforma agrária e porque Tibério e mais 300 de seus seguidores foram assassinados a pauladas por uma multidão a mando de alguns senadores mais radicais. **Segundo o historiador grego Plutarco (46 d.C. a 120 d.C.), esse linchamento foi o primeiro ato de violência civil em Roma.** ☹

Alguns anos mais tarde, em **124 a.C.**, o irmão de Tibério, **Caio Graco**, também foi eleito Tribuno da Plebe. **Tal como seu irmão, sua plataforma era diminuir a desigualdade social e a situação insustentável dos plebeus na cidade romana**. Porém, diferentemente de Tibério, Caio teve mais êxito e conseguiu aprovar:

- ✓ a lei de distribuição de lotes públicos.
- ✓ um subsídio para a venda do trigo – que era a base da refeição da população pobre urbana.

Além disso, o irmão Graco sabia que seus maiores opositores estavam no SENADO, **portanto, para resolver o problema pela raiz era necessário descentralizar o poder político fortalecendo outros grupos e outras instituições.**

Assim, Caio Graco fez uma série de propostas que objetivavam **fortalecer o poder político dos cavaleiros – generais comerciantes enriquecidos com algumas conquistas romanas**. Estes eram favoráveis às medidas para amenizar as tensões geradas pela desigualdade social e pela miséria urbana, as quais, como vimos, eram decorrentes da concentração de terras e de riquezas.

Nesse contexto, os cavaleiros se tornaram responsáveis pelas operações financeiras e pela cobrança de impostos, bem como passaram a integrar o tribunal do júri. Essas medidas foram precursoras de uma situação que veremos adiante: o poder político acumulado pelo exército.

Caio foi eleito duas vezes, na terceira eleição foi assassinado. ☹ Na sequência, suas medidas foram revogadas. Entretanto, suas ideias não podiam ser apagadas, pois tinham ganhado mentes e corações de uma parcela significativa da sociedade romana! Os seguidores do Caio Graco organizaram um grupo, algo como um "partido", conhecido como ***"os populares"***. Os populares faziam oposição ao grupo político dos senadores chamado de ***"os melhores"***. As tensões sociais só aumentariam daí em diante.

Diante de um contexto de instabilidade política e de descrédito das instituições Republicanas, especialmente do SENADO, os generais romanos começaram a se destacar e, cada vez mais, ocupavam espaços políticos importantes. Alguns generais eram muito carismáticos, outros tinham origem plebeia e, assim, ganhavam muito prestígio entre as camadas mais baixas. Caio Mario, por exemplo, foi um general defensor da plebe, eleito Cônsul por sete vezes. Além disso, também havia generais que eram apoiados pela aristocracia patrícia, como Sila (ou Sula), e atuavam politicamente para defender os interesses das camadas altas da sociedade romana. **Sob esse quadro, é possível afirmar que grande parte da sociedade romana apoiava um governo formado por generais.**

Você está percebendo que a situação política em Roma era insustentável? Percebe que apesar de ser uma República, as instituições desse regime político já não serviam às novas configurações da estrutura econômica, social e política? É, querido e querida, estamos próximos de ver o desfecho da República Romana. Fiquem espertos!! 😋

3.2.5 – Crise da República

Percebam que as instituições republicanas não estavam sendo capazes de dar uma solução republicana para as tensões sociais e políticas que marcaram o último século da Era antes de Cristo (século I a.C.)? Por isso, nesse contexto de crise republicana, houve a ascensão dos generais ao poder político. Tome nota dessa informação e vamos ver como isso ocorreu. Espera, alguém perguntou algo?

Mas, **Profe**, o que seria uma solução republicana?

Podemos adotar uma perspectiva geral e dizer que uma **resposta republicana** para uma crise política e social seria os governantes primarem pelo diálogo e pela transparência na busca do equilíbrio político a fim de harmonizar os interesses e as expectativas dos diferentes grupos sociais em disputa. Tudo isso sem nunca esquecer que a solução final deve servir ao interesse público. Aliás, os próprios romanos, algumas vezes, dedicaram-se a estudar quais seriam as melhores mudanças institucionais para solucionar crises políticas, como quando foi criado o Tribuno da Plebe. Entendido? Continuemos!

Em **107 a.C.**, como dito acima, o carismático General Mário foi eleito Consul. No seu mandato, procurou amenizar as tensões sociais por meio do acolhimento de demandas populares. Veja:

- ✓ profissionalizou o exército;
- ✓ criou uma carreira com hierarquia e ascensão de cargos;
- ✓ criou o soldo (salário);
- ✓ definiu critérios para distribuir as riquezas das conquistas;
- ✓ instituiu o direito a um pedaço de terra para soldados que completassem 25 anos de carreira.

Isso representava uma garantia aos plebeus, pois lhes dava condições de sobrevivência. Consequentemente, mais pessoas foram atraídas para as carreiras militares de modo que o número de soldados cresceu. **Nesse sistema de salários e recompensas, os comandantes eram os responsáveis por remunerar as tropas, elemento que facilitava a obediência e a lealdade de seus subordinados.**

Veja, embora as medidas do General Mário tivessem sido fundamentais para amenizar as tensões sociais com os plebeus, a guerra entre os plebeus e o grupo "dos melhores" continuava cada vez mais forte a ponto de uma iminente guerra civil estourar em plena Roma. Isso porque, o problema era estrutural, do sistema romano como um todo.

UMA REVOLTA ESCRAVISTA EM ROMA

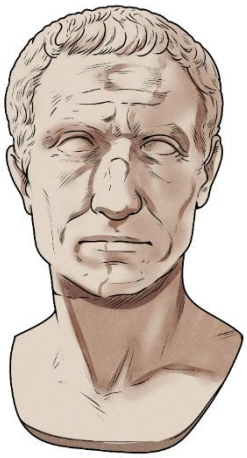
Estamos falando bastante das revoltas sociais impulsionadas pelos plebeus e homens livres em geral. Mas quero que você se lembre-se de que foram centenas as revoltas de escravos contra o sistema que os subjugava. A mais famosa dela, que inclusive inspirou filmes, foi a de Spartacus. A Revolta de Spartacus ocorreu entre os anos de 73 e 70 a.C. Esse período histórico está inserido no auge da escravização na República de Roma e nas mudanças

> político-sociais da época. No meio desse fuzuê todo, o que ninguém contava era com um simples gladiador na região de Cápua chamado Spartacus. Você não sabe, gente.... o cara já tinha uma tendência a ser "o loco das ideias" e ficava doutrinando contra a escravidão! A liderança de Spartacus, somada ao cansaço da vida humilhante como mercadoria, fez ele virar um "mito". Então, ele elabora um plano: primeiramente, organizou uma pequena revolta com os que compartilhavam da mesma realidade. Já o governo romano apenas mandou algumas tropas para abafar o caso, botando muita pouca fé nesse movimento. Assim, Espartacus e seus parceiros ganharam a batalha e ainda conseguiram mais marginalizados e descontentes para somar.

Então, em **86 a.C.**, outro general apareceu no cenário. Foi o General Sila, incontestável aliado dos Senadores patrícios conservadores, aqueles que não desejavam mudanças! Ele invadiu Roma, fechou o Senado, instaurou um regime ditatorial e iniciou uma perseguição aos "os populares" para atender aos interesses de seus parceiros.

Porém, Sila não ficou muito tempo no poder. Em **79 a.C., ele abandonou o posto.** Não aguentou a pressão das exigências de parte dos patrícios, das revoltas plebeias, das revoltas dos escravos, em suma, dos conflitos entre "os populares" e "os melhores". Será que era mais fácil vencer uma guerra do que resolver crises políticas internas? (brincadeirinha 😊). Nos anos subsequentes, vários generais tentaram comandar o poder em Roma.

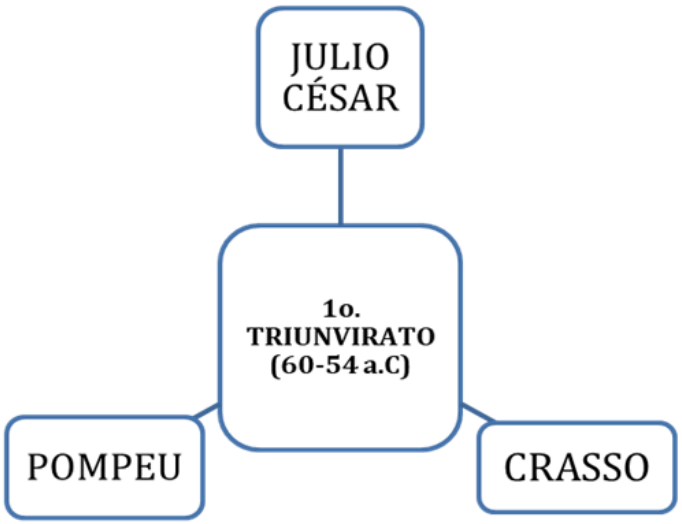
Busto de Julio César



Até que em, **59 a.C.**, surgiu um general que é famoso até os dias de hoje: **Júlio César**!!!

Júlio César era sobrinho do General Mário e, como o tio, tinha grande carisma entre a população romana. **Habilidoso politicamente, ele assumiu como Cônsul em meio a uma forte instabilidade política.**

Ele sabia que seria muito difícil governar sozinho. **Assim, articulou a divisão do cargo de Cônsul em 3 partes, fruto de uma aliança entre ele, Pompeu e Marco Crasso. Isso significou uma desconcentração do poder de direção de Roma, pois seria um governo formado por 3 pessoas, na verdade, 3 generais.**



Esse governo dos 3 generais ficou conhecido como **1º Triunvirato e durou de 60 a. C. a 53 a.C**. De certa forma, essa formação procurava representar a diversidade de forças políticas e interesses presentes no contexto.

Apesar dessa tentativa, Pompeu – ligado aos interesses senatoriais – tinha relações estremecidas com Júlio César. **Em 54 a.C.**, Crasso morreu em uma Batalha ☹. Nesse momento, o Senado tentou reaver sua importância política e nomeou Pompeu como único Cônsul, acabando com a fórmula do triunvirato de César. Por sua vez, César, que estava em Batalha na Gália, voltou com sua legião para Roma e iniciou uma guerra civil. Venceu e proclamou-se ditador romano!!!!

O Governo de Júlio César, **entre 54 a.C. e 44 a.C.**, foi marcado por uma concentração de poder em suas mãos. O SENADO (que, vamos combinar: já estava no pó da rabiola – como diríamos lá no interior) teve seu poder diminuído. Evidentemente, as conspirações contra César foram muitas! **Em 44 a.C.**, quando nomeado pelo SENADO ditador vitalício (permanência no cargo até o fim da vida da pessoa), ele foi assassinado sob encomenda de um grupo de senadores incomodados com a concentração de poderes nas mãos de César. ☹

Sobre Júlio Cesar, guarde o seguinte:

> Caio Júlio César foi um importante personagem político do cenário republicano romano. Nascera no seio de uma antiga família de patrícios, os *Iulii Caesarii*, por volta de 100 a.C. Era herdeiro de Mário, opositor a Sila. Júlio César desempenhou inúmeras funções: iniciou carreira militar desde muito jovem, passando a desempenhar diversos cargos e magistraturas no seio da administração romana. Com isso, ascendeu politicamente, militarmente e socialmente. Júlio César demonstrou-se um excelente estrategista político, característica que pode ser exemplificada pela formação do Primeiro Triunvirato Romano. Após a desagregação deste pacto governamental, as ações de César aparecem com maior destaque[11].

[11] FRAZÃO JOSE, Natália. A construção da imagem do imperador augusto nas obras de Veléio Patérculo, Plutarco e Suetônio. Dissertação de Mestrado. UNESP: 2011, p. 14.

Logo na sequência da morte de César, **em 43 a.C.**, um novo triunvirato se formou, o **2º Triunvirato.** Os generais dessa formação eram de confiança de Júlio César, inclusive, um deles – Otávio – era seu sobrinho. Mas, cuidado com essa informação: até aqui já deu para perceber que, nesse finalzinho de República, ninguém confiava em ninguém. E com razão, né? Além disso, havia algo de diferente nesse governo tripartido: cada um desses generais recebeu uma parte do vastíssimo território romano para governar. Vejamos o novo triunvirato e a parte do território que foram designados a exercer seu poder:

A história conta que Otávio exilou Lépido, que não voltou mais a aparecer nesse cenário. Enquanto isso, Marco Antônio estava no Egito. Conheceu a bela Cleópatra. Os dois se uniram com a intenção de concentrarem poder. Marco Antônio achava que teria acesso a mais recursos disponíveis no vale fértil do Egito e a rainha egípcia acreditava que, com Marco Antônio, ela poderia recuperar o legado do antigo império macedônico – que já estava praticamente todo dominado por Roma.

Mas isso não entrava nos planos do grande Otávio, pois, na prática, o sucesso de Marco Antônio e de Cleópatra acabaria enfraquecendo-o. A situação piorou quando, no Ocidente, chegou a notícia de que Marco Antônio reivindicava ser o verdadeiro herdeiro de César. Imediatamente, Otávio responde: herdeiro sou eu!!! Brincadeiras à parte, Otávio realmente declarou guerra Marco Antônio, pois via seu casamento com Cleópatra como uma traição a Roma e uma ameaça direta ao seu poder.

Surpreendentemente, como um Shakespeare anacrônico, Cleópatra e Marco A. se suicidam! Otávio conquistou o Egito – que foi transformado em uma colônia romana – e passou a ser reconhecido como o grande líder até se tornar o primeiro Imperador de Roma.

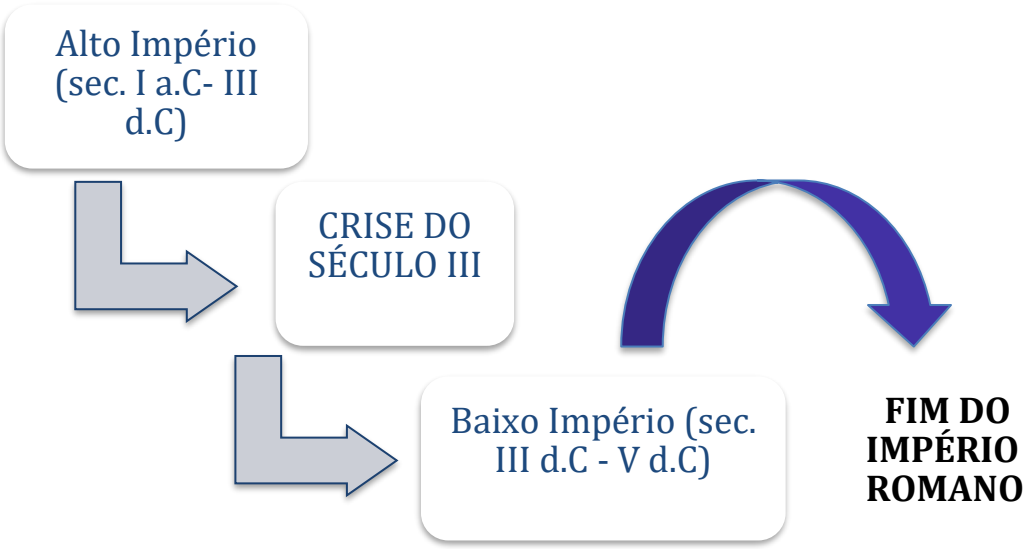
Agora, ATENÇÃO! Esse momento marca a transição do período republicano para o terceiro, e último, momento da história romana: **o IMPÉRIO**! É a concentração de poder e de títulos concedidos a Otávio pelo SENADO que caracteriza essa transição.

Veja **OS TÍTULOS**:

- Primeiro Cidadão
- Chefe do Senado
- *Princeps* (o primeiro e o mais eminente)
- Em 27 a.C. – Recebe o título de IMPERADOR
- *Augustos* (o mais ilustre) – este último só atribuído aos deuses, até então!

3.3 – Império Romano: 27 a.C. – 476 d.C.

O período do Império Romano foi bastante extenso, de 27 a.C. até 476 d.C e, como sempre acontece com grandes períodos históricos, houve uma série de transformações. A ampliação e consolidação do Império, o surgimento do cristianismo, o esgotamento do modelo escravista e, por fim, a desagregação territorial com a chegada de povos não-romanos fazem desse período de 501 anos bastante intenso para se estudar. Para começar, quero que tome nota da periodização que os estudiosos fazem:



3.3.1- Alto Império

O Alto Império é caracterizado por ser um período de esplendor romano, com avanço na organização administrativa, no direito, nas artes, na literatura e na arquitetura. Os imperadores desse período eram comandantes do exército. Além disso, desde Otávio, com seu título de *augustus* (divino), aos imperadores era atribuído um caráter divinizado de sua pessoa.

Como visto, o primeiro dos Imperadores desse período foi Otávio Augustus. Sua política foi conhecida como ***Pax Romana***, pois ele iniciou o período da paz em Roma. Ele se dedicou a implantar uma política de administração pública na vasta extensão territorial, inclusive com o aprimoramento do controle das finanças. Essa era uma questão fundamental para a consolidação e para o sucesso de Roma. As conquistas territoriais anteriores, que a partir desse momento diminuíram o ritmo, atingiram uma dimensão difícil de controlar e de administrar. Assim, a primeira medida de Otávio foi **criar uma burocracia administrativa, com critério censitário**. Com isso, ele atingia dois objetivos:

- ✓ aumentar o controle sobre o Império;
- ✓ garantir privilégios às classes sociais ricas (patrícios e *nobilitas*). Veja, querida e querido aluno, ele ganhou muitos *likes* dessa galera que há muito se sentia desprestigiada por generais plebeus ou com práticas de apelo aos plebeus revoltosos. Espertinho, né?

Além disso, Otávio promoveu uma intervenção do Estado nos costumes familiares, pois incentivou a constituição de famílias e a condenação de mulheres adúlteras. Não por menos, as estátuas expostas não eram somente do Imperador, dele próprio, mas também de seus familiares.

Sobre essa questão dos costumes, veja como havia uma tática política por trás, segundo os Professores Dra. Ana Teresa M. Gonçalves e Dr. Rodrigo S. M. Oliveira (UFG)[12]:

> Em sua estratégia contra Marco Antônio, Otávio se apresentou como protetor e mantenedor da tradição, associando-se aos costumes romanos e ao deus Apolo. Enquanto

[12] GONÇALVES, Ana Teresa M. OLIVEIRA, Rodrigo S. M. A ordem astral: a ação do princeps Otávio Augusto pela legitimidade do seu poder. **Revista Hélade**, v. 3, n. 1, p. 11-26 p. 13.

> isto, ele destacava em seus discursos as preferências de Antônio pelo Oriente, a associação deste com uma divindade estrangeira, Dionísio, e sua relação adúltera com Cleópatra. Dessa forma, M. Antônio fere o que John A. Lobur (2008, p. 15) nomeia de "sensibilidade romana".

Otávio Augustus também precisou encontrar uma forma de atenuar as amplas tensões sociais que dominavam Roma e outras cidades do Império. Quero que você saiba que em Roma viviam mais de 1.200.000 pessoas e na Península Itálica toda por volta de 7.500.000 pessoas. Cara, isso é muita gente para uma cidade da Antiguidade!! Bomba relógio, concordam?

Dessa forma, **o Imperador criou a política de distribuição do trigo e ampliação de espetáculos de jogos, disputas e combates entre gladiadores**. Você já deve ter escutado a famosa expressão: **"Política do Pão e Circo".**

Alguns historiadores afirmam que essa política era parte de uma tentativa de despolitização e manobra dos poderosos para afastar os plebeus e as pessoas empobrecidas das questões políticas. Quem nunca assistiu o filme Gladiador e não torceu para o General Maximus?

Articula uma coisa aqui comigo: lembra dos irmãos Graco e de suas propostas de reforma agrária e distribuição de lotes públicos? Agora compara com a política do pão e circo! Reflita sobre as principais diferenças entre elas. Isso tem um cheirinho de questão bem difícil, hein?

Só dou uma dica: uma solução pensava o problema de forma mais estrutural, mexer no sistema romano; outra, uma medida paliativa, para acalmar os ânimos. Sacou?

Podemos relacionar essas duas políticas de Otávio, **burocratização do estado e "pão e circo**", com elementos estruturais arquitetônicos surgidos em Roma:

- **construção de prédios públicos destinados aos espetáculos**, como o Coliseu – que até hoje tem ruínas para visitarmos 😊;
- **construção de estradas**. Calcula-se que existiram mais de 80 mil quilômetros de estradas pavimentadas interligando as diversas regiões. Manu, isso é muita coisa, né? Eram ruas e mais ruas de paralelepípedo. Hoje, podemos caminhar nelas. É conhecida na Itália como Via Áppia Antiga.

- **construção dos Aquedutos**, responsáveis por transportar água de locais distantes até os centros urbanos.

Com essa administração, intensificada pelas vias de comunicação, no plano econômico, o comércio entre as províncias se desenvolveu intensamente. Também foi criada uma moeda comum para garantir a estabilidade da economia.

Só para não esquecermos do SENADO, os senadores também tiveram suas atribuições na vida político-administrativa de Roma diminuídas. Repare que, de século em século, o SENADO se transformou em uma instituição quase que figurativa.

Via Áppia

Sabe aquele velho ditado “todas as estradas levam à Roma”? Então, existe uma explicação para essa expressão: a existência da Via Áppia. Isso mesmo querida e querido aluno! A Via Áppia é uma estrada que, originalmente, foi criada por Appius Claudius, em 321 a.C., para conectar a cidade de Roma e Cápua. Assim, contemplar-se-ia a necessidade econômica do transporte de mercadoria e facilitaria a locomoção do exército romano. Mas, como todo espaço geográfico está propício a transformações devido a mudança da realidade, a rodovia modernizou seu pavimento e aumentou, chegando a fazer ligação de Roma até o Oriente Médio, Grécia e Egito. Ou seja, se comparado com a atualidade, essa construção não chega a ser especial, mas para

a tecnologia e bagulho era Áppia foi todas as chique do nada, foram mausoléus. para os dia, a Via museu à céu

contexto histórico daquele período, o cabuloso demais!!! Tão cabuloso que a Via nomeada como Regina Viarium (a rainha de estradas). Dessa forma, o pessoal mais role percebeu, e como não são bobos nem agregando à região as vilas luxuosas e Além disso, foram surgindo tavernas e hotéis viajantes que passavam pela região. Hoje em Áppia pode ser visitada. Dizem que é um aberto mesmo 😊

A Arte em Roma

A arte pode ser usada como um instrumento pelo qual transforma o mundo a sua volta, assim como, ela pode ser influenciada pelo próprio mundo (“via de mão dupla”). Dessa forma, muitos estudiosos sobre a história romana buscam entendimentos por meio da arte do período. São os estilosos historiadores da arte!

Inicialmente, a Arte da Roma Antiga foi influenciada pelo povo etrusco, que, por sua vez, dominou a região da península itálica em um período anterior. Assim, a temática popular do cotidiano foi refundada. Posteriormente, os romanos tiveram como referencial a cultura grega, que buscava o ideal de beleza. Mas, apesar do legado artístico que outros povos deixaram para a população em questão, eles desejavam criar seu próprio estilo em diversas áreas da arte. Ou seja, os caras tinham a cabeça para frente e não se conformavam em ser apenas um "rostinho bonito" na estátua.

Arquitetura

A arquitetura, por exemplo, pôde se desenvolver porque a tecnologia da engenharia era muito avançada para a época. Com o advento do concreto, criou-se construções em tamanhos gigantescos. Além disso, aqueles velhos pilares gregos não eram práticos e “eram coisa do passado, a moda agora era”... os arcos redondos (introduzidos pelos etruscos durante a monarquia, porém, mais desenvolvidos pelos romanos no futuro).

Sua formação simples e sistema de distribuição de peso possibilitava a criação de mais vãos com menos pilares e ainda reduzia o preço investido no projeto. Dessa maneira, esses arcos foram influentes para a produção de outros arranjos arquitetônicos, como a cúpula e a abóboda. A partir disso, diversas construções e monumentos foram realizadas, tais como: anfiteatros, templos, termas, aquedutos, entre outros. Pois é, os caras estavam inspirados e o bagulho era muito black mirror.

Pintura

Outra área do campo artístico da Roma Antiga era a pintura. Levantamos algumas características:

- As paredes eram cobertas por gesso pintado. Assim, parecia-se com placas de mármore, as quais só gente chique tinha devido ao alto custo da matéria-prima. Para você ver, querido e querida cadete, que já naquela época existia a famosa gambiarra.

- A casa romana não possuía janelas. Então, os caras entravam na pira de pintá-las na parede, criando um grande mural de paisagens com pessoas, animais.

- A realidade era valorizada através da representação de cada detalhe. Então, eles eram detalhistas.

Literatura, História e Filosofia

Já o meio literário está dividido em muitos gêneros entre prosa e poesia. Sabe-se que a partir do século III a.C surgem as primeiras obras, as quais basicamente traduziam os escritos helenísticos.

Foi no período do fim da República e começo do Império que a literatura teve o seu auge. No reinado de Augusto os escritores eram bancados pelo próprio Estado. Virgílio e Horácio, por exemplo, eram figuras renomadas da Roma.

Já na historiografia, Tito Lívio era influenciado pelas Guerras Púnicas e elevou o heroísmo do povo romano através da retórica.

Por fim, a filosofia, junto a teóricos como Cícero, baseava-se em explicar a natureza e os seus fenômenos.

Após Otávio Augusto, que reinou até 14 d.C., outros imperadores assumiram o poder: Tibério (14 a 37 d.C); Calígula (37 a 41 d.C.); Nero (54 a 68 d.C.); Marco Aurélio e Trajano (161 a 192 d.C.). Os anos de 69 d.C. a 96 d.C. foram marcados por certa estabilidade, quando estiveram à frente do Império membros da **dinastia flaviana,** que foi iniciada por Vespasiano (governo de 69 a 79 d.C). Esse período da dinastia flaviana ficou conhecido como a Idade do Ouro do Império Romano. O período de relativa estabilidade e prosperidade chegou até o ano de 192 d.C, ao final do governo de Trajano.

Nesse contexto, o estudioso inglês Perry Anderson afirma que houve um processo de **"provincialização" do poder central do Império.** Para o estudioso, a composição do Senado e a origem dos imperadores demonstram esse argumento – muitos deles eram originários da região onde hoje é a Espanha e o norte da França, como é o caso de Trajano e Marco Antonio, últimos imperadores da fase expansionista. Uma das

explicações para essa situação é a vastidão do Império Romano. Havia grande dificuldade de ampliar as fronteiras devido à distância e ao custo desse empreendimento.

Além disso, as classes dirigentes e ricas de muitas cidades conquistadas por Roma (que, inclusive, tiveram o papel de controlar os escravos de seus próprios territórios) iniciaram um processo de exigência de cidadania romana. Exatamente isso! Povos conquistados por Roma, durante todos esses séculos reivindicavam sua efetiva participação política e os privilégios de ser um romano. Contudo, essa conquista apenas foi alcançada no século III d.C., em 212 d.C., quando o Imperador Caracala concedeu cidadania romana a praticamente todos os habitantes livres do Império.

Assim, por volta de **192 d.C**., ao final do Governo de Trajano, ocorreram as últimas anexações do Império e se chegou a fase final do apogeu romano. **As fronteiras foram fechadas!! Isso mesmo, minha gente: era o fim do grande período de conquistas romanas**. Daquele momento em diante a preocupação passou a ser assegurar os limites fronteiriços do vasto Império.

A questão para Roma (e para você entender, meu caro) é que a origem do crescimento econômico e de todo esplendor romano estava ligado às guerras de conquistas - lembram-se de que as duas grandes riquezas de Roma eram terra e escravos? Como fazer para manter o Império quando a fonte de riqueza seca? Essa é a discussão da nossa próxima seção!

3.3.2 - Crise do século III e Baixo Império

Vamos pensar um pouco comigo: o fechamento das fronteiras e o fim da política de expansão territorial foi consequência das causas que elencamos acima – dificuldades militares e econômicas para manter o império, bem como sua vastíssima extensão e a pressão de forças políticas exteriores à Capital. Portanto, podemos pensar que o modelo expansionista havia chegado ao seu esgotamento. Contudo, o sistema romano era alimentado pelos despojos dessas conquistas, que não haveria mais de abastecer Roma. Isso gerou consequências que aceleraram a desintegração política, econômica e social do Império Romano. O Século III da Era Cristã mostrou a intensidade dessa crise. Vejamos!

A principal consequência do fim da expansão foi uma crise do sistema escravistas. Foram 700 anos utilizando a mão de obra escrava para sustentar a economia. A dependência que a estrutura produtiva adquiriu desse tipo de mão de obra fez com que todos os setores sentissem as consequências da diminuição do número de escravos e o consequente aumento do custo pela sua aquisição. Essa situação gerou insuficiência produtiva, aumento do custo dos produtos e, assim, do custo de vida nas cidades. **Portanto, podemos afirmar que a crise do sistema escravista gerou uma crise econômica.**

Esse cenário também enfraqueceu o poderio econômico do estado romano que se sustentava, inclusive, por meio dos impostos cobrados dos cidadãos. Menos conquistas, menos despojos, menos produção e comércio...menos impostos!

Por que é importante frisar isso? Porque com o fim das invasões, a preocupação do governo foi fortalecer a fronteira para garantir a segurança do Império. Mas, para isso, era fundamental ter um grande, bom e equipado exército. E como tê-lo se o estado estava cada vez menos monetarizado? Percebem as contradições que vão se acumulando com o do fim da expansão territorial? Acrescenta-se que, essa situação com a manutenção do exército se aplicava às demais estruturas político-administrativas do Império. **Portanto, havia uma crise de sistema político e da capacidade de manter a governabilidade do vasto império.**

3.4. - Cristianismo: das catacumbas ao apogeu

Nesse contexto de crise que estamos tratando, é fundamental dedicarmos atenção especial ao tema da religião cristã surgida no começo do Império.

Para a historiografia, há um inegável paralelo entre a evolução do cristianismo e a queda de Roma. O historiador Rostovtzeff estabelece que "à medida que a decadência do império se acentuava, a força da Igreja crescia"[13]. Mas vejamos um pouco sobre o desenvolvimento e a relação que os romanos mantiveram com as ideias cristãs.

A religião cristã começou a se desenvolver na Palestina, uma província que passou a ser ocupada pelos romanos a partir de 64 a.C. e governada por Herodes, o Grande. Basta você se lembrar de que Jesus Cristo nasceu no tempo do Imperador Otávio Augusto e que a data do nascimento de Jesus foi assumida como o ano Zero do calendário cristão (adotado praticamente em todo o ocidente).

[13] ROSTOVTZEFF, M. História de Roma. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 1973, p. 283.

Antes do surgimento do cristianismo, a religião de Roma e de seus Imperadores era politeísta, baseada em pressupostos da mitologia greco-romana. Além disso, ainda segundo o historiador Rostovtzeff[14], embora os deuses gregos e romanos fossem venerados nas províncias, cada região do Império Romano contava com deuses próprios e locais. Os celtas tinham Deuses da natureza e do Estado e fadas beneficentes. Os sírios admitiam variedades do deus-sol. O Egito mantinha a antiga religião do tempo dos faraós. No geral, todo mundo podia crer no que quisesse desde que prestasse culto aos deuses oficiais e respeitasse o Império[15]. **Por isso, os romanos toleravam as religiões não oficiais, ou seja, a religião dos povos conquistados.**

Na Palestina, Jesus sustentava uma fé monoteísta segundo a qual existia um único Deus criador da vida e do universo. A pregação religiosa de Jesus estava baseada no amor, na fraternidade e no livre-arbítrio das pessoas. **Tais elementos, do ponto de vista da força das ideias, constituíam-se em uma ameaça potencial à dominação romana na Palestina**. Afinal, Roma oprimia e explorava os povos que viviam nas províncias e, além disso, os Imperadores eram tidos como seres divinizados. Lembra do título de augustos?

Iniciada por Jesus e por um grupo pequeno de discípulos, o cristianismo começava a incomodar os governantes romanos, pois questionava as leis, os costumes romanos e a divindade do Imperador. Neste momento, ainda na Palestina, os cristãos passaram a ser discriminados, sofreram chacotas e violência do governo. Em 33 d.C., como é sabido, Jesus foi crucificado e morto.

Durante o Império de Nero, que durou de 54 a 68 d.C., os cristãos chegaram a ser acusados de terem incendiado Roma. É isso mesmo! Lembra daquela história que Nero incendiou Roma? Pois é, depois ele jogou toda a culpa nos cristãos e usou o fato para persegui-los e matá-los. Sofreram as mais absurdas atrocidades como, por exemplo, serem devorados por leões nos Coliseus a título de entretenimento dos plebeus. De certa forma, os cristãos foram vítimas da política do Pão e Circo e da enorme alienação das massas.

Porém, **ao invés de a discriminação e a repressão aos cristãos enfraquecer esse grupo em formação, ocorreu o contrário.** Ele se desenvolveu e aperfeiçoou a doutrina como religião. Ademais, a doutrina de Cristo de amor ao próximo e auxílio e caridade aos pobres encontrava terreno fértil na situação de desigualdade social das cidades dominadas pelos romanos. O apóstolo Pedro, conhecido com o pescador, levou o cristianismo à cidade de Roma e cativou os humildes, os pobres e os escravos. Posteriormente, Pedro foi preso e crucificado.

No início do cristianismo, com ênfase no século II, a religião se desenvolveu gradualmente, penetrou vastas camadas da sociedade e até mesmo as fileiras do exército romano. Mas, no século III, os Imperadores

---

[14] ROSTOVTZEFF, M. História de Roma. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 1973, pp. 275-277.

[15] DREHER, Martin N. A Igreja no Império Romano. Coleção História da Igreja, V.1. São Leopoldo: Ed. Sinodal. 2004, p. 51.

Maximino, Décio e Valeriano declararam guerra ao cristianismo. Dentre as motivações políticas para vetar o cristianismo nos territórios romanos estava a pregação cristã contra a escravidão**. Ou seja, o cristianismo passou a questionar uma base estrutural do sistema econômico romano. Repare que esse elemento da crítica cristã é um dos pontos de encontro com o período de crise e decadência de Roma**.

Apesar da perseguição do século III, ocorreu que o cristianismo cresceu e alguns governantes romanos calcularam que mais valeria a pena aliar-se a ele do que o combatê-lo. Além disso, a crise do Império no final do século III exigia novas formas de controle da população. Por isso, no ano de 313 d.C., o Imperador Romano Constantino se converteu ao cristianismo e publicou o Édito de Milão. Leia um trecho do documento:

Deliberamos [Constantino Augusto e Licínio Augusto] conceder aos cristãos e a quem quer que seja, a liberdade de praticar a religião de sua preferência a fim de que a Divindade que nos céus reside venha a ser favorável e propícia para nós e para todos os nossos súditos. Parece-nos ser medida boa, razoável, não recusar a nenhum de nossos súditos, seja ele cristão ou adepto de qualquer outro culto, o direito de seguir a religião que melhor lhe convenha. Assim sendo, a Divindade que cada um reverenciar a seu modo, livremente, poderá também estender a nós sua benevolência e seus habituais favores."

Em 325 d.C Constantino promoveu o Concílio de Nicéia. Uma reunião para definir quais seriam as crenças e as condutas dos cidadãos romanos. Nesse cenário de reconhecimento do cristianismo, no ano de 380 d.C., o Imperador Teodósio, por meio do **Édito de Tessalônica**, declarou o cristianismo como a religião oficial do Império Romano.

Memorize: foi a partir desse reconhecimento que a Igreja católica iniciou sua consolidação como "Igreja Católica Apostólica Romana". Uma instituição chave para as relações de poder que iriam se constituir na próxima fase da história ocidental, a Idade Média.

Diante de tal quadro de instabilidade, a historiografia costuma destacar alguns imperadores que tentaram promover soluções mais estruturais para a situação. **Destacamos os governos de Diocleciano, Constantino e Teodósio**.

Dá um bizu em cada:

O Governo de Diocleciano ocorreu entre 284-305 d.C.

Para diminuir os conflitos de interesses locais, especialmente, entre os generais, ele criou a tetrarquia: dividiu o Império em 4 regiões administrativas. Além disso, para tentar controlar a crise inflacionária do aumento acelerado do custo de vida impôs uma lei: Edito Máximo - Congelamento do preço dos alimentos.

Evidentemente, essa política teve um efeito apenas momentâneo já que, como estamos discutindo, a crise em Roma é estrutural. Congelar preços é medida paliativa!!

> Édito Máximo: ficam congelados os preços em geral e os salários!

Governo de Constantino

Para falar do **Governo de Constantino**, **ocorrido entre 306 e 337 d.C**., gostaria de chamar sua atenção para o seguinte: embora houvesse essa crise generalizada, os efeitos desse processo foram sentidos de maneira diversa a depender da região do Império. Por exemplo, enquanto na Gália (atual região da França) o comércio estava em completa decadência e a produção agrícola chegava ao nível de subsistência, na região oriental do Império o comércio com os povos do Oriente Médio e da Ásia continuava florescendo. Foi o caso da área da região da atual Turquia. **Assim, o Imperador Constantino criou uma segunda Capital para o Império na cidade da atual Istambul, antiga Bizâncio.** Mudaram o nome e ela passou a se chamar Constantinopla – em homenagem ao Imperador. A ideia, com essa medida, era aumentar a importância da região oriental do Império e, assim, valorizar o rico comércio que se estabelecia naquela região.

Portanto, podemos afirmar que na "parte Europeia do Império", a crise social se aprofundava. **As cidades não eram mais um atrativo para as pessoas. Ao contrário, sua precariedade de oportunidades, os custos insustentáveis e nenhuma política assistencialista aos miseráveis desencadeou um processo de ruralização da sociedade romana,** ou seja, havia um movimento migratório cidade-campo. Nas terras dos grandes senhores patrícios, os empobrecidos buscavam refúgio e trabalho em troca de comida. Para regularizar essa situação, **Constantino criou o sistema de colonato: fixação do camponês à terra**. **Assim, iniciava-se a transição de trabalho escravo para servil** (que será consolidado no feudalismo, como veremos nas próximas aulas).

-Criou a Segunda Capital: Constantinopla

-Instituiu o colonato

-Deu liberdade de culto aos cristãos

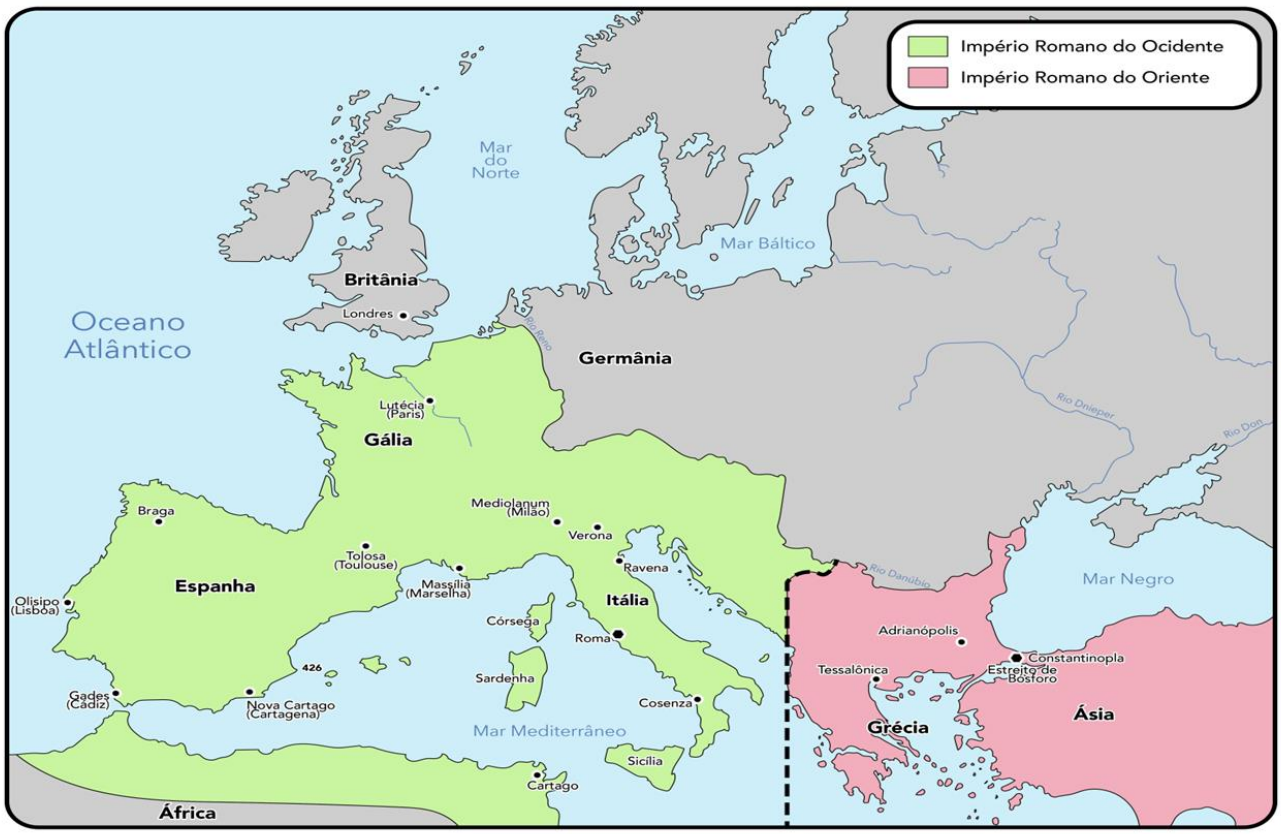
Governo de Teodósio

Alguns anos depois, ascende ao poder Teodósio. O Imperador governou entre 378 e 395 d.C. e deu um passo fundamental na fragmentação do Império Romano: dividiu-o em 2 partes com 2 o capitais e 2 imperadores. Além disso, **decretou o Édito da Tessalônica, em 380 d.C**, pois meio do qual oficializou o cristianismo como religião oficial do Império.

Observe com atenção o esquema e o mapa abaixo:

Tornou o cristianismo a religião oficial do Império

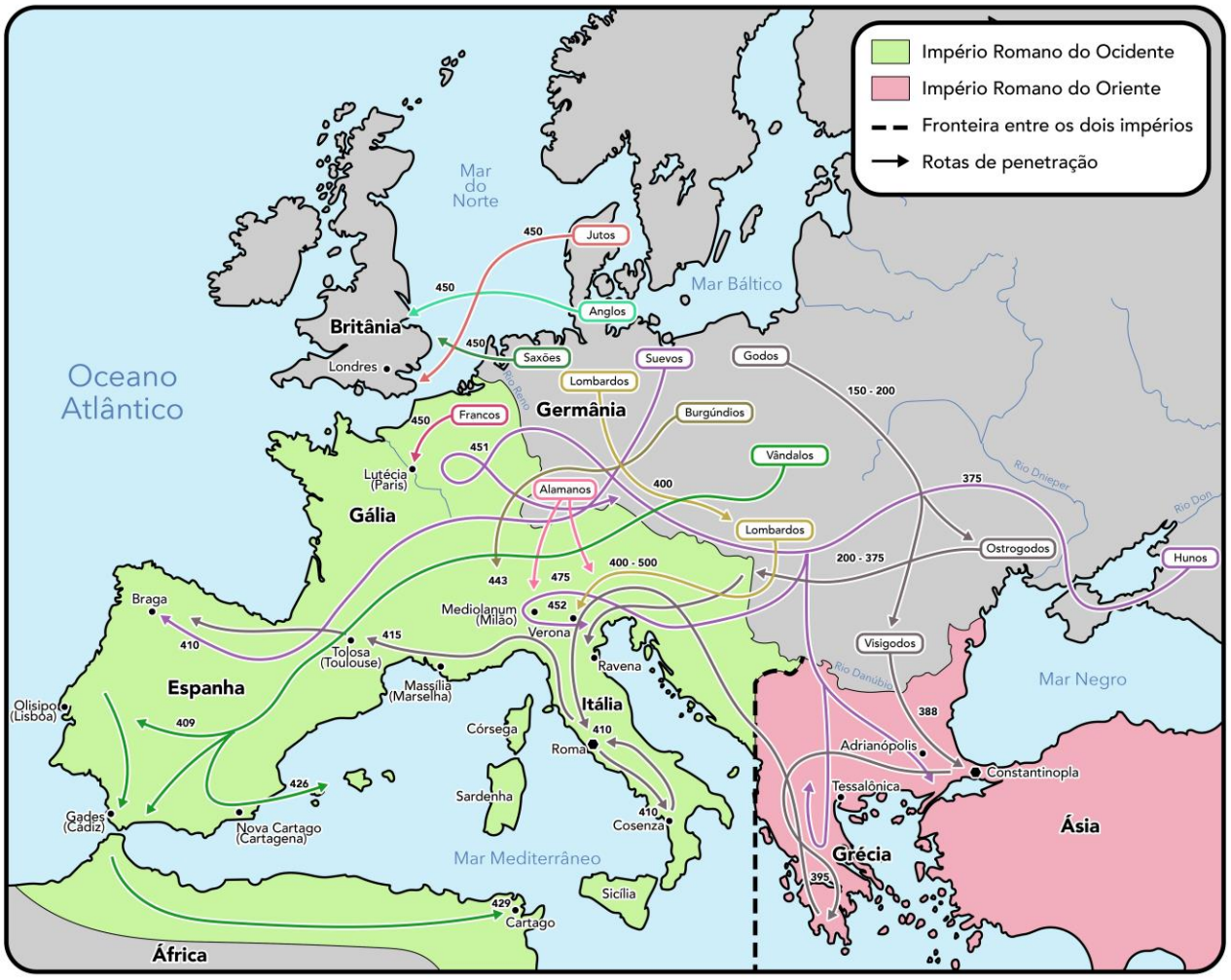
Decretou a divisão do Império em 2: Império Romano do Ocidente e do Oriente



Agora, querida e querido aluno, nós precisamos estudar as duas partes do Império de maneira separada, pois as experiências históricas das duas regiões foram distintas. Essa diferença, inclusive, foi responsável pela explicação da transição da Idade Antiga para a Idade Média. Atente-se e não se confunda, ok? Na continuidade da aula, logo abaixo, eu vou dar sequência para o que ocorreu na porção Ocidental do Império, ou melhor, no Império Romano do Ocidente. Se liga aí!

3.5.– Invasões bárbaras e a desorganização final do Império Romano do Ocidente

Outra questão **agravou a situação do Império Romano do Ocidente: as chamadas Invasões Bárbaras**. Este é outro assunto que precisa de um pouco de reflexão. Vamos lá! E quero que você MEMORIZE algo que eu disse logo acima sobre as fronteiras do Império Romano: em determinado momento as fronteiras foram fechadas e os romanos pararam a expansão.



Primeiramente, conforme o professor italiano Jérôme Baschet[16], o termo "bárbaro" vem do grego e é uma referência às pessoas que não falavam grego ou compartilhavam das culturas gregas. Na era antes de Cristo (a.C.), a expressão "bárbaro" não tinha o peso negativo que as pessoas comumente usam hoje. Da mesma forma, para o Império Romano, o termo se referia aos povos que não faziam parte do Império, povos não-romanos.

A expressão negativa foi gradualmente construída para se referir a povos considerados incivilizados – lembra da discussão que fizemos, na aula 00, sobre o conceito de civilização?

[16] BASCHET, J. A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Ed. Globo Livros, 2014.

Leia essa citação de Baschet:

Mas a conotação negativa adquirida por este termo torna difícil empregá-lo hoje sem reproduzir um julgamento de valor que faz de Roma o padrão de civilização e de seus adversários os agentes da decadência, do atraso e da incultura. (p. 49)

Assim, a melhor expressão para esses povos seria simplesmente povos germânicos *"expressão aceitável em sua neutralidade descritiva",* conforme leciona o professor italiano. Os bárbaros, ou melhor, os povos germânicos, não eram nada incivilizados. Tinham um modo de vida próprio, diferente dos romanos.

A economia era bastante baseada na agricultura e no pastoreio de modo que não havia o desenvolvimento do comércio. A sociedade organizava-se em tribos fundadas em clãs, isto é, nas grandes famílias cujos laços eram estabelecidos pelo parentesco e por relações de lealdade e de proteção. As leis dos germânicos originavam-se nos costumes seculares das tribos – **leis consuetudinárias** - transmitidos oralmente de geração para geração. Quanto à organização político-administrativa, havia um sistema comunitário, ou seja, não havia a propriedade particular da terra e dos instrumentos de produção. Dessa forma, também não havia um Estado centralizado. Novamente, vamos ler um trecho do livro do professor Baschet para firmar nosso conhecimento sobre esse tópico:

"(...) sua coesão social e política em torno de seu chefe, ou ainda, sua habilidade em matéria de artesanato e, principalmente, do trabalho com metais, superior à do mundo romano, asseguram-lhes vantagens e permitem que eles se aproveitem das fraquezas de um Império em dificuldade" (p.50)

Percebem que as diferenças do modo de vida dos povos não romanos, naquele contexto de crise estrutural de Roma, foi um elemento positivo para sua penetração e posterior fixação nas terras do decadente Império?

- Mas quem eram esses povos, Profe? Eles moravam onde, chegaram como e por quê?

Então, queridas e queridos, esses povos não-romanos viviam no norte e no leste da Europa e no leste da Ásia. Dividiam-se em, pelo menos, três grandes grupos nômades:

- os **hunos** (originários da região da Mongólia), também conhecidos, junto com os turcos, como **tártaro-mongóis**;
- os **eslavos** (originalmente da Rússia central);
- os **germânicos** (norte e leste europeu). Estes, por sua vez, podem ser subdivididos nos seguintes agrupamentos: **uevos, lombardos, saxões, teutônicos, francos** (originários do norte da Europa); e **godos, visigodos, vândalos, hérulos** (provenientes do leste europeu).

Outra discussão importante a ser feita sobre esse assunto é o que se considera como "invasões bárbaras". Elas foram, na verdade, incursões dos germânicos no território do Império Romano do Ocidente. Por isso, também é comum a referência ao deslocamento dos bárbaros como migrações bárbaras. Esse deslocamento ocorreu tanto porque os bárbaros germânicos buscavam terras férteis quanto porque foram coagidos por outros povos a se deslocarem na direção do Império Romano. **A historiografia indica que os primeiros contatos entre romanos e germanos foram pacíficos, por isso, não é correto a referência a esse processo como "invasões". As invasões aconteceram, mas não se pode generalizar.**

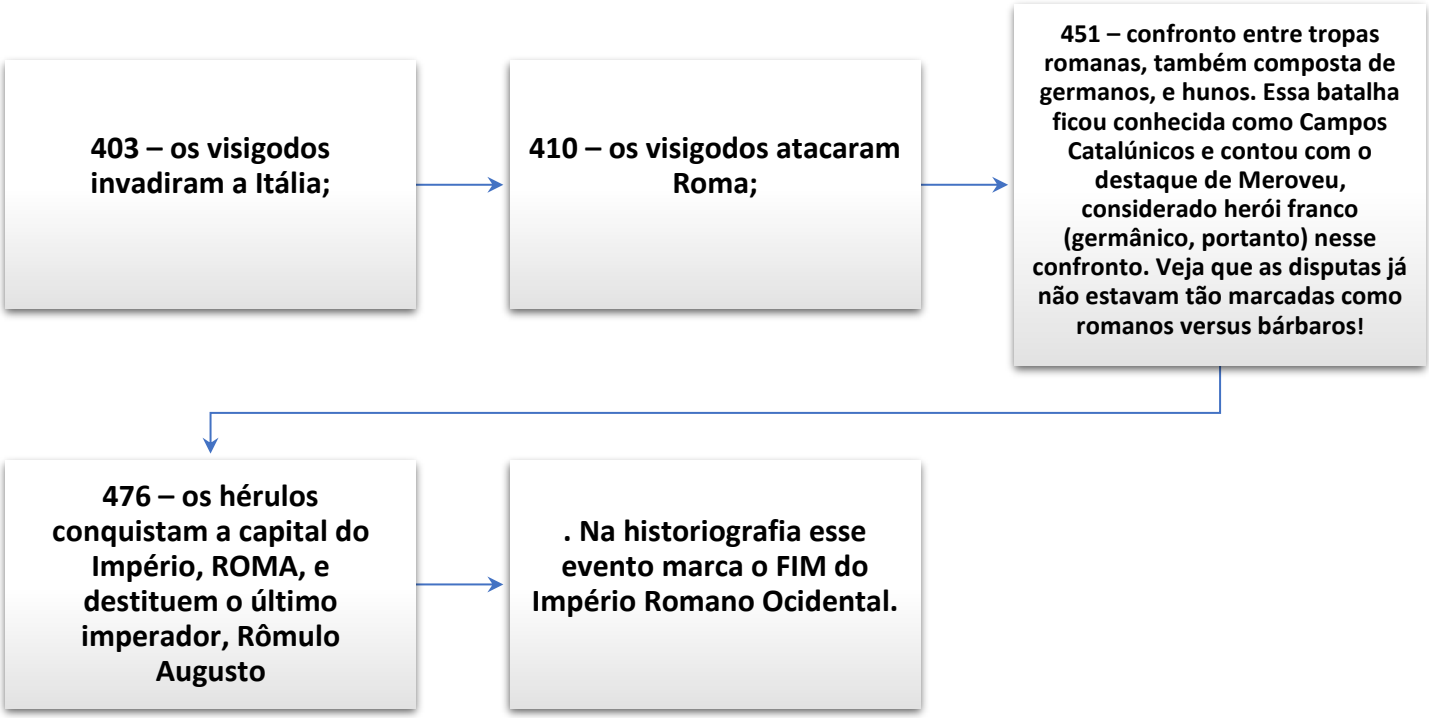
Nesse sentido, em um primeiro momento, houve relativa integração entre as duas culturas. Muitos germânicos, por exemplo, viveram durante muito tempo como colonos campesinos no Império Romano. No período da crise de mão de obra, chegaram até a prestar serviço militar em troca de cidadania. Isso teria ocorrido porque os imperadores romanos calcularam que, diante da decadência de Roma, seria melhor buscar alianças com os bárbaros germanos do que confrontá-los.

A zona fronteiriça teve papel fundamental para a integração dos dois mundos no sentido de produzir uma realidade intermediária, qual seja: **a da formação de uma cultura romano-germânica – que se consolidou ao longo do período medieval.** Foi no lime *(na fronteira)* que romanos e germânicos se encontraram por muitos séculos, mas especialmente, no período decadente de Roma.

Porém, no final do século V, os povos germânicos vindos do leste europeu fizeram incursões nada pacíficas!! Elas foram fruto de um **deslocamento massivo de germânicos que fugiam das perseguições dos hunos da Ásia Central**. Ou seja, meus queridos, germânicos e romanos sentiam o mesmo medo e passavam pelos mesmos riscos com a vinda agressiva dos hunos. Diz Baschet:

"Assim, quando os razias dos hunos, vindos da Ásia central, se abatem sobre a Europa, os visigodos que pedem autorização para entrar no Império são agricultores tão inquietos diante desse novo perigo quanto os próprios romanos." (p. 50)

Em suma, guarde que os germânicos se relacionaram com os romanos tanto de forma pacífica quanto de forma violenta. **Para evidenciar os confrontos entre bárbaros e romanos, veja alguns principais momentos:**

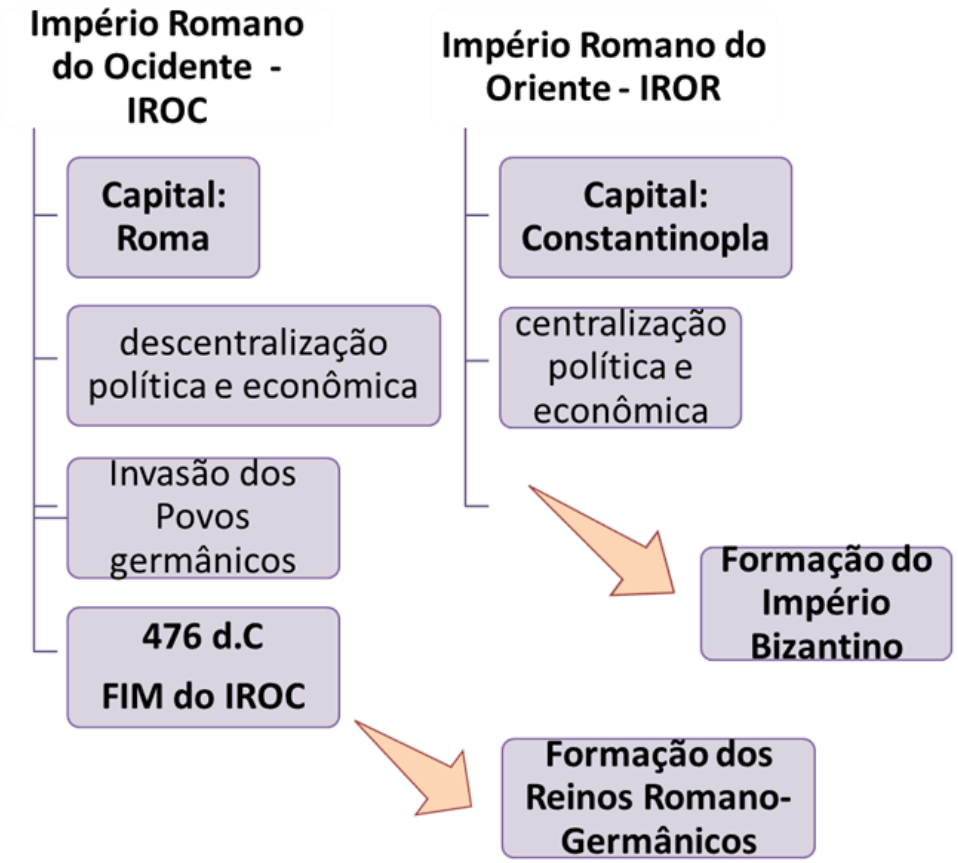


ATENÇÃO: nessa altura do campeonato, precisa estar claro para você que as "invasões bárbaras" não foram a única variável causal (causa) da desagregação do Império Romano. **Entre os séculos III e V, Roma estava em decadência,** como vimos acima. Desse modo, lembro também **que a crise escravista e a insuficiência produtiva-econômica de Roma tornaram o Império Romano mais vulnerável**. Por isso, no Baixo Império Romano (séculos III a V), iniciou-se a derrocada dos romanos, a qual foi aprofundada pelas investidas dos germânicos nas regiões romanas. **Vulnerável, a escalada de invasão germânica mais violenta contribuiu mais ainda para enfraquecer Roma.**

Além disso, **se articulamos a adoção do colonato com as invasões germânicas**, veremos que essas experiências contribuíram decisivamente para o processo de ruralização da sociedade romana ocidental. As pessoas passaram a optar pela vida no campo. O desfecho dessa ruralização desemboca na ordem feudal, como veremos na próxima aula.

O ato final foi em 476 d.C., quando um povo germânico, os hérulos, derrotou o último Imperador da Roma Ocidental: Rômulo Augusto. Flávio Odoacro, germânico, assumiu o título de Rei de Roma e governou de 476 a 493 d.C.. Foi o fim da Antiguidade!!!! Pegou? Qualquer coisa: **Fórum de Dúvidas!**

EXEMPLIFICANDO



A crise do Império Romano foi marcada por um processo que:

a) alterou as relações sociais e políticas determinando novos vínculos, assentados, principalmente, na posse de terras.

b) foi responsável pela consolidação e expansão das instituições políticas e sociais romanas por toda a Europa.

c) criou novas atividades econômicas e intensificou as relações comerciais entre o Império Romano do Ocidente e o Império Romano do Oriente.

d) favoreceu o crescimento das cidades, devido ao êxodo rural provocado pelos constantes ataques dos invasores bárbaros.

e) transformou as terras de cultivo em pastagens cercadas, tornando-as propriedades privadas, o que ocasionou a marginalização dos agricultores.

Comentário

Essa questão é típica de "felling", ou seja, você precisa saber o sentido mais geral do que a crise do Império Romano provocou social, econômica e politicamente em Roma. Primeiro, se houve uma crise, o mais provável é que ela afetou aspectos da vida social, por isso, a alternativa a) já soa bem no ouvido. A alternativa a) também nos apresenta algo que faz sentido, qual seja, novos vínculos em função da posse de terra. Numa primeira leitura você pode pensar: "ah, ok!! A o item não está ruim, nem bom, é melhor eu ler as demais". E é isso que você deve fazer na prova. Ficou com dúvida se uma alternativa está certa ou errada, veja se você descobre erro nas demais. Então vamos lá!! A b) chuta o balde e afirma que as instituições romanas tomaram TODA a Europa. Sabemos que havia limites no território romano, basta pegar os mapas e conferir que os romanos não dominaram TODA a Europa. A alternativa c) afirma que houve um processo que não condiz com a crise do Império Romano: se estava tudo desmoronando, como as relações comerciais se fortaleceriam? Contraditório isso aé, meu!!!! A letra d) também está errada porque o êxodo rural e o crescimento das cidades não foram uma marca do momento da crise do Império Romano, vimos que esse processo ocorreu na Monarquia e na República. Pense que no final do Império Romano, as invasões bárbaras só poderiam produzir o movimento contrário ao crescimento das cidades: as pessoas fugiam das cidades!!! A alternativa e) nos traz o debate da propriedade privada. Os patrícios até tinham terras privadas, mas a formação dessas terras foi láaaa no momento em que Roma estava em formação. Além disso, como o sistema romano contava com terras privadas e terras públicas, esse elemento nem é top 10 para as explicações da Roma antiga. Por fim, a alternativa relaciona que a propriedade privada marginalizou dos agricultores, veja: vimos que a perda das terras dos pequenos agricultores, os quais também tinha propriedade privada, foi ocasionada por endividamentos, processo de concentração de terras, modelo escravagista, etc. A relação de causa e efeito dessa alternativa está errada. Feita toda essa análise, você volta na alternativa a) e crava o X nela.

Gabarito: A

Queridas e queridos, chegamos ao fim da Idade Antiga, ou Antiguidade. E se você chegou até aqui parabéns, você está no caminho certo para conquistar seus sonhos!

Na próxima aula, veremos o desenrolar da história com a Idade Média.

Agora faça seu **controle de temporalidade**. Anota em qual momento da história estamos parando: **Século V da Era Cristã!!!!**

Faça todos os exercícios. E se aparecerem dúvidas, vá ao **Fórum de Dúvidas**.

Nos vemos na próxima aula!

Um beijo, um abraço apertado e um suspiro dobrado, de amor sem fim!

Alê 😊

4. Lista de Questões

1. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2019)

As cidades-estado antigas desenvolveram, progressivamente, formas mais abertas de participação no poder, denominadas pelos próprios antigos de “democracia”. O caso mais exemplar foi o de Atenas, modelo para muitas cidades-estado, onde a democracia se manteve por quase dois séculos.

(Norberto Luiz Guarinello. Cidades-estado na Antiguidade Clássica. Em: J. Pinsky; C. B. Pinsky. História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2008. Adaptado)

Entre as marcas da democracia antiga, é correto identificar

a) a eleição de representantes masculinos com direito a voz e voto pela assembleia da cidade-estado, órgão político que incluía mulheres e estrangeiros.

b) a importância decrescente dos escravos, a ponto de discutir-se a abolição da escravatura, e a consequente redução das desigualdades nas cidades-estado.

c) a conquista pacífica de direitos por parte dos mais pobres, ainda que se mantivesse a marca aristocrática de distinção social regulada pelo nascimento.

d) a ojeriza à guerra e ao conflito social, o que contribuiu para que Atenas fosse derrotada sucessivamente pelos persas e pelos espartanos.

e) a participação política direta, exercida por um corpo de cidadãos ativos, sem a noção de representação e restrita aos cidadãos masculinos.

2. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2016)

A decisão, ao final de cada combate dos jogos de gladiadores, estava nas mãos da multidão, a testemunhar um ato de soberania popular que só teria equivalência, no mundo moderno, com os referendos ou plebiscitos, em que todos se manifestam. O princípio da soberania popular manifestava- -se, na arena, de forma direta e incisiva. Se nas eleições as mulheres não tinham direito ao voto, na arena todos podiam manifestar-se, prerrogativa que a cidadania moderna atingiria apenas no século XX. (Jaime Pinsky e Carla Pinsky (orgs.), História da Cidadania)

De acordo com o texto, os jogos de gladiadores

a) eram um aspecto importante da participação da coletividade na vida pública.

b) destinavam-se à diversão dos escravos, distraindo-os das questões sociais.

c) faziam parte da política social do Império, contribuindo para a redução das desigualdades.

d) reproduziam o caráter horizontal e igualitário da estrutura da sociedade romana.

e) funcionavam como o sistema penal da sociedade romana, punindo ladrões e marginais.

3. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2015)

O grupo extremista islâmico autodenominado “Estado Islâmico” (EI) começou a destruir mais um sítio arqueológico no norte do Iraque, segundo fontes curdas. No início desta semana, militantes do grupo haviam começado a demolir as ruínas da cidade de Nimrud, antiga capital do império assírio, situada no norte da Mesopotâmia e fundada no século 13 a.C..

(UOL, 7 mar.15. Disponível em: Adaptado)

Em relação à cidade citada no trecho, é correto afirmar que ficava localizada em uma região

a) desértica, sem muitos recursos e sem a possibilidade de cultivar alimentos, o que fez do lugar um sítio bastante inóspito e com uma ocupação sempre muito instável e irregular.

b) bem próxima ao vale do rio Nilo, o que favorecia o cultivo de alimentos nas terras férteis da várzea do rio, tendo possibilitado o contato com os egípcios e o processo de sedentarização.

c) pouco propícia à sedentarização, o que levava os seus habitantes a estabelecerem trocas comerciais em busca de alimentos, além de conviverem com a dificuldade de produzir objetos de cerâmica.

d) banhada por dois importantes rios, o Tigre e o Eufrates, em torno dos quais surgiram os primeiros agrupamentos humanos que dominaram a técnica da escrita de que se tem notícia.

e) que oferecia água corrente em abundância, sem que se fizessem necessárias obras hidráulicas, o que favoreceu o desenvolvimento de uma sociedade complexa e institucionalizada.

4. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2014)

A religião dos romanos era politeísta e antropomórfica com nítidas influências das crenças etrusca e grega. Ao dominar grande parte do mundo conhecido, os romanos entraram em contato com diversas religiões e tiveram por elas grande respeito. Algumas chegaram a erigir seus templos na própria cidade de Roma. O Panteão, ou conjunto de deuses, dos romanos chegou a incorporar alguns dos deuses gregos, com nomes trocados para nomes latinos, mas com os mesmos atributos.

(FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2011)

A tolerância que os romanos tiveram para com diversas religiões do mundo por eles conquistadas não existiu, entretanto, para com a religião cristã, pois

a) o universo simbólico do cristianismo era muito próximo da religiosidade romana, inclusive em relação ao monoteísmo, o que acabou gerando certa competição entre as religiões.

b) no momento em que surgiu o cristianismo, a sociedade romana vivia o período mais agudo da sua crise política, social e econômica, o que aumentou a repressão à nova religião.

c) o cristianismo era, à época, uma religião fechada à conversão, assim como o judaísmo, o que contrariava o esforço de expansão e a perspectiva universalizante da sociedade romana.

d) a figura do Papa e das outras autoridades da Igreja Católica, tais como cardeais, bispos e arcebispos, ameaçavam simbolicamente a ordem, a hierarquia e a própria existência do império.

e) de início os cristãos foram perseguidos principalmente por motivos políticos, ainda que mais tarde, no contexto de crise da sociedade romana, o cristianismo tenha se expandido.

5. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2013)

A cidadania nos Estados nacionais contemporâneos é um fenômeno único na História. Não podemos falar de continuidade do mundo antigo, de repetição de uma experiência passada e nem mesmo de um desenvolvimento progressivo que unisse o mundo contemporâneo ao antigo. São mundos diferentes, com sociedades distintas, nas quais pertencimento, participação e direitos têm sentidos diversos.

(Norberto Luiz Guarinello, *Cidades-Estado na Antiguidade Clássica*. In PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 29.)

Entre as diferenças que separam o Estado nacional contemporâneo da cidade-estado da Antiguidade, é possível destacar

a) o aspecto militar, que no passado era considerado parte das responsabilidades particulares de cada cidadão e hoje é um dever do Estado.

b) a concepção de cidadania, muito mais restrita à época do que hoje, de tal forma que mulheres, estrangeiros e escravos não eram considerados cidadãos.

c) a política educacional, de caráter público e direcionada a toda a população no mundo antigo, enquanto hoje coexistem instituições públicas e privadas.

d) a política de reforma agrária, desnecessária no mundo antigo devido à igualdade econômica existente, enquanto hoje é parte importante das políticas sociais.

e) a questão econômica, àquela época comandada pelo poder público e hoje sob a responsabilidade dos agentes privados, que gozam de grande autonomia.

6. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2012)

No século II a.C., os irmãos Tibério e Caio Graco defenderam a reforma agrária em Roma. Tal proposta era consequência de um processo histórico anterior de concentração de terras na sociedade romana, pois

a) os camponeses, empobrecidos e sem condições de produzir, vinham perdendo suas terras para os patrícios e migrando para as cidades.

b) os patrícios eram os únicos que poderiam ser proprietários de terra em Roma, já que havia uma clara limitação social relacionada ao direito de propriedade.

c) a escravidão vinha diminuindo, o que fazia com que os ricos proprietários ampliassem as suas propriedades na tentativa de aumentar a produção em mais terras cultiváveis.

d) as guerras de expansão tiveram como resultado a ampliação do número de pequenos proprietários, porque formavam-se pequenas propriedades nos novos territórios conquistados.

e) apenas os grandes proprietários participavam do exército, o que tornava necessário aumentar o número de latifundiários para ampliar e reforçar o poder militar de Roma.

7. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2011)

No tempo de Péricles, a população de Atenas era de, aproximadamente, 400 mil habitantes. Mas os cidadãos com direitos plenos não passavam de 40 mil. (...)

(Luiz Koshiba. História: origens, estruturas e processos, 2000.)

Na época tratada no fragmento, eram considerados cidadãos em Atenas apenas os

a) homens e as mulheres religiosos, que tivessem propriedade rural.

b) homens, filhos de pais atenienses.

c) homens guerreiros, com origem nobre.

d) aristocratas e os comerciantes, atenienses ou estrangeiros.

e) homens e as mulheres, que possuíssem renda advinda de atividade urbana.

8. (FGV 2019)

Aqueles que compõem a cidade, tão diferentes entre si por suas origens, condições e funções, de certa forma parecem "semelhantes" uns aos outros. Essa similitude funda a unidade da pólis, porque para os gregos somente os semelhantes podem permanecer mutuamente unidos pela *Philia*, associados a uma mesma comunidade. Todos aqueles que participam do Estado definem-se como *Homoioi*, semelhantes, depois de maneira mais abstrata, como *Isoi*, iguais. Essa imagem das relações humanas encontrará no século VI a.C. a sua expressão rigorosa no conceito de *isonomia*: igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder.

(Jean-Pierre Vernant. *Les origines de la pensée grecque*, 1995. Adaptado.)

O autor argumenta que a organização da pólis grega

a) desconhecia as desigualdades reais entre os cidadãos na esfera das decisões políticas coletivas.

b) fundava-se no sentimento recíproco de amizade entre os cidadãos dos mesmos grupos econômicos.

c) abria-se à participação nas decisões públicas dos aliados incondicionais da cidade nos períodos de guerra.

d) enaltecia o exercício da racionalidade política em prejuízo dos cultos das divindades do mundo grego.

e) distribuía o conjunto das tarefas públicas de acordo com as aptidões políticas de cada um dos cidadãos.

9. (FGV 2018)

Leia o texto.

Aos 7 anos: deixava sua família para iniciar a educação militar.

Aos 20: era admitido num grupo de outros guerreiros; a participação era obrigatória.

Aos 30: ganhava poder de voto na *Apela*, assembleia militar que indicava o conselho dos anciãos.

A partir dos 60: se fosse um membro da aristocracia, podia ser indicado para o conselho de anciãos, a *Gerúsia*.

(Flavio Campos e Regina Claro, *Oficina de História*)

As informações fazem referência a um

a) meteco ateniense.

b) nobre troiano.

c) cidadão espartano.

d) escriba egípcio.

d) tribuno romano

10. (FGV 2017)

A vida privada dos escravos romanos à época do Império é um espetáculo pueril que se olha com desdém. No entanto, esses homens tinham vida própria; por exemplo, participavam da religião, e não apenas da religião do lar que, afinal, era o seu: fora de casa, um escravo podia perfeitamente ser aceito como sacerdote pelos fiéis de alguma devoção coletiva; podia também se tornar padre dessa Igreja cristã que nem por um momento pensou em abolir a escravidão. Paganismo ou cristianismo, é possível que as coisas religiosas os tenham atraído muito, pois bem poucos outros setores estavam abertos para eles. Os escravos também se apaixonavam pelos espetáculos públicos do teatro, do circo e da arena, pois, nos dias de festa, tinham folga, assim como os tribunais, as crianças das escolas e... os burros de carga.

(Paul Veyne, *O Império Romano*. Em: Paul Veyne (org.). História da vida privada v. 1: do Império Romano ao ano mil, 2009. Adaptado)

A partir da discussão presente no trecho, é correto afirmar:

a) a característica fundante do escravismo romano era a origem étnica, o que fazia com que a escravização dos povos conquistados e o tráfico nas fronteiras do Império proporcionassem a grande maioria da mão de obra servil, ao mesmo tempo em que a escravidão entre os próprios romanos havia caído em desuso desde a crise da República.

b) os escravos na sociedade romana não eram uma coisa, mas seres humanos, na medida em que até os senhores que os tratavam desumanamente impunham-lhes o dever moral de ser bons escravos, de servir com dedicação e fidelidade, características necessariamente humanas; no entanto, esses seres humanos eram igualmente um bem cuja propriedade seu amo detinha.

c) a escravidão caracterizava as relações de produção em Roma e os escravos, em sua inferioridade jurídica, desempenhavam uma função produtiva, marcados por um lugar social de pobreza, privação e precariedade, estando associados às formas braçais de trabalho e à produção de bens materiais em uma sociedade altamente hierarquizada.

d) a justificativa moral da escravidão sofreu uma intensa transformação ao longo dos séculos, de tal forma que a própria sociedade romana passou a questioná-la, tornando mais brandas as relações escravistas em meio à transformação do cristianismo em religião oficial do Império, o que contribuiu para o aprofundamento da crise do escravismo.

e) as relações escravistas caracterizaram os tempos da República romana, muito associadas ao poder dos patrícios, pertencentes à aristocracia de grandes proprietários, mas entraram em decadência na passagem para o Império, pois os generais que centralizaram o poder reconheciam na escravidão um mecanismo de enfraquecimento do exército.

11. (FGV 2017)

(...) a partir do século V a.C., a guerra tornou-se endêmica no Mediterrâneo. Foram séculos de guerra contínua, com maior ou menor intensidade, ao redor de toda a bacia. O trabalho acumulado nos séculos anteriores tornara possível um adensamento dos contatos, um compartilhamento de informações e estruturas sociais, uma organização dos territórios rurais que propiciava a extensão de redes de poder. Foram os pontos centrais dessas redes de poder que animaram o conflito nos séculos seguintes.

Norberto Luiz Guarinello. *História Antiga*, 2013.

Sobre esses “séculos de guerra contínua”, é correto afirmar que

a) as Guerras Púnicas, entre Atenas e Cartago, foram uma disputa pelo controle comercial sobre o mar Mediterrâneo, terminando após três grandes enfrentamentos, com a vitória de Cartago e a hegemonia cartaginesa em todo o Mundo Antigo ocidental.

b) as Guerras Macedônicas foram um longo conflito entre o Reino da Macedônia, em aliança com os persas, e o Império Romano, que venceu com muitas dificuldades porque ainda estava em guerra com outros povos.

c) as Guerras Médicas, entre persas e gregos, resultaram na vitória dos últimos e, em meio a esses confrontos, permitiram que Atenas liderasse a Liga de Delos, aliança de cidades-Estados gregas com o intuito de combater a presença persa no Mediterrâneo.

d) as Campanhas de Alexandre, o Grande, aliado a Esparta e Corinto, combateram e venceram as poderosas forças persas e ampliaram os domínios gregos até a Ásia Menor, propagando os princípios da democracia ateniense pelo Mediterrâneo.

e) a Guerra do Peloponeso, o mais importante conflito bélico da Antiguidade, envolveu as principais cidades-Estados gregas que, aliadas a Roma, enfrentaram e derrotaram as forças militares cartaginesas.

12. (FGV 2016)

"Não descreverei catástrofes pessoais de alguns dias infelizes, mas a destruição de toda a humanidade, pois é com horror que meu espírito segue o quadro das ruínas da nossa época. Há vinte e poucos anos que, entre Constantinopla e os Alpes Julianos, o sangue romano vem sendo diariamente vertido. A Cítia, Trácia, Macedônia, Tessália, Dardânia, Dácia, Épiro, Dalmácia, Panônia são devastadas pelos godos, sármatas, quedos, alanos (...); deportam e pilham tudo.

Quantas senhoras, quantas virgens consagradas a Deus, quantos homens livres e nobres ficaram na mão dessas bestas! Os bispos são capturados, os padres assassinados, todo tipo de religioso perseguido; as igrejas são demolidas, os cavalos pastam junto aos antigos altares de Cristo (...)."

(São Jerônimo, Cartas *apud* Pedro Paulo Abreu Funari, *Roma:* vida pública e vida privada. 2000)

O excerto, de 396, remete a um contexto da história romana marcado pela

a) combinação da cultura romana com o cristianismo, além da desorganização do Estado Romano, em meio às invasões germânicas e de outros povos.

b) reorientação radical da economia, porque houve o abandono da relação com os mercados mediterrâneos e o início de contato com o norte da Europa.

c) expulsão dos povos invasores de origem não germânica, seguida da reintrodução dos organismos representativos da República Romana.

d) crescente restrição à atuação da Igreja nas regiões fronteiriças do Império, porque o governo romano acusava os cristãos de aliança com os invasores.

e) retomada do paganismo e o consequente retorno da perseguição aos cristãos, responsabilizados pela grave crise política do Império Romano.

13. (FGV 2015)

É a partir do século VIII a.C. que começamos a entrever, em diferentes regiões do Mediterrâneo, o progressivo surgimento das cidades-Estados ou pólis. Elas formaram a organização social e política dominante das comunidades organizadas ao longo do Mediterrâneo nos séculos seguintes.

(Norberto Luiz Guarinello, *História Antiga*, 2013, p. 77. Adaptado)

Nas pólis, é correto

a) assinalar a crescente importância da mulher e da família nos espaços públicos.

b) reconhecer a presença de espaços públicos, caso da ágora.

c) destacar uma característica: a inexistência de espaços rurais.

d) identificar a acumulação de capital pela ação do Estado.

e) apontar para a sua essência: a organização urbana estruturada para a guerra.

14. (FGV 2014)

São características do período arcaico (séculos VIII-VI a.C.), na Grécia Antiga:

a) desenvolvimento dos oikos e expansão creto-micênica.

b) desenvolvimento das póleis e expansão pelo Mediterrâneo.

c) rivalidades entre Esparta e Atenas e Guerra do Peloponeso.

d) enfraquecimento das póleis e expansão macedônica.

e) guerras entre gregos e persas e o fim da democracia ateniense.

15. (FGV 2008)

Leia as afirmativas sobre a República Romana (509-27 a.C.).

I. Nos primeiros tempos da República, a sociedade era composta por apenas dois setores: os patrícios e os escravos.

II. Os escravos, pouco numerosos no início da República, cresceram numericamente com as guerras de conquista.

III. Entre as funções públicas em Roma, havia os cônsules, os pretores e os tribunos da plebe.

IV. Em 494 a.C., plebeus rebelados se retiram para o Monte Sagrado, ameaçando fundar outra cidade se não tivessem, entre outras reivindicações, o direito de eleger seus próprios magistrados.

V. Com o expansionismo romano e as suas conquistas territoriais, houve um grupo especialmente beneficiado: os plebeus, que passaram a vender trigo para os povos dominados.

São corretas as afirmativas

a) I, II e III, apenas.

b) II, III e IV, apenas.

c) II, III, IV e V, apenas.

d) III, IV e V, apenas.

e) I, II, III, IV, V.

16. (FGV - Professor II História, Pref. de Jaboatão dos Guararapes (PE), 2023)

Leia a reconstituição elaborada por Tucídides de um discurso de Péricles, um importante líder político de Atenas no século V a.C.:

A nossa constituição política não segue as leis de outras cidades, antes lhes serve de exemplo. O nosso governo chama-se democracia, porque a administração serve aos interesses da maioria e não de uma minoria. De acordo com as nossas leis, somos todos iguais no que se refere aos negócios privados. Quanto à participação na sua vida pública, porém, cada qual obtém a consideração de acordo com os seus méritos e mais importante é o valor pessoal do que a classe a que se pertence; isto quer dizer que ninguém sente o obstáculo da sua pobreza ou da condição social inferior, quando o seu valor o capacite a prestar serviços à cidade. (Adaptado de Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*, Livro II, § 36 a 42.)

Com base no trecho, é correto afirmar que Péricles

a) qualificou numericamente a maioria para indicar que todos os homens adultos votavam, independentemente da nacionalidade.

b) enfatizou a igualdade dos cidadãos atenienses perante a lei, independentemente de sua condição socioeconômica.

c) defendeu a isonomia do regime aristocrático vigente em Atenas e em outras cidades-Estado gregas.

d) sustentou o critério meritocrático e censitário de participação na vida pública, aplicado a todos os habitantes da Ática.

e) definiu a constituição ateniense de democracia pois todos os cidadãos e cidadãs tinham o direito de participar da vida política.

17. (FGV – Prefeitura Municipal de João Pessoa (PB), Professor de Educação Básica II História, 2013)

Em 118 a.C., o rei da Numídia morre e deixa o reino para seus três herdeiros: os dois filhos, Aderbal e Hiempsal, e um sobrinho adotado, Jugurta. Era seu desejo testamentário que o reino

não fosse dividido, o que não impediu a luta pela sucessão entre os herdeiros. Este conflito ficou conhecido como a Guerra de Jugurta.

Leia o fragmento a seguir que permite compreender que esse tipo de guerra era considerado justo aos olhos dos romanos do final da República.

Eu, Aderbal, acreditava, Pais Conscritos [senadores romanos], assim como ouvi dizer de meu pai, que os que eram fiéis à vossa amizade assumiam grande honra, mas, em compensação, eram os que gozavam de maior segurança entre todos. Enquanto esteve em suas possibilidades, a nossa família nunca deixou de estar ao vosso lado em todas as guerras: agora é a vossa vez, Pais Conscritos, de nos prover em tempos de paz. Meu pai deixou dois filhos, eu e Hiempsal, aos quais acrescentou, como terceiro, Jugurta, certo de que teria sido para nós um irmão: um foi morto e eu mesmo tive dificuldade em fugir das mãos ímpias do outro. O que fazer? A quem me endereçar no ápice da desventura? É para vós que pedirei ajuda, Pais Conscritos, no caso de ser acometido por alguma desgraça de improviso, a vós, que pela majestade de vosso império, tendes o dever de defender o direito e de punir a injustiça.

(Traduzido e adaptado de Sallustio, C. *Crispo La guerra giugurtina. Testo latino a fronte*. Milano: Garzanti, 2007, p 39.)

Com base no trecho citado, é correto afirmar que, para os valores morais e jurídicos dos romanos dos séculos II e I a.C., era uma situação de guerra justa

a) provocar o ataque de um inimigo.

b) atentar contra um possível tirano.

c) atender o apelo de aliados em dificuldade.

d) combater povos selvagens incapazes de viver sob as leis de Roma.

e) defender e expandir a fé dos romanos.

18. (CESPE/CEBRASPE – SEDUC-AL Professor de História – 2018)

O papel civilizador do Egito foi reconhecido logo na Antiguidade. As vias e os meios, as fases e os modos através dos quais os antigos Egípcios garantiram, ao longo de cerca de quatro milênios, a sua produção e reprodução sociais são amplamente descritos e comentados nas obras. Para além de ter fornecido ao Egito os homens e as culturas a partir dos quais este se tornou no florão na antiguidade, o espaço núbio-sudanês foi vital para o país dos faraós.

(Babacar Sall. Estado das investigações acerca da antiguidade africana. In: Babacar Mbaye Diop e Doudou Dieng. A consciência histórica africana. Lisboa: Ramada; Luanda: Mulemba, 2014, p. 133 (com adaptações).)

Considerando o texto anteriormente apresentado como referência inicial e os aspectos inerentes à história da África na antiguidade, julgue os itens seguintes.

( ) A organização da agricultura, o desenvolvimento da escrita, a formação de um Estado unificado, a racionalização dos trabalhos de infraestrutura e a criação de sistemas cosmogônicos complexos são expressões consideradas relevantes na história do Egito Antigo.

( ) As relações entre o Egito e os outros Estados africanos do curso do Nilo, como de Napata e Méroe, foram marcadas por trocas intensas e pela fundação de uma dinastia etíope ou sudanesa, criada com a tomada do poder faraônico por reis kushitas.

( ) O comércio exterior teve um papel relevante na política e na economia meroíta, pois o Estado de Kush foi um entreposto de grande importância para as rotas comerciais que se deslocavam entre o alto Nilo e o mar Vermelho.

( ) As abordagens da história da Núbia continuam ausentes dos livros didáticos de história utilizados nas escolas públicas, o que não representa um claro desacordo com as prescrições curriculares vigentes.

( ) O Egito faraônico deixou como legado para a humanidade contribuições importantes para os campos da história e da religião, embora suas contribuições em outras áreas, como na filosofia e nas ciências, tenha sido irrelevante.

19. (CESPE/CEBRASPE – Pref. Municipal de São Cristóvão (SE) – 2019)

Acerca do processo de humanização, da dinâmica da formação das sociedades humanas e de características de algumas das civilizações da Antiguidade, julgue o item a seguir.

( ) Após terem se estabelecido às margens do rio Jordão a partir de mais ou menos 1.200 a.C., os fenícios desenvolveram-se em uma sociedade rural de economia agrária, relativamente autocentrada e autossuficiente.

( ) Apesar de terem cultivado alimentos em larga escala, nas proximidades de grandes rios como o Tigre e o Eufrates, as sociedades da antiga Mesopotâmia não se estabeleceram em cidades.

( ) Elemento de central importância no sistema de crenças religiosas do antigo Egito, o culto aos antepassados, tal como testemunhado no Livro dos Mortos, esteve fortemente associado ao desenvolvimento de técnicas de mumificação e à edificação de suntuosas tumbas destinadas a abrigar os cadáveres de pessoas da elite político-econômica.

( ) Antes do desenvolvimento das técnicas agropecuárias, iniciado há cerca de 12.000 anos, as sociedades humanas viviam da caça e da coleta e, por isso, tendiam ao nomadismo

( ) O conceito de época “antropoceno”, embora haja indefinição quanto aos seus contornos cronológicos, tem sido frequentemente utilizado para enfatizar que o desenvolvimento das

sociedades humanas acarretou consequências ambientais negativas, tais como a extinção de espécies de plantas e animais, poluição dos mares e alterações climáticas e atmosféricas.

( ) Na ordem dos primatas, o gênero humano singulariza-se por ter sido historicamente compreendido por uma única espécie, o Homo sapiens.

20. (FCC – Secretaria de Administração do Estado da Bahia – 2017)

O Império Romano, diante do desafio de administrar um vasto território conquistado, estruturou-se por meio de uma ordem política

a) baseada na imposição da cultura e da língua romana (o Latim) a todos os cidadãos livres e aos escravos em todo o território, reprimindo a cultura local e impondo senadores romanos para governar as regiões anexadas.

b) calcada em um sistema federativo e representativo, no qual o Imperador era escolhido por assembleias formadas por homens da nobreza, considerados cidadãos livres, em todas as regiões conquistadas.

c) fundamentada em um sistema militar de ocupação territorial e imposição do catolicismo romano, com a nomeação de cardeais, bispos e inquisidores pelo imperador entre as autoridades de cada localidade.

d) inspirada no modelo de dominação vigente na Grécia antiga, que respeitava a autonomia das cidades-estados e incentivava a formação de confederações e ligas.

e) organizada de maneira hierárquica, centralizada em Roma e que contava com a adesão das elites locais das regiões dominadas para a cobrança de impostos exigida e a manutenção da ordem social.

QUESTÕES PARA TREINAMENTO

21. (VUNESP/2019)

A democracia na Grécia Antiga significou a chance de os homens se entenderem no ambiente público e resolverem suas diferenças em prol de interesses coletivos. Isso se dava em reuniões e assembleias (na ágora, praça pública grega) nas quais as decisões eram tomadas após uma série de debates e questionamentos. Em vez da força física, da violência e dos privilégios, a palavra passou a representar um instrumento poderoso para os cidadãos, que deveriam entre

si argumentar, questionar, refutar, esclarecer, dialogar, persuadir etc., para, assim, chegar a um consenso sobre o que era melhor para a sociedade.

Disponível em: http://educacao.globo.com. Acesso em: 14 nov. 2018.

Na Grécia Antiga, a adoção da democracia resultou na

A) escravização dos indivíduos negros.

B) concessão do estatuto de cidadãs gregas às mulheres.

C) garantia de representação política da população como um todo.

D) inclusão irrestrita das camadas sociais na categoria de cidadãos.

E) manutenção da exclusão de amplos grupos de indivíduos não aceitos como cidadãos.

22. (VUNESP/2015)

Apesar de considerarmos a Grécia Antiga o seu berço [...] não se pode ainda falar em democracia, porquanto esta é caracterizada não pelo governo das leis, mas pela participação do povo no governo, o que ainda estava longe de ser verificado naquele estágio.

KIBRIT, Orly. O ideal de Sólon e a democracia na Grécia Antiga. Revista SJRJ, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 143-148. abr. 2012 (adaptado).

A crítica à democracia grega se refere ao fato de que

A) apenas uma parcela da população tinha de fato direito à participação democrática.

B) a participação popular nas decisões era facultativa e limitada às votações para escolha do rei.

C) os políticos davam pouca atenção aos problemas das classes mais pobres da sociedade.

D) os direitos eram assegurados a todos os nascidos em território grego e não aos estrangeiros.

E) todos os habitantes da polis eram obrigados a dedicar alguns dias do ano aos debates políticos.

23. (VUNESP/– 2019)

Discóbolo Lancellotti é cópia romana da escultura grega feita originalmente em bronze, por Míron, em 450 a.C.

(www.historiadelarte.us)

Pertencente ao Museu Nacional de Roma, o Discóbolo Lancellotti assinala

a) a separação entre arte e ciência na Grécia clássica e a criação da ciência anatômica por sábios romanos.

b) a ligação da arte grega com as crenças religiosas e a falta de refinamento nas produções artísticas de Roma Antiga.

c) a representação da irracionalidade humana no desequilíbrio corporal e o enaltecimento da ética guerreira dos romanos.

d) a visão pessimista dos gregos clássicos sobre os destinos da humanidade e a escravização dos gregos pelos conquistadores romanos.

e) a concepção de beleza ideal das artes gregas e a presença da cultura grega na sociedade romana da Antiguidade

24. (VUNESP/– 2018)

O cidadão não é cidadão pelo fato de se ter estabelecido em algum lugar – pois os estrangeiros e os escravos também são estabelecidos. [...] Por aí se vê, pois, o que é o cidadão: aquele que tem uma parte legal na autoridade deliberativa e na autoridade judiciária. (Aristóteles. A política, s/d.)

Aristóteles, filósofo do século IV a.C., fundou e dirigiu, na cidade de Atenas, o Liceu, um centro de estudos filosóficos. A sua definição de cidadania

a) referia-se a direitos políticos exclusivos de alguns indivíduos nas cidades.

b) restringia-se aos governos altamente militarizados das cidades.

c) desconhecia as práticas políticas efetivas do extenso mundo grego.

d) abrangia o conjunto da população economicamente ativa na Grécia.

e) opunha-se ao funcionamento dos regimes democráticos nas pólis.

25. (VUNESP/– 2017)

Às vezes se denomina “Crescente Fértil” a importante região que forma um arco de território desde o Delta do Nilo através da Palestina e do Levante, estende-se a leste ao longo das colinas da Anatólia e termina nas montanhas situadas entre o Irã e o Mar Cáspio, incluindo os vales fluviais da Mesopotâmia. (J. M. Roberts. O livro de ouro da história do mundo, 2001.)

O excerto descreve um espaço geográfico e histórico em que

a) constituíram-se os padrões culturais europeus, como o teatro trágico, e as organizações políticas populares, como a democracia.

b) predominaram a uniformidade cultural, com o emprego de um só idioma, e longo período de paz social, com a ausência de guerras.

c) ocorreram mudanças culturais significativas, como a invenção da escrita, e políticas, como a formação de Estados.

d) permaneceram precários os contatos entre as comunidades, como nas do centro da África, e as atividades econômicas, com a coleta.

e) desapareceram as fontes históricas escritas, como os códigos de leis, e registros arqueológicos, como as peças de cerâmica.

26. (VUNESP/– 2016 / Segunda Fase)

Não somente a feitura de imagens nas antigas civilizações estava vinculada à magia e à religião, como era também a primeira forma de escrita. Sabemos muito pouco a respeito dessas origens misteriosas; mas, se quisermos compreender a história da arte, será conveniente recordar, vez por outra, que imagens e letras são na verdade parentes consanguíneos. (E. H. Gombrich. A história da arte, 1993. Adaptado.)

O texto afirma que

a) o nomadismo dos primeiros agrupamentos humanos impossibilitava a produção de imagens.

b) a expressão por meio da escrita fonética proporcionava a consolidação dos laços internos nas sociedades antigas.

c) a produção de imagens, nas primeiras sociedades organizadas, estava desvinculada das necessidades práticas da existência.

d) o estudo de sociedades remotas é possibilitado pela decifração de seus alfabetos fonéticos.

e) o reconhecimento da diversidade das formas de expressão permite estudos sobre povos antigos.

27. (VUNESP/2015)

(www.lahornacina.com)

O túmulo do artesão Sennedjem e de sua esposa Inyferti, que viveram por volta do século XIII a.C., no Egito, foi decorado com representações de atividades econômicas. Nessa pintura mural, o artesão e a sua esposa, além de prestarem reverências aos deuses, dedicam-se

a) ao trabalho árduo e fatigante pouco favorecido pela proximidade do rio.

b) aos lazeres da pesca no período anual de inundação das margens do rio.

c) à coleta de riquezas fornecidas naturalmente pelos solos fertilizados pelo rio.

d) aos trabalhos agrícolas altamente produtivos nas margens férteis do rio.

e) à construção de muralhas de contenção das cheias periódicas do rio.

28. (VUNESP/– 2015 / Segunda Fase)

Os santuários maiores, Olímpia ou Delfos, Delos ou Ístmo, atraem as multidões vindas de todo o mundo grego; pois os deuses guiaram essas instalações longínquas e favoreceram a nova prosperidade: seria justo que eles recebessem a sua parte. Os santuários irão absorver, por muito tempo, as atividades dos arquitetos de uma maneira quase exclusiva; e suas estátuas, apresentadas à piedade e à admiração dos fiéis, propõem aos artistas novas fontes de inspiração. (René Ginouvès. A arte grega, 1983. Adaptado.)

A partir da leitura do excerto, é correto afirmar que os templos da Grécia Antiga eram

a) definidos como a residência dos reis gregos e de seus familiares, considerados filhos dos deuses do Olimpo.

b) edificados com a finalidade de unir os gregos durante os jogos esportivos que ocorriam a cada quatro anos.

c) centros de aprendizado filosófico e de comprovação racional do predomínio grego sobre os bárbaros.

d) pontos de convergência dos povos gregos dispersos pela diáspora e fontes de renovação cultural.

e) construídos com o propósito político de manter a unidade dos gregos contra os inimigos externos.

29. (VUNESP/– 2014 / Segunda Fase)

A causa mais verdadeira da Guerra do Peloponeso é, também, a menos declarada. Na minha maneira de ver, o crescimento dos atenienses causou temor nos lacedemônios, empurrando-os, então, para a guerra. Mas os motivos apresentados abertamente pelos dois lados são os seguintes. (Tucídides. História da guerra do Peloponeso, 1990. Adaptado.)

Tucídides foi contemporâneo da Guerra do Peloponeso que opôs, a partir de 431 a.C., as cidades de Atenas e Esparta. O historiador demonstra ser consciente das exigências do seu ofício,

a) procurando distinguir seu ponto de vista das justificativas fornecidas pelos participantes do acontecimento.

b) reconhecendo os vínculos da escrita da história com poemas do gênero épico, como Ilíada e Odisseia.

c) ignorando as explicações ou as razões que os protagonistas dos fatos sociais apresentam sobre eles.

d) afirmando que a verdade histórica baseia-se no rigor e na universalidade do conhecimento filosófico.

e) sustentando, mesmo que implicitamente, que as fontes históricas são pouco relevantes para a análise do ocorrido.

30. (VUNESP/– 2014 / Segunda Fase)

Convém que os edifícios consagrados ao culto dos deuses sejam reunidos num local bastante visível para que a majestade dos deuses possa nele manifestar-se. É também conveniente que abaixo desse local se encontre a praça pública, a Praça da Liberdade. Esta praça será desembaraçada de tudo aquilo que se vende e que se compra: os artesãos e os lavradores não deverão dela se aproximar, a não ser que os chamem os magistrados. A praça destinada a servir de mercado para as mercadorias deve ser separada da Praça da Liberdade, e de tal modo situada que seja fácil a ela transportar tudo que vem por mar e os produtos do país. (Aristóteles. A política, s/d. Adaptado.)

Aristóteles faz uma espécie de desenho ideal da cidade grega, que deveria ser fisicamente composta por

a) espaços de culto, de decisões políticas e de relações comerciais.

b) locais de ginástica, de oratória e de contato com estrangeiros.

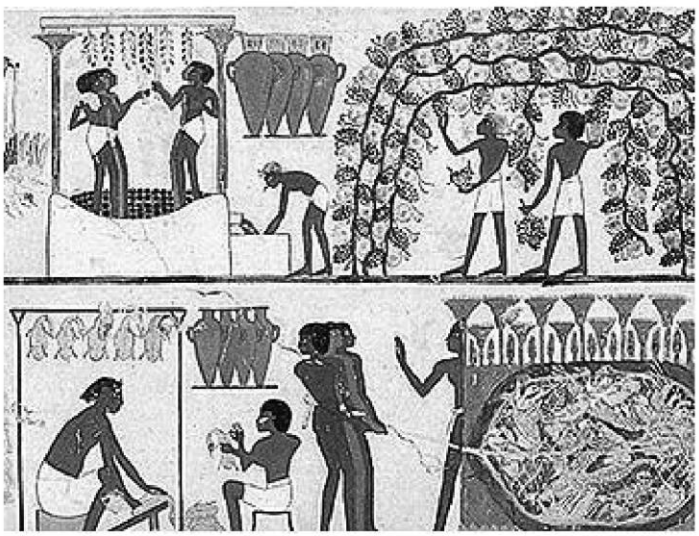
c) lugares reservados aos homens livres, aos escravos e aos estrangeiros.

d) centros de comércio religioso, de encontros culturais e de empréstimos de dinheiro.

e) quartéis militares, faculdades de filosofia e termas públicas.

31. (VUNESP/2014)

Os egípcios da Antiguidade acreditavam que a vida continuava no além-túmulo e que, para isso, era preciso que o ambiente social, em que os donos dos túmulos viveram, fosse


(Tumba de Nakht, 1.400 a.C.)

representado nas suas paredes. Essas pinturas da tumba de Nakht, escriba do Império, representam

a) as intervenções e modificações realizadas pelos antigos egípcios no mundo natural, por meio de técnicas e conhecimentos adquiridos.

b) as secas periódicas, que afligiam os antigos egípcios e resultavam do baixo índice pluviométrico nas cabeceiras do rio Nilo.

c) os conflitos sociais presentes na antiga sociedade egípcia que opunham a nobreza aos altos funcionários públicos.

d) o poder teocrático dos faraós que eram considerados filhos do deus Sol e, devido a isso, justos e infalíveis.

e) a falta de habilidade dos antigos pintores egípcios, incapazes de retratar a vida cotidiana da população.

32. (VUNESP/– 2013)

(Tumba de Nakht, 1.400 a.C.)

Os egípcios da Antiguidade acreditavam que a vida continuava no além-túmulo e que, para isso, era preciso que o ambiente social, em que os donos dos túmulos viveram, fosse representado nas suas paredes. Essas pinturas da tumba de Nakht, escriba do Império, representam

a) as intervenções e modificações realizadas pelos antigos egípcios no mundo natural, por meio de técnicas e conhecimentos adquiridos.

b) as secas periódicas, que afligiam os antigos egípcios e resultavam do baixo índice pluviométrico nas cabeceiras do rio Nilo.

c) os conflitos sociais presentes na antiga sociedade egípcia que opunham a nobreza aos altos funcionários públicos.

d) o poder teocrático dos faraós que eram considerados filhos do deus Sol e, devido a isso, justos e infalíveis.

e) a falta de habilidade dos antigos pintores egípcios, incapazes de retratar a vida cotidiana da população.

33. (VUNESP/-2013)

A sabedoria do amo consiste no emprego que ele faz dos seus escravos; ele é senhor, não tanto porque possui escravos, mas porque deles se serve. Esta sabedoria do amo nada tem, aliás, de muito grande ou de muito elevado; ela se reduz a saber mandar o que o escravo deve saber fazer. Também todos que a ela se podem furtar deixam os seus cuidados a um mordomo, e vão se entregar à política ou à filosofia. (Aristóteles. A política, s/d. Adaptado.)

O filósofo Aristóteles dirigiu, na cidade grega de Atenas, entre 331 e 323 a.C., uma escola de filosofia chamada de Liceu. No excerto, Aristóteles considera que a escravidão

a) é um empecilho ao florescimento da filosofia e da política democrática nas cidades da Grécia.

b) permite ao cidadão afastar-se de obrigações econômicas e dedicar-se às atividades próprias dos homens livres.

c) facilita a expansão militar das cidades gregas à medida que liberta os cidadãos dos trabalhos domésticos.

d) é responsável pela decadência da cultura grega, pois os senhores preocupavam-se somente em dominar os escravos.

e) promove a união dos cidadãos das diversas pólis gregas no sentido de garantir o controle dos escravos.

34. (UEA – 2018 / Segunda Fase)

A mão de obra para as imensas propriedades que surgiram a partir do final do século III a. C. veio da série de campanhas espetaculares que deram a Roma o domínio sobre o mundo mediterrâneo. Essas guerras acentuaram o declínio do campesinato romano, que antes formara a robusta base de pequenos proprietários. As vitórias militares escravizavam cativos de guerra e os mandavam para os campos e cidades da Itália. (Perry Anderson. Passagens da Antiguidade ao feudalismo, 2016. Adaptado.)

Considerando o texto e conhecimentos sobre a Roma da Antiguidade, podem-se citar como consequências das transformações históricas do período republicano a

(A) crise financeira do Estado e a invasão militar do território romano pelos povos bárbaros.

(B) legalização da escravidão por dívida pelo Senado e a extinção dos Tribunos da plebe.

(C) expansão dos latifúndios escravistas e o deslocamento de populações dos campos para as cidades.

(D) submissão dos comandantes militares aos proprietários rurais e a democratização do exército.

(E) aliança dos camponeses sem terra com os escravos e a conquista de direitos políticos pela plebe.

35. (VUNESP/2013 / Segunda Fase)

Pois a plebe, que nada ousa por si, e a nenhum conselho é admitida, quase é tida no lugar de escravos. Os mais dela, quando se veem oprimidos, ou por dívida, ou pela grandeza dos tributos, ou pela prepotência dos poderosos, escravizam-se aos nobres, que exercem sobre eles os mesmos direitos, que os senhores sobre os escravos.

(Júlio César. Comentários sobre a guerra gálica, s/d.)

Júlio César publicou seu livro sobre a conquista romana da Gália em 51 a.C., ano de conclusão da ação militar. O excerto, extraído desse livro, mostra a indignação do general diante da sociedade gaulesa, na qual, ao contrário de Roma, a plebe

(A) estava isenta de compromissos econômicos de qualquer espécie, vivendo isoladamente nas suas terras.

(B) pouco participava das guerras, beneficiando-se dos alimentos ofertados gratuitamente pelo Estado.

(C) tinha um baixo grau de instrução militar e, por isso, era desprezada pela culturalmente refinada nobreza gaulesa.

(D) submetia-se aos vencedores romanos na tentativa de se libertar da severidade dos senhores gauleses.

(E) mal se distinguia dos escravos, além de estar afastada dos direitos políticos.

36. (VUNESP/2012)

(Aqueduto romano *Pont-du-Gard*, sul da França.)

Os aquedutos, invenção romana do século I depois de Cristo, são reveladores de aspectos essenciais da cultura e do legado civilizacional do antigo Império Romano. Entre esses aspectos, destacam-se

(A) o caráter pouco prático das suas realizações e a ênfase acentuada nos elementos plásticos.

(B) os conhecimentos de engenharia e a associação de utilidade e beleza em suas construções.

(C) a imitação servil da construção grega e a falta de criatividade nas construções civis e militares.

(D) a fragilidade de suas construções e a natureza espiritual e religiosa de suas edificações.

(E) a ausência de funcionalidade de seus prédios e o desejo de provocar temor aos povos conquistados.

37. (VUNESP/2011)

A cidade de Roma foi fundada em meados do século VIII a.C. sobre colinas nas margens do rio Tibre. Os materiais diversos depositados pelo rio nas suas margens formaram colinas ou rochedos escarpados. Considerando o local escolhido para a fundação de Roma, percebe-se que os primeiros romanos

(A) buscaram edificar a cidade longe de rotas comerciais e militares.

(B) preocuparam-se com a proteção militar da cidade e com a prática da agricultura.

(C) escolheram espaços adequados para a instalação de monumentos públicos.

(D) visavam a organização de uma república pacífica e democrática.

(E) pretendiam iniciar a conquista das cidades gregas instaladas na Itália.

38. (VUNESP/2010)

A partir do século III da Era Cristã, aprofundou-se a crise do Império Romano do Ocidente. Entre os fatores que contribuíram para essa situação, destacam-se

(A) as constantes revoltas de escravos, que lhes asseguraram o estatuto de servos da gleba.

(B) as lutas políticas que impediam os imperadores de obter maioria no Senado e aprovar seus projetos.

(C) as dificuldades em controlar as suas fronteiras, que começam a ser transpostas pelos inimigos.

(D) as fracassadas reformas de Tibério e Caio Graco, que não garantiram direitos à plebe romana.

(E) as disputas entre os adeptos da religião tradicional e do cristianismo, que acabaram em guerras civis.

39. (VUNESP/2010)

"Outros talvez, que não tu, saberão, acredito, dar melhor vida ao bronze e tirar do mármore vívidas figuras; outros saberão melhor defender causas, melhor descrever o movimento dos céus e dos astros. Mas tu, romano, lembra-te que nascestes para impor tuas leis ao universo. Teu destino é ditar tuas condições de paz, poupar os vencidos e domar os soberbos." (Virgílio. Eneida, século I a.C.)

Segundo o poeta Virgílio, os romanos

(A) eram pacíficos nas suas relações com os vizinhos, procurando solucionar os conflitos pela diplomacia.

(B) desconheciam as artes plásticas, como a pintura e a escultura, a retórica e a ciência da astronomia.

(C) eram tolerantes internamente, protegendo os plebeus e proibindo a exploração da mão de obra escrava.

(D) eram senhores de si mesmos, dominadores, livres e guiados por sentimentos de severidade e de qualidades morais.

(E) evitavam desenvolver relações comerciais com outras cidades, temendo enfraquecer-se militarmente.

40. (VUNESP/2003)

No século III, com a interrupção da expansão romana, subiram os preços dos escravos, e os grandes proprietários arrendaram parcelas de terra a agricultores livres, colonos fixados a essa gleba pagando tributos in natura. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

(A) No século III, encerrou-se o período dos Antoninos, o apogeu do Império Romano, cuja economia passou a prescindir da escravidão.

(B) A penetração do cristianismo, a partir da massa plebeia, em quase todos dos setores sociais do Império Romano conduziu à crise do escravismo e à busca de novas formas de organização do trabalho.

(C) A adoção do colonato expressa, no plano socioeconômico, a resistência do Império à desagregadora penetração dos bárbaros e seus valores rurais.

(D) A incapacidade de reprodução da mão-de-obra, após cessada a expansão desde os Antoninos, conduziu à crise do escravismo e à origem do colonato.

(E) O feudalismo originou-se no século III, verificando-se, no colonato, o pleno estabelecimento da servidão, com o parcelamento das glebas e o pagamento do arrendamento em produto.

41. (UNIVESP/2020)

Construído com concreto e areia, o Coliseu é o maior anfiteatro já construído e está situado a leste do Fórum Romano. A respeito do Império Romano, leia as afirmativas abaixo e dê valores Verdadeiro (V) ou Falso (F).

( ) Com a morte de Nero, sobreveio um ano de guerras civis, após o qual assumiu Vespasiano, general da família dos Flávios. Teve início, então, o período de maior esplendor do Império Romano.

( ) Com Vespasiano, novas cidades surgiram e o modo de vida romano passou a ser adotado nas mais distantes províncias.

( ) O Império em sua fase de esplendor enfrentaria, sobretudo, problemas de outras naturezas, como epidemias, incêndios e até a destruição da cidade de Pompeia em 79 d.C.

( ) As lutas de gladiadores, iniciadas durante a República, tornaram-se um evento extremamente popular. Diversos anfiteatros, como o Coliseu, em Roma, foram construídos em todo o Império para a realização desses espetáculos.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V, V, V, V

b) F, V, F, V

c) V, V, V, F

d) F, F, V, V

e) V, F, F, V

42. (UNIVESP 2018)

A caminhada de Atenas em direção à democracia não aconteceu de uma hora para outra. A trajetória política dos atenienses até o regime de maior participação popular da Antiguidade foi marcada por várias e longas etapas. Para que se chegasse à democracia foi preciso muita luta popular. Isso foi possível, entre outros motivos, graças à ampliação do comércio marítimo ateniense, o que fortaleceu os comerciantes. Os próprios camponeses conseguiram ampliar sua participação social devido, também, ao seu crescente papel econômico em uma Atenas cada vez mais voltada para o mundo exterior. (Pedro Paulo Funari. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2011. Adaptado)

A "caminhada" mencionada no trecho representou uma perda gradual de poder por parte

a) dos legisladores ligados à elite do exército.

b) dos sacerdotes, que controlavam a cena religiosa.

c) do rei, que governava de forma absoluta.

d) da aristocracia rural de grandes proprietários.

e) dos senadores, que detinham o monopólio do voto.

43. (UNIVESP 2017)

O Código de Hamurabi (instituído por volta do século XVIII a.C), um dos mais antigos conjuntos de leis escritas da história da humanidade, reunia centenas de regras e estabelecia as punições a serem aplicadas àqueles que as descumprissem. Seguindo o princípio da Lei de talião, popularmente conhecida como "olho por olho, dente por dente", o Código de Hamurabi regulava as relações econômicas e sociais da população

(A) do Mali, reino localizado na África Ocidental.

(B) da Babilônia, reino localizado na Mesopotâmia.

(C) de Atenas, cidade-Estado localizada na Grécia.

(D) dos Marajoara, civilização localizada na Ilha de Marajó.

(E) de Teotihuacan, centro urbano localizado na Mesoamérica.

5. GABARITO

1. E
2. A
3. D
4. E
5. B
6. A
7. B
8. B
9. C
10. B
11. C
12. A
13. B
14. B
15. B
16. B
17. C
18. CCCEE
19. EECCCE
20. E
21. E
22. A
23. E
24. A
25. C
26. E
27. D
28. D
29. A
30. A
31. A
32. A
33. B
34. C
35. E
36. B
37. B
38. C
39. D
40. D
41. A
42. D
43. B

6. QUESTÕES COMENTADAS

1. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2019)

As cidades-estado antigas desenvolveram, progressivamente, formas mais abertas de participação no poder, denominadas pelos próprios antigos de “democracia”. O caso mais exemplar foi o de Atenas, modelo para muitas cidades-estado, onde a democracia se manteve por quase dois séculos.

(Norberto Luiz Guarinello. Cidades-estado na Antiguidade Clássica. Em: J. Pinsky; C. B. Pinsky. História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2008. Adaptado)

Entre as marcas da democracia antiga, é correto identificar

a) a eleição de representantes masculinos com direito a voz e voto pela assembleia da cidade-estado, órgão político que incluía mulheres e estrangeiros.

b) a importância decrescente dos escravos, a ponto de discutir-se a abolição da escravatura, e a consequente redução das desigualdades nas cidades-estado.

c) a conquista pacífica de direitos por parte dos mais pobres, ainda que se mantivesse a marca aristocrática de distinção social regulada pelo nascimento.

d) a ojeriza à guerra e ao conflito social, o que contribuiu para que Atenas fosse derrotada sucessivamente pelos persas e pelos espartanos.

e) a participação política direta, exercida por um corpo de cidadãos ativos, sem a noção de representação e restrita aos cidadãos masculinos.

Comentários

A) errado, nem mulheres nem estrangeiros participavam das decisões políticas.

B) errado, pois, para os gregos a escravidão era essencial, parte fundamental da vida na polis. Isso porque, para que homens livres pudessem pensar e exercer a cidadania ateniense outros tantos teriam que trabalhar.

C) errado, em Atenas não tinha esse tipo de concessão, a sociedade era bem dividida com cada grupo social exercendo sua função. Os mais pobres, os plebeus, adquirem relevância durante as insurreições na fase República na de Roma. Não confunda, atenção cadete, atenção.

E) correto. Observo que a ideia de "sem a noção de representação" é porque a prática política era feita a partir da democracia direta, ou seja, todos debates, todos votam.

Gabarito: E

---

2. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2016)

A decisão, ao final de cada combate dos jogos de gladiadores, estava nas mãos da multidão, a testemunhar um ato de soberania popular que só teria equivalência, no mundo moderno, com os referendos ou plebiscitos, em que todos se manifestam. O princípio da soberania popular manifestava- -se, na arena, de forma direta e incisiva. Se nas eleições as mulheres não tinham direito ao voto, na arena todos podiam manifestar-se, prerrogativa que a cidadania moderna atingiria apenas no século XX. (Jaime Pinsky e Carla Pinsky (orgs.), História da Cidadania)

De acordo com o texto, os jogos de gladiadores

a) eram um aspecto importante da participação da coletividade na vida pública.

b) destinavam-se à diversão dos escravos, distraindo-os das questões sociais.

c) faziam parte da política social do Império, contribuindo para a redução das desigualdades.

d) reproduziam o caráter horizontal e igualitário da estrutura da sociedade romana.

e) funcionavam como o sistema penal da sociedade romana, punindo ladrões e marginais.

Comentários

A) correto. Repare que o texto compara a participação nos jogos, na arena, à participação na política. Por interpretação você consegue ter uma noção do que pode estar certo. Agora, para ser "matador de questão" mesmo, você saber que, tanto na Grécia Antiga, quanto em Roma, mulheres não tinham voz e decisão na política e que, a rigor, o texto está trazendo essa comparação para a questão, de modo a demonstrar que as mulheres conquistaram historicamente o direito ao voto, por exemplo, aí você dobra o examinador da prova. Sobre a forma de "decisão" nos jogos de gladiadores, é muito simples: você já viu o filme Gladiador? Pois é, conforme a reação mais ou menos eufórica do público a decisão ia para um sentido, conforme o publico ficasse quieto ia em outro sentido.

B) falso, pois a distração era para a população em geral, dentro da política de "Pão e Circo".

C) errado, em nada diminui as desigualdades.

D) falso, pelo contrário. A a política do "Pão e Circo" reafirmava a dominação de uma classe sobre as outras.

Gabarito: A

---

3. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2015)

O grupo extremista islâmico autodenominado “Estado Islâmico” (EI) começou a destruir mais um sítio arqueológico no norte do Iraque, segundo fontes curdas. No início desta semana, militantes do grupo haviam começado a demolir as ruínas da cidade de Nimrud, antiga capital do império assírio, situada no norte da Mesopotâmia e fundada no século 13 a.C..

(UOL, 7 mar.15. Disponível em: Adaptado)

Em relação à cidade citada no trecho, é correto afirmar que ficava localizada em uma região

a) desértica, sem muitos recursos e sem a possibilidade de cultivar alimentos, o que fez do lugar um sítio bastante inóspito e com uma ocupação sempre muito instável e irregular.

b) bem próxima ao vale do rio Nilo, o que favorecia o cultivo de alimentos nas terras férteis da várzea do rio, tendo possibilitado o contato com os egípcios e o processo de sedentarização.

c) pouco propícia à sedentarização, o que levava os seus habitantes a estabelecerem trocas comerciais em busca de alimentos, além de conviverem com a dificuldade de produzir objetos de cerâmica.

d) banhada por dois importantes rios, o Tigre e o Eufrates, em torno dos quais surgiram os primeiros agrupamentos humanos que dominaram a técnica da escrita de que se tem notícia.

e) que oferecia água corrente em abundância, sem que se fizessem necessárias obras hidráulicas, o que favoreceu o desenvolvimento de uma sociedade complexa e institucionalizada.

Comentários

O macete aqui é perceber que a região em questão é no Iraque. Dá um bizu no mapa que vimos na aula:

Dessa forma, considerando a região do "crescente fértil", banhada por rios, a alternativa A já está fora, pois apresenta informações contrárias aos recursos hídricos que favoreceram ao desenvolvimento das civilizações antigas. A B pode gerar dúvidas, mas o Nilo é um rio que corta o Egito não o Iraque. Falso, pois a sedentarização, isto é, o estabelecimento de comunidades ao redor de regiões propícias ao desenvolvimento humano (presença de água, por exemplo), ocorreu na região em questão. O oposto à sedentarização é o nomadismo, quando as comunidades se deslocam em busca de alimentos e de recursos. Já a alternativa D é a boa, bingo. Por fim, a E peca porque se esquece do desenvolvimento tecnológico a que as civilizações hidráulicas chegaram.

Gabarito: D

---

4. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2014)

A religião dos romanos era politeísta e antropomórfica com nítidas influências das crenças etrusca e grega. Ao dominar grande parte do mundo conhecido, os romanos entraram em contato com diversas religiões e tiveram por elas grande respeito. Algumas chegaram a erigir seus templos na própria cidade de Roma. O Panteão, ou conjunto de deuses, dos romanos chegou a incorporar alguns dos deuses gregos, com nomes trocados para nomes latinos, mas com os mesmos atributos.

(FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2011)

A tolerância que os romanos tiveram para com diversas religiões do mundo por eles conquistadas não existiu, entretanto, para com a religião cristã, pois

a) o universo simbólico do cristianismo era muito próximo da religiosidade romana, inclusive em relação ao monoteísmo, o que acabou gerando certa competição entre as religiões.

b) no momento em que surgiu o cristianismo, a sociedade romana vivia o período mais agudo da sua crise política, social e econômica, o que aumentou a repressão à nova religião.

c) o cristianismo era, à época, uma religião fechada à conversão, assim como o judaísmo, o que contrariava o esforço de expansão e a perspectiva universalizante da sociedade romana.

d) a figura do Papa e das outras autoridades da Igreja Católica, tais como cardeais, bispos e arcebispos, ameaçavam simbolicamente a ordem, a hierarquia e a própria existência do império.

e) de início os cristãos foram perseguidos principalmente por motivos políticos, ainda que mais tarde, no contexto de crise da sociedade romana, o cristianismo tenha se expandido.

Comentários

A - falso, veja que o próprio enunciado afirma que em Roma predominava o politeísmo, então, há uma contradição na afirmação da alternativa, pois sugere a existência do monoteísmo em Roma.

B - A religião cristã começou a se desenvolver na Palestina, uma província que passou a ser ocupada pelos romanos a partir de 64 a.C. e governada por Herodes, o Grande. Basta você se lembrar de que Jesus Cristo nasceu no tempo do Imperador Otávio Augusto e que a data do nascimento de Jesus foi assumida como o ano Zero do calendário cristão (adotado praticamente em todo o ocidente). Nesse considerando o tempo histórico, não foi na crise política mais aguda que o cristianismo surgiu.

C- falso, pois o cristianismo era aberto às pessoas se converterem. Muitos lideres romanos se converteram e, depois, os povos bárbaros.

D- errado, essa figura ainda não existiam neste momento histórico. A ameaça vista pelos Imperadores romanos, começou quando o cristianismo, por representar as classes pobres, indicavam um questionamento À estrutura do regime político e de dominação do império romano.

E- é o nosso gabarito.

Gabarito: E

---

5. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2013)

A cidadania nos Estados nacionais contemporâneos é um fenômeno único na História. Não podemos falar de continuidade do mundo antigo, de repetição de uma experiência passada e nem mesmo de um desenvolvimento progressivo que unisse o mundo contemporâneo ao antigo. São mundos diferentes, com sociedades distintas, nas quais pertencimento, participação e direitos têm sentidos diversos.

(Norberto Luiz Guarinello, *Cidades-Estado na Antiguidade Clássica*. In PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 29.)

Entre as diferenças que separam o Estado nacional contemporâneo da cidade-estado da Antiguidade, é possível destacar

a) o aspecto militar, que no passado era considerado parte das responsabilidades particulares de cada cidadão e hoje é um dever do Estado.

b) a concepção de cidadania, muito mais restrita à época do que hoje, de tal forma que mulheres, estrangeiros e escravos não eram considerados cidadãos.

c) a política educacional, de caráter público e direcionada a toda a população no mundo antigo, enquanto hoje coexistem instituições públicas e privadas.

d) a política de reforma agrária, desnecessária no mundo antigo devido à igualdade econômica existente, enquanto hoje é parte importante das políticas sociais.

e) a questão econômica, àquela época comandada pelo poder público e hoje sob a responsabilidade dos agentes privados, que gozam de grande autonomia.

Comentários

Dá para notar que um dos conhecimentos cobrados para você entrar na Academia é entender as diferentes evoluções históricas em torno da ideia e do conceito de “cidadania”. Claro, as

discussões mais profundas sobre “cidadania” são para a aula de Sociologia. Aqui em História, interessa a perspectiva comparada, isto é, como era a cidadania na Grécia Antiga?

Vimos na parte teórica e em outras questões que somente homens atenienses em adulta eram considerados cidadãos. Assim, o gabarito é a B.

a) falso, pois aspecto militar era importante para a cidade-estado Esparta.

c) falso, pois a educação não era direcionada a toda a população grega, mas só aos cidadãos. Escravos e estrangeiros não recebiam a mesma educação que um nobre cidadão ateniense.

d) falso, pois não existia igualdade econômica.

e) falso, pois na Grécia antiga também existiam agentes privados nos negócios econômicos, os proprietários de terra, por exemplo.

Gabarito: B

---

6. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2012)

No século II a.C., os irmãos Tibério e Caio Graco defenderam a reforma agrária em Roma. Tal proposta era consequência de um processo histórico anterior de concentração de terras na sociedade romana, pois

a) os camponeses, empobrecidos e sem condições de produzir, vinham perdendo suas terras para os patrícios e migrando para as cidades.

b) os patrícios eram os únicos que poderiam ser proprietários de terra em Roma, já que havia uma clara limitação social relacionada ao direito de propriedade.

c) a escravidão vinha diminuindo, o que fazia com que os ricos proprietários ampliassem as suas propriedades na tentativa de aumentar a produção em mais terras cultiváveis.

d) as guerras de expansão tiveram como resultado a ampliação do número de pequenos proprietários, porque formavam-se pequenas propriedades nos novos territórios conquistados.

e) apenas os grandes proprietários participavam do exército, o que tornava necessário aumentar o número de latifundiários para ampliar e reforçar o poder militar de Roma.

Comentários

Para responder a esta questão, vamos retomar um argumento histórico em torno dos plebeus no processo de formação da Monarquia, pois é o tempo indicado no enunciado da questão:

- Os **plebeus** eram pequenos camponeses, proprietários de pequenas terras que produziam, praticamente, para sua subsistência. Era comum os plebeus contraírem grandes dívidas com os patrícios, especialmente nos períodos em que eram convocados para guerras de conquista ou para defender a cidade de alguma ameaça exterior. Por terem que deixar suas pequenas propriedades para atuarem nessas guerras, estas perdiam sua capacidade produtiva. Assim, ao voltarem para sua terra, após o conflito, os plebeus faziam altos empréstimos para poderem recuperar a terra e a produção. Se, por qualquer motivo, os plebeus não pagassem as dívidas viravam escravos.

No mesmo sentido, na virada da República para a faze do Império, de um lado, durante o processo de expansão de Roma, os proprietários e camponeses de menor renda, ao participarem das incursões militares, endividavam-se; do outro, os novos territórios conquistados foram incorporados como propriedade privada dos já enriquecidos *nobilitas*. Os proprietários de terras mais endividados vendiam suas terras aos *nobilitas* e esses, já acumulando terras de conquistas, atingiam um grau de concentração fundiária elevado. Esse processo se aprofundou após a paz romana, quando as guerras diminuíram as potencialidades econômicas do campo. Ou seja, mais um ciclo de venda de terras e de empobrecimento dos que viviam no campo. Então, o que temos que perceber é que a história de Roma, no que diz respeito à terra, é marada pela concentração fundiária. Por isso, o gabarito é a A.

B - falso, pois as classes mais baixas, como os plebeus, podiam ter terras.

C- falso, a escravidão vinha aumentado, seja a escravidão por dívida, seja a por conquista.

D- errado, pela expansão o número de grandes proprietários aumentou.

E - falso, os pequenos também.

Gabarito: A

---

7. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2011)

No tempo de Péricles, a população de Atenas era de, aproximadamente, 400 mil habitantes. Mas os cidadãos com direitos plenos não passavam de 40 mil. (...)

(Luiz Koshiba. História: origens, estruturas e processos, 2000.)

Na época tratada no fragmento, eram considerados cidadãos em Atenas apenas os

a) homens e as mulheres religiosos, que tivessem propriedade rural.

b) homens, filhos de pais atenienses.

c) homens guerreiros, com origem nobre.

d) aristocratas e os comerciantes, atenienses ou estrangeiros.

e) homens e as mulheres, que possuíssem renda advinda de atividade urbana.

Comentários

Já passamos por este assunto em questões anteriores, então, agora, vou frisar um macete de prova. Sabemos que as mulheres eram excluídas da política, não eram consideradas cidades no mesmo patamar que os homens. Por isso, corte todas as alternativas que mencionam "mulheres": A e E. OK! Agora, o mesmo com a D, pois menciona estrangeiros e estes também não eram cidadãos. Ficamos entre a B e a C. O critério "guerreiros" não era o que definia a cidadania em Atenas, mas sim o vínculo de nascimento na polis.

Gabarito: B

---

8. (FGV 2019)

Aqueles que compõem a cidade, tão diferentes entre si por suas origens, condições e funções, de certa forma parecem “semelhantes” uns aos outros. Essa similitude funda a unidade da pólis, porque para os gregos somente os semelhantes podem permanecer mutuamente unidos pela *Philia*, associados a uma mesma comunidade. Todos aqueles que participam do Estado definem-se como *Homoioi*, semelhantes, depois de maneira mais abstrata, como *Isoi*, iguais. Essa imagem das relações humanas encontrará no século VI a.C. a sua expressão rigorosa no conceito de *isonomia*: igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder.

(Jean-Pierre Vernant. *Les origines de la pensée grecque*, 1995. Adaptado.)

O autor argumenta que a organização da pólis grega

a) desconhecia as desigualdades reais entre os cidadãos na esfera das decisões políticas coletivas.

b) fundava-se no sentimento recíproco de amizade entre os cidadãos dos mesmos grupos econômicos.

c) abria-se à participação nas decisões públicas dos aliados incondicionais da cidade nos períodos de guerra.

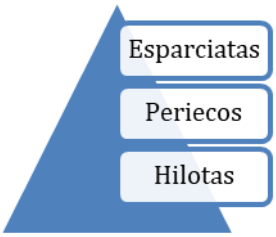
d) enaltecia o exercício da racionalidade política em prejuízo dos cultos das divindades do mundo grego.

e) distribuía o conjunto das tarefas públicas de acordo com as aptidões políticas de cada um dos cidadãos.

Comentários

O autor da passagem do enunciado faz um comentário geral sobre as cidades-estados gregas. Se lembrarmos da estrutura geral que nos remete à organização das sociedades espartana e da ateniense (duas pólis diferentes), podemos construir uma saída para o gabarito.

Esparta:



Já em Atenas, nem todos eram considerados cidadãos. **Apenas eram cidadãos filhos de pais e mães atenienses, homens maiores e 18 anos que vivessem em Atenas**. Veja que Atenas se fechava para o mundo exterior ao mesmo tempo em que guardava com zelo o status de pertencimento à cidade. Afirma o professor Norberto Luiz Guarinello:

"Pertencer à comunidade era participar de todo um ciclo próprio da vida cotidiana, com seus ritos, costumes, regras, festividades, crenças e relações pessoais."[17] *. No entanto, esse processo implicava necessariamente a definição do" outro" e sua exclusão.*

Diante disso, a alternativa a) já não pode ser o gabarito porque a percepção das desigualdades entre as pessoas fazia parte da formação da identidade, ou seja, aqueles que eram cidadãos sabiam excluir os que não eram. Contudo, o texto do enunciado faz uma ressalva bem no começo sobre em que ponto havia outros tipos de diferenças: "tão diferentes entre si por suas origens, condições e funções...". Aqui, o autor deixa claro que o problema está na origem social, ou econômica. Então, passemos às alternativas:

[17] GUARINELLO, Norberto Luiz. Cidades-estado na Antiguidade Clássica.in. História da Cidadania. Ed. Contexto, 2010. p. 35.

b) é o gabarito, pois a afirmação identifica uma forma de semelhança entre os membros da pólis, a amizade, por exemplo, e uma forma de eles se diferenciarem, por origem e por condição, isto é, por situação econômica.

c) errado, pois dentro da pólis a participação nas decisões era prerrogativa dos cidadãos pertencentes àquela cidade-estado específica. Por exemplo, nas Guerras Médicas Atenas e Esparta foram aliados, mas isso não implicou na participação dos atenienses nas decisões de Esparta.

d) errado, a mitologia grega, o louvor aos Deuses (politeísmo) era presente tanto quanto a atividade do pensar, da sabedoria.

e) falso, primeiro porque o texto não aborda as "aptidões políticas", segundo porque existiam as mais variadas formas de divisão das tarefas administrativas da vida em coletividade. Por exemplo, havia cidades-estados em que se faziam sorteios entre os cidadãos para serem designadas funções administrativas a serem desempenhas por determinado período de tempos.

Gabarito: B

---

9. (FGV 2018)

Leia o texto.

Aos 7 anos: deixava sua família para iniciar a educação militar.

Aos 20: era admitido num grupo de outros guerreiros; a participação era obrigatória.

Aos 30: ganhava poder de voto na *Apela*, assembleia militar que indicava o conselho dos anciãos.

A partir dos 60: se fosse um membro da aristocracia, podia ser indicado para o conselho de anciãos, a *Gerúsia*.

(Flavio Campos e Regina Claro, *Oficina de História*)

As informações fazem referência a um

a) meteco ateniense.

b) nobre troiano.

c) cidadão espartano.

d) escriba egípcio.

d) tribuno romano

Comentários

A chave desta questão está em perceber que se trata de um tipo de educação militar. Dessa forma, qual das cidades-estados estava organizada militarmente? Isso mesmo, Esparta. Por isso, nosso gabarito é a alternativa c). Repare que a b), a d) e a e) estão fora do contexto da história grega, pois uma fala de Roma e outra do Egito. Troia, caso você tenha dúvida, Troia era uma cidade localizada no Helesponto, na atual Turquia. Era uma grande cidade, cercada por uma intransponível muralha. Troia ficou famosa por conta da Guerra de Troia, um conflito entre troianos e gregos, entre os séculos XIII e XII a. C.

Já a a) e b), aí sim fazem referência a perfis de indivíduos que viveram na antiguidade grega. Porém, os metecos eram os estrangeiros que viviam na pólis.

Gabarito: C

10. (FGV 2017)

A vida privada dos escravos romanos à época do Império é um espetáculo pueril que se olha com desdém. No entanto, esses homens tinham vida própria; por exemplo, participavam da religião, e não apenas da religião do lar que, afinal, era o seu: fora de casa, um escravo podia perfeitamente ser aceito como sacerdote pelos fiéis de alguma devoção coletiva; podia também se tornar padre dessa Igreja cristã que nem por um momento pensou em abolir a escravidão. Paganismo ou cristianismo, é possível que as coisas religiosas os tenham atraído muito, pois bem poucos outros setores estavam abertos para eles. Os escravos também se apaixonavam pelos espetáculos públicos do teatro, do circo e da arena, pois, nos dias de festa, tinham folga, assim como os tribunais, as crianças das escolas e... os burros de carga.

(Paul Veyne, *O Império Romano*. Em: Paul Veyne (org.). História da vida privada v. 1: do Império Romano ao ano mil, 2009. Adaptado)

A partir da discussão presente no trecho, é correto afirmar:

a) a característica fundante do escravismo romano era a origem étnica, o que fazia com que a escravização dos povos conquistados e o tráfico nas fronteiras do Império proporcionassem a grande maioria da mão de obra servil, ao mesmo tempo em que a escravidão entre os próprios romanos havia caído em desuso desde a crise da República.

b) os escravos na sociedade romana não eram uma coisa, mas seres humanos, na medida em que até os senhores que os tratavam desumanamente impunham-lhes o dever moral de ser bons escravos, de servir com dedicação e fidelidade, características necessariamente humanas; no entanto, esses seres humanos eram igualmente um bem cuja propriedade seu amo detinha.

c) a escravidão caracterizava as relações de produção em Roma e os escravos, em sua inferioridade jurídica, desempenhavam uma função produtiva, marcados por um lugar social de pobreza, privação e precariedade, estando associados às formas braçais de trabalho e à produção de bens materiais em uma sociedade altamente hierarquizada.

d) a justificativa moral da escravidão sofreu uma intensa transformação ao longo dos séculos, de tal forma que a própria sociedade romana passou a questioná-la, tornando mais brandas as relações escravistas em meio à transformação do cristianismo em religião oficial do Império, o que contribuiu para o aprofundamento da crise do escravismo.

e) as relações escravistas caracterizaram os tempos da República romana, muito associadas ao poder dos patrícios, pertencentes à aristocracia de grandes proprietários, mas entraram em decadência na passagem para o Império, pois os generais que centralizaram o poder reconheciam na escravidão um mecanismo de enfraquecimento do exército.

Comentários

a) errado, pois os escravos, em geral, eram prisioneiros de guerra. Também houve um período em que os endividados eram feitos escravos. Dessa forma, o escravismo não estava fundado na origem étnica.

b) boa alternativa, que exige uma leitura apura do texto do comando da questão. Quando o autor apresenta a conjunção adversativa "No entanto...", ele inicia a construir uma imagem dos escravos que não eram como objeto, mas, como o texto indica, "homens tinham vida própria". Por mais que a condição de escravo os fazia submissos às ordens de um senhor, os escravos possuíam algum tipo de vida fora da própria relação escravagista. Por isso, a alternativa é o nosso gabarito.

c) veja que algumas condições atribuídas aos escravos nesta alternativa não condizem com informações do texto. O texto alega que os escravos tinham acesso a determinados tipos de lazeres, como teatro, festas, etc. Já a alternativa fala em pobreza, privação e precariedade. Com isso, ela está errada.

d) falso, pois o regime escravista permaneceu na história de Roma enquanto pilar do sistema. Ocorreu, de fato, a crise do regime escravista a partir do momento em que as guerras de expansão foram diminuindo. **A principal consequência do fim da expansão foi uma crise do sistema escravistas**. Foram 700 anos utilizando a mão de obra escrava para sustentar a economia. A dependência que a estrutura produtiva adquiriu desse tipo de mão de obra fez com que todos os setores sentissem as consequências da diminuição do número de escravos e o consequente aumento do custo pela sua aquisição. Essa situação gerou insuficiência produtiva,

aumento do custo dos produtos e, assim, do custo de vida nas cidades. **Portanto, podemos afirmar que a crise do sistema escravista gerou uma crise econômica.**

e) falso, pois, conforme comentário anterior, a prática escravista permaneceu em quase toda a história romana.

Gabarito: B

---

11. (FGV 2017)

(...) a partir do século V a.C., a guerra tornou-se endêmica no Mediterrâneo. Foram séculos de guerra contínua, com maior ou menor intensidade, ao redor de toda a bacia. O trabalho acumulado nos séculos anteriores tornara possível um adensamento dos contatos, um compartilhamento de informações e estruturas sociais, uma organização dos territórios rurais que propiciava a extensão de redes de poder. Foram os pontos centrais dessas redes de poder que animaram o conflito nos séculos seguintes.

Norberto Luiz Guarinello. *História Antiga*, 2013.

Sobre esses "séculos de guerra contínua", é correto afirmar que

a) as Guerras Púnicas, entre Atenas e Cartago, foram uma disputa pelo controle comercial sobre o mar Mediterrâneo, terminando após três grandes enfrentamentos, com a vitória de Cartago e a hegemonia cartaginesa em todo o Mundo Antigo ocidental.

b) as Guerras Macedônicas foram um longo conflito entre o Reino da Macedônia, em aliança com os persas, e o Império Romano, que venceu com muitas dificuldades porque ainda estava em guerra com outros povos.

c) as Guerras Médicas, entre persas e gregos, resultaram na vitória dos últimos e, em meio a esses confrontos, permitiram que Atenas liderasse a Liga de Delos, aliança de cidades-Estados gregas com o intuito de combater a presença persa no Mediterrâneo.

d) as Campanhas de Alexandre, o Grande, aliado a Esparta e Corinto, combateram e venceram as poderosas forças persas e ampliaram os domínios gregos até a Ásia Menor, propagando os princípios da democracia ateniense pelo Mediterrâneo.

e) a Guerra do Peloponeso, o mais importante conflito bélico da Antiguidade, envolveu as principais cidades-Estados gregas que, aliadas a Roma, enfrentaram e derrotaram as forças militares cartaginesas.

Comentários

Repare que a primeira frase já contextualiza os conflitos militares no mediterrâneo. Parte dos conflitos no mediterrâneo durante a história grega foi causado pela ambição expansionista dos persas, sob o comando de Dário I. As Guerras Médicas, também chamadas de Guerras Greco-Pérsicas, foram travadas entre o Império Persa e as cidades-Estados gregas. Após vencerem os persas, as cidades gregas formaram a Liga de Delos para se protegerem de eventuais futuras guerras no Mediterrâneo. A liderança dentro da Liga era de Atenas. Assim, se você já associar o comando da questão às Guerras Médicas, já dá para eliminar algumas alternativas erradas. Vamos analisá-las:

a) Falso, pois as Guerras Púnicas foram um conjunto de confrontos entre Roma e Cartago. Dessa forma, o único erro da alternativa é a palavra "Atenas". Agora, veja que se fosse "entre Roma e Cartago" a afirmação da alternativa estaria certa, mas não seria o gabarito. Isso porque é preciso ficar atento ao que o enunciado direciona. Veja que o TEMPO da questão é século V a.C, ou seja, antes de Roma. OK? Atenção, hein cadete!!!

b) As Guerras Macedônicas, de fato, foram um conflito entre macedônicos e romanos, nos séculos III e II a.C. Assim, a afirmação já se destoa do que a questão nos cobra e, além disso, o Reino da Macedônia não fez alianças com os persas. Importante você associar que, no momento desse conflito, Roma estava envolvida nas Guerras Púnicas. Agora, atenção, pois antes das Guerras Macedônicas, os macedônios, com Alexandre, o grande, conquistaram boa parte da Grécia e avançaram seu império até o mediterrâneo, na verdade, até derrotarem os Persas (o rei Dário III).

c) Perfeito, é o nosso gabarito. Reforço que você deve ficar atento à construção da Liga de Delos como resultado das Guerras Médicas. É nesse momento que Atenas começa a se sobrepor às demais cidades-estados e a arrumar "confusão" com entre os próprios gregos.

d) Repare no problema temporal: Alexandre, o Grande, foi o rei do Império da Macedônia entre 336 a.C. e 323 a.C., no *período helenístico* da história da Grécia Antiga.

e) vamos aproveitar essa última alternativa para memorizar o seguinte: O período clássico (V e IV a.C) é palco do apogeu e da decadência do mundo grego. Foi marcado por guerras entre gregos e persas (Guerras Médicas) e dos gregos contra si mesmos (Guerra do Peloponeso). A Guerra Greco-Pérsica - ou Guerras Médicas - ocorreu entre 499 e 475 a.C. Entre 431 e 404 a.C., Esparta e Atenas arrastaram praticamente todas as cidades-estados para um conflito que ficou conhecido como Guerra do Peloponeso. Diante disso, o gabarito não pode ser esta alternativa porque o texto do comando fala de uma batalha no mediterrâneo e a guerra do Peloponeso foi na Península, na Grécia.

Gabarito: C

---

12. (FGV 2016)

"Não descreverei catástrofes pessoais de alguns dias infelizes, mas a destruição de toda a humanidade, pois é com horror que meu espírito segue o quadro das ruínas da nossa época.

Há vinte e poucos anos que, entre Constantinopla e os Alpes Julianos, o sangue romano vem sendo diariamente vertido. A Cítia, Trácia, Macedônia, Tessália, Dardânia, Dácia, Épiro, Dalmácia, Panônia são devastadas pelos godos, sármatas, quedos, alanos (...); deportam e pilham tudo.

Quantas senhoras, quantas virgens consagradas a Deus, quantos homens livres e nobres ficaram na mão dessas bestas! Os bispos são capturados, os padres assassinados, todo tipo de religioso perseguido; as igrejas são demolidas, os cavalos pastam junto aos antigos altares de Cristo (...)."

(São Jerônimo, Cartas *apud* Pedro Paulo Abreu Funari, *Roma:* vida pública e vida privada. 2000)

O excerto, de 396, remete a um contexto da história romana marcado pela

a) combinação da cultura romana com o cristianismo, além da desorganização do Estado Romano, em meio às invasões germânicas e de outros povos.

b) reorientação radical da economia, porque houve o abandono da relação com os mercados mediterrâneos e o início de contato com o norte da Europa.

c) expulsão dos povos invasores de origem não germânica, seguida da reintrodução dos organismos representativos da República Romana.

d) crescente restrição à atuação da Igreja nas regiões fronteiriças do Império, porque o governo romano acusava os cristãos de aliança com os invasores.

e) retomada do paganismo e o consequente retorno da perseguição aos cristãos, responsabilizados pela grave crise política do Império Romano.

Comentários

Comece pela data, 396 é d.C e não a.C. Então, em que momento estamos da história romana? Na crise do império, em um contexto de crescimento do cristianismo e das invasões bárbaras, crise do Império Romano. Nesse contexto, somente a proposição A está correta. No geral, a questão remete à crise econômica, social e política no Baixo Império Romano século III, IV e V. O texto aponta para as invasões bárbaras no século IV, ano de 396. As invasões bárbaras tornaram-se violentas devido à pressão dos hunos, conforme as Cartas de São Jeronimo. Além disso, resumidamente,

- em 395 Teodósio dividiu o império em duas partes: Império Romano do Ocidente capital Roma e o Império Romano do Oriente, Constantinopla era a capital.

- O cristianismo estava se propagando tornando uma religião "universal". Sobre isso, lembre-se de que, em 313 através do Edito de Milão Constantino deu liberdade de cultos aos cristãos e, em 391, pelo Edito de Tessalônica Teodósio oficializou o cristianismo.

B) falso, pois não houve essa reorientação da economia. Na verdade, a crise econômica se desenvolveu a partir da escassez de mão de obra, da falta de terras agricultáveis e da estagnação geral do Império Romano.

C) falso, pois, conforme afirmei acima, estamos falando do declínio do Império Romano, de modo que as organizações da República não foram reestabelecidas.

D) Falso, tendo em vista que no final do século IV o cristianismo já era a religião hegemônica em Roma e se expandia. Veremos, mais adiante na história, que muitos bárbaros se converteram ao cristianismo.

E) falso, pois os cristãos não foram responsabilizados pela crise política do Império Romano.

Gabarito: A

---

13. (FGV 2015)

É a partir do século VIII a.C. que começamos a entrever, em diferentes regiões do Mediterrâneo, o progressivo surgimento das cidades-Estados ou pólis. Elas formaram a organização social e política dominante das comunidades organizadas ao longo do Mediterrâneo nos séculos seguintes.

(Norberto Luiz Guarinello, *História Antiga*, 2013, p. 77. Adaptado)

Nas pólis, é correto

a) assinalar a crescente importância da mulher e da família nos espaços públicos.

b) reconhecer a presença de espaços públicos, caso da ágora.

c) destacar uma característica: a inexistência de espaços rurais.

d) identificar a acumulação de capital pela ação do Estado.

e) apontar para a sua essência: a organização urbana estruturada para a guerra.

Comentários.

A) errado, pois, nos espaços público, as mulheres eram inferiorizadas, não eram consideradas cidadãs e capazes para o exercício da política.

B) correto. O texto do historiador Norberto Luiz Guarinelo remete à Grécia no período Arcaico. Neste contexto surgiram as pólis, as cidades estados que possuíam autonomia política e uma unidade cultural grega. Dentro disso, os gregos tinham como pressuposto a ideia de um homem racional e político capaz de fazer uma escolha baseada na força da persuasão de distintos argumentos. Percebemos, então, nesse espaço comum, **o princípio da publicidade da política**. A Ágora – uma espécie de praça – era o lugar do debate. Assim, os assuntos só poderiam ser resolvidos se as pessoas – chamadas de cidadãos – tivessem o conhecimento das informações necessárias à tomada de decisão. Essa exigência de publicidade de informações coloca sob o olhar público não apenas as informações, mas as condutas das pessoas e seus interesses. Era a possibilidade do **controle público sobre os líderes políticos** – estes estavam, portanto, sujeitos à crítica e controvérsia. Diz o professor Vernant: "A lei da polis, por oposição ao poder absoluto de qualquer monarca, exige que umas e outras sejam igualmente submetidas à "prestação de contas".

C) errado, pois, existiam espaços rurais e, inclusive, a atividade agrícola. O campo era o lugar do trabalho, sendo a ideia de trabalho algo mal visto, uma atividade daqueles que não estavam habilitados ao conhecimento e às atividades da vida pública.

D) não era essa a função da polis e nem é essa questão que o trecho do comando da questão ressalta.

E) falso, pois a polis não estava voltada para a guerra. A rigor, as cidades-estados estavam direcionadas, nos dizeres de Aristóteles, para a Boa-Vida. Tal como um organismo, agora na visão de Sócrates, a pólis deveria funcionar em harmonia para que seus cidadãos vivessem bem. A guerra era um dos desdobramentos para a missão mais geral das pólis. Evidentemente, temos uma exceção, Esparta. Esta sim pode ser enquadrada como uma polis voltada para as atividades militares. Mas é errado afirmar que Esparta vivia para a guerra.

Gabarito: B

---

14. (FGV 2014)

São características do período arcaico (séculos VIII-VI a.C.), na Grécia Antiga:

a) desenvolvimento dos oikos e expansão creto-micênica.

b) desenvolvimento das póleis e expansão pelo Mediterrâneo.

c) rivalidades entre Esparta e Atenas e Guerra do Peloponeso.

d) enfraquecimento das póleis e expansão macedônica.

e) guerras entre gregos e persas e o fim da democracia ateniense.

Comentários

Pelos séculos, estamos no momento de formação das cidades-estados. Assim, a alternativa C, por exemplo, já não pode ser o gabarito, porque ela faz referência à Guerra do Peloponeso. A E também indica as Gueras Médicas, ou seja, entre 499 e 475 a.C A D igualmente, ela nos apresenta um processo histórico de desagregação do mundo grego. A letra A, por sua vez, nos lembra o conceito de casa, mas no sentido de núcleo familiar, pois oiko, em grego, é casa.

Somente a proposição B está correta. No geral, o comando da qeuestão remete a Antiguidade Clássica, a Grécia no período Arcaico, séculos VIII-VI a.C. Neste contexto, os gregos expandiram para outras regiões formando as colônias gregas, ou seja, cidades gregas fora da Grécia. Assim, surgiu a filosofia pré-socrática com os denominados filósofos da natureza. Dentro da Grécia surgiram as pólis, as cidades estados, que possuíam autonomia política com destaque para Esparta fundada pelos Dórios e Atenas formada pelos Jônios.

Gabarito: B

---

15. (FGV 2008)

Leia as afirmativas sobre a República Romana (509-27 a.C.).

I. Nos primeiros tempos da República, a sociedade era composta por apenas dois setores: os patrícios e os escravos.

II. Os escravos, pouco numerosos no início da República, cresceram numericamente com as guerras de conquista.

III. Entre as funções públicas em Roma, havia os cônsules, os pretores e os tribunos da plebe.

IV. Em 494 a.C., plebeus rebelados se retiram para o Monte Sagrado, ameaçando fundar outra cidade se não tivessem, entre outras reivindicações, o direito de eleger seus próprios magistrados.

V. Com o expansionismo romano e as suas conquistas territoriais, houve um grupo especialmente beneficiado: os plebeus, que passaram a vender trigo para os povos dominados.

São corretas as afirmativas

a) I, II e III, apenas.

b) II, III e IV, apenas.

c) II, III, IV e V, apenas.

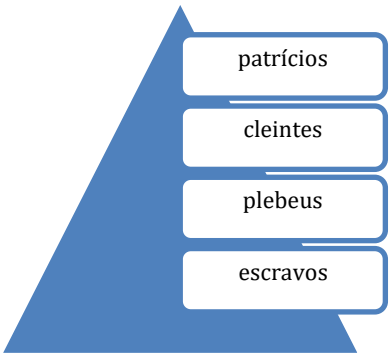
d) III, IV e V, apenas.

e) I, II, III, IV, V.

Comentários

De forma bem objetiva:

I - errado. Com relação à **divisão social romana**, havia uma estratificação hierárquica formada por 4 grupos sociais: os **PATRÍCIOS,** os **PLEBEUS,** os **CLIENTES** e os **ESCRAVOS.** Essa divisão se consolidou na fase monárquica e depois continuou. Lembre-se de que, na República, os plebeus protagonizaram grandes insurreições cobrando igualdades.



II - sim, perfeito.

III - correto.

IV - sim, tá certo. E para você não se esquecer desse evento histórico importante, associe com a primeira "greve".

V - falso, sem muitos comentários, pois se a condição social é de plebeu, significa que a posição pirâmide social é abaixo dos patrícios. Esses sim, os verdadeiros beneficiados da expansão romana.

Gabarito: B

---

15. (FGV 2008)

Leia as afirmativas sobre a República Romana (509-27 a.C.).

I. Nos primeiros tempos da República, a sociedade era composta por apenas dois setores: os patrícios e os escravos.

II. Os escravos, pouco numerosos no início da República, cresceram numericamente com as guerras de conquista.

III. Entre as funções públicas em Roma, havia os cônsules, os pretores e os tribunos da plebe.

IV. Em 494 a.C., plebeus rebelados se retiram para o Monte Sagrado, ameaçando fundar outra cidade se não tivessem, entre outras reivindicações, o direito de eleger seus próprios magistrados.

V. Com o expansionismo romano e as suas conquistas territoriais, houve um grupo especialmente beneficiado: os plebeus, que passaram a vender trigo para os povos dominados.

São corretas as afirmativas

a) I, II e III, apenas.

b) II, III e IV, apenas.

c) II, III, IV e V, apenas.

d) III, IV e V, apenas.

e) I, II, III, IV, V.

Comentários:

I. Esta afirmação está incorreta. Veja que tem um marcado temporal no item: “nos PRIMEIROS TEMPOS da República”, ou seja, antes dos efeitos da conquista, logo, as duas classes principais são patrícios e plebeus. Observe o Item II (Os escravos, pouco numerosos no início da República, cresceram numericamente com as guerras de conquista.)

II. Esta afirmação está correta. O número de escravos em Roma aumentou significativamente com as conquistas territoriais, já que os romanos capturavam e escravizavam muitos prisioneiros de guerra.

III. Esta afirmação está correta. Os cônsules, pretores e tribunos da plebe eram magistrados importantes na República Romana, cada um com suas próprias funções e responsabilidades.

IV. Esta afirmação está correta. O episódio conhecido como "Secessão da Plebe" ocorreu em 494 a.C., quando os plebeus se retiraram para o Monte Sagrado em protesto contra a opressão dos patrícios e exigiram mais direitos, incluindo o direito de eleger seus próprios magistrados.

V. Esta afirmação está incorreta. Os plebeus não eram especialmente beneficiados com as conquistas territoriais. Na verdade, muitos plebeus serviam como soldados nas legiões romanas e enfrentavam os perigos das campanhas militares. Os benefícios econômicos das conquistas geralmente eram direcionados para a elite patrícia e não para os plebeus.

Com base na análise acima, as afirmativas corretas são:

II. Os escravos, pouco numerosos no início da República, cresceram numericamente com as guerras de conquista.

III. Entre as funções públicas em Roma, havia os cônsules, os pretores e os tribunos da plebe.

IV. Em 494 a.C., plebeus rebelados se retiram para o Monte Sagrado, ameaçando fundar outra cidade se não tivessem, entre outras reivindicações, o direito de eleger seus próprios magistrados.

Portanto, o gabarito correto é a alternativa b) II, III e IV, apenas.

Gabarito: B

---

16. (FGV - Professor II História, Pref. de Jaboatão dos Guararapes (PE), 2023)

Leia a reconstituição elaborada por Tucídides de um discurso de Péricles, um importante líder político de Atenas no século V a.C.:

A nossa constituição política não segue as leis de outras cidades, antes lhes serve de exemplo. O nosso governo chama-se democracia, porque a administração serve aos interesses da maioria e não de uma minoria. De acordo com as nossas leis, somos todos iguais no que se refere aos negócios privados. Quanto à participação na sua vida pública, porém, cada qual obtém a consideração de acordo com os seus méritos e mais importante é o valor pessoal do que a classe a que se pertence; isto quer dizer que ninguém sente o obstáculo da sua pobreza ou da condição social inferior, quando o seu valor o capacite a prestar serviços à cidade. (Adaptado de Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*, Livro II, § 36 a 42.)

Com base no trecho, é correto afirmar que Péricles

a) qualificou numericamente a maioria para indicar que todos os homens adultos votavam, independentemente da nacionalidade.

b) enfatizou a igualdade dos cidadãos atenienses perante a lei, independentemente de sua condição socioeconômica.

c) defendeu a isonomia do regime aristocrático vigente em Atenas e em outras cidades-Estado gregas.

d) sustentou o critério meritocrático e censitário de participação na vida pública, aplicado a todos os habitantes da Ática.

e) definiu a constituição ateniense de democracia pois todos os cidadãos e cidadãs tinham o direito de participar da vida política.

Comentários:

Essa questão mobiliza conceitos básicos sobre a isonomia na democracia ateniense. Segundo o texto, Péricles descreve a democracia ateniense como um sistema em que a administração serve aos interesses da maioria, através da igualdade legal em assuntos privados e uma valorização do mérito pessoal em detrimento da classe social em questões públicas. Ele destaca que o valor pessoal é a chave para a prestação de serviços à cidade, e que nem a pobreza nem a condição social inferior são obstáculos para aqueles que possuem "méritos". Importante notar que na Grécia antiga, as mulheres não exerciam participação política, e apenas os considerados "cidadãos" tinham garantia a essa mesma participação.

Incorreto. A nacionalidade é critério da participação política na democracia ateniense.

Correto, conforme comentário.

Incorreto. Péricles não está defendendo a isonomia do regime aristocrático. Ele está descrevendo a democracia ateniense e sua ênfase na igualdade perante a lei e no mérito individual, que são características distintas da aristocracia.

Péricles mencione o critério de mérito na vida pública, ele não faz referência a critérios censitários (baseados na posse de propriedades) no trecho. Além disso, ele está se referindo aos cidadãos de Atenas, não a todos os habitantes da Ática.

Incorreto. Na democracia ateniense, o direito de participação estava limitado aos cidadãos do sexo masculino, excluindo mulheres e estrangeiros.

Gabarito: B

---

17. (FGV – Prefeitura Municipal de João Pessoa (PB), Professor de Educação Básica II História, 2013)

> Em 118 a.C., o rei da Numídia morre e deixa o reino para seus três herdeiros: os dois filhos, Aderbal e Hiempsal, e um sobrinho adotado, Jugurta. Era seu desejo testamentário que o reino não fosse dividido, o que não impediu a luta pela sucessão entre os herdeiros. Este conflito ficou conhecido como a Guerra de Jugurta.
>
> Leia o fragmento a seguir que permite compreender que esse tipo de guerra era considerado justo aos olhos dos romanos do final da República.
>
> Eu, Aderbal, acreditava, Pais Conscritos [senadores romanos], assim como ouvi dizer de meu pai, que os que eram fiéis à vossa amizade assumiam grande honra, mas, em compensação, eram os que gozavam de maior segurança entre todos. Enquanto esteve em suas possibilidades, a nossa família nunca deixou de estar ao vosso lado em todas as guerras: agora é a vossa vez, Pais Conscritos, de nos prover em tempos de paz. Meu pai deixou dois filhos, eu e Hiempsal, aos quais acrescentou, como terceiro, Jugurta, certo de que teria sido para nós um

irmão: um foi morto e eu mesmo tive dificuldade em fugir das mãos ímpias do outro. O que fazer? A quem me endereçar no ápice da desventura? É para vós que pedirei ajuda, Pais Conscritos, no caso de ser acometido por alguma desgraça de improviso, a vós, que pela majestade de vosso império, tendes o dever de defender o direito e de punir a injustiça.

(Traduzido e adaptado de Sallustio, C. *Crispo La guerra giugurtina. Testo latino a fronte*. Milano: Garzanti, 2007, p 39.)

Com base no trecho citado, é correto afirmar que, para os valores morais e jurídicos dos romanos dos séculos II e I a.C., era uma situação de guerra justa

a) provocar o ataque de um inimigo.

b) atentar contra um possível tirano.

c) atender o apelo de aliados em dificuldade.

d) combater povos selvagens incapazes de viver sob as leis de Roma.

e) defender e expandir a fé dos romanos.

Comentários:

O trecho apresentado reflete a complexidade das relações políticas e diplomáticas entre o Império Romano e seus aliados ou estados clientes. A Guerra de Jugurta, que ocorreu em um contexto onde o Império Romano estava em plena expansão e solidificação de seu poder no Mediterrâneo, oferece um exemplo dos delicados equilíbrios que Roma teve que manter com as dinastias e reinos em sua periferia. Aderbal, ao apelar aos senadores romanos, está buscando proteção e justiça diante das ameaças de Jugurta, seu rival. Seu discurso é carregado de referências à lealdade e à histórica amizade de sua família com Roma. Isso ilustra uma característica central da diplomacia romana durante esse período: a disposição de Roma em intervir em conflitos externos, especialmente quando tais conflitos envolviam aliados que haviam demonstrado lealdade à República. A resposta correta à questão, portanto, reflete uma das facetas da justiça romana durante os séculos II e I a.C.: a ideia de que era justificável e até esperado que Roma interviesse em situações onde seus aliados leais estavam em perigo ou sendo injustiçados. A preservação de alianças e a manutenção da ordem no ambiente político do Mediterrâneo eram cruciais para a expansão e estabilidade do Império Romano.

Vejamos os comentários de cada alternativa:

a) Esta alternativa está incorreta. O trecho não menciona a ideia de provocar um ataque como uma situação de guerra justa. Na verdade, o trecho se refere ao apelo de Aderbal aos senadores romanos em busca de ajuda devido a ameaças de Jugurta, seu rival.

b) Esta alternativa está incorreta. Embora a Guerra de Jugurta envolvesse uma disputa pelo trono da Numídia entre herdeiros rivais, o trecho não menciona especificamente a ideia de combater um tirano. Aderbal está buscando a ajuda de Roma para se proteger das ameaças de Jugurta, mas a justiça da guerra não é abordada nesse contexto.

c) Esta alternativa está correta. O trecho reflete a ideia de que Aderbal está apelando aos senadores romanos para ajudar seu reino e sua família em um momento de dificuldade. Isso se encaixa no conceito de uma guerra justa, de acordo com os valores morais e jurídicos dos romanos da época. Roma estava disposta a intervir em situações em que seus aliados leais estavam em perigo ou sendo injustiçados.

d) Esta alternativa está incorreta. O trecho não faz referência à ideia de combater povos selvagens ou impor as leis de Roma. Está mais relacionado a um conflito interno na Numídia do que a uma intervenção em povos estrangeiros.

e) Esta alternativa está incorreta. O trecho não faz referência à fé dos romanos nem à expansão religiosa. A situação retratada está relacionada à política e ao poder, não à religião.

Gabarito: C

---

18. (CESPE/CEBRASPE – SEDUC-AL Professor de História – 2018)

O papel civilizador do Egito foi reconhecido logo na Antiguidade. As vias e os meios, as fases e os modos através dos quais os antigos Egípcios garantiram, ao longo de cerca de quatro milênios, a sua produção e reprodução sociais são amplamente descritos e comentados nas obras. Para além de ter fornecido ao Egito os homens e as culturas a partir dos quais este se tornou no florão na antiguidade, o espaço núbio-sudanês foi vital para o país dos faraós.

(Babacar Sall. Estado das investigações acerca da antiguidade africana. In: Babacar Mbaye Diop e Doudou Dieng. A consciência histórica africana. Lisboa: Ramada; Luanda: Mulemba, 2014, p. 133 (com adaptações).)

Considerando o texto anteriormente apresentado como referência inicial e os aspectos inerentes à história da África na antiguidade, julgue os itens seguintes.

( ) A organização da agricultura, o desenvolvimento da escrita, a formação de um Estado unificado, a racionalização dos trabalhos de infraestrutura e a criação de sistemas cosmogônicos complexos são expressões consideradas relevantes na história do Egito Antigo.

( ) As relações entre o Egito e os outros Estados africanos do curso do Nilo, como de Napata e Méroe, foram marcadas por trocas intensas e pela fundação de uma dinastia etíope ou sudanesa, criada com a tomada do poder faraônico por reis kushitas.

( ) O comércio exterior teve um papel relevante na política e na economia meroíta, pois o Estado de Kush foi um entreposto de grande importância para as rotas comerciais que se deslocavam entre o alto Nilo e o mar Vermelho.

( ) As abordagens da história da Núbia continuam ausentes dos livros didáticos de história utilizados nas escolas públicas, o que não representa um claro desacordo com as prescrições curriculares vigentes.

( ) O Egito faraônico deixou como legado para a humanidade contribuições importantes para os campos da história e da religião, embora suas contribuições em outras áreas, como na filosofia e nas ciências, tenha sido irrelevante.

Comentários:

(Correta) O Egito Antigo é amplamente reconhecido por essas conquistas, que foram vitais para a estabilização e prosperidade de sua civilização.

(Correta) A chamada 25ª dinastia, ou “dinastia kushita”, foi um período no qual os núbios, da região mais ao sul do rio Nilo, governaram. Durou entre 744 e 656 antes de Cristo.

(Correta) O Reino de Kush, com seus centros em Napata e mais tarde em Méroe, estava estrategicamente localizado em rotas comerciais vitais, e isso influenciou muito sua economia e relações políticas.

(Errada) Nas últimas décadas, houve um esforço considerável em muitos sistemas educacionais para incluir a história da África e da Núbia em particular. A ausência desse conteúdo iria, de fato, contradizer muitas prescrições curriculares modernas, que buscam uma representação mais ampla e inclusiva da história mundial.

(Errada) Egito Antigo fez contribuições significativas em várias áreas, incluindo medicina, matemática, arquitetura e literatura. Afirmar que suas contribuições em filosofia e ciências foram "irrelevantes" é um subestimação de seu legado. Um exemplo de contribuição da filosofia egípcia é a obra de Tales de Mileto, um dos primeiros filósofos, que dizia que “o Egito é uma dádiva do Nilo”.

Gabarito: C; C; C; E; E.

---

19. (CESPE/CEBRASPE – Pref. Municipal de São Cristóvão (SE) – 2019)

Acerca do processo de humanização, da dinâmica da formação das sociedades humanas e de características de algumas das civilizações da Antiguidade, julgue o item a seguir.

( ) Após terem se estabelecido às margens do rio Jordão a partir de mais ou menos 1.200 a.C., os fenícios desenvolveram-se em uma sociedade rural de economia agrária, relativamente autocentrada e autossuficiente.

( ) Apesar de terem cultivado alimentos em larga escala, nas proximidades de grandes rios como o Tigre e o Eufrates, as sociedades da antiga Mesopotâmia não se estabeleceram em cidades.

( ) Elemento de central importância no sistema de crenças religiosas do antigo Egito, o culto aos antepassados, tal como testemunhado no Livro dos Mortos, esteve fortemente associado ao desenvolvimento de técnicas de mumificação e à edificação de suntuosas tumbas destinadas a abrigar os cadáveres de pessoas da elite político-econômica.

( ) Antes do desenvolvimento das técnicas agropecuárias, iniciado há cerca de 12.000 anos, as sociedades humanas viviam da caça e da coleta e, por isso, tendiam ao nomadismo

( ) O conceito de época “antropoceno”, embora haja indefinição quanto aos seus contornos cronológicos, tem sido frequentemente utilizado para enfatizar que o desenvolvimento das sociedades humanas acarretou consequências ambientais negativas, tais como a extinção de espécies de plantas e animais, poluição dos mares e alterações climáticas e atmosféricas.

( ) Na ordem dos primatas, o gênero humano singulariza-se por ter sido historicamente compreendido por uma única espécie, o Homo sapiens.

Comentários

(Correta) É verdade que, em seus primórdios, os cristãos foram frequentemente perseguidos no Império Romano, principalmente porque se recusavam a participar de rituais estatais e eram vistos como uma ameaça à ordem estabelecida. No entanto, a situação mudou dramaticamente durante o século IV, especialmente após a conversão do imperador Constantino ao cristianismo. Ao final desse século, sob o imperador Teodósio, o cristianismo trinitário foi declarado a religião oficial do império, e outras práticas religiosas foram progressivamente marginalizadas.

(Correta) Roma, durante o período republicano expandiu seu território e influência de maneira significativa, conquistando vastas áreas e se estabelecendo como uma grande potência do Mediterrâneo. As conquistas mencionadas no item contribuíram para esse status.

(Errada) A legitimação da democracia em Atenas não se deve à filosofia de Platão e Aristóteles. Platão, em particular, era crítico da democracia ateniense, como é evidente em sua obra "A República", na qual ele propõe um modelo idealizado de governo governado por reis-filósofos. Aristóteles, por sua vez, estudou várias formas de governo e, embora reconhecesse os méritos da democracia, não a via como absolutamente superior às outras formas.

(Errada) A Guerra de Tróia é um evento mitológico descrito na "Ilíada" de Homero e não está relacionada à luta entre as cidades-estado gregas e o Império Persa. As guerras entre gregos e persas incluem as Guerras Médicas, travadas no século V a.C. e que culminaram com vitórias gregas em batalhas como Maratona e Salamina. As lutas entre as cidades-Estado gregas envolvem a chamada Guerra do Peloponeso.

(Correta) Sólon é frequentemente creditado por suas reformas em Atenas que estabeleceram as bases para o desenvolvimento posterior da democracia ateniense. Suas reformas visavam resolver tensões sociais e estabelecer um terreno mais equitativo para a participação política.

(Errada) Enquanto a civilização minoica, centrada na ilha de Creta, indiscutivelmente influenciou a cultura grega, não se pode simplificar essa influência apenas à proximidade geográfica. Embora a proximidade tenha facilitado os contatos, foi a complexidade e sofisticação da civilização minoica, junto com interações comerciais e culturais, que exerceram uma influência duradoura sobre as cidades-estados gregas.

Gabarito: E; E; C; C; C; E.

20. (FCC – Secretaria de Administração do Estado da Bahia – 2017)

O Império Romano, diante do desafio de administrar um vasto território conquistado, estruturou-se por meio de uma ordem política

a) baseada na imposição da cultura e da língua romana (o Latim) a todos os cidadãos livres e aos escravos em todo o território, reprimindo a cultura local e impondo senadores romanos para governar as regiões anexadas.

b) calcada em um sistema federativo e representativo, no qual o Imperador era escolhido por assembleias formadas por homens da nobreza, considerados cidadãos livres, em todas as regiões conquistadas.

c) fundamentada em um sistema militar de ocupação territorial e imposição do catolicismo romano, com a nomeação de cardeais, bispos e inquisidores pelo imperador entre as autoridades de cada localidade.

d) inspirada no modelo de dominação vigente na Grécia antiga, que respeitava a autonomia das cidades-estados e incentivava a formação de confederações e ligas.

e) organizada de maneira hierárquica, centralizada em Roma e que contava com a adesão das elites locais das regiões dominadas para a cobrança de impostos exigida e a manutenção da ordem social.

Comentários

A questão traz uma perspectiva sobre a administração do vasto território do Império Romano, uma das maiores entidades políticas da Antiguidade. As características administrativas romanas foram, sem dúvida, um dos pilares de sua durabilidade e expansão. A alternativa correta, a (E), reflete uma das estratégias administrativas mais eficazes de Roma: a colaboração com as elites locais. Roma, em vez de impor uma administração estritamente centralizada ou de eliminar as elites locais, muitas vezes as incorporava ao sistema imperial. Isso criava uma sensação de participação e cooptação, ao mesmo tempo que permitia a Roma explorar as redes de poder e influência já existentes. Esta abordagem ofereceu vários benefícios. Ao invés de enfrentar resistência constante, o Império Romano, em muitos casos, encontrou formas de tornar a dominação mutuamente benéfica - pelo menos para as elites locais. Isso não significa que não houve resistência ou problemas administrativos, mas essa abordagem de cooperação, muitas vezes, facilitou a governança de um império tão extenso.

a) Este item está incorreto. Embora o Império Romano tenha espalhado a cultura e a língua latina por muitas partes do seu território, não foi uma política de repressão da cultura local. Além disso, a imposição de senadores romanos para governar as regiões anexadas não era a prática comum. Normalmente, as províncias eram governadas por representantes locais, sujeitos à autoridade central de Roma.

b) Este item está incorreto. O Império Romano não era um sistema federativo e representativo no sentido moderno. O Imperador não era escolhido por assembleias formadas por homens da nobreza, mas sim nomeado pelo Senado Romano ou adotado por seu antecessor. Além disso, o sistema político romano era altamente centralizado, com o poder concentrado nas mãos do Imperador.

c) Este item está incorreto. Embora o Império Romano tenha adotado o cristianismo como religião oficial em um estágio posterior de sua história, essa mudança religiosa não estava relacionada à administração das províncias nem à nomeação de cardeais, bispos e inquisidores pelo Imperador. Essas são características de um período posterior, na Idade Média.

d) Este item está incorreto. Embora a Grécia Antiga tenha influenciado a cultura romana, o sistema administrativo do Império Romano era significativamente diferente. O Império Romano era uma entidade mais centralizada, com uma burocracia administrativa e um exército imperial, enquanto a Grécia Antiga era composta por cidades-estados independentes.

e) Esta alternativa está correta. O Império Romano era organizado de maneira hierárquica, com um governo centralizado em Roma. Além disso, uma das estratégias administrativas eficazes dos romanos era a colaboração com as elites locais, que ajudavam na cobrança de impostos e na manutenção da ordem social nas regiões dominadas. Isso contribuiu para a estabilidade e governança do império.

Gabrito: E

QUESTÕES PARA TREINAMENTO COM RESOLUÇÃO

21. (VUNESP/ 2019)

A democracia na Grécia Antiga significou a chance de os homens se entenderem no ambiente público e resolverem suas diferenças em prol de interesses coletivos. Isso se dava em reuniões e assembleias (na ágora, praça pública grega) nas quais as decisões eram tomadas após uma série de debates e questionamentos. Em vez da força física, da violência e dos privilégios, a palavra passou a representar um instrumento poderoso para os cidadãos, que deveriam entre si argumentar, questionar, refutar, esclarecer, dialogar, persuadir etc., para, assim, chegar a um consenso sobre o que era melhor para a sociedade.

Disponível em: http://educacao.globo.com. Acesso em: 14 nov. 2018.

Na Grécia Antiga, a adoção da democracia resultou na

A) escravização dos indivíduos negros.

B) concessão do estatuto de cidadãs gregas às mulheres.

C) garantia de representação política da população como um todo.

D) inclusão irrestrita das camadas sociais na categoria de cidadãos.

E) manutenção da exclusão de amplos grupos de indivíduos não aceitos como cidadãos.

Comentários

a) falso, pois a escravização ocorria por dívidas e por conta das guerras, isto é, do resultado delas.

b) errado, as mulheres não eram consideradas cidadãs.

c) falso, apenas uma parcela participava: homens, maiores de 21 e com vínculo com a terra (em Atenas, os nascidos nesta pólis). Estrangeiros e mulheres, por exemplo, não participavam.

d) falso, aqui é quase a mesma afirmação que a letra c).

e) é o nosso gabarito.

Gabarito: E

---

22. (VUNESP/2015)

Apesar de considerarmos a Grécia Antiga o seu berço [...] não se pode ainda falar em democracia, porquanto esta é caracterizada não pelo governo das leis, mas pela participação do povo no governo, o que ainda estava longe de ser verificado naquele estágio.

KIBRIT, Orly. O ideal de Sólon e a democracia na Grécia Antiga. Revista SJRJ, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 143-148. abr. 2012 (adaptado).

A crítica à democracia grega se refere ao fato de que

A) apenas uma parcela da população tinha de fato direito à participação democrática.

B) a participação popular nas decisões era facultativa e limitada às votações para escolha do rei.

C) os políticos davam pouca atenção aos problemas das classes mais pobres da sociedade.

D) os direitos eram assegurados a todos os nascidos em território grego e não aos estrangeiros.

E) todos os habitantes da polis eram obrigados a dedicar alguns dias do ano aos debates políticos.

Comentários

a) correto. Repare que este assunto sobre a democracia e que participava, ou seja, o grau de participação entre os gregos, é algo bastante lembrado pelos examinadores.

b) errado, pois a democracia era restrita.

c) falso, primeiro porque não é uma conclusão a partir do texto do enunciado; segundo porque havia política direcionada aos pobres.

d) falso, mulheres gregas, por exemplo, não participavam das decisões políticas.

e) errado, veja que a alternativa generaliza. Não eram todos, mas apenas uma parte deles.

Gabarito: A

---

23. (VUNESP/– 2019)

Discóbolo Lancellotti é cópia romana da escultura grega feita originalmente em bronze, por Míron, em 450 a.C.

(www.historiadelarte.us)

Pertencente ao Museu Nacional de Roma, o Discóbolo Lancellotti assinala

a) a separação entre arte e ciência na Grécia clássica e a criação da ciência anatômica por sábios romanos.

b) a ligação da arte grega com as crenças religiosas e a falta de refinamento nas produções artísticas de Roma Antiga.

c) a representação da irracionalidade humana no desequilíbrio corporal e o enaltecimento da ética guerreira dos romanos.

d) a visão pessimista dos gregos clássicos sobre os destinos da humanidade e a escravização dos gregos pelos conquistadores romanos.

e) a concepção de beleza ideal das artes gregas e a presença da cultura grega na sociedade romana da Antiguidade

Comentários

A arte e a ciência eram aspectos muito valorizados na cultura greco-romana. Uma característica marcante dessas civilizações era o uso da ciência anatômica na criação de esculturas de grandes representantes políticos ou de deuses, nos quais eles cultuavam e enalteciam. Era rica a forma representada do equilíbrio do corpo humano, pois para eles, o belo significava também a grandeza desses povos.

Com isso, olhemos as alternativas:

a) Incorreto. A arte e a ciência nunca foram separadas para esses grupos.

b) Incorreto. As produções artísticas romanas eram tão refinadas quanto as gregas.

c) Incorreto. Pelo contrário havia um equilíbrio corporal e uma representação da racionalidade humana muito evidente nas esculturas de gregos e romanos.

d) Incorreto. Os gregos não foram escravizados pelos romanos.

e) Correto. Os romanos foram muito influenciados pela cultura grega para a construção da sua sociedade, tanto no campo social, quanto político e cultural.

Gabarito: E

---

24. (VUNESP/– 2018)

O cidadão não é cidadão pelo fato de se ter estabelecido em algum lugar – pois os estrangeiros e os escravos também são estabelecidos. [...] Por aí se vê, pois, o que é o cidadão: aquele que

tem uma parte legal na autoridade deliberativa e na autoridade judiciária. (Aristóteles. A política, s/d.)

Aristóteles, filósofo do século IV a.C., fundou e dirigiu, na cidade de Atenas, o Liceu, um centro de estudos filosóficos. A sua definição de cidadania

a) referia-se a direitos políticos exclusivos de alguns indivíduos nas cidades.

b) restringia-se aos governos altamente militarizados das cidades.

c) desconhecia as práticas políticas efetivas do extenso mundo grego.

d) abrangia o conjunto da população economicamente ativa na Grécia.

e) opunha-se ao funcionamento dos regimes democráticos nas pólis.

Comentários

No excerto, o filósofo Aristóteles comenta sobre o que é ser cidadão na polis ateniense. Nessa época, não era comum que todos os habitantes da cidade tivessem direitos para participarem das discussões públicas. Isso porque em Atenas somente os homens livres, nascidos de pai e mãe ateniense, com mais de 18 anos poderiam participar da vida política. Os escravos, mulheres e estrangeiros eram excluídos desse sistema de decisões.

Visto isso:

A) Correto. Quando ele menciona que o cidadão é aquele que possuí autoridade jurídica, ele está se referindo a esse grupo seleto de pessoas mencionadas acima.

B) Incorreto. Diversas polis não eram altamente militarizadas, exemplo a própria Atenas.

C) Incorreto. Essa definição de cidadania foi uma das mais exercidas e efetivadas dentro do mundo grego.

D) Incorreto. Essa definição era excludente, como mencionado nos comentários.

E) Incorreto. Ele funcionou em paralelo ao regime democrático ateniense.

Gabarito: A

---

25. (VUNESP/ – 2017)

Às vezes se denomina “Crescente Fértil” a importante região que forma um arco de território desde o Delta do Nilo através da Palestina e do Levante, estende-se a leste ao longo das colinas da Anatólia e termina nas montanhas situadas entre o Irã e o Mar Cáspio, incluindo os vales fluviais da Mesopotâmia. (J. M. Roberts. O livro de ouro da história do mundo, 2001.)

O excerto descreve um espaço geográfico e histórico em que

a) constituíram-se os padrões culturais europeus, como o teatro trágico, e as organizações políticas populares, como a democracia.

b) predominaram a uniformidade cultural, com o emprego de um só idioma, e longo período de paz social, com a ausência de guerras.

c) ocorreram mudanças culturais significativas, como a invenção da escrita, e políticas, como a formação de Estados.

d) permaneceram precários os contatos entre as comunidades, como nas do centro da África, e as atividades econômicas, com a coleta.

e) desapareceram as fontes históricas escritas, como os códigos de leis, e registros arqueológicos, como as peças de cerâmica.

Comentários

A região do Crescente Fértil também é chamada de Oriente Próximo. Ela é uma terra muito rica para a produção da agricultura, devido ser localizada entre três rios muito famosos, o Rio Nilo, Tigre e Eufrates. Pode se dizer o berço da civilização por ter sido onde se constituiu algumas das primeiras civilizações do planeta, como os egípcios, sumérios, acádios, babilônicos entre outros. Outro ponto é que o território era plano e de fácil acesso, portanto era um local de enorme interação entre povos, onde surgiram muitas coisas, como a escrita, a política e os Estados organizados. Por último, foram espaços de disseminações culturais, e que possuem registros arqueológicos até hoje.

Com isso, analisando as questões:

A) Incorreto. Essa descrição está atrelada a civilização grega, e não aos povos do Crescente Fértil.

B) Incorreto. Devido a dominação de diversos povos na região, não predominou nenhuma cultura em específica no Crescente.

C) Correto. A dinamicidade do espaço fez com que florescesse na região diversas relações sociais entre os povos que lá viveram.

D) Incorreto. O contato entre os grupos sociais que lá habitaram não era precário, pelo contrário, era ativo e vivo.

E) Incorreto. Muitos dos objetos dessas populações permaneceram intactas até hoje, e conservadas em grandes Museus pelo mundo, ou no seu local de origem.

Gabarito: C

---

26. (VUNESP/– 2016 / Segunda Fase)

Não somente a feitura de imagens nas antigas civilizações estava vinculada à magia e à religião, como era também a primeira forma de escrita. Sabemos muito pouco a respeito dessas origens misteriosas; mas, se quisermos compreender a história da arte, será conveniente recordar, vez por outra, que imagens e letras são na verdade parentes consanguíneos. (E. H. Gombrich. A história da arte, 1993. Adaptado.)

O texto afirma que

a) o nomadismo dos primeiros agrupamentos humanos impossibilitava a produção de imagens.

b) a expressão por meio da escrita fonética proporcionava a consolidação dos laços internos nas sociedades antigas.

c) a produção de imagens, nas primeiras sociedades organizadas, estava desvinculada das necessidades práticas da existência.

d) o estudo de sociedades remotas é possibilitado pela decifração de seus alfabetos fonéticos.

e) o reconhecimento da diversidade das formas de expressão permite estudos sobre povos antigos.

Comentários

Essa questão está relacionada a Pré-História, quando o homem ainda não vivia em sociedades organizadas. Nessa época, os seres humanos não possuíam formas de escrita desenvolvida, porém, pela interpretação do texto verificamos que o autor acredita que as imagens podem ser consideradas como uma forma de comunicação e de expressão, assim como

a escrita. Isso demonstra uma visão mais diversificada de História que considera diversas formas de expressão e registro como meios de compreensão da história.

Visto isso, passamos às alternativas:

A) Incorreto. As sociedades nômades produziam pinturas rupestres nas cavernas.

B) Incorreto. A escrita fonética não tem a ver com o texto.

C) Incorreto. Pelo contrário, está intrinsicamente ligada as práticas existenciais, devido a ser uma forma de comunicação entre os homens.

D) Incorreto. Pois não foi documentado a história desses povos, sendo possível conhecê-los somente por outras fontes históricas, como as mencionadas nos comentários.

E) Correto. As diversidades culturais se tornaram fontes ricas em detalhes para a historiografia contemporânea, e está sendo utilizada muitas vezes para contrapor a falta de informações sobre algumas sociedades a-escritas ou cujas fontes escritas são insuficientes.

Gabarito: E

---

27. (VUNESP/-2015)

(www.lahornacina.com)

O túmulo do artesão Sennedjem e de sua esposa Inyferti, que viveram por volta do século XIII a.C., no Egito, foi decorado com representações de atividades econômicas. Nessa pintura mural, o artesão e a sua esposa, além de prestarem reverências aos deuses, dedicam-se

a) ao trabalho árduo e fatigante pouco favorecido pela proximidade do rio.

b) aos lazeres da pesca no período anual de inundação das margens do rio.

c) à coleta de riquezas fornecidas naturalmente pelos solos fertilizados pelo rio.

d) aos trabalhos agrícolas altamente produtivos nas margens férteis do rio.

e) à construção de muralhas de contenção das cheias periódicas do rio.

Comentários

Essa questão está inserida no período histórico que chamamos de Antiguidade, que se estabeleceu em por volta de 4.000 anos antes de Cristo (época da invenção da escrita) até 476 d.C., com o fim do Império Romano.

Passando ao espaço físico, a pergunta está relacionada a civilização egípcia. Ela forma um dos povos mais antigos de toda a Humanidade, sendo uma das primeiras a ter um sistema socioeconômico mais complexo, e que notoriamente influenciou outros territórios. Esse modo de vida que se desenvolveu nessa localidade ficou conhecido como "modo de produção asiático", no qual os grupos que lá viviam eram chamados de sociedades hidráulicas ou de regadio, devido à necessidade de controlar os recursos hídricos e suas tecnologias – com obras de irrigação, diques, barragens e drenagens – para consolidar e expandir a produção agrícola. Ainda sobre o espaço dessa sociedade, os egípcios estão localizados as margens do Rio Nilo, em um território denominado como Oriente Próximo (atual Oriente Médio), também conhecida como a região do Crescente Fértil, que também é formada pelos rios Tigre e Eufrates.

Passados essas informações, analisemos as alternativas:

A) Incorreto. Ao contrário do que é exposto na alternativa, o trabalho as margens do Rio Nilo favoreciam muito a produção agrícola da região, por se tratar de um espaço desértico, onde a única fonte fértil para a sobrevivência é as margens do rio.

B) Incorreto. Analisando a pintura, ela não aparenta demonstrar um momento de lazer, e sim de trabalho do artesão e de sua esposa.

C) Incorreto. O termo riquezas dá a entender que nas margens do Nilo eram recolhidas coisas preciosas como ouro, ou coisas do tipo, e desvia o foco da opção correta.

D) Correto. Como mencionado nos comentários, a Crescente fértil possibilitou o desenvolvimento desse povo nas proximidades do Rio.

E) Incorreto. Os egípcios não construíram muralhas.

Gabarito: D

---

28. (VUNESP/– 2015 / Segunda Fase)

Os santuários maiores, Olímpia ou Delfos, Delos ou Ístmo, atraem as multidões vindas de todo o mundo grego; pois os deuses guiaram essas instalações longínquas e favoreceram a nova prosperidade: seria justo que eles recebessem a sua parte. Os santuários irão absorver, por muito tempo, as atividades dos arquitetos de uma maneira quase exclusiva; e suas estátuas, apresentadas à piedade e à admiração dos fiéis, propõem aos artistas novas fontes de inspiração. (René Ginouvès. A arte grega, 1983. Adaptado.)

A partir da leitura do excerto, é correto afirmar que os templos da Grécia Antiga eram

a) definidos como a residência dos reis gregos e de seus familiares, considerados filhos dos deuses do Olimpo.

b) edificados com a finalidade de unir os gregos durante os jogos esportivos que ocorriam a cada quatro anos.

c) centros de aprendizado filosófico e de comprovação racional do predomínio grego sobre os bárbaros.

d) pontos de convergência dos povos gregos dispersos pela diáspora e fontes de renovação cultural.

e) construídos com o propósito político de manter a unidade dos gregos contra os inimigos externos.

Comentários

As sociedades gregas que viveram na Antiguidade eram independentes, com cada uma delas possuindo sua própria cidade, a partir do século VIII a.C. Notoriamente, as cidades-estados (ou *pólis*, como eram denominadas) mais conhecidas foram Esparta e Atenas. Durante

esse período, os *Helenos,* assim como os Romanos, foram as sociedades que mais influenciaram cultural, social, política e economicamente parte da Europa.

Na Grécia Antiga, mesmo que independentes, os grupos sociais que habitavam a região possuíam duas características em comum: a religião e a língua. Essas eram semelhanças entre todos os povos que participaram das diásporas ocorridas naquele espaço físico, e os templos de adoração aos deuses se tornaram uma fonte de união e de renovação cultural para essas sociedades.

Portanto, indo as alternativas:

A) Incorreto. O texto não aborda que os templos eram as residências dos reis, e sim de um espaço sagrado e de culto aos deuses antigos.

B) Incorreto. O excerto não faz menção alguma a jogos esportivos.

C) Incorreto. O escrito não faz referência a centro de estudos filosóficos e as civilizações barbaras.

D) Correto. De acordo com o que foi mencionado nos comentários.

E) Incorreto. Isso não impossibilitou que esses povos divergissem em diversos fatores, acarretando guerras internas e disputas de poder.

Gabarito: D

---

29. (VUNESP/– 2014 / Segunda Fase)

A causa mais verdadeira da Guerra do Peloponeso é, também, a menos declarada. Na minha maneira de ver, o crescimento dos atenienses causou temor nos lacedemônios, empurrando-os, então, para a guerra. Mas os motivos apresentados abertamente pelos dois lados são os seguintes. (Tucídides. História da guerra do Peloponeso, 1990. Adaptado.)

Tucídides foi contemporâneo da Guerra do Peloponeso que opôs, a partir de 431 a.C., as cidades de Atenas e Esparta. O historiador demonstra ser consciente das exigências do seu ofício,

a) procurando distinguir seu ponto de vista das justificativas fornecidas pelos participantes do acontecimento.

b) reconhecendo os vínculos da escrita da história com poemas do gênero épico, como Ilíada e Odisseia.

c) ignorando as explicações ou as razões que os protagonistas dos fatos sociais apresentam sobre eles.

d) afirmando que a verdade histórica baseia-se no rigor e na universalidade do conhecimento filosófico.

e) sustentando, mesmo que implicitamente, que as fontes históricas são pouco relevantes para a análise do ocorrido.

Comentários

Essa questão está relacionando a historiografia com uma das Guerras mais famosas do Mundo Antigo, entre Espartanos x Atenienses. O autor grego Tucídides, que viveu aquele momento, não se atentou somente a dizer o que as duas pólis disseram para justificar a guerra entre elas, e sim a analisar o contexto por de trás desse conflito. Explicitando que era somente sua visão sobre os fatos, o historiador, junto com outros intelectuais da época, como Heródoto, foram os primeiros a pensar o passado como algo a ser estudado, sendo o segundo nomeado como o pai da História. Eles foram percursores da reflexão histórica, e seus métodos tiveram enorme influência ao longo do tempo, até que no século XIX, a História fosse considerada como uma ciência também.

Portanto a única resposta que é coerente com isso, é a alternativa (A). Já as demais, distorcem ou não tem relação com o que o escritor disse no excerto acima.

Gabarito: A

---

30. (VUNESP/– 2014 / Segunda Fase)

Convém que os edifícios consagrados ao culto dos deuses sejam reunidos num local bastante visível para que a majestade dos deuses possa nele manifestar-se. É também conveniente que abaixo desse local se encontre a praça pública, a Praça da Liberdade. Esta praça será desembaraçada de tudo aquilo que se vende e que se compra: os artesãos e os lavradores não deverão dela se aproximar, a não ser que os chamem os magistrados. A praça destinada a servir de mercado para as mercadorias deve ser separada da Praça da Liberdade, e de tal modo situada que seja fácil a ela transportar tudo que vem por mar e os produtos do país. (Aristóteles. A política, s/d. Adaptado.)

Aristóteles faz uma espécie de desenho ideal da cidade grega, que deveria ser fisicamente composta por

a) espaços de culto, de decisões políticas e de relações comerciais.

b) locais de ginástica, de oratória e de contato com estrangeiros.

c) lugares reservados aos homens livres, aos escravos e aos estrangeiros.

d) centros de comércio religioso, de encontros culturais e de empréstimos de dinheiro.

e) quartéis militares, faculdades de filosofia e termas públicas.

Comentários

Aristóteles, um dos mais famosos filósofos de todos os tempos, viveu na Grécia Antiga, durante o Período Clássico (V e IV a.C.), em que a cultura estava no auge de sua influência tanto no mundo ocidental quanto no oriental. Portanto, foi nessa época em que as polis mais prosperaram, e, nesse momento, os gregos se desenvolveram muito, tanto nos aspectos econômicos, sociais, políticos, artísticos, entre outros. O modelo de organização social na Grécia foi tão importante, que posteriormente os romanos fizeram um sistema semelhante em seus territórios.

Visto isso, baseado no que o autor menciona no texto, o ideal de cidade grega tinha que ser composto pelo menos em um local para contemplar os deuses, uma praça para se discutir os problemas políticos da pólis e exercer sua cidadania e intelectualidade, e por fim, um espaço destinado as mercadorias, onde elas poderiam ser comercializadas, e que deveria ser próxima a região do Porto, onde ela poderia ser transportada para fora da cidade.

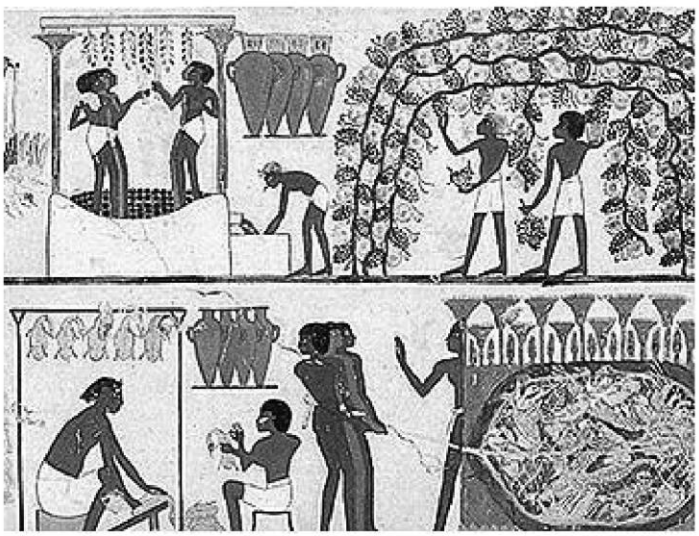
Com isso, percebe-se que a questão é mais interpretativa do que imaginamos, e a única resposta que se encaixa perfeitamente no que Aristóteles disserta, é a alternativa (A) "**espaços de culto, de decisões políticas e de relações comerciais.**"

Gabarito: A

---

31. (VUNESP/2014)

Os egípcios da Antiguidade acreditavam que a vida continuava no além-túmulo e que, para isso, era preciso que o ambiente social, em que os donos dos túmulos viveram, fosse



(Tumba de Nakht, 1.400 a.C.)

representado nas suas paredes. Essas pinturas da tumba de Nakht, escriba do Império, representam

a) as intervenções e modificações realizadas pelos antigos egípcios no mundo natural, por meio de técnicas e conhecimentos adquiridos.

b) as secas periódicas, que afligiam os antigos egípcios e resultavam do baixo índice pluviométrico nas cabeceiras do rio Nilo.

c) os conflitos sociais presentes na antiga sociedade egípcia que opunham a nobreza aos altos funcionários públicos.

d) o poder teocrático dos faraós que eram considerados filhos do deus Sol e, devido a isso, justos e infalíveis.

e) a falta de habilidade dos antigos pintores egípcios, incapazes de retratar a vida cotidiana da população.

Comentários

No Antigo Egito, a religião ocupava um lugar fundamental na vida social e dela decorreu desenvolvimento em diferentes áreas do conhecimento humano: agricultura, escrita, pintura. A religião era politeísta (crença em muitos deuses) e havia a crença na vida após a morte.

Conforme o texto da questão, a crença da vida além da morte, contribui para justificar que o ambiente social da personalidade ali "enterrada" fosse representado. Assim, os feitos e a riqueza deveriam perpetuar, de modo que o "morto" levaria para sua condição de realeza para a outra vida. Por isso, juntamente com os mortos eram colocados adornos de riqueza, ouro, pedras preciosas etc. Já nas paredes dos túmulos eram retratadas a vida dos faraós, as ações dos Deuses, a vida após a morte e outros temas da vida religiosa. Dessa forma, a história contada nas paredes deixava claro quem era a pessoa ali "enterrada", na verdade, mumificada. Estes desenhos eram realizados com as figuras mostradas de perfil, pois os egípcios antigos não conheciam a técnica da perspectiva com imagens tridimensionais. Os desenhos também eram acompanhados de textos. Veja o desenho de uma descoberta recente de um tumba quase intacta...

[18]

As demais alternativas trazem aspectos do Egito Antigo, mas ou exageram ou destorcem. Vejamos.

B – o rio Nilo, de fato, contribui para o desenvolvimento da civilização egípcia a ponte de enquadramos os egípcios entre as Sociedades Hidráulicas. Contudo, não havia secas periódicas do Nilo, mas um curso natural de cheias e retorno ao curso normal do leito do rio. Por sinal, as áreas alagadas, assim que perdiam o volume de água (fim das cheias) se tornavam em zonas muito férteis. A dinâmica do Nilo era de enchentes e vazantes.

C – essa oposição conflitiva entre nobreza e altos funcionários não existia, pois a sociedade era rigidamente controlada, principalmente pela religião. Além disso, o propósito de representar a vida terrena nas tumbas não era levar os conflitos para o ambiente da morte, mas sim a vida faraónica, as realizações, as riquezas, etc.

D - essa alternativa retira o caráter politeísta da religião egípcia, muito embora, de fato, o culto ao Deus Sol tenha se sobressaído por mais de 20 séculos no Egito Antigo. Cada divindade cultuada no Egito Antigo continha seus significados e relações com fenômenos da natureza. Dentro disso, o Deus Rá era considerado a principal divindade egípcia, conhecido como o Deus Sol, devido a importância da luz para a produção dos alimentos. Rá, além de ser considerado o Deus Sol, também era denominado como o criador dos Deuses. Então, existiam outros Deuses e não somente um que originava os faraós, muito embora, havia a crença de que os egípcios como um todo fossem o "rebanho de Rá". Ademais, existiam divergências entre as próprias realezas: os sacerdotes de Heliópolis cultuavam Rá enquanto

[18] *Storia della tomba del nobile Khuwy ritrovata nel sud dell'Egitto.* Agi. 21/abr/2019. Disponível em: *https://www.agi.it/estero/tomba_khuwy_egitto-5368104/news/2019-04-21/*. Acesso em: 20/07/2019.

o Sol criador de todos os deuses; já os faraós de Tebas, querendo livrar-se da hegemonia do Deus criado pelos sacerdotes, adotaram Amon como Deus supremo. Daí surgiu uma combinação entre os dois deuses que ficou denominada de Amon-Rá, o protetor dos faraós.

Cumpre frisar que o faraó Aquenáton e sua mulher Nefertiti (por volta de 1.353 a. C) quiseram substituir o panteão de deuses egípcios por uma única divindade — o deus Sol, ou Atón, o criador de todos. Aquenáton decretou que os 2 mil deuses que eram adorados no Egito, há mais de um milênio, estariam extintos. Suas aparências humanas e animalescas foram substituídas pela forma abstrata do Sol e de seus raios. Ou seja, essa alternativa D conta uma parte da história do Antigo Egito e a generaliza, de modo a distorcer o caráter politeísta da religião. Pode não Arnaldo!!!!

E – veja o desenho acima que trouxe para você conferir. Não dá para que era falta de habilidade. Essa alternativa é do tipo, coloca aí para cumprir tabela e fecharmos as cinco alternativas. Os vestibulares têm muito disso, uma alternativa bem deslocada só para ver se alguém cai na casca de banana.

Gabarito: A

32. (VUNESP/– 2013)

(Tumba de Nakht, 1.400 a.C.)

Os egípcios da Antiguidade acreditavam que a vida continuava no além-túmulo e que, para isso, era preciso que o ambiente social, em que os donos dos túmulos viveram, fosse representado nas suas paredes. Essas pinturas da tumba de Nakht, escriba do Império, representam

a) as intervenções e modificações realizadas pelos antigos egípcios no mundo natural, por meio de técnicas e conhecimentos adquiridos.

b) as secas periódicas, que afligiam os antigos egípcios e resultavam do baixo índice pluviométrico nas cabeceiras do rio Nilo.

c) os conflitos sociais presentes na antiga sociedade egípcia que opunham a nobreza aos altos funcionários públicos.

d) o poder teocrático dos faraós que eram considerados filhos do deus Sol e, devido a isso, justos e infalíveis.

e) a falta de habilidade dos antigos pintores egípcios, incapazes de retratar a vida cotidiana da população.

Comentários

De acordo com o enunciado, os desenhos egípcios antigos fazem alusão a vida cotidiana egípcia. Quando alguém morria, sua vida era retratada em desenhos no ambiente onde essa pessoa morava. Portanto, baseado nisso, as alternativas estão:

A) Correta. Devido ao texto estar tratando de como esse povo se relacionava culturalmente com o ambiente, por meio de suas técnicas de produção artística.
B) Incorreta. O texto não faz menção alguma a secas periódicas.
C) Incorreta. Por não se tratar do comentado no texto.
D) Incorreta. A discussão não é relacionada ao contexto político, e sim sociocultural da sociedade egípcia.
E) Incorreta. Por não condizer com a realidade da arte e da representação iconográfica (desenhos) egípcia.

Gabarito: A

---

33. (VUNESP/-2013)

A sabedoria do amo consiste no emprego que ele faz dos seus escravos; ele é senhor, não tanto porque possui escravos, mas porque deles se serve. Esta sabedoria do amo nada tem, aliás, de

muito grande ou de muito elevado; ela se reduz a saber mandar o que o escravo deve saber fazer. Também todos que a ela se podem furtar deixam os seus cuidados a um mordomo, e vão se entregar à política ou à filosofia. (Aristóteles. A política, s/d. Adaptado.)

O filósofo Aristóteles dirigiu, na cidade grega de Atenas, entre 331 e 323 a.C., uma escola de filosofia chamada de Liceu. No excerto, Aristóteles considera que a escravidão

a) é um empecilho ao florescimento da filosofia e da política democrática nas cidades da Grécia.

b) permite ao cidadão afastar-se de obrigações econômicas e dedicar-se às atividades próprias dos homens livres.

c) facilita a expansão militar das cidades gregas à medida que liberta os cidadãos dos trabalhos domésticos.

d) é responsável pela decadência da cultura grega, pois os senhores preocupavam-se somente em dominar os escravos.

e) promove a união dos cidadãos das diversas pólis gregas no sentido de garantir o controle dos escravos.

Comentários

Essa questão está inserida no tempo histórico conhecido como o auge da civilização grega, no Período Clássico. Especificamente Aristóteles fala sobre a vida na polis ateniense, durante essa época, relacionando política, trabalho e filosofia. Tanto ele, quanto outros filósofos acreditavam que os cidadãos livres tinham que se preocupar com questões relacionados a vida em sociedade em Atenas, enquanto os afazeres domésticos e ademais serviços deveriam ser exercidos pelos escravos e as mulheres. Isso porque eles acreditavam que ócio ajudava a cultivar suas excelências morais e intelectuais (*areté*), e o trabalho afastava o homem de exercer sua cidadania e o distanciava da política, da arte, da literatura e da filosofia.

Com isso, passamos as questões:

A) Incorreto. A escravidão não impediu o florescimento dessas duas ocupações na Grécia Antiga.
B) Correto. Os homens livres se dedicavam somente as atividades de cunhos culturais, enquanto os escravos se empenhavam no trabalho econômico da polis.
C) Incorreto. A expansão colonial grega não foi de cunho militar, e sim econômico, baseado no comércio e nas trocas culturais com outras regiões, como a Magna Grécia (região de colonização grega no Sul da Itália).

D) Incorreto. O escravismo não está relacionado a decadência da cultura grega, que permanecera com seus traços presentes até os dias atuais em nossa sociedade.
E) Incorreto. As cidades gregas eram independentes uma das outras, e não tinham nenhuma relação entre seus cidadãos.

Gabarito: B

---

34. (VUNESP/2018 / Segunda Fase)

A mão de obra para as imensas propriedades que surgiram a partir do final do século III a. C. veio da série de campanhas espetaculares que deram a Roma o domínio sobre o mundo mediterrâneo. Essas guerras acentuaram o declínio do campesinato romano, que antes formara a robusta base de pequenos proprietários. As vitórias militares escravizavam cativos de guerra e os mandavam para os campos e cidades da Itália. (Perry Anderson. Passagens da Antiguidade ao feudalismo, 2016. Adaptado.)

Considerando o texto e conhecimentos sobre a Roma da Antiguidade, podem-se citar como consequências das transformações históricas do período republicano a

(A) crise financeira do Estado e a invasão militar do território romano pelos povos bárbaros.

(B) legalização da escravidão por dívida pelo Senado e a extinção dos Tribunos da plebe.

(C) expansão dos latifúndios escravistas e o deslocamento de populações dos campos para as cidades.

(D) submissão dos comandantes militares aos proprietários rurais e a democratização do exército.

(E) aliança dos camponeses sem terra com os escravos e a conquista de direitos políticos pela plebe.

Comentários:

A Civilização Romana é dívida em 3 grandes períodos: Monarquia, República e Império. Desses, o mencionado no texto é sobre o período republicano. Com base no que foi dito, Roma obteve uma expansão militar significativa por volta do século III a.C. Com isso, muitos povos vencidos, passaram a se tornar escravos das Legiões e dos grandes senhores romanos (os patrícios). Porém, além dos vencidos, devido aos enormes gastos com as excursões, que eram todas financiada de forma privada, os pequenos proprietários romanos, pertencentes ao campesinato também foram escravizados. Isso anos depois gerou uma revolta que fez o Senado

cancelar a escravidão por dívida. Além disso, a população camponesa (plebeus) depois de muitas revoltas, teve seus direitos reconhecidos com a criação do Tribunal da Plebe para poderem participar também das decisões políticas no território de Roma.

Mediante a isso, passemos as questões:

A) Incorreto. A crise financeira e a invasão dos povos bárbaros ocorreram somente no final do Império, e não na época da República.

B) Incorreto. Foi extinta a escravidão por dívida e criado os Tribunos da Plebe.

C) Correto, com a inserção de muitos escravos, todos eles passaram a ocupar o território romano, com muitos indo para as cidades.

D) Incorreto. Os comandantes militares não eram submissos aos proprietários rurais e os plebeus não podiam fazer parte do exército. Muitas vezes eram contratados mercenários para compor o exército romano.

E) Incorreto. Os camponeses e os escravos não fizeram alianças para conquistar seus direitos políticos.

Gabarito: C

---

35. (VUNESP/2013 / Segunda Fase)

Pois a plebe, que nada ousa por si, e a nenhum conselho é admitida, quase é tida no lugar de escravos. Os mais dela, quando se veem oprimidos, ou por dívida, ou pela grandeza dos tributos, ou pela prepotência dos poderosos, escravizam-se aos nobres, que exercem sobre eles os mesmos direitos, que os senhores sobre os escravos.

(Júlio César. Comentários sobre a guerra gálica, s/d.)

Júlio César publicou seu livro sobre a conquista romana da Gália em 51 a.C., ano de conclusão da ação militar. O excerto, extraído desse livro, mostra a indignação do general diante da sociedade gaulesa, na qual, ao contrário de Roma, a plebe

(A) estava isenta de compromissos econômicos de qualquer espécie, vivendo isoladamente nas suas terras.

(B) pouco participava das guerras, beneficiando-se dos alimentos ofertados gratuitamente pelo Estado.

(C) tinha um baixo grau de instrução militar e, por isso, era desprezada pela culturalmente refinada nobreza gaulesa.

(D) submetia-se aos vencedores romanos na tentativa de se libertar da severidade dos senhores gauleses.

(E) mal se distinguia dos escravos, além de estar afastada dos direitos políticos.

Comentários:

Essa questão trata do contexto da expansão e dominação Romana na Gália (atual França). No texto, o imperador Júlio Cesar manifesta sua perplexidade com relação a forma como a plebe gaulesa se relaciona com seus senhores, de forma muito mais semelhante a um escravo do que a plebe romana.

Analisado esse texto, vamos as alternativas:

A) Incorreto. A plebe gaulesa, estava comprometida aos seus senhores e ao pagamento de tributos.
B) Incorreto. A plebe romana participava ativamente das guerras de expansão, porém a posse das terras conquistadas ficava com os patrícios, visto que o poder militar era individualizado e privado, fazendo os plebeus se endividarem para poder lutar nesses conflitos.
C) Incorreto. Pelo contrário, a maioria dos povos germânicos eram de grupos guerreiros, altamente instruídos militarmente.
D) Incorreto. Muitos lutaram até que fossem totalmente derrotados, sendo fiéis aos seus senhores.
E) Correto. Na sociedade germânica a plebe não possuía tantos direitos quanto na sociedade romana, e exercia funções muito semelhantes ao de escravos romanos.

Gabarito: E

---

36. (VUNESP/2012)

(Aqueduto romano *Pont-du-Gard*, sul da França.)

Os aquedutos, invenção romana do século I depois de Cristo, são reveladores de aspectos essenciais da cultura e do legado civilizacional do antigo Império Romano. Entre esses aspectos, destacam-se

(A) o caráter pouco prático das suas realizações e a ênfase acentuada nos elementos plásticos.

(B) os conhecimentos de engenharia e a associação de utilidade e beleza em suas construções.

(C) a imitação servil da construção grega e a falta de criatividade nas construções civis e militares.

(D) a fragilidade de suas construções e a natureza espiritual e religiosa de suas edificações.

(E) a ausência de funcionalidade de seus prédios e o desejo de provocar temor aos povos conquistados.

Comentários:

Esse período foi denominado pelos historiadores como *Pax Romana.* Logo após se declarar imperador de Roma, Otávio Augustus implementou uma série de políticas públicas a fim de controlar esse vasto território que continuava em expansão, e que necessitava de uma nova organização para que o Império continuasse se consolidando. Então Otávio cria uma burocracia administrativa, com critério censitário. Isso lhe garantia mais controle sobre o Estado romano e ainda agradava as classes sociais mais endinheiradas (patrícios e *noblitas*)

No âmbito das tensões sociais, as formas encontradas para controlar a população plebeia, que só aumentava em Roma, foi a despolitizando com distribuições de trigo e aumento de espetáculos de batalhas entre gladiadores no Coliseu, abertos ao público. Essas medidas foram chamadas de política do "pão e circo". Além disso, outra característica marcante desse tempo, foram o uso dos seus conhecimentos para criação de estradas e aquedutos, melhorando o transporte de mercadorias em todo o território. Essas obras públicas eram propositalmente associadas a grandeza e a beleza do Império que estava se encaminhando ao seu auge.

Visto isso,

A) Incorreto. O caráter era extremamente prático, visto que facilitava o transporte de água de uma região distante para os grandes centros urbanos do Império.
B) Correto. Os estudos matemáticos e exatos eram fundamentais na elaboração de obras que fossem eficientes e belas, demonstrando a grande da sociedade romana.
C) Incorreto. Os romanos tiveram muita influência dos gregos em sua cultura, porém os romanos trouxeram muitas novidades para as suas construções civis e militares, como os Arcos e Aquedutos.
D) Incorreto. As arquiteturas romanas eram muito resistentes, e não frágeis. Tanto que algumas delas duram até hoje, como o Coliseu.
E) Incorreto. Os prédios romanos eram muito importantes para a sociedade romana. Nele se concentravam os principais locais públicos de Roma, onde a sociedade se reunia.

Gabarito: B

37. (VUNESP/2011)

A cidade de Roma foi fundada em meados do século VIII a.C. sobre colinas nas margens do rio Tibre. Os materiais diversos depositados pelo rio nas suas margens formaram colinas ou rochedos escarpados. Considerando o local escolhido para a fundação de Roma, percebe-se que os primeiros romanos

(A) buscaram edificar a cidade longe de rotas comerciais e militares.

(B) preocuparam-se com a proteção militar da cidade e com a prática da agricultura.

(C) escolheram espaços adequados para a instalação de monumentos públicos.

(D) visavam a organização de uma república pacífica e democrática.

(E) pretendiam iniciar a conquista das cidades gregas instaladas na Itália.

Comentários:

Sobre a fundação de Roma, baseado no enunciado podemos perceber que a cidade foi estrategicamente criada em um território propício para a plantação agrícola, ao mesmo tempo de estar isolada por colinas e rochedos, dificultando as invasões de outros povos.

Portanto as alternativas estão:

A) Incorreta. A cidade não estava localizada em uma região longe de rotas comerciais.
B) Correta. O povo etrusco, fundador da cidade, assim como qualquer outra sociedade dessa época, procurava espaços de estabelecimento com terras férteis, e que fosse protegida naturalmente de ataques externos.
C) Incorreta. Nesse tempo, os romanos ainda estavam em um processo de crescimento ascendente, e que não se preocupava tanto com as instalações públicas.
D) Incorreta. Nesse período, Roma era governado por uma monarquia aristocrática, e não por uma república democrática.
E) Incorreta. Ela só avançaria as terras ao sul da Itália, séculos depois de sua fundação.

Gabarito: B

---

38. (VUNESP/2010)

A partir do século III da Era Cristã, aprofundou-se a crise do Império Romano do Ocidente. Entre os fatores que contribuíram para essa situação, destacam-se

(A) as constantes revoltas de escravos, que lhes asseguraram o estatuto de servos da gleba.

(B) as lutas políticas que impediam os imperadores de obter maioria no Senado e aprovar seus projetos.

(C) as dificuldades em controlar as suas fronteiras, que começam a ser transpostas pelos inimigos.

(D) as fracassadas reformas de Tibério e Caio Graco, que não garantiram direitos à plebe romana.

(E) as disputas entre os adeptos da religião tradicional e do cristianismo, que acabaram em guerras civis.

Comentários:

Esse tempo, dentro da historiografia romana foi chamado de “A Crise do século III”. Foi a partir desse período que o Império Romano perdeu força até se desintegrar politicamente, economicamente e socialmente. O principal motivo para isso foi o esgotamento do modelo expansionista romano. O Império já possuía uma área tão vasta, que demandava muitos custos tanto militares, quanto econômicos para manter o enorme exército e território. É importante ressaltar também, que o Imperador recebia diversas pressões externas a capital. Portanto, ao final do século II da Era Cristã, Roma encerra sua política de expansionismo militar. Isso, no século seguinte, trouxe consequências gravíssimas, pois sem as expansões não havia uma renovação da mão de obra escrava, diminuindo assim a produção romana, e por consequência desencadeando uma crise econômica política também.

Em paralelo a isso, o cristianismo, que acabará de surgir na Palestina dois séculos antes, se expandia em fileiras largas pela sociedade romana, principalmente entre os mais humildes, chegando até a classe militar. Só que os imperadores eram politeístas, e em diversas oportunidades, eles perseguiram, reprimiram e mataram os adeptos da fé cristã, causando uma reação de fortalecimento desse grupo, e não de enfraquecimento. Com isso, Roma se encontrou também em uma crise religiosa. Desses conflitos o governo romano se desestabilizou mais ainda, dividindo ao final do século III o Império em 4 regiões administrativas. O Poder político estava realmente abalado com esses conflitos internos, e isso possibilitou que as fronteiras romanas ficassem mais frágeis e suscetíveis a entrada de povos germânicos, na parte Ocidental, que posteriormente iriam fazer uma série de ataques as cidades romanas, piorando ainda mais a crise social e econômica da região.

Portanto, passamos as alternativas:

A) Errado. A servidão foi estabelecida no Império Romano, através dos colonatos, um século após a crise do século III, portanto sendo uma consequência e não uma causa desse problema.
B) Errado. O Imperador era a lei máxima no estado romano, sendo o líder tanto político quanto religioso.
C) Correto. Devido ao exposto nos comentários sobre o enfraquecimento do poder militar e a fragilidade política romana.
D) Errado. Tibério e Caio Graco eram do período republicano romano, e não do imperial (tempo que se passa essa crise).
E) Errado. Houve hostilidades e mortes, mas não a ponto de uma guerra civil. A resolução desse problema se deu primeiro pelo decreto de liberdade a qualquer culto religioso, e depois a oficialização da religião cristã como a língua do Império Romano.

Gabarito: C

39. (UEA 2010)

"Outros talvez, que não tu, saberão, acredito, dar melhor vida ao bronze e tirar do mármore vívidas figuras; outros saberão melhor defender causas, melhor descrever o movimento dos céus e dos astros. Mas tu, romano, lembra-te que nascestes para impor tuas leis ao universo. Teu destino é ditar tuas condições de paz, poupar os vencidos e domar os soberbos." (Virgílio. Eneida, século I a.C.)

Segundo o poeta Virgílio, os romanos

(A) eram pacíficos nas suas relações com os vizinhos, procurando solucionar os conflitos pela diplomacia.

(B) desconheciam as artes plásticas, como a pintura e a escultura, a retórica e a ciência da astronomia.

(C) eram tolerantes internamente, protegendo os plebeus e proibindo a exploração da mão de obra escrava.

(D) eram senhores de si mesmos, dominadores, livres e guiados por sentimentos de severidade e de qualidades morais.

(E) evitavam desenvolver relações comerciais com outras cidades, temendo enfraquecer-se militarmente.

Comentários:

O poeta Virgílio, foi um famoso literário romano, um dos maiores expoentes da Literatura latina no ocidente, influenciando diversos autores ao longo da História, como Dante Alighieri e Luís de Camões. Ele viveu na passagem da República Romana para o Império, e em uma de suas grandes obras, no caso Eneida, em que o enunciado da questão traz, Virgílio faz um poema épico que conta a história da origem de Roma, a sua forma de dominação e a expansão até o Império. A obra tem esse nome devido estar relacionada com os feitos do herói do poema, o troiano Enéas.

Assim, pela passagem do texto, podemos perceber que os romanos eram dominadores, e que não possuíam o desejo de serem controlado, e sim controlar. Pelo poema, também podemos perceber que os romanos se achavam superiores aos outros, tinham domínio do estudo dos astros, da retórica e das artes. A estabilidade romana foi sustentada durante séculos, por uma grande massa escrava trabalhando e por um comércio ativo com diversos

povos. Portanto, a única alternativa que está correta, com em relação aos romanos, é a alternativa (D).

Gabarito: D

---

40. (VUNESP/2003)

No século III, com a interrupção da expansão romana, subiram os preços dos escravos, e os grandes proprietários arrendaram parcelas de terra a agricultores livres, colonos fixados a essa gleba pagando tributos in natura. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

(A) No século III, encerrou-se o período dos Antoninos, o apogeu do Império Romano, cuja economia passou a prescindir da escravidão.

(B) A penetração do cristianismo, a partir da massa plebeia, em quase todos dos setores sociais do Império Romano conduziu à crise do escravismo e à busca de novas formas de organização do trabalho.

(C) A adoção do colonato expressa, no plano socioeconômico, a resistência do Império à desagregadora penetração dos bárbaros e seus valores rurais.

(D) A incapacidade de reprodução da mão-de-obra, após cessada a expansão desde os Antoninos, conduziu à crise do escravismo e à origem do colonato.

(E) O feudalismo originou-se no século III, verificando-se, no colonato, o pleno estabelecimento da servidão, com o parcelamento das glebas e o pagamento do arrendamento em produto.

Comentários:

O Império Romano (27 a.C. - 476 d.C.) foi o terceiro e último período dessa sociedade que se tornou reconhecida e conhecida até hoje, por nós, através História. Essa temporalidade pode ser dividida em três momentos: O Alto Império, a Crise do século III d.C., e o Baixo Império.

Sendo assim, a questão está relacionada ao período da crise do século III até o período do Baixo Império.

Então vamos as alternativas:

A) Incorreta. A Dinastia dos Antoninos durou até o ano de 192 (século II d.C.), com seu último imperador sendo Cômodo, filho de Marco Aurélio.

B) Incorreta. O cristianismo penetrou boa parte dos plebeus do Império, porém as formas de organização do trabalho só mudaram a partir do período posterior ao Baixo Império, na transição da Antiguidade para o Medievo.
C) Incorreta. Os colonatos, na realidade, ajudaram para que houvesse uma maior penetração da cultura agraria dos povos germânicos no território romano.
D) Correta. A escassez da mão de obra escrava para manter os altos custos de suas fronteiras, além de disputas internas de poder fizeram com que o império romano declinasse, dando origem aos colonatos, que posteriormente se tornariam o sistema feudal empregado na Idade Média.
E) Incorreta. O feudalismo originou-se na Idade Média. No século III, criou-se os colonatos, que eram uma forma robusta de ruralização da sociedade romana, mas que ainda não era bem estabelecida a função de servidão como no feudalismo.

Gabarito: D

41. (UNIVESP/2020)

Construído com concreto e areia, o Coliseu é o maior anfiteatro já construído e está situado a leste do Fórum Romano. A respeito do Império Romano, leia as afirmativas abaixo e dê valores Verdadeiro (V) ou Falso (F).

( ) Com a morte de Nero, sobreveio um ano de guerras civis, após o qual assumiu Vespasiano, general da família dos Flávios. Teve início, então, o período de maior esplendor do Império Romano.

( ) Com Vespasiano, novas cidades surgiram e o modo de vida romano passou a ser adotado nas mais distantes províncias.

( ) O Império em sua fase de esplendor enfrentaria, sobretudo, problemas de outras naturezas, como epidemias, incêndios e até a destruição da cidade de Pompeia em 79 d.C.

( ) As lutas de gladiadores, iniciadas durante a República, tornaram-se um evento extremamente popular. Diversos anfiteatros, como o Coliseu, em Roma, foram construídos em todo o Império para a realização desses espetáculos.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V, V, V, V

b) F, V, F, V

c) V, V, V, F

d) F, F, V, V

e) V, F, F, V

Comentários

A primeira e a segunda afirmações são V, conforme a seguinte passagem da aula:

"Após Otávio Augusto, que reinou até 14 d.C., outros imperadores assumiram o poder: Tibério (14 a 37 d.C); Calígula (37 a 41 d.C.); Nero (54 a 68 d.C.); Marco Aurélio e Trajano (161 a 192 d.C.). Os anos de 69 d.C. a 96 d.C. foram marcados por certa estabilidade, quando estiveram à frente do Império membros da **dinastia flaviana,** que foi iniciada por Vespasiano (governo de 69 a 79 d.C). Esse período da dinastia flaviana ficou conhecido como a Idade do Ouro do Império Romano. O período de relativa estabilidade e prosperidade chegou até o ano de 192 d.C, ao final do governo de Trajano.

Nesse contexto, o estudioso inglês Perry Anderson afirma que houve um processo de **"provincialização" do poder central do Império (...)**"

Na sequência, a terceira afirmação, também em torno do período da dinastia flaviana, afirma que houve incidentes em Roma. De fato, a erupção do Vesúvio arrasou a cidade de Pompeia em 79 d. C. Além disso, Tito, filho de Vespasiano, enfrentou problema de ordem social e natural. Seu governo, que durou até 81 d. C, se deparou com: incêndio sobre Roma, a erupção do Vesúvio e uma peste que castigou o Império Romano.

Por fim, a última frase também é V.

Gabarito: A

---

42. (Univesp 2018)

A caminhada de Atenas em direção à democracia não aconteceu de uma hora para outra. A trajetória política dos atenienses até o regime de maior participação popular da Antiguidade foi marcada por várias e longas etapas. Para que se chegasse à democracia foi preciso muita luta popular. Isso foi possível, entre outros motivos, graças à ampliação do comércio marítimo ateniense, o que fortaleceu os comerciantes. Os próprios camponeses conseguiram ampliar sua participação social devido, também, ao seu crescente papel econômico em uma Atenas cada vez mais voltada para o mundo exterior. (Pedro Paulo Funari. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2011. Adaptado)

A "caminhada" mencionada no trecho representou uma perda gradual de poder por parte

a) dos legisladores ligados à elite do exército.

b) dos sacerdotes, que controlavam a cena religiosa.

c) do rei, que governava de forma absoluta.

d) da aristocracia rural de grandes proprietários.

e) dos senadores, que detinham o monopólio do voto.

Comentários

O texto do enunciado nos coloca diante de uma correlação de forças sociais na Grécia Antiga. Ocorre que essa relação social, por mais que possuísse múltiplas determinações (variáveis atualndo sobre os grupos sociais), dois deles influenciaram mais: a geografia da Península Balcânica, onde se localiza a Grécia; e a relação com o Mediterrâneo. Conforme expliquei na parte teórica, os povos gregos desenvolveram a navegação e o comércio marítimo. Esse é o motivo e o sentido da expansão do mundo grego! Perry Anderson, historiador inglês e estudioso do tema, nos ensina em seu livro *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*:

> *A água era o meio insubstituível da comunicação e do comércio que tornava possível o crescimento urbano de uma sofisticação e uma concentração bem distantes do interior rural que havia por trás. O mar era o condutor do brilho da Antiguidade.* (ANDERSON, P. *1974, p. 21)*

Pois bem, nesse contexto, considerando que a atividade agrícola era escassa, por conta do terreno desfavorável, o setor da sociedade grega que perdeu força foi a aristocracia rural.

a) falso, pois os legisladores eram cidadãos. Como o texto do enunciado restringe a problemática para Atenas, trata-se de cidadãos atenienses.

b) falso, pois neste momento de politeísmo, o peso da religião enquanto entidade com influência política era menor. Ademais, a alternativa faz referência à Igreja e esta só será criada com o cristianismo durante o Império Romano.

c) falso, o absolutismo é um fenômeno do século XV em diante.

d) é o gabarito.

e) errado, pois os senadores são figuras da política romana.

Gabarito: D

43. (Univesp 2017)

O Código de Hamurabi (instituído por volta do século XVIII a.C), um dos mais antigos conjuntos de leis escritas da história da humanidade, reunia centenas de regras e estabelecia as punições a serem aplicadas àqueles que as descumprissem. Seguindo o princípio da Lei de talião, popularmente conhecida como "olho por olho, dente por dente", o Código de Hamurabi regulava as relações econômicas e sociais da população

(A) do Mali, reino localizado na África Ocidental.

(B) da Babilônia, reino localizado na Mesopotâmia.

(C) de Atenas, cidade-Estado localizada na Grécia.

(D) dos Marajoara, civilização localizada na Ilha de Marajó.

(E) de Teotihuacan, centro urbano localizado na Mesoamérica.

Comentários

Aqui temos um tipo de questão em que é preciso saber a relação entre tempo histórico, espaço e povo. O Império Babilônico, comandado por Hamurabi (1763 a.C), é reconhecido como aquele que desenvolveu mudanças nos aspectos sociais e políticos e impôs o deus babilônico Marduk a todos os povos da região. Criou uma administração centralizada e uma estratificação social hierarquizada.

O CÓDIGO DE HAMURABI

Um dos primeiros "códigos jurídicos" escritos de que temos conhecimento é o Código de Hamurabi. Ele está inscrito em um monólito. São 281 artigos escritos em cuneiforme (a escrita desenvolvida pelos sumérios, lembram?) que tratam sobre diversas áreas da vida social: trabalho, família, comércio, propriedade. Ele é muito conhecido pelo seu sistema de penalidades baseado no princípio da retaliação, ou em latim *lex talionis.* Você já deve ter ouvido falar em "olho por olho e dente por dente", não ouviu? É isso!

Contudo, este "princípio de igualdade", ou da proporcionalidade entre crime e pena dependia do grupo social ao qual o suposto criminoso cometeu o crime. Por exemplo, o artigo 200 diz: "Se um homem livre arrancou um dente de um outro homem livre igual a ele, arrancarão seu dente." Agora compare com o que diz o artigo 201: "Se ele arrancou um dente de um homem vulgar, pagará 500g de prata". Outro exemplo, art. 230: "Se um pedreiro causou a morte do filho do dono da casa, matarão o filho deste pedreiro". Mas,

segundo art. 231, “Se causou a morte do escravo ele dará ao dono da casa um escravo equivalente”. Conseguem perceber que a pena é semelhante ao delito cometido, embora pudesse variar conforme a posição social e econômica da vítima?

Agora vejamos os comentários de cada alternativa:

(A) Incorreto. O Mali é um reino histórico localizado na África Ocidental, conhecido por seu rico patrimônio cultural e histórico. No entanto, o Código de Hamurabi não tem relação com o Mali. O Código de Hamurabi foi criado na antiga Babilônia, que estava localizada na região da Mesopotâmia, e datado por volta do século XVIII a.C. O código regulava as relações econômicas e sociais da população da Babilônia.

(B) Esta é a resposta correta. Conforme falamos no texto inicial, O Código de Hamurabi foi de fato instituído na Babilônia, uma antiga civilização localizada na Mesopotâmia, por volta do século XVIII a.C. O código consistia em centenas de leis e estabelecia punições para aqueles que as descumprissem. Ele é um dos mais antigos conjuntos de leis escritas da história da humanidade e é conhecido por seu princípio da Lei de talião, popularmente conhecido como "olho por olho, dente por dente".

(C) Esta alternativa está incorreta. O Código de Hamurabi não está relacionado a Atenas ou à Grécia. Atenas tinha seu próprio sistema legal e político na época. Leis Draconianas foram os primeiros códigos escritos em Atenas.

(D)Incorreto. Os Marajoara foram uma antiga civilização que floresceu na Ilha de Marajó, no Brasil, entre aproximadamente 400 a.C. e 1300 d.C. Portanto, a cronologia não corresponde ao Código de Hamurabi, que foi criado muito antes, por volta do século XVIII a.C., na Babilônia.

(E)Incorreto. Teotihuacan foi uma cidade antiga localizada na Mesoamérica, mas o Código de Hamurabi não está relacionado a Teotihuacan ou à Mesoamérica. O Código de Hamurabi foi uma criação da Babilônia, na Mesopotâmia, e não teve influência direta sobre as culturas da Mesoamérica.

Em resumo, a resposta correta é a alternativa (B) da Babilônia, localizada na Mesopotâmia, onde o Código de Hamurabi foi instituído. As demais alternativas estão incorretas porque não correspondem à localização histórica e à cronologia do Código de Hamurabi.

Gabarito: B

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bem, querido e querida candidato chegamos ao final da nossa aula demonstrativa. Espero que vocês tenham gostado dessa forma de estudar história.

A intenção foi mostrar a vocês que é possível – e necessário – gabaritar História.

Não existe solução mágica. Apesar disso, **existem estratégias** que, se utilizadas com afinco e dedicação, podem realizar sonhos!! Uma ótima professora, um excelente material e um acertado planejamento individualizado, conforme sua necessidade e suas potencialidades, podem ser o diferencial para quem vai enfrentar diferentes provas.

Lembre-se de que cada questão acertada é como um degrau até a sua sonhada aprovação. E nessa jornada eu orientarei você, sempre!

Utilize o **Fórum de Dúvidas**. Eu responderei suas perguntas rapidinho! E não se esqueça de que não existe dúvida boba. Quanto mais você pergunta, mais conversamos e mais você sintetiza o conteúdo, certo!

Também me procure nas **redes sociais**. Lá tem orientações e conteúdos que contribuem na sua preparação.

Um grande abraço estratégico,

Profe Ale Lopes

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1.

Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2.

Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3.

Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4.

Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5.

Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6.

Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7.

Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8.

O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.